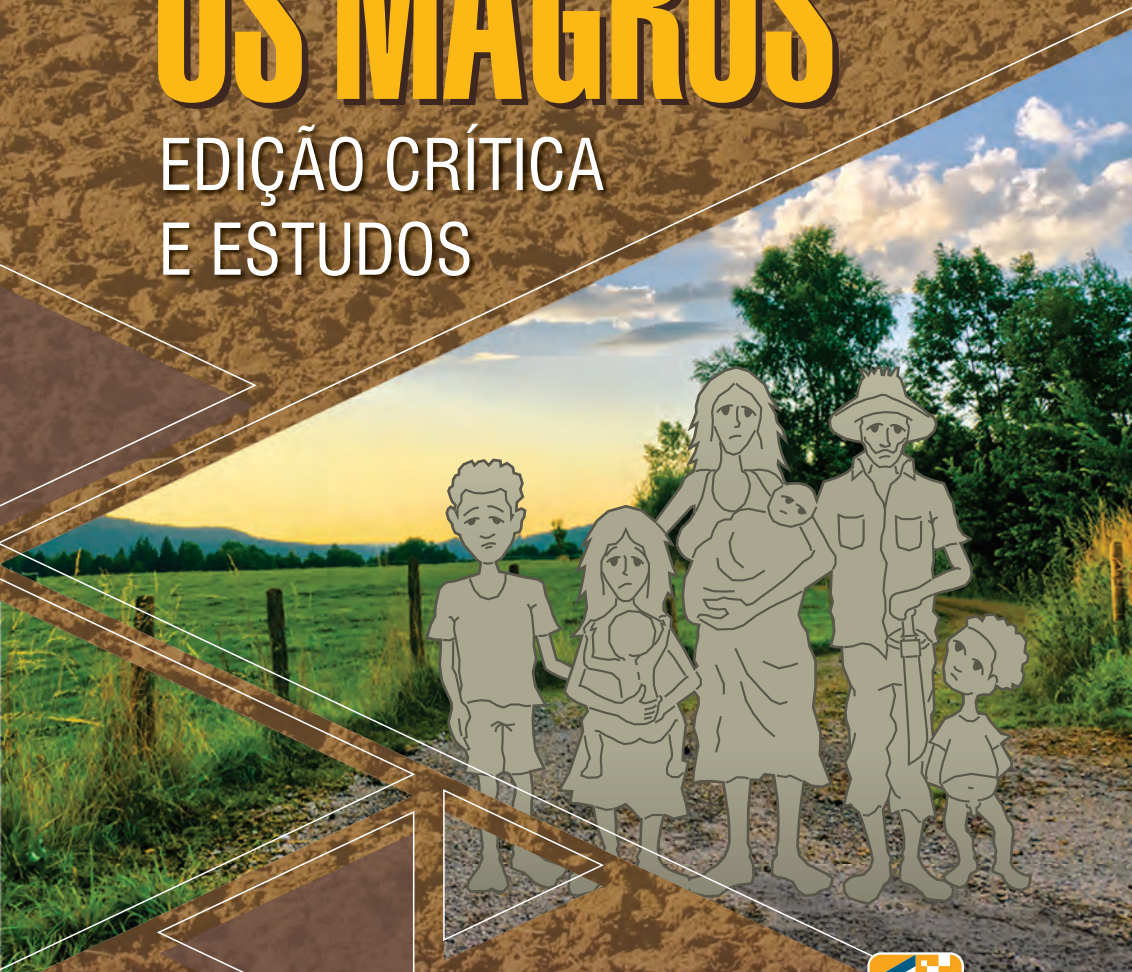
Vitor Hugo Fernandes Martins *(in memoriam)*
Maria da Conceição Reis Teixeira
Harlle Silva Costa
Organizadores

OS MAGROS

EDIÇÃO CRÍTICA E ESTUDOS



UNIVERSALIS edições
EDUNEB

OS MAGROS

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

José Bites de Carvalho
Reitor

Marcelo Duarte Dantas de Ávila
Vice-Reitor

Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

Diretora
Sandra Regina Soares

Conselho Editorial

Titulares	**Suplentes**
Alan da Silva Sampaio	Eduardo José Santos Borges
Cláudio Alves de Amorim	Marluce Alves dos Santos
Darcy Ribeiro de Castro	Maristela Casé Costa Cunha
Elizeu Clementino de Souza	Minervina Joseli Espínola Reis
Gabriela Sousa Rêgo Pimentel	Agripino Souza Coelho Neto
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios	Marilde Queiroz Guedes
Luiz Carlos dos Santos	Nilson Roberto da Silva Gimenes
Maria das Graças de Andrade Leal	Márcia Cristina Lacerda Ribeiro
Monalisa dos Reis Aguiar Pereira	Andrea Betânia da Silva
Reginaldo Conceição Cerqueira	Marcos Antonio Vanderlei
Rosemary Lapa de Oliveira	Cesar Costa Vitorino
Rudval Souza da Silva	Mônica Beltrame
Simone Leal Souza Coité	Célia Tanajura Machado
Valquíria Claudete Machado Borba	Elizabeth Gonzaga de Lima

Vitor Hugo Fernandes Martins *(in memoriam)*
Maria da Conceição Reis Teixeira
Harlle Silva Costa
Organizadores

OS MAGROS

EDIÇÃO CRÍTICA E ESTUDOS

Salvador
EDUNEB
2021

© 2021 Autores

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.

Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional.
Impresso no Brasil em 2021.

Coordenação Editorial
Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design
Sidney Silva

Capa, Ilustração e Diagramação
Rodrigo Caiobi Yamashita

Revisão Textual
Maísa Kawata | Tikinet

Revisão Textual de Provas
Julinara Silva Vieira Moitinho

Revisão de Diagramação de Provas
Henrique Rehem Eça

Imagem de Capa
Tburgey | FreeImages (textura de solo arado)
Andreas Krappweis | FreeImages (paisagem de fazenda)

FICHA CATALOGRÁFICA
Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Os magros: edição crítica e estudos / Organizado por Vitor Hugo Fernandes Martins; Maria da Conceição Reis Teixeira e Harlle Silva Costa. – Salvador: EDUNEB, 2021.

339 p.: il.

ISBN 978-65-89492-03-0

1. Literatura – História e crítica. 2. Memória na literatura. I. Martins, Vitor Hugo Fernandes. II. Teixeira, Maria da Conceição Reis. III. Costa, Harlle Silva.

CDD: 801.95

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB
Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula
41150-000 – Salvador – BA
editora@listas.uneb.br
portal.uneb.br

Editora filiada à
ABEU
Associação Brasileira das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

Prefácio 7
Ana Valéria Fink

Apresentação 11
Vitor Hugo Fernandes Martins (*in memoriam*)
Maria da Conceição Reis Teixeira
Harlle Silva Costa

PARTE I

***Os magros*: edição crítica** 19
Maria da Conceição Reis Teixeira

Texto crítico de *Os magros* 29
Maria da Conceição Reis Teixeira

PARTE II

A terra e o sujeito discursivo em *Os magros*: uma relação de deslizamento de sentidos 221
Harlle Silva Costa

A fartura da linguagem 241
Tereza Cristina Damásio Cerqueira

"Pelo buraco da fechadura": uma leitura psicanalítica de *Os magros* 265
Liz Maria Teles de Sá Almeida

Leitores e leituras de *Os magros*: das páginas dos jornais à produção acadêmica 277
Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo

Angústia da influência: Graciliano Ramos (*Vidas secas*) e Euclides Neto (*Os magros*) 303
Vitor Hugo Fernandes Martins *(in memoriam)*

Euclides Neto: um narrador das roças e dos roceiros 317
Cid Seixas Fraga Filho

O pai Euclides Neto 333
Denise Teixeira

Sobre os autores 337

PREFÁCIO

A publicação de *Os magros: edição crítica e estudos* é um dos últimos projetos do professor Vitor Hugo Fernandes Martins. Apesar de não ter medido esforços para preparar esta edição especial da obra de Euclides Neto, reunindo diferentes pesquisadores e enviando o material para editoras, a vida não lhe deu tempo para ver seu sonho concretizado. Mas agora, graças ao empenho de amigos, colegas e gestores da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), especialmente daqueles que trabalham no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, local onde atuou como professor de literatura, o seu objetivo de publicar o volume se realiza.

O professor Vitor Hugo, licenciado e bacharel em Letras (Português-Literatura) pela Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, e doutor em Literatura Brasileira pela Unesp de São José do Rio Preto, residiu e lecionou no Paraná, Pará, Rondônia, Distrito Federal, Goiás e Tocantins. Seu ímpeto cigano não lhe dava parada, levando-o a não permanecer por mais que um lustro em um mesmo lugar. Mas foi na Bahia que sua alma se aquietou. Chegando à cidade de Ipiaú para trabalhar no Campus XXI da UNEB, segundo ele mesmo relatava, deparou-se no dia seguinte com um livro de um escritor grapiúna, ainda para ele desconhecido, numa banca de jornal. Era o romance *Os magros*, de Euclides Neto. Foi amor à primeira lida. E justamente esse encontro com a literatura de Euclides e, mais tarde, com a biografia do autor, que motivou o professor a lançar âncora em Ipiaú.

VH, como o professor era conhecido entre seus alunos, contava que, ao ler *Os magros*, percebeu estar diante de uma literatura

vibrante, essencialmente telúrica, que não deixava nada a desejar frente a um Jorge Amado, um Adonias Filho, baianos já consagrados e conhecidos do grande público leitor. A partir desse livro, buscou outros de Euclides Neto, e sua admiração só cresceu. Impactado também com a história de vida do autor e com sua atuação política, pensou ser de máxima necessidade divulgar sua obra, que, à época, ainda se fazia de modo muito tímido. Idealizou, então, a criação do Centro de Estudos Euclides Neto (CEEN) na UNEB - Campus XXI, com o propósito de divulgar a obra euclidiana. Com o aval, inúmeros trabalhos acadêmicos passaram a ser produzidos, sempre com a orientação de VH. Também, a partir da criação do CEEN, foi possível promover eventos e estudos conjuntos com outras universidades da região grapiúna.

Rememorando as palavras do próprio Vítor Hugo:

> se, por um lado, é certo que o legado de Euclides Neto – advogado e político – é indelével que o digam os ipiauenses; por outro, o romancista, contista, cronista e memorialista Euclides Neto, infelizmente, é pouco conhecido, mesmo na Bahia, mesmo em Ipiaú. Não há exagero, portanto, em dizermos que não existe quem não tenha, neste município e em outros da região do Vale do Rio de Contas, um livro de Euclides Neto, sempre com a devida e carinhosa dedicatória; porém, lamentavelmente, esquecido em alguma estante, entregue à poeira e às traças, jamais lido. Por quê? Os porquês disso são muitos e certamente dizem respeito, entre outros, é claro, à ordem cultural do município. Ipiaú, insistimos nesse ponto, tem vocação agrária e não literária. Todavia, revanche do destino, em terras ipiauenses, precisamente aí, surgiria um dos grandes ficcionistas baianos, a princípio vinculado ao Modernismo, depois ao Pós-modernismo, mas injustamente desconhecido ainda hoje.

Esta edição especial da obra foi cuidadosamente – e, sem dúvida, carinhosamente – planejada por Vitor, que, para sua efetivação, dedicou muitas horas de sua vida. Tamanho era seu desejo de ver o trabalho concluído que, por diversas vezes, apregoou que não se aposentaria (apesar de haver adquirido o direito há muito) enquanto não visse a obra publicada. Não houve tempo. Mas o empenho incansável do professor pelo reconhecimento da excelência da literatura telúrica de Euclides Neto foi coroado nesta publicação de *Os magros: edição crítica e estudos*. Minha reverência a todos que possibilitaram esta dupla homenagem: ao romance e seu autor, e ao leitor e pesquisador apaixonado pela obra euclidiana, Vitor Hugo Fernandes Martins.

Ana Valéria Fink

Escritora e revisora de textos,
viúva do organizador Prof.
Vitor Hugo Fernandes Martins

APRESENTAÇÃO

Os magros: edição crítica e estudos é fruto do esforço imensurável do professor Vitor Hugo, leitor assíduo, apaixonado e engajado em despertar no leitor contemporâneo o interesse pelas narrativas do escritor baiano Euclides José Teixeira Neto (1925-2000). Imbuído desse propósito, convidou especialistas de áreas e vertentes teóricas diferentes para ler o romance *Os magros* e produzir escritos versando sobre o homem, o romance e o conjunto da obra. Nosso saudoso professor desejava celebrar a maturidade do romance que, em 2011, completava 50 anos de sua primeira publicação. Era necessário dar mais visibilidade e arregimentar leitores mais aguçados e pesquisadores que se debruçassem sobre o estudo da singular criação literária do grapiúna Euclides Neto. Acreditava que a publicação do romance acompanhado de estudos científicos contribuiria sobremaneira para a difusão e o estímulo da leitura da obra euclidiana.

Como não poderia ser diferente, o olhar de especialistas mediados por lentes da linguística e da literatura resultou em um livro com múltiplas abordagens guiadas por um único fio condutor: a narrativa do romance em tela. Em função das especificidades dos textos, a coletânea encontra-se organizada em duas partes, que visam estabelecer elos de unidade temática.

Na primeira, o centro e o motivo desta coletânea, o romance *Os magros* recebe tratamento filológico, com a disponibilidade de um texto fixado criticamente a partir da última edição publicada em vida de seu autor. Na segunda parte, temos sete textos independentes que versam sobre a linguagem, o discurso materializado na narrativa euclidiana e a estética da recepção. Além de apresentar suas análises

sobre o romance, os autores revisitam conceitos de abordagens diversas da análise do discurso, da teoria da recepção, dos estudos culturais e da crítica literária produzida quando de sua publicação, em 1961, até os dias atuais.

Em *Os magros: edição crítica*, Maria da Conceição Reis Teixeira, no início da parte I e antes do texto crítico estabelecido do romance, apresenta sucintamente notas que dão conta do seu labor filólogo. O modelo editorial aplicado para a fixação do texto crítico permite, ao leitor comum, desfrutar da narrativa euclidiana e, ao leitor especializado, adentrar no universo da história de transmissão da obra quando este desloca seu olhar para o aparato crítico, onde se encontram registradas as variantes textuais substanciais (autorais ou não autorais) identificadas nas diferentes publicações que a obra teve ao longo dos 50 anos de sua existência.

Harlle Silva Costa abre a segunda parte da coletânea nos brindando com o texto "A terra e o sujeito discursivo em *Os magros*: uma relação de deslizamento de sentidos". Ancorada em operadores de leitura da análise do discurso de linha francesa, filiada a Pêcheux (1997), a autora analisa aspectos da construção discursiva que legitimam a tessitura dos sentidos evocados pela narrativa. Para tanto, discute sobre o contexto narrativo e discursivo da obra, evidenciando os enunciados que se relacionam às formações discursivas de escassez e abundância, opressão e submissão passiva. Aborda ainda os deslizamentos de sentido, os quais demarcam os posicionamentos ideológicos dos sujeitos em face do embate das formações discursivas.

No terceiro texto, intitulado "A fartura da linguagem", Tereza Cristina Damásio Cerqueira, a partir da palavra *facão* e suas variantes empregadas por Euclides Neto, para nominar o instrumento de trabalho utilizado por João, personagem principal do romance, discute as implicações da língua e da literatura como moduladoras do discurso. Para suas reflexões, as quais levaram em consideração o contexto de enunciação, empregou alguns operadores de leitura da análise

do discurso de linha francesa, filiada a Pêcheux (1997), e de discurso literário de Maingueneau (1987). Observa que o dito e o não dito são os fios condutores da trama dos tecidos literário e social. Destaca ainda que, em *Os magros*, as posições do sujeito e o jogo discursivo se manifestam dentro e fora da narrativa, o que corrobora para torná-lo um romance engajado socialmente.

Em "'Pelo buraco da fechadura': uma leitura psicanalítica de *Os magros*", Liz Maria Teles Sá Almeida, em abordagem interdisciplinar, operando categorias analíticas da Psicanálise e da Literatura, discute o conceito de fantasia freudiano a partir de um olhar cuidadoso para o drama vivido por D. Helena, personagem do romance. O estudo evidencia quanto as fronteiras do texto literário são íngremes, quando os dilemas vividos por alguns personagens são analisados, por exemplo, com o que teorizou Freud (1976) sobre a fantasia.

Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo, em "Leitores e leituras de *Os magros*: das páginas dos jornais à produção acadêmica", analisa a recepção crítica do romance produzida em diferentes épocas. A autora, em sua investigação, reúne um conjunto de crítica jornalística e acadêmica para, a partir de alguns conceitos da estética da recepção lastreada em Jauss (1994), discutir "a implicação estética" e "a implicação histórica" como de elementos mobilizados pelos críticos que se debruçaram sobre a obra de Euclides Neto.

Vitor Hugo Fernandes Martins, em "Angústia da influência: Graciliano Ramos (*Vidas secas*) e Euclides Neto (*Os magros*)", estabelece um paralelo entre os autores a partir da *bio* dos dois romancistas brasileiros e a *grafia* que caracteriza a tessitura da narrativa de suas obras. Em ambos, vida e romances, são identificados similitudes que parecem resultar de jogo, conforme denominado por Bloom (2002), de "angústia da influência".

"Euclides Neto: um narrador das roças e dos roceiros" é o penúltimo texto da segunda parte da coletânea. Nele, Cid Seixas Fraga Filho avalia *Os magros*, situando-o no conjunto da obra de seu autor.

Em sua análise, estabelece diálogos com autores contemporâneos de Euclides Neto que produziram narrativa ficcional na Bahia durante o século XX. Ao tratar particularmente do romance *Os magros*, afirma que constitui-se em uma obra que deve ser lida e conhecida por milhares de leitores.

"O pai Euclides Neto", como o próprio título nos sugere, é um depoimento de um dos filhos do autor. Nele, Denise Teixeira nos revela detalhes do homem, do pai amoroso, do avô terno que cercava sua família de todos os cuidados para que, indistintamente, todos pudessem desfrutar de sua companhia e amizade, o que os faziam se sentirem seguros afetiva e emocionalmente.

Por fim, este livro assume caráter de dupla homenagem: os 50 anos de publicação do romance e o reconhecimento pelo trabalho do professor e escritor Vitor Hugo no incansável esforço de fazer e promover a literatura. Se a leitura desta coletânea motivar outros estudos e reflexões sobre *Os magros*, Euclides Neto e o conjunto de sua obra, os organizadores e autores terão alcançado seus objetivos.

Vitor Hugo Fernandes Martins (*in memoriam*)
Maria da Conceição Reis Teixeira
Harlle Silva Costa

REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. *A angústia da influência*. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

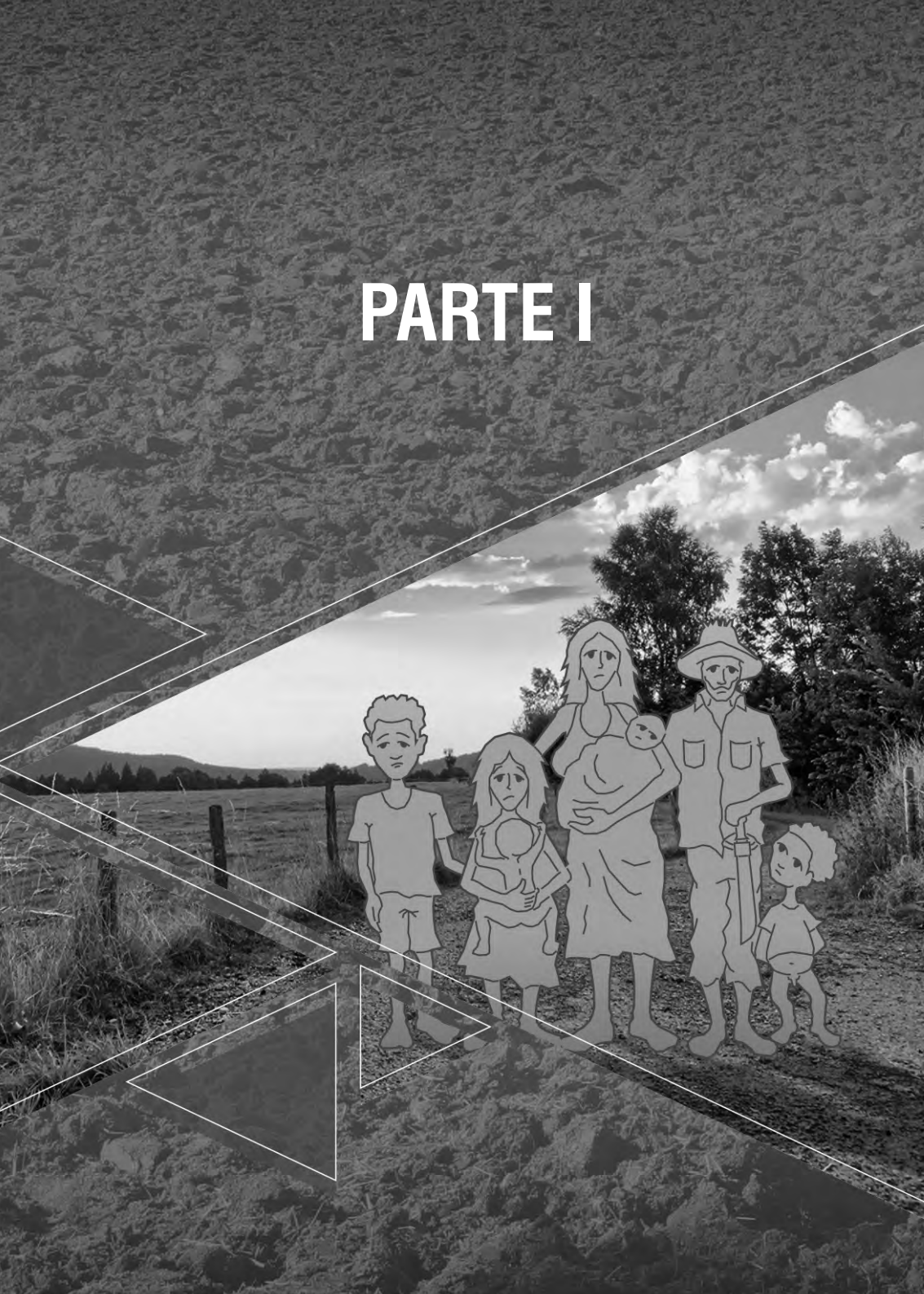
FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1907). *In*: "*Gradiva" de Jensen e outros trabalhos.* Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação da história literária.* Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69)". *In:* GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Pêcheux. 3. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-151.

PARTE I



OS MAGROS: EDIÇÃO CRÍTICA

Maria da Conceição Reis Teixeira

A preparação do texto crítico do romance *Os magros* nos foi sugerida pelo professor Vitor Hugo em 2011. Ao término de uma palestra que eu havia proferido sobre o trabalho de edição de textos veiculados em periódicos baianos, encantado com o labor filológico, o professor me convidou à sala dos professores para falar de Euclides Neto e do Centro de Estudos Euclides Neto (CEEN) que havia criado no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, na UNEB - Campus XXI, dedicado ao estudo da obra do autor e do referido romance. Seus olhos brilhavam imensamente. Percebia, em sua voz, muita paixão quando externou o seu projeto de preparar uma edição especial do romance que, naquele ano, completaria cinquenta anos de publicado.

Confesso que, até aquele momento, não conhecia a obra nem o autor; mas o professor Vitor Hugo tratou de apresentar e de propor que eu me encarregasse de um texto crítico. Poucos dias depois, recebi em meu endereço todas as edições do romance e a definição de um prazo para que entregasse o texto criticamente estabelecido para ser encaminhado a uma editora, visando publicação ainda naquele ano. Imediatamente, iniciei a leitura para conhecimento da narrativa e fiquei impressionada pela qualidade do texto, pela singularidade e pelo diálogo que a temática estabelecia com outros autores e obras que eu já havia dado tratamento filológico.

Ao término da leitura prazerosa, iniciei o trabalho aplicando-lhe os procedimentos metodológicos da crítica textual moderna, que requer o cumprimento das seguintes etapas operacionais norteadoras: *recensio*, levantamento de todas as versões; *collatio*, exame atento das relações de parentesco entre as versões recenseadas, a fim de eliminar as que forem cópias, sem valor autônomo; *eliminatio codicum descriptorum*, eliminação das versões que sejam meramente cópias; *classificação estemática da tradição*, estabelecimento da cronologia das versões autônomas, selecionadas após a *collatio*, de forma que evidencie sua genealogia; *emendatio*, emenda de determinadas passagens do texto, corrigindo erros e contrassensos; *apresentação do texto crítico*, última etapa da preparação de uma edição. Na última etapa do labor filológico, o editor oferece ao público o texto criticamente estabelecido, acompanhado do aparato crítico, com indicação preliminar das fontes, genealogia do texto, tradição, notas e comentários.

Tradicionalmente, o objetivo de uma edição crítica consiste, na medida do possível, em restituir um texto à sua forma genuína. Segundo Spina (1994), qualquer edição crítica representa, sempre, uma tentativa de restauração de um texto, provisoriamente definitiva, enquanto não surjam outras – baseadas em novos achados ou sob diferentes perspectivas metodológicas – que possam lançar outras luzes sobre o original. Nesta perspectiva, a principal tarefa do filólogo é o estabelecimento do texto, cabendo ao editor levar a público a última vontade do autor, registrando, no aparato crítico, as variantes autorais e as advindas da história da transmissão decorrentes das sucessivas edições.

São os objetivos almejados, a quantidade e a qualidade do material reunido sobre um texto ou conjunto, com suas características extrínsecas e intrínsecas, que conduzirão o caminho a ser trilhado pelo labor filológico. Isto porque existem vários tipos de edição e, consequentemente, o resultado do labor filológico pode ser materializado, por exemplo, através de uma edição fac-similar, diplomática,

paleográfica, crítica, crítico-genética e genética, conforme for o caso. Portanto, é o documento de que dispõe o editor e a época em que o texto foi escrito que determinam os procedimentos metodológicos a serem seguidos pelo editor crítico.

Na edição fac-similar ou mecânica reproduz-se, através de procedimentos mecânicos (fotografia, digitalização ou fotocópia), fielmente o original, preservando o formato, o papel, as ilustrações, as margens, a cor e o tamanho. A preparação deste tipo de edição só se justifica se o propósito do editor for o de permitir, devido ao estado de conservação do suporte ou à inexistência de exemplares que impossibilitem ao público ler o original, o acesso ao texto de forma direta, conferindo-lhe liberdade e autonomia na interpretação do testemunho.

Na edição diplomática, o editor faz uma transcrição conservadora do manuscrito, preservando todos os elementos, como sinais de pontuação, paragrafação, translineação e separação vocabular, com o desejo de facilitar a leitura, dispensando o leitor da árdua tarefa de decifrar as formas gráficas da escrita do manuscrito original.

A edição paleográfica, semidiplomática ou diplomático-interpretativa é, modernamente, recomendada para documentos não literários, especialmente os jurídicos, e para textos literários medievais, cujo objetivo é o estudo da história da língua em que estes textos foram lavrados. O filólogo interfere mais no texto manuscrito que no anterior, porque esta edição se destina a tornar o conteúdo mais acessível a um público que teria dificuldades de decodificar os sinais gráficos utilizados.

Na edição genética, o filólogo, à luz de uma teoria interpretativa, elucida o processo de criação da obra, revelando as incursões do autor em seu processo criativo, evidenciando a sua gênese a partir de um conjunto de operadores capazes de indicar todas as emendas utilizadas pelo autor e as diferentes etapas de sua construção.

Resumidamente, o filólogo colige, compara e edita texto dos mais variados gêneros e épocas em que foram lavrados. A crítica textual, uma das áreas de atuação da Filologia, visa à restituição da forma genuína dos textos, consequentemente, contribui com a humanidade na recuperação do patrimônio cultural escrito de determinada cultura, transmitindo-o e preservando-o para as gerações futuras, sobretudo porque fornece material confiável para todas as áreas que utilizam o texto escrito como fonte.

NOTAS FILOLÓGICAS

Euclides José Teixeira Neto (1925-2000), em seus 75 anos de vida, desempenhou vários papéis sociais, dentre eles, destacam-se: agricultor, fazendeiro, político, advogado e ficcionista. Neste último papel, publicou *Birimbau* (1946), *Vida morta* (1947), *Os magros* (1961), *O patrão* (1978b), *Comercinho do poço fundo* (1979), *Os genros* (1981), *Machombongo* (1986) e *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino* (1996). Além dos romances, também escreveu outros gêneros textuais, impressos em tipografias baianas ou paulistas, a saber: *Porque o homem não veio do macaco* (1973), *Novos contos da região cacaueira* (1987), *O menino traquino: crônicas políticas e crônicas leves* (1994), *Dicionareco das roças de cacau e arredores* (1997, reeditado em 2002 e 2013), *Trilhas da reforma agrária* (1999) e *O tempo é chegado* (2001).

Em 2011, completou 50 anos que as oficinas gráficas da Livraria Progresso Editora, de Aguiar e Souza, publicaram *Os magros*, terceiro romance de Euclides Neto, em uma tiragem muito modesta de, aproximadamente, 500 exemplares, que foram distribuídos entre os seus amigos. Dentro do conjunto de sua obra édita é a única a ser reeditada três vezes: em 1992, pela Guena & Bussius Editores; em 2007, pela Littera, ambas as casas publicadoras localizadas em São Paulo; e em 2014, pela Edufba – Littera.

A eleição de *Os magros* para ser objeto de uma nova edição pautou-se no valor singular da obra, cujo assunto tematizado alinha-se com os ideais do autor – seu engajamento em prol da reforma agrária, da distribuição de renda entre a população brasileira – e, sobretudo, por ter uma tradição com três testemunhos éditos, nos quais figuram trechos variantes.

Para a elaboração da edição crítica, estabeleci a *collatio* levando em consideração apenas as três publicações (1961, 1992 e 2007). Não foram considerados os manuscritos e datiloscritos da obra. Os testemunhos de 1961 e de 1992 foram publicados em vida do autor. O terceiro testemunho foi publicado em 2007, portanto, sete anos após a sua morte. Provavelmente, durante a preparação, tenha-se procedido à cópia da edição de 1992, cometendo-se, no entanto, alguns saltos bordões e pequenas intervenções no sistema de pontuação, sem que tais modificações fossem sinalizadas no texto com a utilização do recurso das notas de rodapé ou as informando em notas introdutórias.

O texto utilizado como fonte, ou seja, texto-base, é a segunda edição publicada em 1992 pela Grená & Bussius, que traz, no verso da folha de rosto, os nomes Constantino Pereira Vilarinho, Emília Pinheiro e Euclides Neto como responsáveis pela revisão daquela edição. Na lista tríplice dos revisores figura o nome de Euclides Neto, autor da obra, o que nos permite afirmar que as alterações ali constantes são autorais ou, mesmo que realizadas por terceiros, foram aceitas e autorizadas pelo próprio autor.

Descartei as variantes textuais do testemunho de 2007, por ser uma edição póstuma e, até o momento da fixação do texto crítico, não dispor de documentos que comprovem que elas são autorais. As variações da primeira edição (1961) figuram no aparato de variantes, disposto ao lado direito do texto que se quer crítico, em caracteres menores.

Adotei um modelo de edição conservadora, respeitando as preferências léxicas e as variantes lexicais, mesmo quando não se encontravam abonadas nos dicionários correntes da língua portuguesa

ou que apresentassem duas formas variantes. Entretanto, procedi à atualização ortográfica dos itens lexicais que não representassem preferências estilísticas do autor ou variantes sociais ou geográficas. O que segue é uma síntese dos critérios estabelecidos, com base nas particularidades do texto editado e do material disponível para a fixação do texto crítico e modelo de edição adotado.

Cabe advertir que, no aparato de variantes, constam apenas as textuais significativas, materializadas em acréscimos, supressões, permuta de itens lexicais e estruturas gramaticais. Contudo, as variantes ortográficas resultantes de adequação às regras ortográficas vigentes de cada período em que os testemunhos foram publicados não foram sinalizadas no aparato, bem como as intervenções do editor crítico de simples adequação do texto às regras ortográficas vigentes atualmente, consoante ao novo acordo celebrado entre os países lusófonos.

Entre a primeira e a segunda edição, Euclides Neto procedeu à reestruturação de alguns parágrafos. A primeira edição é marcada por parágrafos demasiadamente longos, muitas vezes encontramos alguns que ultrapassam os limites de uma página, cansando o leitor. Na segunda edição, alguns trechos foram subdivididos em dois ou três parágrafos novos, imprimindo ao texto mais leveza e equilíbrio entre suas partes constitutivas. Em outras passagens, dois parágrafos breves foram agrupados, formando uma estrutura sintática maior. As modificações de ordem estrutural e divisão do texto feitas na segunda edição foram sinalizadas no aparato de variantes, utilizando-se, para tanto, do auxílio de sinais específicos. As intervenções do editor ao texto crítico restringiram-se ao agrupamento do período "Porém não tinha direito de fazer aquilo" ao parágrafo anterior.

Usos da pontuação fora do padrão foram respeitados, sempre que neles identificamos valor estilístico. Nas falas das personagens, ao retomar a voz narrativa, o autor usa vírgula ou travessão. Tal oscilação foi respeitada. Entretanto, acrescentei vírgulas para isolar o vocativo quando não figuravam no texto de base.

O autor ainda procedeu a alterações na grafia de alguns nomes, adequando às normas vigentes ou, quando estrangeiros, escrevendo-os conforme a língua de origem, como, por exemplo, tode > toddy. Conservei a grafia dos nomes conforme o testemunho 1992, contudo, para os nomes estrangeiros, usei o recurso do itálico (toddy, society); para a escrita oscilante de Rose-Marie e Rose Marie, bem como de cousa e coisa, uniformizei, respectivamente, para Rose Marie e coisa, levando-se em consideração o número de ocorrências das formas; para a grafia oscilante de madame e Madame, respeitando o a maior frequência da grafia com minúscula, uniformizamos para madame. A forma Rose-Marie foi registrada três vezes contra 27 vezes de Rose Marie. A forma cousa apareceu apenas uma vez, o que pode representar um descuido no momento da revisão do texto.

Realizei a emenda do nome do personagem Dário para Mário. Optei por proceder tal emenda porque o nome "Mário" figura na narrativa pela primeira vez no capítulo XXIX, quando o personagem, dotado de aguçada lucidez, em uma das rodas de conversa entre seus companheiros diários de fatigantes jornadas de trabalho, aponta a relação injusta e desumana estabelecida entre patrão e empregado, em que este tem sempre seus direitos subtraídos e quase sempre é obrigado a se submeter a uma relação de trabalho escravo. No capítulo XXXV, quando, mais uma vez, seus companheiros são vítimas das injustiças praticadas pelos fazendeiros, o narrador, indignado, recorda as sensatas palavras do amigo; nessa segunda referência, figura "Dário" em vez de "Mário". Isso pode ter ocorrido em função de "Mário" ser um "figurante" na história, além de a segunda referência ser alusiva, estar distante temporal e espacialmente da cena anterior. É muito provável que a memória de Euclides Neto tenha falhado, levando-o a grafar "Dário" por "Mário". Há de se observar ainda a proximidade gráfica entre os dois nomes próprios. Apenas um fonema distingue um vocábulo do outro (M : D).

É muito provável que, no momento de datilografar a versão manuscrita (escrever em cadernos ou papéis, à mão, fazia parte de seu *modus operandi*), tenha-se cometido um equívoco, seja pela dificuldade de leitura do manuscrito, seja por distração. Mesmo que a segunda edição da obra tenha sido publicada ainda em vida do autor – contendo passagens variantes em relação à primeira edição – e sob os seus cuidados, enquanto revisor, é possível que Euclides Neto não tenha percebido o engano cometido, especialmente pela sutileza da diferença entre os dois nomes. Não levantei a hipótese de ser outro personagem em função da pertinência e sequência lógica do conteúdo abordado em ambos os momentos da narrativa. Vejamos a primeira e a segunda ocorrência, respectivamente: "– Isso não é roubo. É defesa. Mário era o nome dele. Ainda dizia que se o rico tem direito de roubar da gente nós também podíamos fazer o mesmo com ele." e "Tudo isso está errado. Dário é que tinha razão, no dia que todo trabalhador se juntar não haverá mais dessas coisas. Nós vamos buscar o nosso... E nós que plantamos, colhemos e secamos recebemos menos de cem cruzeiros. É ou não furto?". Esses são os únicos momentos em que figura o nome do personagem. Como "Mário" foi a primeira opção do autor, dada a sua ocorrência ter aparecido 17 capítulos antes de "Dário", optei por "Mário". Há, ainda, de se observar que a emenda executada se baseou também no princípio da busca pela perfeição e do zelo pela coerência interna de seu texto, traços característicos de Euclides Neto, considerando, sobretudo, a realização de modificações desta natureza em outros trechos variantes entre a primeira e a segunda edição.

No aparato de variantes, os testemunhos foram indicados com o auxílio da letra A para a edição de 1961, e B para a edição de 1992. As passagens variantes encontram-se separadas umas das outras por ponto e vírgula (;). Ademais, utilizei alguns sinais para indicar as variantes referentes à reestruturação dos parágrafos, conforme discriminados a seguir:

§	Parágrafo desmembrado do parágrafo acima.
§	Parágrafo desmembrado do parágrafo abaixo.
§0	Parágrafo suprimido.

No aparato crítico, as considerações do editor foram apresentadas resumidamente, para evitar marcar o texto, dificultando a sua leitura por parte do leitor não especializado, utilizando as abreviaturas a seguir:

[*s.v.*]	Sem vírgula.
[*c.v.*]	Com vírgula.
[*c.p.*]	Com ponto.
[*s.d.p.*]	Sem dois pontos.
[*c.d.p.*]	Com dois pontos.
[*s.t.*]	Sem travessão.
[*c.p.v*]	Com ponto e vírgula.

Na próxima seção, apresento, a parte, o texto fixado criticamente em 2011, acompanhado do seu aparato crítico à esquerda.

REFERÊNCIAS

EUCLIDES NETO. *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino*. São Paulo: Littera, 1996.

EUCLIDES NETO. *Birimbau*. Salvador: Saga, 1946.

EUCLIDES NETO. *Comercinho do Poço Fundo*. Rio de Janeiro: Andares, 1979.

EUCLIDES NETO. *Dicionareco das roças de cacau e arredores*. Ilhéus: Editus, 1997.

EUCLIDES NETO. *Dicionareco das roças de cacau e arredores*. 3.ed. ver.ampli. ed. Salvador: Edufba: Littera, 2014.

EUCLIDES NETO. *Machombongo*. Itabuna: Letras, 1986.

EUCLIDES NETO. *Novos contos da região cacaueira*. Brasília-Itabuna: Horizonte Editora, 1987.

EUCLIDES NETO. *O menino traquino* : crônicas políticas e crônicas leves. São Paulo: Littera, 1994.

EUCLIDES NETO. *O patrão*. Salvador, 1978b.

EUCLIDES NETO. *O tempo é chegado*: contos. Ilhéus: Editus, 2001.

EUCLIDES NETO. *Os genros*. São Paulo: GRD, 1981.

EUCLIDES NETO. *Os magros*. Salvador: Edição do Autor, 1961.

EUCLIDES NETO. *Os magros*. Salvador: Edição do Autor, 1978a.

EUCLIDES NETO. *Os magros*. 2. ed. São Paulo: Guerra & Bussius, 1992.

EUCLIDES NETO. *Porque o homem não veio do macaco*. Salvador: Edição do autor, 1973.

EUCLIDES NETO. *Trilhas da reforma agrária*. São Paulo: Edição do autor, 1998.

EUCLIDES NETO. *Trilhas da reforma agrária*. 3. ed. São Paulo: Littera, 1999.

EUCLIDES NETO. *Vida morta.* Salvador: Depósito Continental de Livros, 1947.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica*: crítica textual. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética: Edusp, 1994.

TEXTO CRÍTICO DE *OS MAGROS*

Maria da Conceição Reis Teixeira

A seguir, apresentamos o texto que se quer crítico do romance *Os magros*.

I

O dia vinha rompendo. João levantou-se, chamou a companheira e foi para a saída da choupana. Suspendeu as varas, que serviam de porta, e olhou o amanhecer úmido. Galos amiudavam. Os morros, parecendo carneiros lanzudos, confundiam-se com as baixadas entupidas de neblina. Muito frio.

A: levantou; e se encaminhou para a saída

Oito meninos, abaixo dos doze anos, amontoavam-se pelo chão forrado com esteiras esfiapadas. Estavam quase nus. Encolhidos, tinham os joelhos perto do queixo. As mãos procuravam quentura entre as pernas. Com o movimento do pai, mexeram-se na semiescuridão. Os menores choravam ou grunhiam. Dois batiam os dentes. Outro disse um palavrão. Havia cheiro de terra molhada com urina.

A: Sete

A: Outro, [c.*v.*]

Pedro, o mais velho, foi o primeiro a seguir o exemplo do pai. Estava fora dos amontoados, num canto, em cima das ripas de pati. Era magro, com os joelhos grossos que pareciam nós nos cambitos das pernas. Maquinalmente, enfiou o chapéu velho e saiu. Chuviscava. Procurou a moita de coirana ali no oitão. Esconde-se por algum tempo. Voltou com os braços cruzados, tremendo de frio.

Isabel, atendendo ao chamado do marido, pulou da camarinha, enganchou o caçula, que dormia com o casal, e foi para a cozinha. O fogão era armado sobre quatro forquilhas de madeira, com o lastro de varas recobertas de barro. As quatro pedras serviam de trempe. O fumeiro. O mocó: pedaço de lata velha presa por dois cipós à cobertura baixa. Uma panela de barro, a chocolateira preta, o coador e três pratos também de barro, sujos da véspera.

A: o coador e três pratos de barro,

O caçula abriu o eco e foi posto na terra molhada, encostado à parede. Apesar de três anos e meio, ainda não sentava sozinho e nem governava os braços e as pernas. A cabeça pendia, ora para um, ora para outro lado como boneco que perdeu a borracha. Era um meninozinho terroso, todo ossos, olhão de bicho doente. Fedia a urina e a outra coisa. Isabel até gostaria que ele morresse. Era o último da ninhada farta. Fazendo parte dos quinze filhos do casal, estava no meio dos oito vivos.

A: três anos e meio [*s.v.*];
A: outro lado, [*c.v.*]

Os meninos foram levantando-se. Um a um. Saíam, vertiam água perto da palhoça ou mesmo da porta e voltavam friorentos, com as mãos fechadas juntas, debaixo do queixo, tiritando. Onde

A: mesmo da porta, [*c.v.*]
A: mãos

dormiram ficaram os trapos que serviam de coberta, no fundo das barrocas lisas que os corpos faziam no chão batido.

fechadas, [*c.v.*]; Onde dormiam, [*c.v.*]

Sereia, cachorra alvaçã, esquelética, pulguenta, sempre andando em três pés, saiu também da cova lisa onde procurara, à noite, quentura entre os meninos. Espichou-se, mostrou todos os ossos. Sentou nas traseiras.

A: Sentou-se nas trazeiras.

Bordada, a galinha de pinto, que, devido à inverneira, dormia na saleta, deu cinco passos para a frente, marcialmente e arrastou os buguelos. Daí a pouco, havia muita satisfação atrás das coiraneiras...

B: bruguelos

A casinha, coberta com indaiá, era a cozinha, o quarto e a sala de fora. Duas portas, ou melhor: duas aberturas como uma toca. No fundo, a lama escura esverdeada, a pimenteira, o pé de jiló e o penico de barro encostado à parede. Na frente, o terreiro estreito. Em volta, as matas, as capoeiras e cacaueiros da fazenda Fartura, situada no município de Ipiaú.

A: o pinico de alumínio

João era agregado: magro, pálido, olhos afundados nas órbitas cavadas. Barbicha rala de muito tempo, o cabelo crescido, encobrindo as orelhas. O chapéu de palha sem fundo. As roupas em molambos, encerotadas, mostrando a carne flácida. Pés enormes, chatos, o dedão torcido para um lado. Pés criados na lama, furados de espinhos. Pés de bicho. Alguns dentes quebrados. O cinturão de sola e o facão mostrando a ponta pela bainha velha. Quase não pensava. Ouvia o búzio que o chamava à roça. Ia tocando como um boi no arrasto. Gostaria

A: cabelo crescido [s.v.]

A: chamava para a roça

de comer carne fresca, sangrenta. Uma rabada de novilha gorda. Mas somente no São João pudera comprar meio quilo de ossos frescos. Roera-os com sofreguidão. Quanto ao mais, a mesma coisa: farinha com um taco de carne assada. Malagueta ou cumarim. Um gole d'água e pronto.

A: Pimenta malagueta

II

Na cidade do Salvador o palacete amanhecia quieto e morno, entre os jardins bem tratados, protegidos pelas mangueiras acolhedoras. A frente pesada e branca denotava solidez financeira. Dois pavimentos subdivididos em salas amplas, dúzias de quartos, varandas preguiçosas e desabitadas. Naquele casarão morava o dono da fazenda Fartura, sua mulher e Rose Marie. Ao fundo, as dependências, onde ficavam as três empregadas, o jardineiro, o chofer particular da patroa e o policial puro sangue. Ao lado das dependências, o galinheiro, combinando com a estrutura da casa, coberto com telhas francesas, piso de mosaicos vermelhos, porta e janela de vidros e paredes de comongó.

A: protegido pela mangueira

A: ao lado das dependências [*s.v.*]

Até aquela hora, sol alto, os proprietários ainda dormiam. As empregadas já se movimentavam desde cedo e o rapaz do jardim chovia pelos canteiros. Trovão, forçando a corrente, empinava, soltando latidos agudos. Na varanda lateral, o canário-da-alemanha abriu o bico como se não quisesse parar mais.

A: Na varanda lateral [*s.v.*] canário da Alemanha

– O café está na mesa, falou a copeira.

Doutor Jorge desceu. Havia dormido em casa aquela noite, contrariando seus hábitos.

A sala de jantar era ampla. Lambris muito claros como pérolas forravam a parede até o meio. Pratos de coloridos variados cobriam a pintura creme. Uma perdigueira de cauda horizontal mostrava a caça pedrês que apanhara com a boca. Os móveis de pau-marfim estavam forrados com serviços de cristais que cambiavam reflexos. O chão de mosaicos miúdos era um espelho. No canto, o relógio alto, apoiado no piso como um armário estreito, batia o coração, pingando segundos gordos. Algumas trepadeiras invadiam o ambiente e empurravam as cortinas de pura seda. No centro, uma mesa e cadeiras de alto encosto. Doutor Jorge sentou-se em uma. Dona Helena em outra, e Rose Marie foi posta na terceira. Quatro bules fumegavam: café, leite, *toddy* e chá. Através de frascos bojudos, viam-se biscoitos arrepiados de açúcar cristal. O mais: queijeira, bananas fritas, cozidas, pão, aipim, bolos recheados com ameixas, geleia e outras guloseimas.

A: como pérolas, [*c.v.*]; coloridos variados atapetavam a pintura

A: pau-marfim estavam cobertos de

A: batia o coração, marcando segundos gordos.;
A: o ambiente e tangiam as cortinas;
A: Dona Helena em outra [*s. v.*]

Dona Helena puxou o prato de Rose Marie e serviu-a.

Doutor Jorge encheu a xícara de *toddy*, arrastou para si os biscoitos e meteu mãos à obra. Dona Helena acompanhou-o.

Ligeira conversa entabulou-se entre os dois.

– Hoje vou ao escritório, cacau subiu muito... Preciso vender...

– É... foi a resposta evasiva. Como que ambos estavam monologando.

III

João engoliu um trago de café ralo, quase amargo. Jogou dois punhados de farinha na boca. O búzio tocava, chamando os trabalhadores.

Apanhou o chapéu e seguiu para a roça.

Os meninos choramingavam agarrados à saia rota da mãe. Pediam comida.

– Uma pedrinha de açúcar...

E como não havia, receberam a cuia com um punhado de farinha. Estavam na sexta-feira. Só existia o resto de farinha que mais era uma crueira. No dia seguinte, João iria à rua e traria o quilo de carne seca, quarenta litros de farinha, meio quilo de açúcar, duzentos gramas de café, meia garrafa de querosene e o destões de fumo. A carne iria até a terça-feira. Cada um engoliria uma isca. Os meninos ficariam a desfiar, com pena, as fibras salgadas.

A: receberam cuia e enganaram as tripas do pior modo.

O salário de João mal dava para adquirir aquelas mercadorias. Na semana em que tinha trabalhado todos os dias fazia cento e vinte e cinco cruzeiros. Espremia aí dentro suas precisões. Não fosse a necessidade de comprar um facão, tudo se ia arrumando. Mas o objeto indispensável custava, com a bainha, cento e vinte cruzeiros. Dinheiro de uma semana. E como adquiri-lo?, perguntava a si mesmo João, ao dirigir-se para a roça. Já estava com o seu gasto, imprestável, fino como uma língua de teiú. A bainha andava protegida com embiras no bocal e na ponta. E já na semana passada o gerente lhe dissera:

– João hoje tem serviço na roçagem, mas como seu facão é mesmo que nada, não há serviço pra você.

– Senhor Antônio, tenha paciência, não me deixe perder um dia...

– Mas com esse facão você não faz nada, homem. Por que não compra outro?

Vou comprar... mas a questão é que a comida está pela hora da morte e não tenho podido. Nem roupa tenho comprado. A casa cheia de menino... O senhor quer me adiantar um dinheiro para comprar o facão?

João arrependeu-se do que disse. Toda fazenda queria gente sem filhos. Os meninos, que já aguentavam puxar um burro manso, eram aproveitados na condução do cacau ou para descaroçar. Ganhavam ninharia mas ia servindo. Não devia ter dito que possuía a casa cheia de meninos.

A: um burro manso [*s.v.*];

A: Ganhavam ninharia mais ia servindo.

– Isso não. Tenho ordem para não adiantar dinheiro. Quem manda ter muitos filhos?

Os outros trabalhadores fizeram ar de riso, maldosamente.

– Então me arranje serviço de enxada qualquer que não precise de facão.

– Ora senhor João, só se eu me virasse em serviço.

E João perdera o dia da semana. Lembrava-se como a farinha terminara antes da quinta-feira. Carne não houve. Os meninos morriam de fome. Remexiam o saco vazio como ratos à cata de um grão. Desapareciam no mato à procura de uma fruta

qualquer. Empanzinavam-se de laranjas verdes. Os menores ficaram na saia de Isabel choramingando, catarrentos, pançudos, de barrigas necessitadas.

A: catarrentos pançudos [*s.v.*]

O caçula, que ainda mamava, puxava as pelancas enxutas e protestava a ausência do leite.

João lembrou-se de que preferiu sair pela noite adentro, tonto de sono e cansaço, fugindo à miséria. Longe de casa, recostou-se em uma cajazeira. Acomodou-se bem entre as raízes. Também ele tinha fome. Nem o gole de café. Nem o punhado de farinha. Afinal adormeceu e sonhou que estava ante uma tigela grande, cheia de feijão cheiroso, com um pedaço de carne fresca e toucinho. Acordou assustado, a boca amargava. O estômago beliscando e uma sensação de sofrimento. As estrelas lá estavam, quietas adormecidas, quase. E bem longe o minguante vermelho parecia um pedaço de carne fresca. Por ali se juntavam os cacaueiros pesados de frutos verdes e maduros. Com algumas daquelas frutas poderia comprar um punhado de farinha e um taco de carne. Mas os frutos maduros da cor da lua pertenciam ao fazendeiro. Neles era proibido tocar a não ser para a colheita. Ai daquele que apanhasse um coco!

A: recostou-se a uma cajazeira

A: As estrelas lá estavam quietas, [*c.v.*]

Pelo caminho da roça foi remoendo a lembrança. Precisava mesmo de comprar o facão. Teria, é verdade, que passar várias semanas, ou talvez meses, com a meia ração. Mas era o jeito. Se não adquirisse o ferro, ficaria sem trabalho. Contou nos dedos o tempo que faltava para juntar o dinheiro: mais de um mês. Também quando tivesse a banda lisa iriam ver um bicho danado no serviço.

Satisfazia-se somente com a lembrança de ter o instrumento à mão, amolando-o, passando o polegar no corte afiado de fazer barba. Quando chegou ao trabalho, ainda experimentava a doce ilusão de possuir o objeto.

A: Quando chegou ao trabalho [*s.v.*]

IV

Doutor Jorge era filho do antigo fazendeiro senhor Jerônimo. Alto, curvado como se os ombros estreitos não combinassem bem com a barriga volumosa. Seu todo dava impressão de flacidez e ausência de trabalhos físicos. Os braços finos, muito longos, terminados em mãos de seda. Os pulsos de menino doente denotavam inutilidade. Parece que existiam somente para suportar o charuto fino que os dedos seguravam. Era homem viajado, afeito às grandes rodas. Conhecia Paris de vários passeios. Já abandonara toda a rusticidade dos pais. Quem o conhecia não fazia ideia dos seus antepassados robustos e acostumados ao trabalho pesado nas matas brutas. Formou-se em direito. Herdou toda a fortuna dos pais, que morreram, um após o outro, dentro de seis meses. Aos vinte e oito anos viu-se diplomado e rico. Como se a sorte fosse curta, casou-se com dona Helena, neta de arquimilionário, e as fazendas, vizinhas, cresceram a vinte e cinco mil arrobas. Como nada tinha a fazer, cuidava de sua coleção de brilhantes verdes, vermelhos, amarelos, azeite doces, alvos, que se guardava no cofre do gabinete.

A: Era alto, curvado;
A: ombros estreitos não se ajustassem bem na barriga volumosa.;

A: que os dedos apreendiam.; A: Conhecia Paris de várias viagens.; A: trabalho pesado nas florestas brutas.
A: a fortuna dos pais [*s.v.*]

Dona Helena, feiosa, banhuda, com aqueles dentes de roedor, consumia o tempo cuidando

A: Dona Helena, [*c.v.*];
B: Helena [*s.v.*]

da Rose Marie. Era mesmo uma beleza a bichinha. Os olhos azuis, cabelos louros, rosadinhas, rechonchuda.

– Um amor! como dizia enternecida.

Realmente ela dizia papai e mamãe. Chorava tão meigamente que era um encanto ouvi-la. Possuía brinquedinhos variados: máquinas de costura, piano, baterias completas de cozinha, berços, caminhas, mobílias minúsculas, bichinhos, um carrinho de passear pelas ruas...

Quando dona Helena se casou foi morar naquele bairro grã-fino, teve vontade de possuir um amante. Era distinto, fazia parte até da alta roda, da chamada boa sociedade. Um amante educado, polido ou então um homem notável: deputado de renome, médico famoso. Gostaria de fazer parte da chamada *society*. Julgava que em tal meio reuniam-se os casais modernos para se divertirem.

Mas a pança e os dentes da cutia nunca deixaram que ela fosse inteiramente feliz. Casara-se graças às vinte arrobas de cacau e, agora, era toda de sua Rose Marie. Achava a sociedade fútil.

Doutor Jorge, que andava atrás de suas pedras, pagava uma fortuna por um brilhante vermelho.

Raramente ia às fazendas. Chagara a possuir escritório de advocacia bem montado, elegante, mas nunca aparecera lá. As aranhas tomavam conta. Preferia mirar e remirar as joias.

Naquele dia, no entanto, ia vender cacau. Fechar uma partida de oito mil arrobas a quinhentos

B: grã-fino [s.v.]

A: Era distinto, fazia parte, até, [*c.v.*] da alta roda,

A: Gostaria de fazer parte do que e chama Café Society.;
A: reuniam-se os casais altamente modernos para se divertirem.

A: Mas aquela pança rombuda e os dentes

A: §↑

cruzeiros: quatro milhões de cruzeiros, certos e redondos. Em seguida, depositaria o dinheiro no banco, junto com o outro. Nem mesmo precisava vender o produto. Milhões engordavam nas casas bancárias, parindo juros. Milhões que sobravam de outras safras. Mas agora, com o preço atual, seria dinheiro a rodo. Não faria como os outros fazendeiros que todo o ano adquiriam a fazenda do vizinho. Queria diminuir o trabalho. O que possuía, dava de sobra.

A: o produto. Milhões de cruzeiros engordavam

A: o preço atual [*s.v.*]

Terminado o café, Maria, a copeira, retirou os pratos. Levou as sobras para a cozinha. Despejou na pia o chá. Ninguém se havia servido dele.

Doutor Jorge sentou-se na varanda, que se comunicava com a sala de jantar. Começou a chupar o seu charuto, saboreando a lembrança dos milhões à vista.

A: sentou-se na varanda [*s.v.*]

V

Mal João havia iniciado o trabalho, apareceu o gerente:

– Já lhe falei, João, que você não pode trabalhar com esse facão.

– Senhor Antônio, tenha paciência... O senhor sabe... como lá diz...

– Não posso. A fazenda está dando um despesão. Desse modo vai tudo por água abaixo.

Intimamente o feitor sentia-se bem, apertando o agregado. Mostrava superioridade. Que podia mandar e desmandar.

A: o feitor sentia-se bem [*s.v.*]

– Valha-me Deus. Seja o que Deus quiser.

Antônio temeu a Deus e encontrou a solução:

– Há um meio. Você vai descontando toda semana um tanto. Quando completar o preço do facão, eu compro e lhe dou.

A: começo a descontar amanhã [*s.v.*]

– É o jeito...

– Então começo a descontar amanhã, que é sábado.

– O que vou fazer... o senhor quer assim...

– E só há serviço na limpa de enxada. Você vai para o roçado. Ligeiro... se não o dia se acaba.

A: pediu o instrumento e saiu de trote.

João voltou para apanhar a enxada. Foi à casa do gerente, pediu o instrumento e saiu troteando.

A: §↑

Quando chegou no roçado estava ofegante. Teve sede, mas temeu que senhor Antônio aparecesse e não o encontrasse trabalhando. Teve vontade de fumar.

A: §↑

Buscou no bolso uma capa de fumo. Uma última se escondia nas dobras dos molambos. Receou que o gerente o visse parado, fazendo cigarro.

A: é preguiçoso [*s.v.*]

– Trabalhador que faz cigarro no trabalho ou é preguiçoso, ou sem vergonha, dizia ele.

A enxada cortava a terra fofa. O cacaueiro novo, de folhas viçosas, estava indiferente ao cansaço do homem. Cresceria ali exuberante e frondoso. Mais tarde daria muitos frutos bonitos que tornariam o doutor Jorge mais rico. Seria robusto e carregado.

A: Mas tarde

A: Jorge mais rico ainda.

Ao meio-dia, João não foi à casa. Lá não havia o que comer. Preferiu ficar mesmo no mato. Desculpou-se com os companheiros:

– Trouxe uma farinha e, como preciso procurar um pau de lenha, só vou de tarde.

Sentia-se envergonhado. O fato de não ter o que comer criava nele certo mal-estar, que doía mais que a dor no estômago.

Quando os companheiros desapareceram, saiu pela roça, atrás de alguma coisa. Bateu dois pés de jaca. Tudo verde-pepino. Lembrou-se do pé de bacupari. Para lá foi e a árvore estava sem fruto. Tararanga não havia naqueles terrenos bons. As laranjas andavam em flor. Somente os cafezais dos aceiros tinham bagos amarelos. Colheu os frutos e mastigou-os. O gosto amargo encheu-lhe a boca de saliva, provocando o estômago. As pernas cansadas, a barriga lá dentro e o suor frio amoleceram o homem. Deitou-se, fechou os olhos. Entrou na fraqueza. Parecia até que os braços e pernas pertenciam a outro corpo. Precisava de qualquer coisa de comer. Bem que podia colher duas cabaças de cacau de vez e satisfazer o bucho. Mas seria furto... Se fosse visto comendo cacau, teria que ouvir o diabo. Até de ladrão seria chamado. Se bem que naqueles cantos da roça ninguém veria. Bem ao alcance estava uma cabaça boa, grande, no ponto de ser partida em duas bandas. O estômago gostaria dela, daquela polpa meio azeda e gorda. Ninguém veria. Estava sozinho. Nem um ruído se ouvia. A não ser os pica-paus saltitantes que beliscavam os galhos, tudo era silêncio. Comeria o coco ligeiro. Depois enterraria as cascas. Por cima da terra cavada lançaria folhas secas e pronto.

A: certo estado de mal estar que [*s.v.*]

A: saiu pela roça [*s.v.*]

A: andavam na flor;
A: tinham bagos amarelados.;

A: O gosto meio amargo encheu-lhe a boca de saliva e provocou o estômago.
As pernas meio cansadas;
A: homem.
Ele se deitou,;

A: corpo. Mas precisava de qualquer de comer.;
A: satisfazer o organismo;
A: comendo cacau [*s.v.*]

A: O estômago bem que gostaria dela,;

A: Ninguém veria. Pois estava sozinho.

Senhor Antônio jamais descobriria. Porém era furto. Antes morrer, estrebuchar na agonia das entranhas vazias que pegar no alheio.

O agregado perdia-se em tais receios quando ouviu o búzio tocar. Rapidamente levantou-se, inconsciente quase, apanhou o fruto e abriu-o. Como um bicho devorou-o. Estava até gostoso.

A: Como um bicho devorou o conteúdo.

Olhou para os lados, certificou-se do isolamento. Jogou as cascas dento de um oco jequitibá. O estômago agradeceu, mas ficou pedindo mais. João colheu outra cabaça que teve a mesma sorte que a primeira. Intimamente, roía-o certo remorso. Havia tirado o fruto. Aquilo não era direito. Monologando, desculpou-se:

A: §↑; mas ficou como que pedindo mais. João foi a outra cabeça de cacau;
A: Intimamente [*s.v.*]

– Foi a fome.

Quase satisfeito, voltou ao trabalho. Antes, limpou bem a folha do facão para retirar a nódoa do cacau.

A: Quase satisfeito [*s.v.*]

Meio receoso, como se o gerente visse o seu crime, dirigiu-se para o canto do eito. Apanhou a enxada, que tinha deixado encostada a um renovo de cedro, e começou o-meio-dia-pra-tarde. Um companheiro mais indiscreto perguntou-lhe:

A: §↑; Meio receoso [*s.v.*]

– Você comeu a farinha e onde está a mochila?

– Está aqui no bolso.

– Também jaca verde não precisa de mochila, não é?

João ficou vermelho, teve vontade de dizer um nome feio. Calou-se.

A: João envermelhou, teve;
A: Calou-se no entanto.

– E onde achou água pra beber?

– Ora, moço, cuide de sua vida. Me deixe em paz. Como se gosta de arreliar os outros, assim...

B: Ora [*s.v.*]; A: cuida da; outros [*s.v.*]

As enxadas batiam descompassadas. Todos, de dorso vergado, com a barriga chegando à coxa, arrastavam mato misturado com terra.

À noite, João não encontrou nem farinha. Isabel arranjou meia dúzia de taiobas, jogou dentro d'água, ferveu, e o marido engoliu o jantar.

A: meia dúzia de taioba, jogou dentro d'água, ferveu [*s.v.*]

– Vida dura, meu Deus. Vida de cachorro. Estou mais magro. Parece que os meninos estão aniquilando. Tudo magro. Você Isabel, está uma cazumba. Esse menino termina virando assombração mesmo. Só tem osso.

Isabel soluçou triste num canto.

A noite caiu silenciosa. Os meninos mexiam na sala, dentro das barrocas lisas. Rangiam os dentes, puxavam os trapos e xingavam.

– Que é isso menino?! – ralhava o pai – Se me levantar...

B: ralhava o pai. [*s.t.*]

E a noite rolava pesada sobre os magros.

VI

Doutor Jorge subia as escadas lentamente, suspendendo o chambre de seda. Pensava em fazer regime. Estava engordando demais. Também era o excesso de apetite. Fora ao médico e ele aconselhara moderação. Nada de muito doce, féculas, manteiga, gordura em geral. Porém o fazendeiro não se continha. Comia até arrepender-se. Saía da

mesa ansiando. Às vezes sentia o estômago comprimido, afrouxava o cinto, arrotava e pedia:

– Um sal de frutas aí, menina. Diabo! Não sei por que comi tanto. Foram as bananas fritas. Não posso comer *toddy*.

A: Não posso mais comer tode.

Era tão agradável quando não ficava assim, cheio até às goelas. O melhor seria deixar o organismo querendo mais. Só desse modo poderia emagrecer, diminuir a barriga que já pesava.

A: Jurava comer pouco. Era tão agradável;
A: Só assim poderia emagrecer,

Ao almoço, já sabia: feijoada com pernil de porco, cozido, fatadas oleosas e muito dendê nas peixadas. Em seguida, a cama, o sono pesado, suarento, estafado de tanto digerir. Poder-se-ia afirmar que a alimentação era o único traço que ligava o doutor Jorge aos seus rústicos antepassados.

A: Ao almoço [s.v.]; A: um sono pesado

A: ligava o granfino doutor

Quando ele acordava era mal-humorado. Olhava-se ao espelho, via os olhos inchados e as rugas cavando o rosto. Sentia a garganta seca. Bebia refrigerante...

Agora, em cada degrau, lembrava-se do conselho médico:

– Muita cautela, senhor Jorge. Olhe o seu coração. Sua barriga está crescendo. Apesar de ser muito dinheiro, é também excesso de comida. Veja o que faz.

Ao entrar no quarto, já encontrou dona Helena:

A: Ao entrar no quarto [*s.v.*]

– Que roupa você quer?

A mulher abriu o guarda-roupa enorme.

Vários ternos de tropical enfileiravam-se nos cabides. Possivelmente alguns deles foram vestidos

A: §↑; Vários fatos de tropical

uma ou duas vezes. Roupas de linho também se alinhavam. Gavetas entupidas de camisas, meias, lenços e colarinhos dispunham-se de cada lado. Dois capotes pesados aguardavam os dias chuvosos.

Logo que doutor Jorge acertou o uniforme, procurou o sapato que bem lhe assentava. Duas dúzias deles se arrumavam num canto, tomando um lado da parede. Quando se aprontou e saiu, eram dez e meia da manhã. Trajava tropical creme, camisa de lista e sapato marrom. Os quarenta anos fizeram crescer a barriga, pintaram cabelos por cima das orelhas, engordaram as bochechas e já tinha subido aos noventa quilos. As mãos, leves e raquíticas, levavam sempre o anel de formatura, graúdo, expressivo. A gravata clara, dividida pelo rubi verdadeiro, pulado e curioso, combinava bem com o creme da roupa.

A: acertou o uniforme [*s.v.*]; A: Meia dúzia deles se enfeileravam;

A: aprontou e saiu [*s.v.*];

A: Os quarenta e seis anos;
A: pintaram cabelos brancos;
A: aos oitenta quilos; mãos [*s.v.*]; A: leves e raquíticas [*s.v.*];
A: dividida por rubi

VII

No dia seguinte, João foi à feira. Manhãzinha ainda, meteu-se na estrada. Encontrou os companheiros. Trazia no bolso cem cruzeiros. Ganhara cento e vinte e cinco durante a semana, mas a fração ficara para o instrumento de trabalho. Não sabia mesmo o que fazer com o dinheiro. Ademais, Isabel pediria por tudo que comprasse um remédio para o caçula. Mesmo que ela ficasse sem comida!

Que comprasse o medicamento! O menino estava com a pança crescendo de meter medo. Uns diziam que eram lombrigas, outros afirmavam ser inchação de doença do tempo que passou. O certo

A: No dia seguinte [*s.v.*]

A: Ademais [*s.v*]; A: para o caçula. Mesmo que ele ficasse sem comida que comprasse o medicamento.

A: §↑

é que precisava de um remédio da farmácia. Os de casa não serviram.

João fazia mentalmente as contas. O ganho não dava para nada. Farinha estava a dois cruzeiros o litro. Como haveria de ser? Já na noite passada os meninos jejuaram.

– Mas... Deus dá o frio conforme o cobertor, consolava-se.

À beira da cidade o movimento era intenso. Os trabalhadores formigavam em direção à feira.

Jegues, burros e bois gemiam sob os panacuns cheios de mercadorias para vender. Os pequenos fazendeiros, que moravam na roça, montados em seus animais fogosos, iam alegres.

A: §↑

Os agregados marchavam ligeiros. Calça arregaçada, limpa, chapéu de palha, paletó remedado sobre a pele. A tiracolo pendia um bornal de alça de embira e, dentro dele, o saco para comprar farinha. Como que todos eles tinham em casa mulher e filhos para dar de comer. Em todos os seus casebres a comida acabara na véspera. E a carne já se evaporara desde quarta-feira.

A: Os trabalhadores marchavam;
B: tira-colo;
A: e dentro dele [*s.v.*]

João matutava. Além de tudo, precisava adquirir o remédio. Uns dez cruzeiros. Caso não levasse a encomenda, Isabel pregaria uns sermões. Não podia faltar. E se o menino morresse seria pior. Compraria a droga custasse o que custasse.

A: Além de tudo [*s.v.*]

À tardinha voltou para casa. Depois de muita pechincha, arranjou um quilo de fato seco, branco de sal, todo retorcido e já enfusado, farinha e o remédio que custou quinze cruzeiros. No fim,

A: À tardinha voltou à casa.

só restavam dois cruzeiros. Foi a conta do fumo e mortalha.

Naquela semana, não haverá sabão nem querosene.

A: No fim [*s.v.*]

O dinheiro virava alcanfor. Por mais que prendesse o magro salário, por mais que especulasse, os cem cruzeiros desapareceram logo.

A: §↑

Quando chegou em casa foi aquele alvoroço.

A: §↑

– Oh! que demora. Estou para dar uma ôra de fome. Trouxe a meizinha?

A: chegou à casa

– Trouxe, quase o dinheiro não dá.

João perguntou pelo filho, que tinha piorado muito durante a noite.

A: resposta – queira Deus escape.

– Está aí... veio a resposta.

– Queira Deus escape.

VIII

Depois que o marido saiu, dona Helena foi à cozinha. Falou qualquer coisa com a cozinheira, deu ordens e subiu com Rose Marie para o quarto. Num canto, estava o guarda-roupa pequenino, com dois espelhos na frente e figurinhas de passar, completando os enfeites caprichosos. Ao lado, a penteadeira, tendo mil enfeites de jarrinhos, perfumes, talcos e estojos para o bebê. No centro, enorme tapete quadrado apresentava uma gazela arisca que fugia de um animal feroz. Na parede defronte ao guarda-roupa, a casa das bonecas de Rose Marie ia até a mesinha de cabeceira, junto à qual estava a cama forrada com linho belga. Dona

A: deu ordens a Maria e subiu; A: guarda-roupa pequenino [*s.v.*]; A: figurinhas de passar [*s.v.*]

Helena pôs a filha a dormir. A menina ficou com as pestanas imóveis, longas e muito pretas para o róseo do rostinho polpudo. Deliciava-se com o enxoval. Vestidinhos finos e vaporosos como um sonho. Flocos de cassa juntavam-se alvos como leite. Bordados delicados nas cambraias denotavam o gosto da mãe zelosa. Dona Helena alisava as roupinhas. Os sapatinhos caros estavam ali nas caixas bem arrumadas. A milionária suspirava de satisfação. Chegou a cantarolar uma modinha qualquer e foi apanhar a Rose Marie.

A: a filha a dormir. Ela ficou; A: rostinho polpudo. Em seguida deliciou o enxoval.

– Você agora vai dormir. Suru... ru... ru... menino mandu...

Donata, a babá, foi chamada e apareceu.

A: Donata, a babá de Rose,

– Troque de roupa. Você hoje vai sair com a Rose. Quero-a bem limpa.

– Sim, senhora. É agora?

– Não, à tardinha. Agora pode dar um passeio para ela tomar sol da manhã, que é muito bom. Mas pelo jardim.

Donata saiu levando Rose. Dona Helena ainda deu os últimos retoques no camisolo que ela vestia. Ajeitou o chapéu de verão e foi à janela.

Daí a pouco a empregada estava sob as mangueiras.

Era mesmo uma filha amada a Rose Marie. Comprou-a durante uma viagem ao Rio de Janeiro. Quando voltou, deu para fazer vestidinhos. Gostava de mostrar as costuras às conhecidas. Depois de algum tempo, já procurava bordadeiras para os pontos mais plissados. Animou-se de tal maneira

A: durante uma viagem que fez;
A: Quando voltou [*s.v.*]; tempo [*s.v.*]

que adquiriu um carrinho-berço e mais outro. Foi entusiasmando-se e achou por bem dar um nome. A princípio, vacilou entre Virgínia Cristina e Rose Marie. O primeiro era meio crespo. O segundo parecia moderno, estrangeiro, meigo. Se tivesse uma filha de verdade o nome seria este. Virgínia Cristina parecia nome de rainha que já fez guerra, de mulher imperiosa, cabeça em pé. Marco Antônio ficaria lindo para homem. Nome forte, guerreiro. Mas não vinha ao caso.

A: adquiriu um carro berço e depois mais outro.

O certo é que Rose foi virando filha aos olhos de dona Helena, até que chegou àquele ponto. Houve tempo em que procurou dissimular os cuidados. Se zelava da boneca era de portas fechadas, falando baixinho, escondendo a metade dos objetos que comprava às ocultas.

A: dona Helena [*s.v.*]

E como a fazendeira já entrava nos 20 anos de casada, tendo concebido somente uma vez, estava conformada. Doutor Jorge evitara a concepção. Empregara todos os meios possíveis. Chegou mesmo a provocar um aborto. Depois pensou de outro modo e, procurou ter filhos. A coisa ficou diferente. A mulher não dava sinal de vida. Só fazia engordar. Recorreu a todos os médicos. Em vão. Sentiu-se envergonhado ao dizer-se sem herdeiros. Parecia que todo o mundo só conversava sobre o assunto para feri-lo, como que zombando da sua masculinidade. Existiam, mesmo, os indiscretos.

A: estava nos 23 anos de casada,;

A: estava conformada. A princípio doutor;

A: Depois pensou de outro modo e, com a mulher, procurou ter filhos.

A: Existiam, mesmo [*s.v.*]

– Como é rapaz, nada? Dá um jeito, assim é feio.

Doutor Jorge dobrou os esforços, consultou médico no estrangeiro, envelheceu, até, mas

aguentou firme. Dada a impossibilidade, procurou derivativos, o mesmo acontecendo à mulher. Já agora, viviam um ao lado do outro como se fossem duas paralelas.

A: mais aguentou firma

Da janela, dona Helena, embevecida, olhava sua filha. À tarde vestiria uma roupinha bem bonita para que ela fosse passear.

A: Da janela dona Helena embevecida [*s.v.*]; A: À tarde iria vestir

Quando doutor Jorge voltou para o almoço, anunciou que ia viajar com urgência. Certa pessoa telegrafara do Rio, convidando-o. Foi só o lufa-lufa de arrumar as malas e dirigir-se ao aeroporto.

A: para o almoço foi anunciando [*s.v.*]

IX

Em cima das varas de pati o caçula ansiava. Os lábios roxos, orelhas roxas, a barrigona alumiando, esticada, dura, parecendo um tomate. Todo pança. Nada mais havia no menino. Aquela coisa enorme de onde saíam o peito, pescocinho, a caveira, as pernas e os braços secos. Revirava os olhos como se a morte já o trabalhasse. A pele fina e serosa cobria os ossos.

A: o barrigão; estacionado, duro,;

A: Aquela enorme de onde saiam o pescocinho,

Isabel apanhou o saco de farinha, jogou um punhado na boca e colocou um pouco na panelinha de barro. Fez um escaldado ligeiro e levou ao doente. Com os dedos foi empurrando o grude e raspando a sobra com o indicador.

A: levou para o doente

Os demais filhos esperavam ávidos o preparo da janta e do almoço da véspera. A fome torcia-lhes as entranhas. Durval, de tanto comer laranjas verdes, estava de carreirinha com dores na

A: estava de carreirinha [*s.v.*]

barriga, viajando a toda hora para as coiraneiras onde os buguelos ficavam alegres.

Isabel enfiou um pedaço de tripa seca no espeto e levou ao fogo. Logo depois distribuiu a ração de farinha com os filhos. Quando cortou em pedacinhos o assado, já os meninos tinham devorado mais da metade do pirão. Mesmo assim, cada um foi para seu canto com o caco de barro na mão. A preciosa isca de tripa dava um gostozinho, e as crianças engoliram tudo num instante.

– Dá mais, mãe, dá...

– Come tudo hoje. Amanhã está em minha saia. Vão embora. Acabou...

– Dá, mãe...

Durval comeu a farinha e com o pedacinho de tripa fazia figa aos irmãos.

– Olha... inteirinha. Passar no papo, concluiu dando um piparote na goela.

Olhos cobiçosos voltaram-se para o irmão. Em seus dedos sujos, de unhas terrosas e afiadas, como garras, estava a prenda. Quatro centímetros de tripa torrada.

– Olha... inteirinha.

Lambia o sal. Estalava a língua, feliz.

– Bom!...

Todos invejavam a sorte do irmão. Cobiçavam seu tesouro.

João foi à cozinha, apanhou a tigela grande e falou:

– Bota aqui a farinha, Isabel.

A: os meninos já haviam devorado mais da metade da farinha;

A: A isca de tripa preciosa dava um gostozinho [*s.v.*]

A: Come tudo hoje e amanhã está em minha saia.

A: dedos sujos [*s.v.*];

A: estava a preciosidade.

A mulher encheu a vasilha com farinha, despejou água fervendo em cima e fez o pirão. Logo depois tomou do espeto e empurrou, com o toco do facão, o resto da víscera para o marido.

João encostou-se à porta do fundo. Com uma colher de ferro cortava, vagarosamente, grandes bolos de angu e enchia a boca. Crescia as bochechas. Trincava uma malagueta nos dentes e temperava a massa de pirão com uma lasquinha do assado.

A noite já se aproximava. O casebre ficava no meio dos cacaueiros. As sombras amontoavam-se pelo chão. Sombras onde as almas penadas da noite fariam ninho. Sombras terríveis. A galinha choca arrastou os buguelos e aninhou-se, ali mesmo, no canto da sala, numa barroca vazia.

João estava preocupado. Aquela noite lhe traria sofrimento e dor. O filho era todo uma barriga. Deitado de cara para cima. Olhos revirando, tiritando de frio. Era mesmo que um mico pelado, Deus me perdoe, pensou o pai.

– Isabel, forra o canto do fogão e bota o menino para quentar fogo um tiquinho. Está fazendo frio. Talvez seja bom.

A mulher afastou a panela de barro, forrou a terra morna com uns trapos. Botou o filho a quentar. Ele quase não se mexia. Talvez não houvesse tempo de dar o remédio. Não havia. A morte vinha escondida nas sombras. E o céu estava com as covinhas de anjos.

– Será que filho de pobre também é anjo, barrigudo assim? (filosofou João).

A: ferro cortava [*s.v.*] vagarosamente [*s.v.*];

A: lasquinha de assado.

A: meio da capoeira.

A: Olhos revirando [*s.v.*]; "A Era mesmo que um mico pelado, Deus me perdoe,"

Isabel engoliu um pouco de farinha e dois goles d'água. Bem que gostaria de tomar café. Mas o marido não teve dinheiro para nada. Em outro tempo, podia ajudar o companheiro na roça. Ganhava qualquer tostão, ia adjutorando. Mas hoje, com os filhos pequenos... Ainda mais aquele menino assim.

A: filhos pequenos [*c.p.*]

X

Horas depois da saída do doutor Jorge, dona Helena perguntou:

– Está pronta, Donata?

– Estou, sim senhora.

Rose Marie trajava um vestidinho de cambraia azul-claro. O sapatinho da mesma cor combinava com o chapéu justo atrás e de enorme aba rendada na frente, para evitar os raios solares. O carrinho-berço também era azul e estava pronto para receber a Rose que choramingou fanhosa ao deitar-se.

A: mesma cor combinava perfeitamente; A: redonda na frente [*s.v.*]

– Vá com cuidado... olhe lá!

Pela rua fidalga, o carro saiu rangindo, empurrado pela Donata que, de vestido alvo, touca de linho e sapato de alvaiade, achava aquilo muito natural.

Senhoras curiosas espiavam das janelas semicerradas. Mastigavam certo riso de mofa. As meninas cercavam a boneca. Perguntadeiras, investigavam tudo. Buliam nos sapatinhos de pelica, fiscalizavam as roupas internas, pediam a Donata que deixasse empurrar o carro.

Alguém deu psiu e aproximou-se. Era uma senhora que desejava bisbilhotar as rendas, os bordados caprichosos.

A: deu psiu, [*c.v.*]

Dona Helena, sempre com as mãos no portão e o corpo todo do lado de fora, espiava o carrinho que desaparecia na volta da rua. Suspirava alegre. Orgulhava-se da curiosidade das mulheres.

Ninguém veste melhor as filhas que eu, pensava. Duvido que as meninas do doutor Magalhães tenham um enxoval daquele.

A: "Ninguém veste melhor as filhas que eu, pensava. Duvido que as meninas do doutor Magalhães tenham um enxoval daquele"

O portão fechou-se. A fazendeira ainda saboreava os últimos olhares que restavam pela rua. Ficou cantarolando alegre, rebolando as carnes bambas.

Chegou mesmo a dar uma carreirinha e um gritinho quando entrou em casa.

Em virtude da viagem do marido, ficaria à vontade com a sua Rose. Levaria horas devaneando feliz, preenchendo o tempo que escorria sem os marcos das horas, todo por igual. Bastava lembrar-se da boneca, desprendia-se da realidade. Era como se estivesse suspensa, etérea, fora de si, imaginando situações ao seu bom prazer. Transformava o celuloide em seus sentimentos. Gozava o sorriso dos lábios duros e via sinais de amor nos olhos parados. Sondava desejos inexistentes e amava com todo afeto materno o fruto da sua imaginação.

Gestava mentalmente a filha, dava-lhe vida, contornos e sofria as dores imagináveis da criatura concebida. Plena das dores e alegrias, vivia ativamente.

A: §↑

As empregadas enxergavam os atos da patroa como mania de rica. A vizinha criava um cachorro e para ele era todo cuidados e mimos. A moça dali de perto afogava-se no piano dias e noites. Outra, esperava a saída do marido para o escritório e entrava no automóvel com um homem que não era o seu. A mais ingênua mesmo era dona Helena.

A: §↑; para cá [*s.v.*];
A: situação dos móveis; que [*s.v.*]

Só cuidava da Rose. De certo tempo para cá, nem saía mais. Era às voltas com a bichinha, desvelando-se, bordando vestidinhos, arrumando e modificando a posição dos móveis do quarto. Parecia mesmo que, quando doutor Jorge viajava para longe, aumentava o apego à boneca.

A: longe [*s.v.*]

Noitinha, já dona Helena estava à porta, esperando. Tomara banho, estava branca de talco, preparada para receber Rose.

Olhava a esquina de onde ela teria de aparecer. Conjecturava alegrias e preocupações com o sereno e o frio da tarde.

Pela algazarra da meninada pressentiu o carrinho. Seis crianças acompanhavam Rose. Uma, muito brejeira, queria apanhá-la.

A: §↑

A: acompanhavam a Rose.; Uma [*s.v.*]; brejeira [*s.v.*]

Donata aproximou-se. Dona Helena apressou:

– Ligeiro, menina. Ande logo. Não vê que está caindo sereno?

A: caindo sereno. [*c. p.*]

As meninas olharam admiradas. Uma curiosa inquiriu:

– Ela cai doente, cai?

Dona Helena fechou o portão, tomou Rose nos braços.

A: §↑; A: tomou a Rose

Preocupada, correu a abrigá-la no hall do palacete.

XI

Pela madrugada o menino suspirou forte. Isabel velava. Já perdera cinco filhos do mesmo jeito.

Acordou João, receosa que a morte a encontrasse sozinha com o filho. Os grilos cricravam nas vassouras do terreiro. Corujas tua-cova agouravam nas capoeiras. Quando a rasga-mortalha passou por cima da casa, o doente estremeceu e ali mesmo ficou quieto. Morto. Como um animal qualquer.

A: §↑; os filhos

Era mais um bicho morto.

A: §↑;

Isabel soltou algumas lágrimas, espremidas. Quase como uma obrigação. Quem já viu mãe sem choro pela morte do filho?

A: §↑; A: lágrimas. Quase; com a morte do filho? Espremia as lágrimas esturricadas.

Muitas delas já padecera na vida. Agora dava até trabalho um bago de lágrima, que vinha duro como um caroço. Interiormente sentia certo alívio. Menos um na filharada. Não fazia falta. Se ainda fosse dos maiores, mas aquele já ia em bom tempo. E como um consolo, aliviou-se.

A: §↑; A: lágrima [*s.v.*]; como caroço.;

– Deus sabe o que faz.

A: quêle

João entristeceu. Não era propriamente saudade, nem pena do filho. Como que uma revolta surda crescia dentro dele. Um ódio escondido e contra alguém que ele não identificava. Imediatamente pensou nas despesas do enterro. Como haveria de ser? Estava puro, aread o. Os vinte

e cinco cruzeiros de economia eram para o facão. Logo agora o menino ia morrer. Certa amargura apoderou-se dele, aniquilando-o. Teve vontade de engolir quatro dedos de pinga, para clarear as ideias, para fugir um pouco daquilo que via. Mas teria que ficar bancando o dono da casa.

A: Mais teria

Levantou-se, apanhou o pequeno cadáver, benzeu-se e, contrito:

– Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo.

– Para sempre seja louvado, respondeu a mulher.

– Amém, disseram ambos.

Somente as labaredas do fogão iluminavam a choupana, enchendo-a de fumaça. João saiu ao terreiro. A noite era fria. Bacuraus choravam nas ramagens, onde as folhas se roçavam lúbricas. Galhos de jequitibá rangiam uns contra os outros, enchendo o espaço de ruídos sinistros. O pai amedrontou-se. Temeu ver a sombra da morte que ainda andaria por ali.

– Ó João, vai chamar uma pessoa. Arranja um toco de vela para gente acender.

A: – Oh João,; pra gente

Os meninos que dormiam na sala foram levantando-se, sonolentos, curiosos do ocorrido. Chegavam perto do irmão e olhavam a caveirinha.

– Morreu, mãe, foi?

– Deus levou, meu filho.

Somente Aprígio ficou na barroca, enrolado em si mesmo, como um gongo, rangendo os dentes, no sono inquieto. Sereia cheirou as

novidades e nada sentiu. Catou umas pulgas, foi à porta do terreiro, olhou a escuridão e voltou para junto de Aprígio.

João desapareceu na vereda. Levava na mão um facho de pau-brasil. O vento perseguia-o, mas a chama abria buracos na escuridão, mostrando o caminho. A casa mais perto era a do agregado Júlio. Com ele moravam a mulher, a filharada e a sogra, uma velha chocha, mas entendida em partos e funerais.

A: O vento perseguia-o [*s.v.*]

Logo na porta, o cachorro Foguete deu sinal de alarme. Ganiu de amedrontar.

– Que é isso, nego? Oxem...

O animal reconheceu o vizinho, chegou-se com a cauda inquieta e lambiscou-lhe as mãos.

– Júlio... Ó Julio!...

– Oi, respondeu uma voz rouca de sono.

– Abre aí.

– Quem é?

– De paz. João da-roça-do-fundo.

– Que houve, João?

A: – Que houve [*s.v.*] João?

– O menino morreu.

– Inocência... Inocência... acorda.

– Hum...

– O menino de João morreu.

– Quando?

Júlio estava de pé, apalpando a porta de saída. Nu, da cintura para cima, apareceu e falou ao companheiro:

A: Nu [*s.v.*]

– Meus sentimentos, João.

– Obrigado.

– É isso mesmo.

A velha Chiquinha, que ouvira tudo, já saiu pronta, com o chalé na cabeça.

A: com o chalé à cabeça

– Boa noite, senhor João.

A: – Bênção dona Chiquinha.

– Bênção dona Chiquinha.

– Bênção minha tia, falou Júlio.

B: – Boa noite, senhor João.
– Bênção minha tia, falou Júlio.

– Deus te abençoe. Eu sabia que aquele menino ia morrer hoje. O céu estava cheio de covinhas de anjo e parece que as nem-sei-que-diga das rasga-mortalhas se soltaram essa noite.

– Deus te abençoe.
– Bênção minha tia, falou Júlio.

– Passou lá em casa também, dona Chiquinha.

A: <<rasga-mortalha>>

– E o cachorro uivou a noite inteirinha que Deus deu. Agourava de fazer medo.

– Caso sério – disse Júlio.

– O menino morreu agora? perguntou a parteira.

– Há pouquinha hora.

– Júlio, você vai avisar aos outros, quando o dia amanhecer. Eu preciso voltar. Isabel ficou em casa sozinha.

B: – Caso sério [c.*p.v.*]

O amanhecer escondia-se atrás das serras e vinha na ponta dos pés, iluminando a mataria. A mosca da madrugada zumbia estridente pelos caminhos.

Furando o silêncio, de espaço em espaço, um galo cantava. A cruviana cortava a carne dos homens. E a noite fugia, esgarçando-se, diluindo-se

A: §↑; de espaço a espaço,

na claridade, deixando fiapos nos galhos das árvores.

Isabel, em casa, encostou-se ao fogo e lembrou-se daquela noite em que o menino estivera nas últimas. João fora buscar lenha. As crianças tinham ficado na casa de farinha. Quando ela veio apressada olhar o filho, pois deixara-o sozinho desde cedo, encontrara-o no chão, caído na tarimba. Parecia morto. Estava seco, torrado de magro. Fedia até.

A: o menino esteve nas últimas.

Aquele resto de gente parecia coisa do outro mundo. E, dentro da escuridão do casebre, Isabel teve medo do filho. Mesmo que uma assombração! A pele franzida como barriga de velho. Nem possuía semblante de gente viva. Somente dois olhos enormes, que se mexiam nas órbitas. Estava com a boca do estômago murcha e arquejava cansado. Feito alma penada. Não chorava. Quando era apanhado da cama, os braços e as pernas caíam, inertes. Mal gemia, baixinho, imperceptível. Um morcego flechou o ar e foi-se. No casebre a escuridão enchia tudo. As corujas estariam ali esperando a morte do menino. Naquela noite, Isabel saiu apressada, olhou para trás. Estava com medo do filho. Era pecado, bem verdade, mas Deus perdoa. Nem as estrelas iluminavam o caminho da mulher. Ela chegou à porta de varas para o lugar, escorou-se e saiu apressada. Não via que as almas do outro mundo estavam ali agourando o doente? Que a noite era espessa, povoada de sombras que os matos movimentavam? Por que viera sozinha? Bem que

A: §↑; E [*s.v.*] dentro da escuridão do casebre; A: Mesmo que uma assombração. [*c.p.*]; A: Nem possuía expressão de gente viva; dois olhos enormes [*s.v.*]; A: boca do estômago mucho; A: Quando apanhado da cama [*s.v.*];

poderia ter trazido um menino de companhia ou mandado João. Nem mesmo acertava o caminho de volta à casa de farinha. A noite fechava tudo. A picada estreita desapareceu. A lembrança do filho apavorava-a. Certa feita, dera-lhe uma surra. Ele gemeu soturno e sofredor. Não via que ele era diferente? Desde que nasceu não chorava direito, mal virava o olhão esquisito no buraco da caveira. Isabel terminou perdendo-se na roça.

A: Mal gemia [*s.v.*];
A: Naquela noite [*s.v.*];
A: mas Deus perdoava.
A: Certa feita [*s.v.*]

Perambulou toda a noite. Vai aqui, vai ali, cada vez embrenhava-se mais. Julgava encontrar algum ponto de referência e, quando se orientava, reconhecia que estava mais perdida ainda. Assustou-se com as sombras e os voos abafados dos bacuraus. Rezou umas palavras que sabia, mas o temor de encontrar almas aniquilou a própria vontade. Noite alta ouviu gritos e viu uma luz mortiça de facho. Respondeu aflita. Era João que, voltando à casa, resolveu procurá-la.

A: §↑; A: e [*s.v.*]; orientava [*s.v.*]

Desde aquele dia esperava a morte. Daí para cá, o menino veio penando até que estava ali descansando desta vida.

A: Daí para cá [*s.v.*]

Logo cedinho a notícia correu a fazenda.

– O menino que parecia assombração morreu.

– Deus lhe dê o reino da glória. Feliz de quem morre anjo.

A: reino da Glória

– Mas o menino morreu pagão e não teve vela, acrescentou alguém. Não tem direito ao céu.

[*Em A não consta:* Não tem direito ao céu.]

A velha Chiquinha veio ajudar Isabel. Trouxe rolinho de agulha. Os agregados foram chegando.

A: e agulha

Visitaram o companheiro. Um toco de vela estava na parede do fogão, onde o menino morrera. A cobertura de palha era forrada de fuligem negra, como que oleosa, pendente em flocos.

A: §↑; A: parede do fogão [*s.v.*]

Isabel chorava em um canto. Os grãos de lágrimas caiam dos olhos fundos. Oito filhos desapareciam assim, minguados, como gravetos. E aquele nem parecia gente. Bem que o povo dizia:

A: Oito filhos já tinham desaparecido assim,

– É coisa do outro mundo. Não tem sangue. O morcego branco chupou o sangue dele. O morcego branco, filho do cão.

Nem tinha nome. Era o menino.

A: Era o <<Menino>>

João pensava no batismo que o filho não recebera. Bem que escolhera o padrinho, o compadre Caboclo. Mas o compadre, coitado, era também carregado de filhos e nunca lhe sobrava dinheiro para o padre. Por duas vezes fora a igreja perguntar:

A: caboclo

– Senhor vigário, tenho um menino para batizar, mas não posso pagar.

– Hum... gemia o padre, e continuava lendo as notícias políticas.

– Como faço, senhor vigário?

A: Como faço [*s.v.*]

– Somente vinte cruzeiros.

Caboclo voltava encabulado. Sentenciava:

A: Caboclo voltava encabulado e sentenciava:

– Um dia nós batizamos.

– Sim, compadre. Sim...

E o tempo foi correndo. O menino secando.

Desaparecendo. Até que ficou aquilo ali. Um bicho magro, sem sangue.

A: §↑

– Era verdade, sim, que o morcego branco vinha nas noites entupidas de negror chupar os meninos pagãos.

Eis o resultado: morreu sem batismo. O amigo Caboclo fizera tudo, apertara o cinto, tentara por todo modo arranjar dinheiro. Mas os filhos numerosos como uma ninhada de bacorinhos famintos lá estavam a reclamar mais comida, farinha, ou uma isca de tripa. E João sempre dizia:

– Somente compadre Caboclo com comadre Sinhá batizam o menino. Ninguém mais. Um dia a gente pode. Ele é o padrinho e tem que arranjar o dinheiro, mas eu trabalho e também ajudo a pagar o padre.

Dia vai e dia vem, até que foi tarde. Compadre Caboclo caiu doente. Não podia mais trabalhar e foi posto fora da fazenda. Rolava por aí.

João ficava triste, não podia chorar. Riscava o chão de barro solto com o dedo do pé. Apertava a carapinha preta com as mãos. Estava nisso, quando chegou o gerente.

– Que houve?

Antes de qualquer resposta, acrescentou a título de conforto:

– Podia ser pior. É isso mesmo. Descansou.

Ante a morte, o gerente, apesar de ainda crespo, amaneirou a voz e repetiu:

– Podia ser pior.

– Eu vou querer um dinheiro adiantado para o funeral.

A: noites entupidas de negror, [*c.v.*]

A: todo modo arranjar o dinheiro. Mas [*s.v.*] filhos numerosos [*s.v.*] como uma ninhada de barcorinhos famintos [*s.v.*];

A: comadre Sinhá, [*c.v.*];

A: eu trabalho também e ajudo;

A: Rolava por aí a fora.

– Quanto?

– Uns cem...

– Para que tanto... sessenta dão. Tome.

João recebeu três cédulas de vinte cruzeiros, meteu-as no bolso e acrescentou:

– Pra semana eu pago.

O gerente voltou a rédea da mula e desapareceu na roça de cacau. Iria aproveitar o dia para fiscalizar alguma coisa.

B: fiscalizar alguma cousa

Do mato vinham as pancadas fofas da enxada de Júlio cavando a sepultura.

Na saleta, sobre a tarimba de pati, estava o caixãozinho de tábuas nuas, enfeitado com manjericão, cravo de defunto e duas rosas. Como era domingo, havia muita gente conversando pelo terreiro, contando caso do passado.

A: Como era domingo [*s.v.*]

De quando em vez chegava um, levantava o pano que cobria o morto, fazia cara de nojo e saía:

– Nem parece gente...

João bem que estava compreendendo aquela curiosidade de todos. Seu filho parecia mesmo uma assombração.

Quando Júlio anunciou o término da cova, a velha Chiquinha fez umas orações, ajoelhou-se, no que foi acompanhada por todos, e sentenciou:

– Pode levar.

A: §↑

Os meninos de pés no chão, muito honrados com a oportunidade, pegaram o caixão e saíram.

Logo mais foram substituídos por outros que, adiante, tiveram que ceder o defunto a terceiros.

A terra cobriu o menino, um resto de vela ficou derretendo-se. Todos voltaram aos casebres.

João juntou-se à mulher, sentado na saída da cozinha, olhando os cacaueiros em volta.

– Agora, adeus facão. Tomei sessenta cruzeiros para o enterro.

– Nada homem, você tem saúde que é tudo.

– Mas estou me sentindo fraco, com as pernas moles e uma dor no espinhaço de tarar o corpo.

– Não sei onde a gente vai parar.

– Mas se Deus me der licença, eu compro o zinco.

A: A terra cobriu o menino. [*c. p.*]

XII

Dona Helena fazia o papel de verdadeira mãe.

Acordava à noite, cobria a boneca, aconchegava-a ao colo, cantava canções de ninar e ela ficava com os olhos parados, envolvidos nos cobertores de lã, insensível aos carinhos maternos.

No dia seguinte ao da viagem do doutor Jorge, algo de muito grave aconteceu em sua casa. Há muito dona Helena esperava aquela ausência prolongada.

Com a presença do marido não ficaria tão livre. Apesar dele sempre dizer que ela era bobinha, uma menina grande, pois continuava brincando de boneca, queria fazer qualquer cousa, de vivo, com a Rose Marie.

A: viagem do dr. Jorge,

A: §↑; A: prolongada. Precisava distrair-se soltar a imaginação. Com a presença;
A: fazer qualquer cousa de concreto, de vivo

Assim é que Rose amanheceu gripada. Donata fora repreendida porque voltara tão tarde da rua, já serenando. A causa do resfriado era isto. A fazendeira não quis tomar café, fechou-se no quarto e dengou a filha. Agasalhou-a bem, cerrou as duas janelas, acendeu a luz. Ficou naquele ambiente abafado de doença. Era possuída de imensa satisfação. Rose queimava de febre. Bem que havia necessidade de chamar um médico. Onde já se viu uma criança ficar assim, à míngua? Pelo menos o doutor auscultaria. Se fosse caso de gravidade, ainda haveria tempo para providências, antes que a doença se agravasse. Poderia até levá-la ao consultório. Por que não? O importante era pagar a consulta. Dinheiro, graças a Deus, tinha. Levar, fazer todos os exames, cuidadosamente, e saber o tratamento.

A: tarde da rua, já era sereno.

A: Se fosse caso de gravidade [*s.v.*]

A: Dinheiro [*s.v.*] graças a Deus[*s.v.*]

Dona Helena desceu apressada, tomou banho, vestiu-se do melhor modo e ordenou:

– Donata, você fique com a Rose. Se ela chorar, dê um pouquinho d'água. Muito cuidado, não pode tomar corrente de ar. Olhe o que estou lhe avisando.

A: Se ela chorar [*s.v.*]

– Sim, senhora.

Donata abriu um pouco os olhos. As outras empregadas vieram à porta, repararam o traje bonito da patroa e bisbilhotaram:

A: da patroa e bisbilhotaram sarcásticas:

– Neném está doente, dona Helena?

A: que a deixou [*s.v.*]

– Foi essa cabeça de vento que a deixou, coitadinha, tomar sereno.

A: – Oh, Donata, por que você fez isto?

– Oh! Donata! Por que você fez isto? Acrescentou a cozinheira.

Donata fez ar de riso contido e:

– Eu não pude, menina, quando menos esperei chuviscou. Eu estava lá no jardim e vim correndo.

Dona Helena saboreava cada expressão das empregadas. Elas gostavam muito de agradá-la daquele modo.

– Chama Carlos aí.

– Senhor Carlos! gritou a copeira, dona Helena está chamando.

A: –Chama Carlos, aí [*c.v.*]

O chofer apareceu. Um preto baixo, cabeça redonda, pregada no corpo, sem pescoço:

– Pronto, dona Helena.

– Você se apronte ligeiro, mas é muito ligeiro. Vamos à cidade.

[*Em B supressão de –Mas não há de ser nada, não senhora. Ainda está no começo.*]; A: Ligeiro [*s.v.*]

– Alguma novidade? Doença?

– É a Rose que está doente.

O chofer olhou as empregadas, engoliu o riso:

– Ligeiro. Troque de roupa e pode tirar o carro.

Daí a pouco a máquina trabalhava gemendo, esquentando-se. Carlos, de boné branco, derreado no coxim, mantinha o carro em ponto morto.

A: a máquina trabalhava silenciosa, esquentando-se. Carlos [*s.v*]

Dona Helena demorou-se ao espelho, retocando os caprichos da natureza, mudou de traje duas vezes, apertou um vestido, afrouxou outro e vestiu um terceiro. Batonizou-se, ajoujou bem a cinta, esticou para baixo e desceu as escadas recomendando:

– Olhe o que lhe disse. Não se descuide. Daqui a pouco volto com os remédios.

Só aí dona Helena se lembrou que os médicos só atendem à tarde. Assim mesmo desceu, mandou botar o carro na garagem e tornou a subir.

– Esses médicos... são uns preguiçosos... um caso urgente assim e eles só trabalham à tarde. A felicidade é que ainda pode esperar. E se não pudesse?

A: – Esses médicos... são uns preguiçosos... Um caso;
A: A felicidade é que pode esperar.

Donata, que estava compreendendo pouco, inquiriu:

– Que foi?

– Que foi? Os médicos só trabalham à tarde.

Tenho que esperar até duas horas. Só depois do almoço.

Dona Helena chegou-se ao berço, debruçou-se sobre Rose e dengou:

A: Donata [*s.v.*]

– Minha rolinha... você vai ficar boa. Papai do céu não deixa você ficar doente.

A copeira subiu, informou-se do estado da menina e desceu. Em seguida, chegou a cozinheira:

A: §↑
A: estado da menina [*c.v.*];
A: Em seguida [*s.v*]

– Licença, dona Helena.

– Entra...

– Melhorou?

– Nada, minha filha. Só o médico. Não deve demorar. Começa assim. Depois... pneumonia. Com gripe ninguém deve facilitar.

A: Nada [*s.v*] minha filha.

A cozinheira calçava a chinela até o meio do pé, tendo o calcanhar de fora. Vestia chita desbotada e muito suja na altura das cadeiras. Era gorda,

riso de alvorada, com aqueles olhos redondos de velhacaria.

– Por que a senhora não faz um chazinho?

– Mas de que folhas, minha filha?

– De mel de abelha. É muito bom. Uma conhecida minha estava com a filhinha assim, tossindo, botando catarro, fez um xarope de mel de abelha e foi uma vez só.

A: estava com afilhinha assim [*s.v*]

– Aí tem mel de abelha?

– Tem, sim senhora.

– Você sabe fazer?

– Sei.

– Espere aí...

– Senhora – respondeu a preta voltando-se, pois ela já ia saindo para fazer o remédio.

B: Senhora, [*c.v.*]; A: -Senhora, disse a preta voltando-se [*s.v.*]

– Se fizer mal?

– Garanto que não faz.

– Não era melhor esperar a opinião do médico?

– É... mas enquanto chega a tarde, a bichinha não fica assim, sem remédio nenhum. Se bem não fizer, mal não faz...

– Então, faça.

– Bem...

A cozinheira desceu, foi à copa, abriu a peça e tirou uma garrafa branca com o rótulo: "Abelhas Italianas". A copeira chegou, serviu-se de um bocado, misturou farinha e comeu a papa

A: garrafa branca com o rótulo [*s.d. p.*]

A: Daí a pouco dona Helena

açucarada. O mesmo fez a cozinheira. Daí a pouco dona Helena perguntou, apressada:

– Está pronto?

– Um momento, já vai. – E para a copeira que estava ao lado – O negócio está bom hoje. Essas ricas têm cada ideia...

Quando a cozinheira levou o chá com cravo, casca de limão e mel de abelha, a patroa falou:

– Agora você vai preparar tudo, que preciso sair mais cedo.

O resto da manhã a fazendeira ficou ao lado de Rose. Deu-lhe xarope três vezes e chegou a usar o termômetro para certificar-se da febre.

Ao meio-dia, não quis almoçar. Sentou-se à mesa, sozinha, beliscou o macarrão, mastigou uma rodela de tomate da salada e achou o bife duro.

– Estou sem fome.

Mostrava preocupação e vexame.

As empregadas aproximaram-se e, meio encabuladas, observavam a patroa.

– Donata vai ficar com Rose.

– Rose melhorou, dona Helena? – Quis saber a cozinheira.

– Parece que não. A febre está alta. Diabo desses médicos preguiçosos.

Na cozinha, Carlos almoçava. Estava todo pronto para atender ao chamado da patroa.

– Carlos! – exclamou ela.

– Senhora.

perguntou [*s.v.*]

B: já vai. [*s.t.*]; B: estava ao lado: [*c.d.p.*]

A: Ao meio dia [*s.v.*]; A: achou o filé duro.

A: Nas refeições mostrava preocupação e vexame.

B: empregadas aproximaram-se e [*s.v.*]; A: meio encabuladas [*s.v.*]

B: dona Helena? [*s.t.*]; A: Na cozinha [*s.v.*] Carlos almoçava. Estava todo pronto para atender o

– Já acabou?

– Falta o café – interferiu a cozinheira.

– Uma hora – falou a fazendeira, olhando o relógio da parede. – Quero ir cedo para conseguir ficha. Preciso estar de volta, logo. Se minha filha não tiver nada, irei ao Bonfim.

– Nada, dona Helena, tenha fé em Deus.

chamado da patroa.;
B: Carlos! [*s.t.*];
A: Exclamou

B: Falta o café [*s.t.*]

B: Uma hora [*c.v*]

XIII

João estava triste com a morte do filho. Ainda mais porque ele tinha morrido pagão. Aquela angústia misturada com ódio que ele não sabia de quem, invadia toda sua alma pequena, escura, dona de curtos anseios. E o gerente aparecia para dizer:

– Podia ser pior...

Homem frio. Coração de pedra. Não gostou dele desde que o conhecera. Mas a necessidade obrigava. Lembrou-se do dia que procurou trabalho.

A: dele desde que o conheceu.

Disse que tinha três filhos, sendo que um já o ajudava em tudo, pegava no pesado. Mentia. Mas, por onde implorava serviço, perguntavam se era solteiro, e, quando respondia ser casado, com oito filhos, não adiantavam conversa. Deram-lhe um casebre no fundo da fazenda. Naquele dia já estava sem comer dois almoços e duas jantas. Recordava-se que deixara a mulher e os meninos à beira do rio das Contas, numa sombra. Como o gerente precisava de gente para safra que entrava, aceitou-o e apontou a vereda, finda a qual estava a choupana de indaiá, sem portas, a cobertura furada, o mato invadindo

A: §↑

A: era solteiro e [*s.v.*]

tudo, bem no canto da roça grande. Quando chegou a noite, trouxe os farrapos e foi esconder a renca de filhos. Dificilmente senhor Antônio descobriria sua mentira.

A: Quando chegou a noite [*s.v.*]

João ruminava lembranças quando ouviu pisadas de animal. O gerente não pode ser. Já andara em sua casa pela manhã. Como era domingo, certamente estaria pela rua tomando cerveja, dando na mula baia ferrada dos quatros pés.

A: ruminava aquelas lembranças

As pisadas, no entanto, aproximavam-se. O agregado então resolveu tomar providência para esconder os meninos.

A: §↑**;** O agregado então [*c.v.*]

– Isabel lá vem senhor Antônio, só pode ser ele.

Uma voz apressada de mulher ordenou:

– Corre... corre...

Os meninos, assustados, desapareceram do mato.

A: Os meninos assustados [*s.v.*]

Aprígio, não podendo acompanhar os irmãos, jogou-se sob a camarinha do quarto escuro. Ficaram Durval e José.

A: §↑

Senhor Antônio chegou estabanado, riscou as quatro ferraduras no terreiro estreito, deixando quatro vincos no barro, e praguejou:

– Você me disse que só tem três filhos e me falaram que são mais de dez. Bem que eu encontrei cabaças de cacau comidas por aí. Em todo canto se encontra rastro de menino.

– Nada, senhor Antônio, pode olhar tudo.

A: rápido de besta. pelos modos que os costumeiros [*s.v.*]

O homem pulou rápido da besta. Pelos modos mais bruscos que os costumeiros, tinha

tomado cachaça. A carona muito vermelha e suada estava mais crispada de zanga que normalmente. As chilenas enormes e dentadas tiniam.

– Pode olhar, confirmou Isabel.

O gerente entrou e foi até a porta do fundo.

Voltou um pouco e entrou no quarto. Abaixou-se estalando as juntas duras. Dois olhos medrosos, como se fossem de gato no escuro, cravaram-se nele:

– Olha aqui. De quem é esse trem?

B: esse trem. [*c.p.*]

– É um sobrinho nosso que chegou ontem.

– Sobrinho, não é?

– Sim, senhor.

A: – Sim [*s.v.*] senhor.

A taca sibilante correu debaixo da tarimba. O garoto, tal bicho acuado, escondeu-se mais na furna, uivando. Outra tacada certeira foi até ele. Outro urro:

– Oh mãe!... oh mãe!...

A: – Oh mãe... oh mãe...

– Assim que não é filho de vocês, cambada de mentirosos. Cachorros. Só rua. Cambada de LADRÕES. Não deixam nada nas roças. Levam tudo.

A: Cambada de ladrões

Roem cacau como ratos. Vão me pagar o que devem e rua. Rua!... rua!...

A: §↑

João arriscou uma desculpa.

– Senhor Antônio não faça isso com a gente. Tenha dó dos fracos. Por amor de Deus. Pelo leite que o senhor mamou.

Isabel desatou a chorar. Correu esbaforida ao quintal. Seu filho tinha apanhado com a taca de bater em burro. Seu marido nem podia fazer nada.

"Aquele miserável não respeita o menino da gente que morreu hoje. Um herege."

Atrás das coiranas, como um bolo de frieira, estavam os outros seis restantes. Se o gerente resolvesse dar uma busca seria pior.

A mulher ainda ouviu a voz engasgada de ódio que vinha do casebre:

– É capaz de ter mais por aí escondido. Ora se tem...

– Não, senhor Antônio. Mais ninguém, somente esses. Quando eu disse que tinha três é porque aquele outro já estava mesmo morto – veio nova desculpa.

– Mas outro dia tive aqui e você me mostrou os dois e o doente.

– É isso mesmo.

João calou. Num relance, passou pela sua cabeça a vontade de apanhar a língua de teiú e enterrar todinha no filé do miserável. Até o cabo. Bem que podia fazer isso. O homem estava tonto, calçado de botas, o que lhe atrapalhava as forças. E nunca poderia esperar uma vingança de sua parte. O pensamento passou deixando certo medo no coração do agregado.

O gerente enfurecido saiu pelas moitas. Tiniam as esporas, embaraçando-se nos cipós, xingando:

– Diabos!... se tem mais... corto no meio.

João acompanhava-o com os olhos. Cá do terreiro, reparava-o caçando seus filhos como se

A: §↑

A: estavam os quatro meninos restantes. Se o gerente resolvesse dar uma busca seria pior. Daí a pouco [*s.v.*] a mulher ainda;
A: §↑;

A: Mais ninguém [*s.v.*];
B: mesmo morto, [*c.v.*]

A: [s. §]

A: Num relance [*s.v.*]

A: atrapalhavam as forças e nunca

A, B: Tinia as esporas

eles fossem porcos. Lá ia o infante, trôpego, bêbado, quase inconsciente. Seria capaz, mesmo, de matar.

Não era a primeira vez que aparecia à procura dos meninos. Vasculhava tudo. Às vezes vinha de mansinho e chegava de supetão. Felizmente os meninos já sabiam o que fazer e embiocavam-se pelo mato como pintos quando pressentem o gavião. Mas agora o bicho estava puxando fogo e para fazer uma arte não custava.

A: que parecia em procura

Quando senhor Antônio chegou às coiraneiras, esbarrou. A imundície não o deixava entrar. Mesmo assim, contornou por um lado e viu os galhos quebrados.

A: Antônio chegou coiraneiras [*s.v.*]

Meteu a cabeça, enjoado com a morrinha, e:

A: §↑

– Tem mais gente.

Tirou o facão afiado, cortou alguns arbustos e penetrou o cerrado que os calumbis faziam sobre as moitas... Abaixou-se.

Já de cócoras, foi entrando. O espinho tirou-lhe o chapéu, jogando-o ao chão.

A: §↑

– Diabo!

Adiante, no mais trançado, ouviu movimento.

– Olhe!... disse ele.

Avançou mais.

De fora, Isabel, ao lado do marido, tinha o coração aos pulos. João envergonhava-se. Não podia defender os filhos, nem mais era homem. Mal suplicava:

A: Não podia defender os filhos. [*c. p.*]

– Senhor Antônio, tenha pena de nós. Venha embora.

A: Venha se embora.

– Pra os diabos.

O calumbi segurava o gerente de quando em quando. Fazia-o parar, a fim de extrair os pequenos espinhos em garra que lhe atacavam. Adiante deu com uma casa de marimbondos beiju. Os insetos levantaram as asas, assanhados. Desviou-se para um lado com muita cautela, pois que tinha de livrar-se dos espinhos, da sujeira dos meninos que ia pelo chão e dos marimbondos. O ruído crescia. O gerente assustou-se. Uma rola-caldo-de-feijão deixou o ninho num relâmpago. Mas o que bulia na terra e nos arbustos continuava.

A: O columbi segurava o homem;
A: Fazia-o parar[*s.v.*] a fim

A: com muita cautela [*s. v.*]

– Os meninos... se pego!

Senhor Antônio abaixou-se mais, venceu a última rama de calumbi que se estendia no chão e, no lugar mais escondido, encontrou Bordada que tomava banho na areia solta.

Os meninos, instintivamente, escapuliram a tempo e sumiram no aceiro da roça. Mas senhor Antônio, logo que saiu da moita, de longe mesmo, viu movimento do mato que se fechava atrás de alguém.

Desconfiou serem eles. Rápido, livre das esporas, que foram arrancadas e postas no caminho, correu no encalço. Os fugitivos atravessaram o aceiro, entraram na mata fechada e ganharam a vereda. As perninhas bambas eram impelidas pelo medo. Desde há muito que acostumaram a esconder-se. Já viviam de ouvidos atentos. As duas medidas traziam vestidinhos puídos e os meninos estavam completamente nus.

A: Desconfiou de ser eles.;
A: §↑

A: §↑

Notaram que o gerente ia perto. As pernas esquálidas correram mais. O menor tropeçou numa raiz, caiu, mas, sem choro, levantou-se, para cair novamente. Zilda, a mais velha, voltou-se, apanhou o irmão e enganchou-o. As pisadas fortes das botas aumentavam e como que esmagavam o próprio chão. O homem vinha mesmo. Certamente não faltava nem um palmo... Adiante, Zilda alcançou os irmãos.

– Corre... vem aí.

Começaram a descer uma ladeira e ganharam terreno. Se não fosse os tocos e espinhos do arrasto avançar mais.

Senhor Antônio já tinha certeza que na frente ia alguém. Os rastros miúdos ficavam nas barrocas da lama. Palavras soltas de menino chegavam aos seus ouvidos.

– Li... gei... ro

O homem já estava quase cansado. Aquelas botas apertadas castigavam-lhe os pés. Quando ele começou a descer, os meninos dobraram à direita numa picada mais fechada, fazendo-o passar.

Os quatro fugitivos saíram do arrasto, meteram-se bem na mata e entocaiaram-se na catana de um pau-d'alho.

– Cambada de pestes, disse o gerente, como se descarregasse todo seu ódio.

Em seguida, voltou, deu uma busca, meteu a cara dentro do mato e ganhou a vereda fechada. Afinal descobriu a batida. Foi mais adiante, onde os galhos se adensavam.

A: Em seguida [*s.v.*];
A: Foi mais adiante [*s.v.*]

– Aqui não passou, disse o homem. Eles não viriam aqui com tanto espinho de quitara.

Mesmo assim, seguiu e deu com as catanas do pau-d'alho.

– Estão ali.

As crianças ficaram apavoradas. Os olhos como que pulavam das órbitas. Nunca tinham visto o homem. Nem mesmo sofreram nada diretamente dele. Mas, de tanto falar a seu respeito e terem que fugir quando ele aparecia, já o temiam mais que se realmente vivesse com ele. A mente infantil ampliava as maldades do capataz, dando-lhe contornos de monstro, animal muito terrível que pegava menino. Tanto assim era que, quando aparecia no casebre, a mãe ordenava que fugissem. E eles desapareciam no mato, quando pressentiam o inimigo.

Daí aquele pavor. O menor franziu os lábios, fez bico. Ia chorando quando Zilda amordaçou-o com força.

Senhor Antônio chegou à catana do lado de cima, olhou de um lado, do outro. Mas as crianças se espremiam na catana do lado de baixo, atrás de uma pedra alta.

Bem no alto passou uma revoada de tucanos. O gerente distraiu-se, olhou as aves. Pensou na espingarda. Se tivesse trazido a arma, estaria com um bom assado e teria um couro amarelo vermelho para enfeitar a porta da frente de sua casa.

– Desgraçados, chicoteou novamente.

Em casa, João e Isabel eram presas de preocupação. Receavam a cachaça do gerente. Estava

A: Mesmo assim [*s.v.*]

A: Estão ali, proferiu.

A: dele. Mas [*s.v.*]

A: ampliava as maldades do homem,;
A: Tanto assim que [*s.v.*]

A: quando aparecia no casebre [*s.v.*];
A: E eles, [*c.v.*]

A: §↑

A: §↑

louco. Seria mesmo capaz de matar um menino ou aleijar com um trompaço.

– Valha-me Deus, apegou-se a mulher.

No entanto, o álcool abriu um fosso entre a vontade de apanhar os meninos e a de matar os tucanos. O gerente voltou ao casebre. A cachaça já lhe atrapalhava os sentidos. Sem dizer uma palavra, como que desapontado, passou a perna na mula e desapareceu por onde tinha chegado.

João foi à procura dos filhos que, certamente, estariam perdidos ou muito maltratados. Atrás dele ia Isabel soluçando.

A: dos filhos que, certamente [*s.v.*]

No ermo da mata gritaram. Ninguém respondeu. Vasculharam tudo. Nada. Tornaram a gritar.

A: §↑

Julgavam o pior. O gerente tinha mesmo matado os meninos. A cara dele parecia de criminoso.

No entanto, onde os meninos estavam, lá dentro do boqueirão, nenhuma voz se ouvia.

A: No entanto, de onde

A noite foi vindo pesada. As sombras derramavam-se pelo chão como óleo.

– Sereia!... Sereia!... eco...

A cachorra modorrava nas cinzas do fogão.

Levantou a cabeça, ouviu o chamado, mas deitou-se novamente. Ali estava tão bom!

João desceu pelo boqueirão. Lá embaixo, gritou.

A: Lá em baixo [*s.v.*]

Zilda aproximou-se, olhou, verificou por dentro das ramagens. Respondeu:

– Oi!...

Os meninos chegaram-se aos pais. Estavam trêmulos e gaguejavam.

– Onde está?... Onde está o homem?

XIV

Carlos abriu a porta do automóvel para dona Helena entrar. Logo que a patroa acomodou-se e puxou o vestido, perguntou:

– Vamos a que médico?

– Pode seguir para a Rua Chile.

– A patroazinha melhorou, dona Helena?

– No mesmo.

Dona Helena estava satisfeita. Sentia necessidade de algum motivo para encher o tempo. Aquela vida oca, sem nada para preocupá-la, não dava certo.

Não sabia música e detestava a leitura. Se encontrasse um romance, como aquele "Mercedes", que conhecera na juventude, talvez se animasse. Mas tudo o mais que começara a ler, daí pra cá, ficava antes da quinta página. Viciou-se durante algum tempo nas novelas de rádio. Ficava horas pregada no aparelho, escutando complicações de vidas infelizes. Criara cachorros. Havia Sucy, a cadelinha pequinês. Depois teve o Segredo. Chegou a manter empregado, para cuidar deles; casinhas taqueadas, camas e colchões para o conforto dos queridos animais. Enjoara de tudo. Sentia era vontade de ser mãe.

B: A patroazinha melhorou [*s.v.*]

A: sem nada para preocupá-la [*s.v.*]

A: §↑

A: "Mercedes" [*s.v.*];

A: começara a ler [*s.v.*] daí pra cá [*s.v.*];
A: pegada no aparelho [*s.v.*];

A: Possuiu Sucy,: manter empregado [*s.v.*]; deles, [*c.v.*]

Como que o instinto alimentava aquele desejo. Não tolerava viajar. Preferia a cadeira de balanço, ali na varanda, dormir cedo, acordar tarde, comer bem. Quando ia a uma festa, o fazia a contragosto. Há dois anos, mesmo, que não saía do palacete. Doutor Jorge parecia mais um estranho dentro de casa... Alguns monossílabos e pedidos de roupa. Criada no regime do interior, onde a esposa não discute ordem e o homem é o rei do lar, fazia o que ele mandava, cativa. Também não sentia amor profundo por ele. Casaram-se, graças a Deus. As duas fortunas cresceram. Mas doutor Jorge foi deixando a esposa de lado, dando-lhe pouca importância, até que secou o que havia no coração. A princípio sofrera muito, brigara até. Desejara a morte e foi uma ciumada terrível. Depois, compreendera a realidade e achou melhor o caminho que tomou: deixar de mão. De início, chegara a frequentar clubes. Conheceu o Rio de Janeiro, fez estações-de-água em Araxá. Viajou de navio e em avião. Em seguida, cansou-se de tudo. Preferia agora o sossego do lar, aquela tranquilidade morna que as mangueiras espalhavam sobre os canteiros e varandas. A vida é que se tornava comprida, horas longas, intermináveis. O relógio arrastava-se indolente. Quando ia ao cinema, chagava enfadada. Doutor Jorge deu para levar muito tempo fora de casa e o tempo foi espichando-se mais. A casa não tinha o que arrumar. Os quartos de hóspedes não eram utilizados. A não ser um parente que viera certa vez e um colega do doutor Jorge que passara do Norte, ninguém se utilizava dos três apartamentos muito bem mobiliados, que ficavam no primeiro

A: §↑; A: cadeira de balanço [*s.v.*]; dormir [*c.v.*] cedo, acordar tarde, comer bem. Se ia a uma festa, o fazia a contra gosto [*sic*].

A: Desejara a morte e foi uma enciumada terrível. Depois, compreendera a realidade dos fatos e achou melhor; A: De início, também chegara; A: fez estações de agua em Araxá.; A: Em seguida [*s.v.*];

A: Quando iam ao cinema [*s.v.*]

A: muito bem mobiliados e que

andar, na frente do palacete. Todo serviço consistia em varrer a copa, lavar o sanitário, regar o jardim e preparar a comida. Mas isto os empregados faziam, na rotina do ofício. A vida, pois, para dona Helena, tornara-se horrível.

A: os empregados faziam [*s.v.*]

Andava exausta de fazer nada. Daí a Rose Marie ter chegado na hora própria. Dava preocupações, alegria, trabalho. Carecia de cuidados, de ir à costureira, de comprar nas lojas, sair, procurar bordadeiras, escolher modelos, riscar, substituir vestidos usados por vestidos novos, trocar de roupa, botar para dormir. Então perdia-se em devaneios, planejando o futuro, escolas, cursos de piano, educação esmerada e mil outras ideias que seriam realizadas quando a Rose crescesse.

A: §↑

A: Então perdia-se em devaneios, planificando o futuro; A: curso de piano [*s.v.*]

Certa feita, há quatro meses atrás, perdera dois cortes de cambraia na casa da costureira. Aborrecera-se, fora várias vezes ver se conseguia encontrar o pano. Afinal, largou de mão.

A: §↑; A: Aborrecera,;

A: Afinal [*s.v.*]

No entanto, toda aquela trabalheira amarga alegria. O automóvel colava-se ao trilho. Ia mansamente, chiando nas curvas. Aqui e ali entrava na contramão, passava adiante, altaneiro, como se fosse o dono da cidade. Era azul claro com enfeites rosas, estirado para trás, em linhas modernas. Pelos vidros do fundo, via-se enorme couro de onça pintada que enfeitava os coxins traseiros.

A: §↑

A: para trás [*s.v.*]; A: Pelos vidros do fundo [*s.v.*]

– A senhora vê, dona Helena, como está o tráfego. Um desastre. Cada dia que passa, piora.

A: –A senhora vê [*s.v.*]; passa [*s.v.*]

Dona Helena ouvia pedaços de palavras ou vagos sons. Seu pensamento andava em casa, arquitetando planos para a filha.

A: §↑

Faria mesmo uma promessa.

A: §↑

Iria ao Senhor do Bonfim e compraria uma lembrança para deixar na igreja. O carro parou ao pé do edifício onde trabalhava doutor José. Carlos puxou o freio de mão, desligou a máquina. Rápido, abriu a porta. Dona Helena saiu com dificuldade, gemeu baixinho, sentindo o peso da gordura. Muito cambota, venceu os degraus que davam para o hall. Aí olhou o indicador profissional pregado à parede e decorou o número do andar.

A: §↓

A: gemeu baixinho [*s.v.*]

Apertou o botão do elevador. Aguardou a chegada do ascensorista. Daí a pouco, lá estava ela com os olhos para cima, procurando o número da sala.

A: §↑; Daí a pouco [*s.v.*]; olhos para cima [*s.v.*]

Encontrando-o, certificou-se:

A: §↑; Encontrando-o [*s.v.*]

– Aqui é o doutor José?

– Sim senhora, respondeu a mocinha clara, lábios em sangue, com o chapeuzinho branco do mesmo tecido que a capa.

– Ele é pediatra, não é?

– É ginecologista. Também faz clínica geral.

– Ele já chegou?

– Já está atendendo.

– Ih! Veio cedo, hoje.

– Ele quase sempre chega antes de uma hora.

Tem muito serviço nos hospitais pela manhã e, depois das quatro horas da tarde, não atende mais.

A: §↑; pela manhã e [*s.v.*]; horas da tarde [*s.v.*]

– Quanto é a consulta?...

– Trezentos cruzeiros.

Dona Helena abriu a bolsa, separou a cédula de quinhentos cruzeiros, entregando à enfermeira. Recebeu o troco e a ficha. Sentou-se.

XV

Logo que chegaram do mato, comeram qualquer coisa e foram dormir. Isabel ficou algum tempo na cozinha, acocorada no batente, lavando os pés. O sono, o cansaço e as emoções derrubaram toda a família.

A: Daí há pouco, o sono,

Antes da meia noite, veio o aguaceiro. Bem que as baratas saíram aos caieiros dos buracos de taipa. Centenas delas batiam as asas, caindo aqui e ali como se estivessem malucas. João temia os insetos porque quando eles apareciam assim, sempre deixavam uma pessoa com o ouvido doente. É que se metiam por qualquer orifício que encontrassem. As baratas grandes não faziam nada de mais, porém as pequeninas eram perigosas. E, se apareciam com formiga de correição, como estava acontecendo, seria aguaceiro pesado.

A: Antes da meia noite [*s.v.*]; A: batiam as asas [*s.v.*]; A: apareciam assim [*s.v.*]

A: E [*s.v.*] se apareciam

A casa de João era uma peneira.

A: §↑; E a casa

As folhas ressequidas abriam-se, deixando cair goteiras no chão batido. Os meninos saíram dos ninhos, tamborilando os queixos, impacientes, já aborrecidos com as baratas e formigas. Ficaram todos de pé, embolados, no canto mais enxuto como cabras no inverno.

A: §↑

Ninguém dormia. A noite não tinha fim. Noite cheia de escuro, de sapos nos brejos, de enxurradas

histéricas. João pensara em consertar o casebre, mas o gerente proibira:

– Não adianta...

Na realidade, o intuito do senhor Antônio era eliminar o agregado, carregado de filhos. Pô-lo na estrada o quanto antes. E se não o fizera até ali, era devido ao aperto dos trabalhos da fazenda.

A: Na realidade [*s.v.*];
A: fizera até ali [*s.v.*]

– Gente que não serve. Aqueles meninos gulosos devoram tudo. Em todo canto se encontra o rastro dos pestes, mesmo que formigas cortadeiras.

As paredes estavam tortas, aleijadas, bambas, escoradas por dentro e por fora com madeira que os cupins já trabalhavam.

As águas batiam no sopapo, deixando sulcos lamosos. O aguaceiro certamente levaria tudo, passaria por cima de todos. Não sabiam a hora que corria. Pelos primeiros cantos dos galos, seria mais de meia-noite. Também não adiantava saber as horas, nem os dias e muito menos o ano em que viviam. O relógio dos trabalhadores marcava o tempo de pegar o serviço e o de deixá-lo. O tempo que fosse, que escorresse o mais depressa nas horas duras e que ficasse mais vagaroso nos momentos de descanso.

A: §↑; batiam no sopapo e deixavam
A: canto dos galos [*s.v.*]

A: O tempo que se fosse

Ali perto, na roça, dormia o menino morto, enterrado naquele dia. Duas rosas murchas e galhos de manjericão foram o enfeite. A terra preta estaria mastigando o corpinho aniquilado. E aquele aguaceiro salivava as raízes ávidas que já se estiraram para a comida farta.

Sereia tremia freneticamente. Bordada ninava os buguelos friorentos que, como os meninos, choramingavam.

A: como os meninos [*s.v.*]

O morto que se fora quase não deixava lembranças. João estava mais conformado. Sentia certo alívio e todos procuravam defender-se contra as goteiras.

– Isabel, não sei o que faço esta semana.

A: não sei o que faça esta semana.

– Por quê?

– Com tanta chuva não vai ter limpa de mandioca.

– Será?

– Ora, senhor Antônio está com má-vontade com a gente. Nem quer botar umas palhas nesta casa. Não viu o que fez hoje à tarde?... Quem tem filhos! Suporta tudo. Oh! Homem de cachaça enjoada.

A: Homem da cachaça

– Mas Deus é grande.

– Se senhor Antônio for para cidade amanhã, tudo bem. Do contrário, estou com meu dia perdido.

A: Do contrário [*s.v.*]

– Limpa com chuva é mesmo que mudar mato.

– O pior é que o homem só pensa em me botar pra fora.

Qualquer coisa é aquele converseiro.

A: §↑

A chuva esbarrou um pouco e os meninos voltaram aos seus lugares. Ao deitarem-se, notaram as poças d'água e novamente levantaram-se. A enxurrada havia furado a parede, invadindo a sala em procura das barrocas. Juntaram-se a um canto, mãos sob o queixo, cabeça baixa, espiando vultos que a escuridão criava. Os menores choravam e

A: Ao deitarem-se [*s.v.*]; furado a parede e [*s.v.*]; A: Por isto juntaram-se

tossiam. Uma correição buliu em Bordada e ela saiu como bêbada, cocoricando, em seguida dos filhotes sufocados pelo gogo. Sereia, sentada nos traseiros ossudos, encostava-se cada vez mais ao bolo de meninos que se comprimiam. De chofre, o aguaceiro parou. Inopinadamente, outro caiu, cheio e pesado. As folhas da cobertura, já empapadas, deixaram a água cair, lavando todo o chão.

A: Sereia [*s.v.*] sentada

– Valha-me Deus! Implorou Isabel.

– Seja o que Deus quiser, completou João.

O frio cedeu ao medo. As crianças correram para junto dos pais e formou-se um grupo único, molhado, fétido. O cheiro de vela, que se acendera ao anjo, estava por ali, misturado ao fartum de terra urinada. Parecia que em volta tudo era água.

A: O cheiro de vela [*s.v.*]

Relâmpagos retalhavam o céu em lâminas de aço e esfaqueavam os buracos de taipa. As crianças atemorizadas engoliram o soluço e calaram. Abriram olhos medrosos na escuridão.

– Valha-me Nossa Senhora do Perpétuo Socorro! Padre Nosso que estais no céu.

A: §↑

Lá fora as raízes dos cacaueiros coleavam feito cobras gulosas em procura do menino morto.

– Vai, Isabel, ver se acende o fogo, os meninos estão morrendo de frio.

João tinha os braços cruzados e os molambos não davam para cobrir as costas. Suspendeu a gola do paletó velho a fim de abrigar-se melhor. Os meninos vestiam-se somente com a blusa rota que os protegia até a altura do umbigo. As meninas cobriam-se de chita.

Isabel passou à cozinha. Tentou fazer fogo. Felizmente a caixa de fósforos estava cheia e havia lenha com fartura.

A: Isabel passou à cozinha. Ali mesmo tentou

A: §↑;

A lixa, no entanto, umedecera-se e nada de riscar. O primeiro palito perdeu a cabeça; o segundo, também e muitos foram-se.

A: perdeu a cabeça, o segundo, e mais de uma dezena se foi.

– Parece que é o nem-sei-que-diga, praguejou a mulher.

– Não fala o nome desse traste agora, Isabel.

– Pois não é...

– Deixa ver.

A mulher no escuro tateou a mão do marido e entregou-lhe a caixa. Quase todos os fósforos tinham sido gastos em vão. Afinal, a claridade abriu-se, protegida pela mão em cova do agregado.

Passou uma rajada de vento. Não fosse o relâmpago, que riscava o quadro-negro imenso da noite, nenhuma luz era vista.

– Diabo! xingou João. Logo essa semana que não temos gás.

– Seja tudo pela vontade de Deus.

Pequena chama alisou a madeira, esquentando-a, juntou-se aos gravetos, cresceu estalando, e uma quentura amiga irradiou-se. Todos procuravam estirar as mãos crispadas.

A: aos gravetos, cresceu estalando [*s.v.*]

XVI

Dona Helena impacientava-se. Parecia preocupada. O médico demorava em atendê-la. Por duas

vezes levantou-se, foi à janela e agora olhava as pinturas que enfeitavam a sala de espera.

Na alma da fazendeira algo de estranho se passava. Bem verdade que a Rose era uma filha mesmo.

A: §↑

A prova é que lhe torturava a existência, dava trabalho e caía doente. Precisava até de promessa. No entanto, incompleto era o seu amor. Rose tinha olhos parados, aquelas pestanas grudadas feito goma-arábica seca. Os meninos que estavam a sua volta choravam mesmo, esperneavam, até diziam nomes feios. A garotinha de olhos vivos agradava o rosto de sua mãe com tal meiguice que dona Helena sentiu abalados os amores da filha. Lá estava ela balançando as perninhas, trêfega, deitando-se no colo materno para levantar-se rápida.

A: No entanto [*s.v.*]

A: estavam a sua volta [*c.v.*]

– Lúcia, fique quieta, Lúcia, ralhou a mãe. Se você continuar assim o doutor dá injeção aqui, olhe! E apontou os quartinhos.

A: olhe! e apontou

Lúcia perguntou assustada:

– O doutor, mãezinha, o doutor?

– Sim, o doutor, fique quietinha.

Ao lado, um menino pálido, olhar de mongol, babava imbecilizado. Estava com os olhos mortos e compridos como se nada visse, ao mesmo tempo que articulava sons incompreensíveis.

Dona Helena voltou-se para o menino. Lembrou-se de Rose. Não via que sua filha era corada, sadia, dizia exatamente "mamã" enquanto aquele grandalhão com seis anos, mal sabia mexer com a língua perra?

– Que tem ele, dona?

A mãe do menino doente, aborrecida com a pergunta que ela julgava inoportuna, preparou-se para responder. Como que gostou de explicar logo a doença do filho, já que todos os olhos, de soslaio, voltavam-se para ele, penalizados. Dizendo tudo talvez ficasse tranquila, livre daquela curiosidade que feria seu amor materno.

– O médico disse que é uma doença de nome mongolismo. Não sei bem. Em pequeno era uma criança linda. Tenho cinco filhos e este era o mais bonito, gordo, corado de fazer gosto, parecia retrato de revista. Depois que deu um ataque, nunca mais teve saúde e ficou assim. Não fala, às vezes diz mamãe.

– Ele é quietinho, dona? insistiu dona Helena.

– Nada. Muito pintão. É preciso uma empregada só para ele. E empregada cuidadosa. Agora a senhora vê: empregada cuidadosa hoje em dia...

A fazendeira não suportou o desejo de falar da Rose Marie. Destaramelou a língua:

– Agora mesmo vim ao médico porque a Donata, minha empregada de menino, deixou Rose no sereno e ela constipou.

– Ah! É assim mesmo, interveio a mãe de Lúcia. Com essa daqui aconteceu o mesmo a semana passada.

– Rose tem dois anos.

– A senhora ainda tem filhos de dois anos?

Meio ofendida com a pergunta, que punha em dúvida a sua idade, dona Helena explicou:

– Tenho. Por quê? Pareço velha?

– Não... não senhora.

A mãe do menino doente consertou:

– Porque eu tenho uma vontade doida de ter novamente um neném. É a idade de que mais gosto: são engraçados, risonhos, sem maldade. Daí em diante começam a ficar sabidos e teimosos.

– Pois bem, deixei a Rose em casa, e doente.

Ficou mesmo acamada.

– Como é filha única, o dengo é grande...

– Ah! Filha única, invejou a mãe do menino doente.

– O médico está demorando, comentou a mãe de Lúcia.

– Esses médicos são assim. Ainda outro dia perdi uma tarde inteirinha para ser atendida. Parece que o doutor está examinando uma senhora grávida. Por isso a demora.

A mãe do menino doente, que estava um pouco distante, aproveitou a saída da enfermeira e, como se quisesse transformar os lábios em uma trombeta para colocá-la nos ouvidos das companheiras, fuxicou:

– Dizem que ele é o maior nos abortos. Que gente granfa procura. Ainda outro dia soube que uma moça rica, da fina flor da sociedade, apanhou barriga antes do tempo e só ele deu jeito. Cobrou quarenta mil cruzeiros. O namorado quis protestar, mas o doutor não abriu mão: o preço era aquele.

– Imagine a aflição, disse a mãe de Lúcia.

– Mas não faz mal. Essas moças de hoje têm fogueira no corpo. Depois a educação... Entram no automóvel do namorado, sem ao menos serem noivas, e se largam para esses cantos. Dizem que frequentam até castelo. Não sabem o caso do pai que foi a uma pensão suspeita atrás de brotinhos? Lá chegando, encontrou a própria filha de dezesseis anos na alcova, esperando... O velho deu uma síncope.

– Ih! – fez coro.

B: Ih! Fez [*s.t.*]

– É o fim do mundo, acrescentou dona Helena.

– Essa sociedade de hoje é assim. Não sabe que aqui e nos grandes centros, esses casais grã-finos colocam os nomes das esposas em uma urna e os dos maridos em outra? No auge da festa, cada um vai tirando um nome. De tal modo que, se um homem tirar o nome de mulher, mesmo não sendo a sua mesmo, fica com o direito de passar o resto da noite com ela. O mesmo acontece com as senhoras que sorteiam o nome do esposo da outra.

A: nos grandes centros [*s.v.*]

A: tirar o nome de u'a mulher,

– É incrível, falou dona Helena.

– A sociedade hoje é assim. Isto é, a sociedade granfa. A chamada alta-roda.

A: Isto é a sociedade granfa. A alta roda chamada.

A enfermeira chamou a mãe de Lúcia.

Pela outra porta, que dava diretamente para o corredor da saída, passou uma senhora nova, bonita, acompanhada de um rapaz beirando trinta anos.

A: §↑

Ela chorava desconsolada, desfeita, como se uma angústia de chumbo a comprimisse.

A mãe do menino doente fez um gesto com os olhos para dona Helena. Queria dizer com o

A: Queria dizer com o

olhar, acostumado às futricas, que aquela mesma devia ter ido ali para que o doutor José fizesse um "anjo". Preferiu, no entanto, deixar a sua observação nos olhos espertos.

olhar com aquele olhar de funcionário da Prefeitura, acostumado

Entraram duas crianças. Após elas, chegaram duas senhoras grã-finas, de capa alva, sapato e bolsa cor-de-rosa. Compraram as consultas. Pelo modo como foram recebidas eram freguesas. Uma delas, a mais moça, elegante, suculenta como manga, encheu a saleta de perfume.

– Diga ao doutor José, por obséquio, que madame Figueiredo está aqui, falou ela.

A: –Diga ao dr. José

A mãe do menino doente, metida em saia escura e blusa creme, sentiu-se diminuída, fez um muxoxo baixo, esgaravatou todos os plissados e enfeites da recém-chegada. Parecia conformada com a situação. Puxou a saia para encobrir as varizes roxas e afagou a cabeça do filho.

A: blusa creme [*s.v.*]

Dona Helena envergou mais os dentes de cutia, entreabriu os lábios e fechou-os rápidos como se sentisse necessidade de fazer alguma coisa.

A senhora cheirosa informou à enfermeira:

– Meu filho só veio fazer o exame mensal. Está sadio. Será rápido.

Empertigou-se mais, imprimindo agressividade ao busto sensual. Fez alguns trejeitos de mulher bonita. Como uma santa lançou os olhos para o menino doente. A mãe deste respondeu ao olhar com outro de ódio. Queria dizer precisamente:

A: Emperti gou-se mais, imprimindo ao busto sensual agressivamente.

– Que tem a senhora com isto? O seu pode ficar assim também.

A mulher bonita compreendeu a hostilidade e voltou-se para a companhia com quem havia chegado.

Que tristeza aquela criança, completando baixinho:

– Tem cada doença... antes Deus tirasse.

A: Que tristeza aquela criança disse baixinho.

Dona Helena impacientava-se. Estava plenamente feliz em encontrar-se ali no meio das mães, conversando com elas, trocando ideias, padecendo e alegrando-se com os menores sentimentos, contando coisas do filho. Até gostaria que o médico demorasse mais para atendê-la. Quando a enfermeira a chamou, ficou delicada:

A: contando coisas dos filhos

– Pode deixar a madame entrar – e apontou para a mulher cheirosa.

B: –Pode madame entrar [*c.v.*]

Esta virou-se honrada com a deferência e:

– Não lhe empata, minha filha?

A: –Não lhe empata [*s.v.*]

– Não. A senhora parece que está com pressa, quer ir a algum lugar.

– É... meu marido está nos esperando lá embaixo. Depois, meu caso é rápido.

Doutor José meteu a cara na porta. Fitou detidamente a mulher cheirosa.

A: Doutor José abriu

– Ah! madame. É a senhora?

– Aquela senhora ali me cedeu o lugar.

– Bem, entre, por obséquio. O médico afastou-se, abrindo a porta respeitosamente.

– Trouxe o Marco Túlio?

– Sim senhor.

– Então, bichão? Veio fazer o exame mensal?!

– É...

– Bem...

O menino curioso olhava para os lados, vivo, sadio como uma centelha.

O médico abriu os olhos da criança, auscultou-o ligeiramente, fez três perguntas sobre fezes, urina. E se estava se alimentando direito.

– Só não quer comer nada.

– Tudo bem. Todo menino que tem muito o que comer em casa, geralmente não quer comer nada...

A senhora cheirosa saiu pela lateral. Ao passar defronte à saleta, agradeceu a dona Helena e beijou a amiga.

A fazendeira comparava mentalmente a Rose Marie com o menino sadio. Gostaria de ter um filho assim.

XVII

Quando o dia clareou, os meninos estavam pálidos, olheiras fundas. Tremiam. Os trapos foram postos a secar no cipó imbé, preso no ângulo da parede, que servia de encosto ao fogão, à porta da camarinha.

A: no cipó, preso

Dois pintos ficaram no lugar onde Bordada passara a resto da noite. Estavam misturados com lama, e os pés voltados para cima. O sobrevivente tossia, engolindo coisas inexistentes, pior do gogo.

A: misturados com lama [*s.v.*]

Não foi alegrar-se nas coiraneiras. Preferiu ficar ali mesmo, de asas caídas, encharcado.

A: §↑

Até os ossos de Sereia estavam mais magros.

B: sereia

João foi olhar a cova do filho. Uma força estranha arrastou-o até lá. Não sabia mesmo se era saudade. Já andava tão gasto, batido por tanta fome, tão acostumado a perder os meninos, que nem sabia se ainda sentia falta de mais um que se fora, como os outros. Suas preocupações andavam reduzidas ao facão, à fome e ao trabalho. Até mesmo o rancho em ruína não o amolava. Mas qualquer força o tangeu à sepultura. A terra apresentava-se mais escura, roxa. A cruz havia caído e foi levantada.

A: Suas preocupações estavam reduzidas

Certamente as raízes reptantes já trituravam as carnes do pagão. Os cacaueiros ficaram muito contentes e produziriam frutos enormes, cheios de caroços que doutor Jorge venderia. O dinheiro iria para os bancos, parir juros ou comprar brilhantes, de todas as cores. João fez o sinal da cruz, ajoelhou-se. Ficou triste. Quando voltou à casa, o búzio ainda não havia tocado. Comeu qualquer coisa e foi à roça, receoso que o gerente aparecesse. As roupas continuavam úmidas. Foi o primeiro a chegar no serviço.

Arrancou o chibute do quarto e começou a trabalhar. Procurava fazer com o instrumento gasto aquilo que os companheiros realizavam com os novos.

A: §↑

Temia que o feitor aparecesse. Oito agregados trabalhavam ao seu lado. Estavam esfarrapados, vergados ao peso do cansaço de todos os dias.

A: §↑; A: Mas temia que o feitor aparecesse.

De quando em vez puxavam uma conversa, tiravam um boi monótono. A labuta continuava. Somente João continuava fechado, nu da cintura para cima, mostrando a barriga lá dentro, cheia de rugas. Perto do meio-dia, soaram pisadas de animal e ele sobressaltou-se: era o gerente. Certamente iria reclamar, dar esporros.

– Senhor João, já não lhe disse que enquanto não comprar o facão não tem serviço de roçagem.

– Mas, senhor Antônio, não ficou certo que o senhor descontaria toda semana um pedaço de dinheiro? Hoje, com a chuvarada, não adianta capinar... Por isso estou aqui.

– Então você com este chibute tem que ganhar menos, não é? Você não faz o que os outros estão fazendo, faz?

– Mas senhor Antônio, estou me esforçando o que posso.

– Bem, isso é mesmo, interveio um rapaz por nome Sarará.

– E quando nós chegamos aqui, ele já estava com boa ponta de eito tirado, afirmou outro.

– É... mas... em todo caso vou lhe pagar a vinte, até você comprar o facão.

– Menos cinco cruzeiros por dia, senhor Antônio?

– É o jeito.

– Eu tenho família e filhos...

– E é favor...

– Está certo... Está certo... Que vou fazer?...

Senhor Antônio chamou a atenção para a roçagem, que deveria ser bem feita, rente ao chão. Que cuidassem para não cortar os cacaueiros novos. E adiantar o serviço. Andar ligeiro. Esse negócio de fazer cigarro não era possível. Quem quisesse beber água que trouxesse sua garrafa. Reclamou o Sarará, que decepou um cedro que servia de sombra. Saiu apertando a mula nas esporas.

A: Sarará, que havia eliminado um cedro que serviria

João engoliu o bolo com ódio. Sentiu que tinha medo da chuva, de ir beber água quando tinha sede, de fazer cigarro quando queria pitar, de ser encontrado trabalhando com aquele facão quando precisava trabalhar. Não é que fosse medroso. Mas por todo canto havia um perigo, receios ocultos e dissimulados. Sem falar no pavor que sentia de ser posto para fora. Somente aqueles dois companheiros foram amigos. Defenderam-no. Tudo o mais era contra. Houve até quem dissera que ele tinha uma filharada de dez bocas.

E ainda faltava pagar o dinheiro do funeral, para depois comprar o facão. Dois meses de fome, de barriga pregada no espinhaço. Carne desaparecendo na terça-feira. Farinha escassa para nove bocas. Mas teria de comprar o ferro de qualquer jeito. Nem se lembrava mais do filho morto. Ao camarada que perguntara por ele, respondera secamente:

– Está debaixo da terra. Deus levou. Foi em bom tempo. Não sei para que gente pobre quer tanto filho. Ficar por aí penando, parecendo cachorro sem dono.

– Lá em casa, meu irmão, não tem graça. Menino morre a três por dois. Mesmo assim tem

seis bocas para comer; com a velha, sete; com um neto, que a mãe morreu, e o pai desgraçado largou, oito, e ainda tem um sobrinho, nove; comigo dez.

– Com o tempo de hoje, nem sei como a gente arruma.

Sarará pulou do lado, brandiu o facão e gritou:

– Opa jararacuçu viçoso!...

– Matou? perguntou alguém.

– Não, foi para o seu lado, nessa moita.

Todos os trabalhadores pararam o serviço. Cercaram a moita indicada, com o facão em uma mão e o gancho de roçagem na outra. O animal acuado enroscou-se, armado. Daí a pouco Sarará deu uma paulada segura, o bicho contorceu-se, quis fugir mas outra pancada deixou-o bulindo somente com a cauda.

A: O animal acuado enroscara-se e aquietaram

– Já está errado...

– Olha o veneno, disse outro. Uma fera dessa sentou o dente no Procópio da Cajazeira e saiu do lugar para o corpo não cair em cima.

– É malha de sapo.

João também olhou a cobra. Gostaria que uma bicha daquela lhe mordesse e fizesse descansar da fome, das goteiras e do medo de ter muitos filhos. A morte seria rápida. Para que viver sem ter onde dormir, o que comer e assustado de tudo como um criminoso fugido? Mas o jararacuçu movimentava-se, nervoso, nos últimos estertores. A cabeça fora esmagada, enfiada numa ponta de vara

e lançada, juntamente com o corpo moído, dentro de um oco de sapucaia. Iria certamente alimentar algum cacaueiro copudo existente ali.

Pouco tempo depois o búzio tocou.

XVIII

Seria aquela a vez de dona Helena. A enfermeira perguntou:

– Onde está a criança, minha senhora?

– Deixei em casa. É muito pequenina e poderia apanhar um resfriado maior. Coitadinha.

Dona Helena já sofria, tal era o seu convencimento da realidade de Rose.

– Mas o doutor somente dará a receita vendo.

– Bem, mas eu nem peço a ele que tenha paciência.

Outras senhoras apareceram, trazendo crianças doentes e sadias.

– A que está na frente, disse o médico, depois de olhar toda a sala de espera.

– Pode entrar..., indicou a enfermeira.

Dona Helena entrou com as feições aflitas.

– Como vai? bem?

A: Como vai a senhora, bem?

– Bem, obrigada. Dona Margarida foi quem me indicou o senhor.

– Ah! sim, a esposa do engenheiro Caldas.

– Sim, senhor.

– É a senhora que vai examinar-se?

– Não, senhor. É uma consulta para minha filha. Mas não pude trazê-la. Está muito resfriada e queria que o senhor passasse um remédio para cortar a doença.

– Mas, minha senhora, só vendo a criança.

– Era sadia, forte, gordinha, nunca sentiu nada. O senhor pode dar um remédio sem ver.

– Mas é difícil. Ainda mais em se tratando de criança. Muito difícil, impossível mesmo.

– Só é isso, doutor. Resfriado.

– Que idade tem?

– Dois anos.

– Tosse seca?

– Não.

– Tem catarro?

– Não.

– Já deu algum remédio... a tosse é repetida?

– Não.

– Sufoca, vomita?

– Não.

– Eu disse ao senhor que não tinha dado remédio, mas agora é que me lembro, antes do meio dia dei xarope de mel de abelha.

A: dei um xarope

– Minha senhora, só indo lá. A que horas a senhora está em casa?

Dona Helena teve vontade de levar o médico. Refletiu um pouco e insistiu.

– Doutor deve ser um resfriado ligeiro. Ontem ela tomou chuvisco.

O médico apanhou o bloco de receitas e inquiriu.

– O nome da menina?

– Rose Marie Cardoso da Silva.

Dona Helena recebeu a receita. Agradeceu. Saiu satisfeita. Rose era mesmo uma criança.

– Adeus, minha filha.

A: -Adeus [*s.v.*]

– Até, minha senhora, respondeu a enfermeira...

A: – Até [*s.v.*] minha senhora

Pela rua, a mãe andou exultante. Foi à primeira farmácia. Faltava um remédio. Disse que iria comprar toda a receita em uma só casa. Estava como queria. Rose dava trabalho. Já com as luzes da rua acesas, voltou para casa.

Saltou apressada. Foi ao quarto. Lá estava a doente. Toda enrolada. Quieta, naquele róseo de boneca rica.

– Minha filhinha, que você tem? Está melhor?

Os remédios foram desenrolados e cuidadosamente arrumados na mesinha de cabeceira.

A: arrumados na cabeceira da cama.

Donata apanhou a colher para o xarope.

Durante a noite daquele dia, dona Helena levantava-se de hora em hora. Apanhava o remédio, levava uma colherzinha à boca da doente, dizia palavras de convencimento e lançava o líquido na pia.

XIX

Quando João chegou a casa ao meio-dia, não encontrou Isabel:

– Menino, onde está tua mãe?

– Está na fonte, pai. Disse que volta já.

Os meninos brincavam no oitão de curral de boi.

Um pequeno cercado de gravetos prendia o gado de birros de cacau pecos e laranjas verdes. João esperou um pouco. Como a mulher não aparecia, resolveu ir à fonte.

Encontrou-a de cócoras, nua, junto ao riacho.

Esperava que a roupa secasse para vesti-la.

– Que está fazendo?

– Aproveitei a aragem do sol e estou lavando o vestido.

A: Aproveitei a aragem de sol e o vestido que molhou e estou lavando.

– Sem sabão?

– Passei folha-de-são-caetano e joá. Já estava molhado... Pode ir andando que vou já.

– João passou os olhos no corpo nu da mulher. Nenhuma beleza restava naqueles ossos. Estava mesmo uma cazumba.

– É a fome. Disse para dentro de si.

Isabel daí a pouco enfiou os trapos e dirigiu-se à choupana. João amolava o facão velho, prendendo a pedra com o pé.

– Por que você está assim zangado, homem? O que Deus faz está bem feito.

A: está assim zangado, homem, [*c.v.*]

– Nada disso. O menino foi em bom tempo. Sina triste a minha, Isabel. Não sei como ainda não morri de desgosto.

Isabel sofreu um pouco. Fora criada no regime da penúria. Seu pai, agregado também, falava que ela e os irmãos comiam tudo, não havia

o que chegasse. Foi crescendo, sempre tida como peso morto, comendo o que podia servir para os outros que prestavam serviço. Certa feita, o pai chegou enfezado, barriga dura como pau e crescida. Abateu-se na tarimba e deu para contorcer-se. A noite toda foi para velar o doente, que tinha sonhos assustados, acordando aos gritos, assombrado com alguma coisa. Houve quem dissesse que era fome. O coitado não tivera o que mastigar. Outros afirmavam que se fosse fome aquela barriga não existia.

A: crescendo [*s.v.*]

A: feita [*s.v.*]; chegara

Deram chá de capim-santo, de erva-cidreira e nada de melhorar. Por fim, ao amanhecer, um purgante de óleo de rícino, com uma porção de raízes, foi ingerido.

A: §↑

Passaram-se oito dias naquele sofrimento, até que ele morreu empanzinado, a barriga como um tambor, falando asneiras:

– Pedro, ó Pedro, não come mais, não. Isso mata, Pedro. A fome não mata, Pedro. Joga fora. Isso é para cavalo. Faz mal porque foi roubado.

E Pedro ao lado compreendera tudo. Não explicou logo a todos porque ficou envergonhado. Realmente furtaram. Não tinham o direito de apanhar a ração do cavalo. Mas quando a viúva insistiu, ele esclareceu:

A: a todos porque tinha vergonha.

– Nós, dona Maria, não gosto nem de me lembrar...

– O que foi Pedro? Conta, conta tudo.

– Nós tratamos dos cavalos de raça como a senhora sabe. A fome é uma coisa traiçoeira. Parece uma cobra muito grande: engole a gente. Acontece

A: engole a gente, [*c.v.*], acontece que

que os cavalos comem uma ração de farelo; o de milho com outro trigo. Nós dávamos todo dia meio saco de cada um.

Os bichos lambiam tudo. E como a gente tem fome, também misturava aquele farelo com água, botava uma pitada de sal e comia também. Fazia tudo muito escondido, para que ninguém visse a gente apanhando a comida dos cavalos. Não era roubo, não, dona Maria, era fome. A fome traiçoeira...

– Ah! Por isso ele quase não comia por último. E todo dia tinha barriga inchada.

– A gente comia sem sentir. Não era furto, não. A senhora sabe que nem eu nem meu marido somos disso. Via os bichos comendo com gosto, como se comesse um pedaço de carne fresca. Dava vontade. A fome por dentro, roendo...

– E tem muito tempo que vocês comiam isso?

– Um tempão.

– Mas foi pior, Pedro, você está vendo?

– Mas não tinha culpa, dona Maria.

– A culpa é da fome. Seja o que Deus quiser.

Isabel lembrava-se, agora, passados tantos anos, dos cavalos gordos, roliços, lustrando ao sol, abanando a cauda comprida em feixe. Os animais nada faziam. Só engordavam. Comiam farelos gostosos. Eram escovados. Tomavam banho com sabão todos os dias. Raramente o dono da fazenda, tio do doutor Jorge, aparecia. Era só o prazer de vê-los.

No dia seguinte à morte do pai, Isabel ainda ouvira:

os cavalos comem uma ração de trigo. Nós dávamos todo dia meio saco de farelo com um pouco do outro.

A: §↑

A: Ah!! por isso

– Vocês comem tudo. Não deixam nada para ninguém. Aí está o resultado. De tanta fome, comeu porcaria, comida de cavalo. Empanzinou. Agora é que vai ser fome mesmo.

E Isabel recordou-se que a fome apertou. Foram tangidos da fazenda. Gente imprestável. Só meninas magras, esqueléticas, cabelos de arapuá, uns bichos que não deixam cacau verde. Foram rolando de estrada em estrada até que apareceu João. Houve aquele namoro rápido e ela se amigou.

Por tudo aquilo julgava que a tristeza de João era por sua culpa. Os filhos nasciam por que ela os paria. A fome existia porque eram muitos meninos. O facão não prestava porque os meninos comiam o dinheiro de comprar outro. Ela mesma não trabalhava. Comia como João, que saía sol escondido e voltava sol posto. A culpa toda era dela, sim. Daí aquele ressentimento que virou amargura.

Já não ouvia mais os lamentos que João dizia:

– A gente não pode nem sentir saudades, Isabel. O nosso filho morreu e nós já esquecemos. A gente só tem o direito a ter medo do senhor Antônio, dos coriscos, da enxurrada levar tudo. Para a gente, só tem medo.

Vago sentimento percorreu o agregado. É que ele não queria demonstrar à mulher que temia outro homem. Daí a explicação:

– Mas tem uma coisa: eu sou muito bom, calmo, mas se me danar, não vejo feio nem bonito. Mando tudo para o inferno. Vida desgraçada.

– Eu tenho culpa, João?

– Quem está dizendo que você tem culpa?

– Pensei...

– Ninguém tem culpa. Quem manda a gente ser pobre?

– Você está triste por causa do menino, João?

– Nem sei. Não dormi de noite com as goteiras. Hoje, senhor Antônio me viu roçando e foi aquela zoada. Depois baixou para vinte cruzeiros a minha diária. Imagine você. Já temos muita fartura em casa!... Não falta nada... Agora é que a tripa vai berrar mesmo.

– Se conforma, homem. Eu agora posso ajudar. Vou pegar uma empreitadazinha e faço as horas.

– Quem disse que arranja? Senhor Antônio está nos tocando como cachorros. Só falta bater o pé no cão e dizer: puxa daqui!... puxa. Mas eu compro o facão. Com fé em Deus.

– No dia em que você comprar o facão eu acendo uma vela a São Roque.

– Acende a São João, Isabel, ele é o meu protetor. É um santo milagroso.

– São Roque é melhor.

– Ou então a Cosme e Damião. Fazem muito milagre.

– Mas a Cosme e Damião tem de ser duas velas.

– Por quê?

– Se não um fica zangado com o outro.

– Que nada...

– Não! Pois eu já vi acender a um só e foi um Deus nos acuda. O dono da casa morreu. A vaca que a família tinha, uma vaca bonita, vermelha, leiteira que fazia gosto, foi mordida de cobra. Chego a me arrepiar... Só passou a confusão quando levaram Cosme e Damião para a Igreja e acenderam duas velas a cada um.

– Então vamos acender a São Roque, mesmo. É uma vela...

– Você vai ver como ele é milagroso.

– E por que não acende logo a Deus?

– Onde já se viu acender vela a Deus, homem? Primeiro ao Santo.

João aceitou a burocracia divina.

– Olha, Isabel, faz tua promessa. Eu compro a vela com o primeiro dinheiro que o facão novo ganhar.

XX

A doença de Rose foi agravando-se aos olhos de dona Helena. Levou dias indo ao consultório médico. Fazia questão de pagar novas consultas e o esculápio insistia que levasse a criança, ou então a visita pessoal, para melhor fazer o diagnóstico. Após algum tempo, doutor José ficou sabendo quem era a doente por intermédio da própria dona Margarida, vizinha da suposta mãe. Achou o quadro curioso. Tratava-se de uma doente para psiquiatra. Ramo delicado, dependendo de muito tato e assistência. Certa feita, até fizera um estudo sobre o assunto,

A: uma doente para psicoterapia;
A: muito tato e penetração.
A: estudo sobre o assunto.
[*c.p.*]

e, eis que surge um caso concreto: uma paciente em grau avançado, chegando ao delírio. E qual seria, então, o tratamento? Apesar de ser pediatra e entendido em doenças de senhoras, interessava-se por tais assuntos e resolveu aproveitar a oportunidade. Necessitara, antes de mais nada, acompanhar a cliente, sentir todas as suas reações, os seus gestos. E, a pretexto de cuidar da boneca, iria tratar a fazendeira. Quando tivesse todos os sintomas conhecidos procuraria o marido. Claro que a boneca seria um meio, e a boa técnica mandava não contrariar os desejos de dona Helena, alimentando a ideia de que a Rose era uma menina de verdade. Primeiro conseguir a confiança, dar cordas aos caprichos dela, pô-la à vontade.

A: sentir todos os seus gestos.; A: sintomas conhecidos, [*c.v.*]; marido, e então, dir--lhe-ia o ocorrido.; A: alimentando, pois, a idéia; A: Primeiro, [*c.v.*]

Assim agindo, estaria perfeitamente dentro da ética. Ninguém aceitaria que ele fosse tratar a boneca somente pelos bons honorários que a ricaça poderia pagar. Claro que somente por causa da boneca o assunto estaria encerrado. Mas, acima de tudo, havia o dever profissional de não abandonar um caso difícil, que poderia ser fatal no futuro. A boa praxe mandava que estudasse a solução.

A: Assim fazendo estaria; A: Mas acima de tudo estava o dever; A: difícil [*s.v.*]; A boa moral mandava;

Intimamente o médico duvidava dos seus propósitos. Dois pensamentos opostos cresciam dentro dele: um, que mandava deixar a boneca mediante uma desculpa; outro, que, prevendo uma boa renda, desculpava-se com o tratamento da mulher, ficando assim em paz com o bolso e a consciência.

A: dentro dele um [*s.v.*]; A: outro que, [*c.v.*] prevendo

O doutor era presa de tais pensamentos quando apareceu dona Helena:

– Então, minha senhora, a Rose melhorou?

– Nada doutor. No mesmo. Talvez pior.

– Só há um recurso: ver pessoalmente – arriscou o profissional. Nesta altura, dona Helena estava convencida de que Rose era realmente uma criatura de carne e osso. De tanto repetir aquelas manias, já não admitia o contrário e até esquecia a noção do ridículo. Daí a resposta:

B: pessoalmente, [*c.v.*]

A: repetir aquelas manias tresloucadas

– Sim, senhor. Vamos logo. Se não vou perder minha Rose.

– Um momento, minha senhora. Depois do consultório.

– Não fica muito tarde?

– Irei a tempo.

E foi.

Dona Helena esperava-o aflita, esfregando as mãos, dramática, os cabelos em voo, arrastando os esses, como se representasse uma comédia na roça.

A: arrastando os ss

– O médico, demonstrando preocupação, deu boa tarde, pediu licença e foi entrando.

– Onde está a doente?

– Lá em cima, doutor.

As empregadas espichavam os olhos meio assustadas, mas compreenderam do que se tratava. Foram para dentro.

Rápido, o profissional abriu a pasta. Cuidadosamente, auscultou toda a doente. Virou-a de bruços, colocou o ouvido às costas, tomou o pulso, olhando os ponteiros do relógio de ouro, franziu a testa, mordeu o canto da boca e, por fim, diagnosticou:

A: boca e, por fim [*s.v.*]

– Pneumonia.

Dona Helena suspirou.

– Ah! doutor, não me fale.

– Precisa de muito repouso.

XXI

Depois do almoço, Isabel ficou em casa com os meninos. Aprígio, criança opada, esverdeada mesmo, modorrava no oitão, deitado na terra que os aguaceiros da noite tinham umedecido. O pinto espichava o pescoço e tossia como se tivesse engasgado. O gogo sufocava-o. Bordada, depois de chamá-lo inutilmente, cantarolava, enfeitando-se para pôr. Já pressentia o desaparecimento do último buguelo.

A: Depois do almoço [*s.v.*]; com os meninos, [*c.v.*]; amarela feito mangueira, esverdeada mesmo,; A: §↓

Sereia dava aula de anatomia óssea, bamboleando os quartos chochos, como se o vento a empurrasse. Comia porcaria nas coiraneiras.

Quando Aprígio acordou, tinha a boca em fel. Os olhos pesados. O corpo todo mole, espetado nas dores cansadas. Levantou-se, estirou os braços e ficou com preguiça de andar, olhando qualquer coisa que não via. Antes de sair do lugar, botou as mãos para trás, empinou a barriga que combinava bem com o corpo inchado e ficou parecendo um coronelzinho. Os olhos quase se fechavam. Perdera a noite com as goteiras e ainda tremia de frio.

– Aprígio, cadê esse menino?

– Oi, mãe.

– Está comendo terra, cachorro. Você morre. Terra mata.

– Não mãe... não...

– O que está fazendo aí no oitão?

– Estou aqui...

– Aqui nada, deixa vê essa boca...

Aprígio começou a chorar. Sempre que Isabel olhava sua língua estava suja de terra. Era surra na certa.

– Deixa vê...

– Oh! mãe, não me bate, não...

– Está comendo terra, não é?

– Não como mais, não como mais...

– Vem cá menino. Se eu for buscar é pior.

O menino quis até fugir, mas os pés tinham uma tonelada de chumbo. O corpo queria repouso. Não havia ânimo para nada. Como que o organismo já estava morrendo lentamente.

Com a relutância de Aprígio, Isabel veio e levou-o pela orelha.

– Abre a boca.

– Oh!...

– Abre... traz aí a sola que ele abre.

– Eu abro, mãe, eu abro, espera aí.

– Abre logo, vamos.

– Abro... e o coitado prosseguia em gritos, sufocados, implorando.

Isabel largou-o. Não adiantava bater. Todos apanhavam e ficavam no mesmo. Terminavam morrendo. Comiam terra desde pequeninos. Iam aniquilando, amarelando, a barriga inchada até

que desapareciam. Bater não resolvia. Depois teria remorso. Não se lembrava de Paulo? Menino já grande, servindo, deu para ficar mole, triste, banzeiro, como se estivesse de olhado. Não adiantaram as rezas. Apanhava de fazer dó. Certo dia fora para a água de sal, botara sangue até pela boca e pelas ventas. Rogava, ajoelhava, pedia por São Roque...

– Oh!... mãe.

Mas Isabel queria que Paulo não comesse terra. E surrou até cansar. Pouco demorou com vida. A inchação cresceu, ficou mesmo que uma pipa, papudo.

Aprígio saiu com a mão no rosto, soluçando. Não podia resistir à terra. Queria comê-la. Sempre era assim. Demorava duas ou três horas naquela pasmaceira. Em seguida, olhava de soslaio para um lado, para outro e zás o torrãozinho na boca. Corria, então, como se tivesse cometido um crime, para um lugar escondido, uma moita fechada. E saboreava a terra, calmamente, salivando cada parte, devagarzinho, satisfazendo-se. Limpava bem a língua e, assustado, procurava o casebre, quando não adormecia à sombra das árvores, amolecido, cansado do trabalho, da doença. Às vezes, no esconderijo, estava Isabel, sola à mão, pronta para apanhar o delinquente. Ele vinha, como um bicho do mato, escutando qualquer ruído, olhos atentos e estirava a mão, feito um rato que surrupiasse um caroço de milho. Só estremecia quando uma voz irritada:

– Estou vendo, moleque! Vem cá, cachorro!

A: Estou vendo [*s.v.*]

Aprígio, apanhado em flagrante, ficava estatelado, antes da sola cair impiedosa. Mas a taca não servia de remédio. Novamente, o torrãozinho iria ser furtado, comido e saboreado.

moleque! vem cá cachorro. [*c.p.*]

A terra apressada levaria todos os meninos para que as raízes gulosas salivassem com os aguaceiros das noites escuras. A terra não tinha paciência.

Por isso João comentava:

– Quando meu pai tinha um pedaço de terra, tomaram à força. Agora, a sina triste dá terra, mas pra menino comer, ficar opado, fazendo assombração.

A: terra, tomaram à pulso

E Sarará completava:

– Da terra, pobre só tem direito de trabalhar para os outros.

Se trabalha, labuta até morrer. Se come, morre também. Deus só fez terra para os ricos.

Isabel estava certa. Não adiantava bater. Fosse o que Deus quisesse.

– O Altíssimo não queria assim, assim fosse.

A mãe sabia que daí a pouco o filho iria comer terra, encher a boca de torrão até ficar satisfeito. Mas o melhor era deixar assim mesmo. Não havia jeito. Era vício. Tinha quem dissesse que a escola consertaria. Mas onde há escola? Se pelo menos aparecesse uma professora para descascar os meninos no bolo talvez melhorassem. Contra a sina, tudo era debalde, julgava a agregada.

A: Mas onde a escola?

XXII

À noite daquele mesmo dia, o médico voltou. Decididamente estava interessado em fazer o tratamento de dona Helena. Enquanto tomava o pulso da boneca, olhava as reações que se passavam no rosto da fazendeira, bem como o significado de suas palavras, entrecortadas de sentimento. Durante toda aquela madrugada esteve atento aos cuidados dela, aos desvelos de mãe carinhosa. Ao amanhecer, com os olhos de sono, continuava sentado à cabeceira da cama: termômetro em punho, estetoscópio em medalha ao pescoço, mão no queixo. Debruçado sobre o cotovelo que se apoiava na perna, reproduzia o quadro clássico do médico preocupado em atender e curar a criança semi-adormecida.

À noite daquele mesmo dia [*s.v.*]

A: passavam no rosto dela,

A: esteve atento aos cuidados da fazendeira, aos desvelos de mãe carinhosa.

– O senhor vê, doutor, perdemos a noite inteira.

– Parece que a febre cedeu. Passarei agora um expectorante.

A mulher mostrava-se aflita, os dentes arqueados como tábuas de barrica, os cabelos em desalinho e as pálpebras inchadas, escondendo os olhos.

– A senhora está sentindo alguma coisa, madame?

A: alguma coisa, madame. [*c.p.*]

– Um pouco de cansaço.

– Dor de cabeça, vexame?

– Não, senhor.

A: – Não [*s.v.*]

– Desde quando a senhora possui Rose? (Tivera vontade de perguntar quando nascera a Rose).

A: (tivera até vontade de perguntar quando nascera a Rose,

– Essa menina, doutor, tem dois anos.

– A senhora teve filhos?

A mulher abriu muito os olhos, como se fugissem um pouco dali e, afinal, voltou:

– A Rose é filha única. E soltou um meio riso de quem não estava muito segura do que dizia.

– Seu marido está viajando?

– Recebeu um chamado do Rio e lá se foi. Certamente está comprando algum brilhante.

– Comprar brilhante?

– Sim, senhor. É um grande colecionador de pedras.

– Se não me engano, ele foi meu contemporâneo no colégio.

– Ele estudou no Colégio de Padre.

– Nos Maristas?

– Parece que sim.

– É isso mesmo. Fomos colegas.

Antes que tivesse claro, o médico despediu-se de dona Helena, passou uma receita muito complicada, fez recomendações severas e saiu pela porta do fundo.

Ao chegar em casa, disse que a doente estava melhor e queria dormir, perdera toda a noite. A esposa perguntou de quem doente era filha. O médico preferiu falar em pneumonia e complicações. Não iria explicar altas questões de psiquiatria. Ademais, tendo na história uma mulher, cujo marido estava ausente, o melhor seria o silêncio.

mas temeu o ridículo.)

A: afinal [*s.v.*]

A: Ao chegar à casa [s.v.];

A: médico preferiu falar somente em

Doutor José recolheu-se ao quarto, mas não pôde dormir. O raciocínio que justificava o tratamento da mulher estava fraco, vencido pelo outro que lembrava a imoralidade que cometia. Não era o mesmo que fazer aborto, fato já consagrado hoje em dia, tendo hospitais e casas especializadas na matéria. Mas, ao mesmo tempo que assim pensava, não reunia forças que dessem para abandonar o caso. Precisava ganhar dinheiro. Na realidade, trabalhava, perdera a noite examinando a boneca e estudando a neurose da fazendeira. Não seria bom se descobrisse um processo para tratar dela, afastá-la daquela mania idiota e ridícula? Sim, mas também do que adiantaria? Ela tinha uma vida vazia e aquilo servia de passatempo. Era bem melhor do que frequentar casa de jogo, beber ou praticar coisas piores. Mas tudo seria possível. Aquela boneca, portanto, tinha sua utilidade.

A: Mas [*s.v.*] ao mesmo tempo

No fundo da alma, no entanto, o médico sentia qualquer manifestação que procurava esconder-se medrosa de vir à tona, mas que estava viva e comandava todos os seus atos. Lá no recesso, jazia o raciocínio que o aconselhava a não perder a cliente, fosse para tratar do celuloide ou da mulher. Perder uma cliente daquela seria suprema burrice. O importante era prestar serviço, examinar, passar receitas, perder noites a fio. Como todo indivíduo, o médico procurava justificativa para o erro que cometia.

A: No fundo da alma [*s.v.*]

Nos dias seguintes, dona Helena foi diariamente ao consultório dar notícias da filha. Vez por

A: Nos dias seguintes [*s.v.*]

outra o médico vinha à sua casa e chegou a perder mais duas noites.

A doente piorava, tivera complicações gravíssimas para, afinal, ceder ao tratamento enérgico e eficaz. Por fim, veio a convalescença.

Quem reparasse naquele jardim pintado de flores e canteiros, veria uma mãe desvelada empurrando um carrinho para lá e para cá, feições despreocupadas, alegre com o restabelecimento da filha.

A: feições preocupadas, mas tendo a se alegrar com restabelecimento da filha.

O médico relutou em apresentar a conta. Prestara serviço e fizera tudo para descobrir a possibilidade de tratar a mulher. E não podia perder horas de sono, aquelas madrugadas enormes que viajavam montadas nas horas lerdas. Veio a conta polpuda; dona Helena pagou, agradeceu e disse palavras de elogio:

A: conta polpuda, [*c.v.*]

– O senhor salvou a vida de minha filha. Abaixo de Deus... não fosse o senhor...

O importante é que Rose Marie era uma menina de verdade, julgava dona Helena. E prova estava ali na conta médica.

O pediatra meteu os cobres no bolso, apanhou o chapéu, a pasta e saiu meio encabulado. Ria-se e envergonhava-se ao mesmo tempo. Levava na carteira o produto do seu esforço.

Quando o doutor Jorge voltou da viagem, nada soube. O gasto ficou no rol dos gerais e pouco fazia falta aos dinheiros que engordavam, preguiçosos, nos bancos. Além de tudo, dona Helena possuía sua economia particular, guardada para aqueles momentos de extrema necessidade...

XXIII

Ao deixar o menino, Isabel lembrou-se do filho morto. Soltou mais um grão de lágrima e foi apanhar o cacumbu.

– Fiquem quietos, vou plantar uns trens...

Ao lado da choupana, existiam, no terreiro mesmo, uns cinco metros quadrados de terra que os cacaueiros não conseguiam cobrir. Ali, Isabel fez um cercado e plantou verduras: jiló, alfavaca grossa, coentro, couve e quiabos. Gostaria de fazer uma roça grande, com aipim, fruta-pão, bananeiras, laranja-cravo, mas o gerente cortou a vontade:

A: Ao lado da choupana [*s.v.*]

– Não senhora. Aqui ninguém faz roça a não ser para a fazenda. Proibição de cima. E o doutor Jorge bem que tem suas razões. Vocês plantam dez pés de mandioca, uma bananeira e quando querem sair pedem o preço de uma usina. Não senhora! Já estamos cansados de pagar espojeiro por uma fortuna. O ano passado mesmo pagamos quatro mil cruzeiros por uma roça. Um absurdo! Não valia nem dois. Vinte ou trinta pés de cacau em cima da terra. Aqui ninguém faz roça. É ordem.

B: tem sua razões.

A: Não senhora. [*c.p.*]; A: pagamos uma roça de cacau nova por quatro mil cruzeiros.

A mulher lembrou-se que a roça de quatro mil cruzeiros produziu só no primeiro corte, nove caixas, o que representava mais de onze arrobas. Só naquela primeira colheita pagou o preço. E quem plantou foi posto fora da fazenda porque era exigente, queria pelo seu trabalho o que não valia!

A: cruzeiros tinha produzido, só; A: naquela primeira colheita havia pago o preço da aquisição.

Isabel teve que se contentar com os metros do oitão, dentro daquele cercadinho de nada. Assim

mesmo ninguém via, e os cacaueiros ainda não tinham vindo com seus galhos usurários de espaço.

A: ninguém via [*s.v.*]

– Tanta terra que a fazenda tem, hein João, comentava às vezes. Mais de mil hectares. Terra que nem ladrão acaba. Um mundo. E não dão nem uma nesga de terra para plantar umas brugunças. Tanta terra boa, tanta capoeira perdida.

A: a fazenda tem [*s.v.*]

Mesmo assim, ali estavam as folhas para as sextas-feiras magras. Serviam para temperar rato bandola.

Isabel limpava os matos com as próprias mãos. Enfiava os dedos na terra fofa e arrancava o que não era de comer. A hortazinha vivia escovada. Ah! se fosse maior. Então olhava além, e via as terras vastas, subindo e descendo lombadas. Ah! se pelo menos tivesse uma tarefa daquelas duas mil. Plantar milho, feijão nas trovoadas, arroz na lua nova de dezembro. Mandioca no crescente. Uns pés de café para beber. Até, quem sabe, uns cacaueiros. Sim, cacau. Uma tarefa ali dava para uma família viver, comprar tudo, andar vestido, comer todos os dias e não ter medo. Mas cacau dava azar. Não se recordava daquele contrato que fizera depois que veio para a companhia de João? Derrubaram a mata, ficaram morando numa palhoça pior do que aquela, comiam caça e folhas. Labutavam todos os dias. Não havia domingo nem dia santo. Nada. Nem sabiam os dias. Até com a lua trabalhavam. O cacau nasceu bonito, roxo, as folhas cresceram logo. O milho abriu-se em espigas, a mandioca ficou aquela grandeza. Criava galinha e até uma patinha. Chegou a ter um capado: o Brinquedo.

A: Até, que sabe [*s.v.*]

A: depois que viera

O porco gostava que se lhe coçasse a barriga e quando via os donos procurava deitar-se preguiçosamente, esperando o agrado. Ainda lembrava que fora aquele cacaueiro, junto à pedra grande, que botara a primeira flor, com pouco mais de dois anos. Terrenão! À noite se comentou a flor do cacaueiro. Fizeram-se planos. "Para o ano, na outra safra, vamos melhorar de vida".

Construir uma estufinha ali ao lado. E aí teremos roupa, remédios e carne fresca todos os sábados. Um cavalo ou um jegue para levar carga. Uma espingarda boa. João chegou a sonhar: uma flor enorme, carregada de frutos maduros, vermelhos, frutos cheios de dinheiro, de carne de boi. Nunca mais passaria fome. Mas o sonho foi desaparecendo, a flor alva e bonita ficou preta, suja de lama e desapareceu. Parece que João tinha adivinhado no sonho. Logo o fazendeiro apareceu, correu a roça com interesse, cresceu os olhos e começou a maltratar. Deu para cobrar o dinheiro fornecido. Era preciso receber, estava com muito capital esparramado. João não podia trabalhar a dia porque a roça ficava perdida. E se trabalhasse na roça somente, não pagava a dívida feita com o facão, o machado, duas enxadas que comprara, além de outras pequenas coisas. O fazendeiro foi apertando. Toda semana vinha ver a roça. Os cacaueiros foram crescendo, abrindo os braços amigos como se procurassem abraçar alguém. Aquela alegria de plantar, acordar de madrugada, trabalhar com a lua até cair de exausto, desapareceu. Houve até um dia em que João caiu na roça mais morto que vivo. Ali mesmo

A: Fazer uma estufinha ali do lado de cima.

A: Nunca mais teria necessidade de passar fome.

A: Houve um dia em que João caira

adormeceu e passou a noite. Tudo era alegria. Veio, então, o desânimo. Não via que a roça não era dele? Que as plantações pertencem ao dono da terra? E que a terra perseguia a todos: matava e comia os meninos? Quando os cacaueiros, roxos de seiva, brilhantes e sadios deram carga, João teve que entregar tudo. Acertou as contas: tirou duzentos cruzeiros de saldo e deixou o trabalho de cinco anos, dois filhos enterrados, como bichos, dando comida aos cacaueiros. As lágrimas de quando perdiam os meninos também ficaram. Isabel saiu esfarrapada, com os braços cansados, envelhecida ligeiro. Tudo havia ficado. Aquela alegria de plantar, ver crescer e colher os primeiros frutos, ficara também. A terra era boa porque estava adubada com lágrimas e tristezas. Restava, agora, a lembrança de que a roça produzia duzentas arrobas de cacau. Folha batida, dando oitenta mil cruzeiros por ano. E o fazendeiro certamente depositava aquele dinheiro no banco.

A: cacau – Estaria de folha batida, dando oitenta mil cruzeiros por ano.; A: no banco para engordar.

Não. Cacau, Isabel não queria. Dava sofrimento.

Até o sangue da gente o pesteado leva. Comia os filhos da gente.

Gostaria de plantar trem para distribuir com os de casa. Cacau, não.

A: Cacau, não.
A: §↑

XXIV

Doutor Jorge de há muito compreendera a esposa. Era meio gira e mais nada. Acomodava-se a ela como a um calo no pé. Fazia de conta que não existia. Bom dia ou boa tarde. Até logo. Arrume

as malas. E pronto. De há muito, também, vivia ao lado de sua Elisabete, loirinha, saltitante, fresquinha. Toda às avessas daquela leitoa sebosa, dentuça e maniática. Elisabete possuía uma casa funcional, de traços ligeiros e encantadores, toda cercada de sedução que vinha do mar. Com ela vivia e ficava dias ausentes de dona Helena. Às vezes, imaginava a esposa morta, o enterro, a pressa em deixá-la no cemitério e o alívio da volta. Mas a bicha era uma pedra. A não ser a doidice, possuía saúde de ferro.

A: com ela vivia, [*c.v.*];
A: Às vezes [*s.v.*] imaginava;
A: a não ser a doidice [*s.v.*]

Só raramente frequentava com dona Helena a alta sociedade, todo vergonha e enfadado. Gostava de ir aos clubes alegres com a amante, toda juventude, orgulhando-se do bisqui loiríssimo, oco, que lhe satisfazia os instintos.

A: Se raramente;
A: enfatado, [*c.v.*] gostava de ira aos clubes com a amante

Quando dona Helena, vez por outra, referia-se à ausência prolongada, doutor Jorge desculpava-se polidamente, alegando coisas vãs que a esposa engolia indiferente. Até achava natural aquela vida bígama. Se não tinha o seu amante, a culpa era sua, daqueles dentes de cutia. Daquela pança cevada e até daqueles fios de bigode. Jorginho estava certo.

A: desculpava-se palidamente

Que ele procurasse distrair-se com quem entendesse.

A: §↑;

Ela cuidava meigamente da Rose Marie. Sua vida estava na filha.

A: §↑; estava na boneca.

Doutor Jorge brincava com sua amante, colecionava seus brilhantes e pouco se incomodava com as maluquices da esposa.

A: Doutor Jorge, [*c.v.*]; então brincava com Elizabete, colecionava

XXV

O resto da semana correu sem novidade. Os dias amanheciam, o búzio tocava e os trabalhadores seguiam em passadas longas para o serviço.

A: novdade. Os dias amanheciam, búzio tocava

Aprígio é que estava cada vez pior. Na sexta-feira, saíra do oitão da casa, como se fizesse muito esforço, olhou a mãe com os olhos culpados e chorou.

A: Na sexta feira [*s.v.*]

– Oh! mãe, não é culpa minha, não.

Isabel teve pena do filho. Certamente tinha comido terra. Dentro dos seus olhos estava a morte. Mansa como um cordeirinho. A mãe abraçou o filho, envolvendo-o. Faria tudo para que ele não ficasse como o que morreu. Também Aprígio já era maior, estava na casa dos doze anos. Idade, propriamente, não sabia. Nem o dia do nascimento. Mas já devia ter mais de onze anos. Nasceu depois de Adão e antes de Hilda. E como fazer para salvar o filho? Poderia ir à farmácia o quanto antes, comprar remédio. O pior é que não tinha dinheiro. O menino estava que não podia dar duas passadas: cansava logo. E não tinha roupa. Até aquela camisa de bulgariana andava em mulambos. Só se ele não fosse. Diria ao doutor da farmácia o que ele sentia. E se fosse ao médico do posto? Outro dia ouviu falar que na cidade havia um posto, que só atendia gente pobre e daria remédio de graça.

A: filho [*s.v.*]; A: Poderia ir à farmácia o quanto antes e comprar o remédio.; A: §↓; E o menino

A: farmácia que sentia.;

A: Cidade havia um posto [*s.v*]; e dá remédio

Tudo do governo.

A: §↑

Assim é que Aprígio vestiu a camisinha de bulgariana, toda remendada, e acompanhou o pai no dia de sábado. João saiu bem cedo, ainda turvo.

A: camisinha bulgariana

Não queria que os demais agregados arreliassem do seu filho. Podiam até dizer que era falta de comida. Que era ruindade dele. Já chamavam o que morreu de assombração e aquele andava no mesmo caminho.

[*s.v.*] toda remendada [*s.v.*]

Quando o pai chegou ao Posto eram dez horas e havia muita gente. Na sala de espera, encontrou um homem com os pés secos como de cadáver que não apodreceu, dedos finos, grelhados pela doença, cor de chocolate. Fedia horrivelmente e ele mesmo dizia que tinha sido mordido de cobra, que depois deu gangrena.

A: de cobra [*s.v.*] que depois deu grangrena [*sic*].

João encostou-se a um canto. Tirou o chapéu da cabeça, segurou bem a mão do filho como se ele fosse fugir e esperou confiante. O enfermeiro, um homem roliço, estúpido, pés metidos num tamanco cheio de lama grudada, deixando ver a barriga cabeluda e negra, aproximou-se:

A: João se encostou

A: pés metido [*sic*] num tamanco

– Seu nome?

– João Crispim dos Santos.

– Idade?

– Aí pelos quarenta ou cinquenta.

– Quarenta ou cinquenta?

– Quarenta e cinco.

– Onde mora?

– Fazenda Fartura.

O enfermeiro, que exalava cachaça curtida desde a véspera, exclamou:

– Fazenda Fartura... do doutor Jorge?

– Sim senhor.

– Cacau é mato...

– É, sim senhor....

– E esse menino?

– Ele é que vai ao doutor.

– E por que não disse logo?

A: – E por que não disse logo. [*c.p.*]

– Eu não sabia.

– Tá certo. Fica na sua ficha mesmo. É seu filho. Que tem ele?

– Deu pra comer terra, está inchado.

– Que!... comer terra... é vício. Chega a taca nesse moleque que ele deixa.

A: Chega a taca que ele deixa.

– Já cansamos de bater. É mesmo que nada.

A: Já cansado de bater é mesmo que nada.

– Bate mais...

– Tão dizendo que é lombriga. Bicha grande e que o doutor dá jeito.

Quando o funcionário foi se afastando, João inquiriu:

– Que hora o doutor Jorge chega?

A: – Que hora o doutor chega?

– Ah! não sei. Tem oito dias que ele não vem. Foi caçar perdiz do lado de lá do rio.

– Será que vem hoje?

– Até agora não chegou. E não sei se vem.

– Ah!... Ah!... gemeu o agregado.

Um doente que estava a um canto lamentou:

– Oh! meu Deus, há dez dias espero. A primeira vez o doutor disse que estava muito ocupado. A segunda, tinha pressa. Depois nunca mais apareceu. E já não aguento mais de dor.

A: – Oh! Deus [*s.v.*];

A: A segunda [*s.v.*]

Parecia que o homem da gangrena estava conformado. Tinha metade da perna morta e tudo seria lucro dali por diante:

A: o homem da grangrena;
A: metade das pernas

– É isso mesmo. Doutor foi feito pra se distrair. Se não fosse a inhaca que sinto, já tinha desistido de vir aqui. Mas... de noite não posso dormir... Estou parecendo uma carniça. Só falto vomitar os bofes.

A: foi feito pra distrair

– Também, vocês querem que o doutor seja empregado de vocês, defendeu o enfermeiro arrastando os tamancos, batendo a porta do consultório.

A: – Também [*s.v.*]

Chegou meio-dia e o médico não veio. João deixou o filho esperando e:

– Fique sossegado. Não saia daí.

Aprígio teve receio de ficar só. Conformou-se, afinal. E, como se escorregasse pela parede onde se encontrava, foi descendo até que sentou. Também ele estava enjoado com o fécio que saía do homem da gangrena.

A: Conformou-se [*s.v.*] afinal.
A: feco que saia do homem da grangrena.

João foi à feira, comprou os trens, deu meia-volta, despejou uma cachacinha na garganta, que mais parecia areia estorricada, desembolou a língua, cuspiu economizando a pinga, e voltou ao Posto.

Alguns doentes já tinham saído. O da gangrena fora apanhado por duas pessoas e posto sobre um cavalo pampa, que estava encangalhado à porta.

A: O da grangrena [*s.v.*];
A: um cavalo pampa [*s.v.*]

Aprígio cochilava com os olhos semiabertos.

– Cadê o doutor, já veio?

– Que doutor, senhor. Já é mais de meio-dia.

A: – Que doutor [*s.v.*]

De tarde não tem expediente. É semana inglesa. Precisamos descansar. Eu e o doutor.

– Ele já chegou?

– Já, mas mandou dizer que não vem hoje, está muito estropiado. Certamente andou muito. Só segunda-feira...

– Mas eu moro longe. Não posso vir aqui segunda. Estou trabalhando e não posso perder dia.

– Azar o seu.

– Sendo assim...

João apanhou os bornais que deixara no chão; pegou a mão de Aprígio e saiu.

– Quando acaba, sua mãe quer trazer a doutor.

Doutor... Doutor... Doutor é dinheiro, nós não temos. Fica assim mesmo até Deus mandar o bom tempo.

O menino até gostou de não ser atendido. Teria medo do médico. Do homem que cortava gente, rasgava tumor e dava remédios amargos para beber.

A: §↑

XXVI

Dona Helena imaginava agora o aniversário de Rose. Mandaria chamar o decorador. Mudaria as cortinas, mobílias e lugares dos móveis. Certamente ele daria a nota de tudo que precisasse. O automóvel ficaria abaixo e acima dando e recebendo encomendas. Pediria os doces e frios na pastelaria.

A: Mudaria as cortinas, mobílias, [*c.v.*]

A: §↑

Traria a madame Glória para arrumar a mesa do aniversário. Esta seria linda! Um parque de diversões como certa feita vira no aniversário da filha do senhor Epaminondas. Barraquinhas cobertas de sapé, distribuídas em um gramado verde. No lado oposto, os barquinhos e aviõezinhos, cercando a roda gigante. Ligando as duas partes, colocaria uma ponte sob a qual adormecia um lago feito espelho, povoado de patos. Na grama ainda haveria vaquinhas e carneirinhos. No centro, o bolo do aniversário: um lindo castelo feudal. Lindo! Lindo como os amores, repetiu a fazendeira, balançando a cabeça, sentindo um estremecimento, como que nervosa. Um bolo enorme: com um metro de altura. Um metro, não, fica exagerado. Oitenta centímetros. Marcou com a mão, para certificar-se realmente de tamanho. Bem no centro, todo alvo, seis torres. Seis ou sete? Como ficasse melhor, mas sete era o número da sorte. Mentalmente dona Helena construiu o castelo, as torres pontiagudas, os telhados, em bico, as portas pesadas, o fosso, a ponte levadiça e o despenhadeiro profundo, a fim de dar vida. Embaixo, bolo, o prado verde, pontilhado de macieiras e parreiras e tudo que fosse bonito. Ao longe, um regato cercado de flores silvestres. No horizonte, um sol de ocaso, deixando raios dourados. Mas neste caso carecia de uma mesa muito grande. Poderia eliminar o parque de diversões. Só o castelo. Altaneiro, alvo em glacês flocosos. Contanto que fosse bonito. Dona Helena teve outro estremecimento, como que voltando à realidade. Mas castelo não combina bem com

A: seria linda. [*c.p.*]; cobertas de sapé [*s.v.*]; os barquinhos e aviõezinhos [*s.v.*]

A: um lago feito espelho e [*s.v.*];

A: repetiu a fazendeira [*s.v.*] balançou a cabeça, sentindo; A: Um metro, não, ficaria exagerado. Oitenta centímetros e marcou com a mão [*s.v.*] para

A: despenhadeiro profundo a fim de dar vida ao bolo. Em baixo, o prado verde;

A: horizonte, um sol moribundo,

A: combinaria bem com a

festa de criança. Melhor ficaria se fosse o parque de diversões. Tal motivo já estava batido. Vira na casa do senhor Epaminondas. Queria um assunto novo, original. Bem que poderia consultar as doceiras, pedir-lhes opiniões. Daria preferência a um assunto moderno, que chamasse atenção. Poderia ser uma mesa funcional, decorada à moderna, contanto que não tivesse maluquices, curvas torcidas, por exemplo. Poderia armar um pombal no centro, árvores em volta, revoada de pássaros pousando nos galhos. Ficaria bonito, sim, mas pobre. Pombal não dava certo. Uma praia: o coqueiral, a areia como a de Piatã, o mar azul e as velas alvas. Alegre, própria para aniversário de uma criança. Dona Helena entusiasmou-se, sentiu outro estremecimento e soltou um risozinho de satisfação. A solução estaria na praia. Mas ainda ia pensar. Gostaria que houvesse riqueza no ambiente, flores, originalidade. Encomendaria às melhores pastelarias. Convidaria muitas crianças. A Rose iria ficar muito satisfeita. Faria um vestido novo, enfeitado de florzinhas azuis. Seria uma festa e tanto. Mataria perus. Pois não. Onde já se viu festa sem perus?...

Compraria lembranças para distribuir aos convidados. Lembranças de valor, já se vê. E não aquelas bobagens que a filha do senhor Epaminondas ofereceu. Se o motivo fosse a praia, daria barquinhos.

Mas como? Puros? Cheio de bombons, biscoitos? Nada disso. Vulgaridade. Uma lembrança valiosa. Carta feita os jornais noticiariam que em determinado casamento de arquimilionários foram

festa da criança.;
A: Mas tal motivo

A: Ficaria alegre, próprio

A: §↑; Compraria lembrança para;
A: Se o motivo fosse a praia [*s.v.*]

distribuídos brilhantes. Que maravilha! Um brilhante a cada convidado! Assim faria o aniversário da Rose. Poderia também mandar fazer barquinhos de cristal, de puro cristal, do melhor. E então seria originalíssimo. Ou pequenos jarros de cristal. Contanto que não fosse aquela bobagem do senhor Epaminondas.

A: §↑

E os convites? Deveriam ser impressos. Grandes ou pequenos? Os grandes ficariam mais elegantes. Em papel de linho puro, abertos em letras douradas. Coisa fina. Convite para cem cruzeiros cada, ou mais. Iriam ver o que é dar festa chique. Que riqueza de ambiente! Quantas flores! E o vestido da Rose? Nem sabia mesmo de que faria. Seria bordado a ouro. E os sapatinhos? Encomendaria em Paris.

Gostaria também de oferecer um almoço. Dezenas de talheres. Caviar. Sim, por que não? Encomendaria caviar. E faisão dourado? Também. O pior é que o almoço não ficaria bem para o aniversário da Rose. Só se fizesse coincidir com outra data festiva. O Natal, por exemplo. Mas no Natal seria o batizado. Aí é que poderia fazer uma festa completa.

Missa. Encomendaria missa. Ou duas missas? Três missas: na Catedral, no São Francisco e em São Bento. Missa era tão barata! Agora, queria missa especial, só da Rose.

Dona Helena perdia-se nos devaneios. Estava à janela, olhos voltados para as mangueiras. De quando em quando tinha um daqueles estremecimentos de alegria e impaciência, como

que acordando, para, em seguida, voltar ao sonho. Quem observasse de fora, a notaria etérea, fora do mundo, envolvida na tênue atmosfera dos santos. Suspirava, voltava a si e desaparecia em lucubrações.

Chamou Donata, pediu o catálogo do telefone.

Já com o livro na mão, procurou todos os fones de pastelarias e doceiras afamadas. Ao terminar, pediu o jornal. Não havia. Mandou comprar os que encontrasse. Minutos depois estava com as gazetas sobre a mesa da copa, investigando anúncios. Queria uma festa granfa, rica. Festa que a alta sociedade comentasse, que houvesse sereno. Mas sereno não podia haver, logicou a fazendeira. E não podia, porque tudo seria à tarde. Onde já se viu festa de criança à noite?

A: §↑

Bem, mas gostaria que muita gente, mesmo sem ser convidada, ficasse de fora, olhando, bisbilhotando, às grades.

Rose Marie, deitada no berço, continuava insensível aos projetos maternos. Só deu sinal de vida ao dizer o fanhoso mamã quando dona Helena a apanhou.

– Farei uma festa bonita, minha filha. Você vai gostar, vai? Diga... vai? Vamos começar os preparativos hoje mesmo.

A fazendeira tomou a resolução de iniciar as arrumações no dia seguinte. Queria, antes, pagar a promessa que fizera ao Senhor do Bonfim. Se bem que uma coisa não impedia a outra. Neste caso, resolveu ela, começarei a preparar a festa do aniversário amanhã mesmo.

XXVII

Ao chegar a casa, tardinha, Isabel esperava confiante e alegre. Certamente, com a receita, o menino viria bom, médico é assim: basta bulir na gente para curar. Quando a mulher soube do ocorrido ficou sem graça. Quis culpar o marido, mas terminou conformada:

– Se esse troço não comesse terra, nem precisava doutor, dessa trabalheira toda... Mas um dia eu ensino a ele.

Arrependeu-se das palavras pesadas que dissera ao filho. Ela, outro dia, também comera torrão. Queria saber o gosto, mas, por dentro, era vontade de engolir a terra. E gostou. Comeu duas vezes. Ninguém sabia.

Meio encabulada, como se João descobrisse nos seus olhos o fato, tomou o bornal da feira e foi para a cozinha.

– Só estou devendo vinte cruzeiros do funeral, Isabel!... Agora vou fazer economia. Daqui a oito semanas, estou de facão novo, comentou o agregado.

– Pai, ó pai, disse Zilda, o pinto de Bordada morreu.

– Foi?... cadê?

Hilda saiu e foi mostrar ao pai onde morrera o buguelo. No oitão da casa, onde Aprígio dormia, ele estava teso.

Algumas formiguinhas pretas já andavam procurando o que comer. João empurrou o bicho

A: Ao chegar à casa,

A: bom. Médico é assim.

A: ocorrido, [*c.v.*]

com o dedo grande do pé, apanhou-o pela unha e atiçou aos cacaueiros.

Sereia veio bamba, com um resto de alegria no rabo, olhou súplice o dono, disse alguma coisa. João bateu o dedo, distraído, e:

– Essa cachorra tem é rabugem. Hoje espremo a rabugem dela.

– Isabel, da cozinha, explicou:

É fome. Nem jaca a bicha acha para comer. Anda comendo porcaria dos meninos, essa imunda.

Bordada cantarolava, pouco sentida com a morte dos buguelos. Veio chegando para a cozinha. Encostou-se a um canto, catou mundiça das penas e deitou-se.

– Essa galinha só matando, sentenciou João.

– Por quê? perguntou Isabel.

– Não cria pinto.

– Ora, não cria... Você se esqueceu da ninhada, quando criou oito: três frangos e cinco frangas? Com o dinheiro dos frangos eu comprei o vestido novo e a dorme-bem...

– Mas agora, nem um.

– Está passando mal. Não acha o que comer.

Nem um caroço de milho. Farinha, não tem quem dê. Da outra vez era tempo de jaca e ela ficou pesada, gorda, criou tudo. Agora está uma pena de leve.

A: §↑

– Não sei como está se enfeitando pra pôr.

Aprígio esgueirou-se pela saída da frente, passou a mão na parede, arrancou um torrãozinho.

Rápido, atiçou-o à boca. Fugiu para o esconderijo de calumbi e deitou-se. Apareceram logo aquelas moscas de traseiras brancas, que se encontravam umas com as outras no ar, e sentavam na pele, fazendo cócega. Pelo menos se ficassem quietas, tudo ia bem. Mas saíam curiosas à procura de comida. Agora mesmo lá estavam duas no pescoço, futucando. Depois, dobraram a orelha, passaram pelo queixo e vieram fazer coisa feia bem na boca. O menino batia a mão e tinha medo dos insetos. Um deles poderia botar morotó no seu ouvido ou no nariz. Afinal, pegou no sono e as bichas tomaram conta de quanto orifício encontraram. De quando em quando, o adormecido mexia os lábios, assoava ou virava o corpo. Elas voavam já prevendo a quietude do sono e, novamente, voltavam gulosas e imorais.

A: Mas saiam curiosas a procura de algo.

A: Depois [*s.v.*]

A: Afinal [*s.v.*] pegou no sono; A: de quando em quando [*s.v.*]; A: quietude do sono e [*s.v.*]; A: novamente [*s.v.*]

XXVIII

Doutor Jorge voltou de viagem e anunciou que iria à fazenda. Precisava olhar as coisas, fiscalizar a safra que ia ao meio. Ademais, alimentava o plano de reformar tudo, principalmente construir casas para os trabalhadores.

A: Ademais [*s.v.*]

– Aquela gente, disse ele como se pensasse alto e não desse importância à mulher, não pode viver naqueles casebres imundos. Precisamos dar-lhes melhores condições para que produzam mais. Se possível, irei distribuir sapatos a todos.

A: Se possível [*s.v.*]

Dona Helena saiu do seu indiferentismo e ponderou:

– Não adianta. Esse povo não agradece nada. Se pudesse roubava tudo... Não viu o caso do estufeiro, o ano passado: roubar uma arroba de cacau. Isso, o que sabemos. E o que se passa por lá que ninguém vê. Quando eu era menina, trabalhadora ia madrugada para a roça, só voltava de noite. Aquilo, sim, é que era trabalho, quando um dia valia dinheiro, mas hoje...

A: ninguém sabe; trabalhadeira; roça [*s.v.*]; Aquilo [*s.v.*] sim [*s.v.*] que era trabalho, quando um dia valia dinheiro. [*c.p.*] Mas

O fazendeiro que não estava para discussões e, intimamente, sabia por que pensava na reforma, calou-se. Experimentava o prazer de mostrar aos amigos a organização da fazenda. Pelo menos, teria que reformar todas as casas do pasto, justamente as mais vistas. Quanto às das roças, poderiam ficar como estavam. As da frente da fazenda é que precisam ser rebocadas, caiadas e tijoladas. Talvez fizesse um pequeno jardim em cada uma.

A: sabia porque estava na reforma, calou.

A: Pelo menos [*s.v.*]; Quanto às das roças [*s.v.*]

Quanto à escola, estudaria o local apropriado para o prédio.

A: Quanto a escola [*s.v.*]

Contrataria uma professora. Nada como alfabetizar!

A: Instalaria uma professora.

– É que o presidente do Instituto do Cacau possivelmente vai por lá ver as condições do terreno e as pragas dos cacaueiros. Não podemos mostrar uma fazenda assim, maltratada. Precisamos impressionar também. Depois estou querendo ver se consigo um bom auxílio para minha estrada de rodagem.

– Eu achava melhor empregar o dinheiro em outras coisas. Se fosse eu botava mais um roçado de cacau ou comprava um apartamento

para aluguel. Do que adianta gastar dinheiro com aquele povo? Nada. Não rende nada. Continua no mesmo ou pior.

Dona Helena estava presa de tal modo à Rose Marie que não podia sustentar uma discussão longa assim. Até o marido surpreendeu-se com aquelas opiniões, concluindo:

A: aquelas opiniões, e concluiu:

– Vou pensar, se o presidente do Instituto resolver não ir, deixo de fazer as obras. Preciso é de estufas, sede e barcaças boas. Isso temos.

A: O que preciso é de estufas e barcaças boas. Isso termos.

A fazendeira já não prestou atenção ao fim da conversa do marido e subiu para o quarto.

O sol da manhã engatinhava pelos tapetes. As trepadeiras em cachos balançavam-se vaidosas como se assim pudessem desprender mais perfumes. Lá embaixo, a cozinheira futucava os alumínios e a vassoura da capoeira corria cantos. O jardineiro assoviava uma bestagem qualquer, regando os fetos que se dependuravam das mangueiras. O chofer, de calção, lavava as faixas brancas do automóvel particular da patroa. Na varanda da frente, o canário-da-alemanha, preso na gaiola de pé, esfalfava-se em trinados nervosos. O mais, era aquele vazio de casa enorme, com pouca gente.

Doutor Jorge ligou o carro e sumiu-se. Naquele dia não voltaria à casa.

A: a tomar sol [*s.v.*]

Rose Marie foi posta a tomar sol, sentada no carrinho.

B: – Fiquei;
A: Se não [*s.v.*] mamãe não quer bem.

– Fique aí, quietinha, viu? Se não, mamãe não quer bem.

Alguém chamou pela campainha. A copeira abriu a porta e viu um moço conversando, lorde, de maneiras afetadas:

– Bom dia, moça.

– Bom dia.

– A senhora do doutor está? Aqui não é a casa do doutor Jorge?

A: – A senhora do doutor está? aqui

– Está, sim senhor, mas ocupada.

– Eu espero um pouco.

– Como é o nome do senhor?

– Diga que sou o moço da Companhia de Seguros, preciso falar com ela.

– Vou ver.

A copeira saiu e transmitiu o recado a Donata que, ao pé da escada, passava sapóleo nos degraus de mármore.

– Aí tem um rapaz chamando dona Helena.

– Por que você não chama?

– Vá você.

Donata subiu quatro degraus e gritou:

– Dona Helena!...

– Que é?

– Tem um homem aqui procurando a senhora.

A: – Homem o quê, senhora [*s.v.*] isso é modo de tratar ninguém: senhor, moço. [*c.p.*]

– Homem o quê, senhora, isso é modo de tratar ninguém: senhor, moço...

– Vije!

A: Você nunca

– Você nunca toma jeito de gente, reclamou a fazendeira que já se debruçava na escada.

Donata fez um muxoxo e desceu. Dona Helena acrescentou:

– Pergunte o que quer. Agora estou ocupada, cuidando do quarto de Rose.

– É um negócio de seguro.

– Diga que já vou.

Daí a pouco o agente da companhia trabalhava:

– Olha, minha senhora, nada como o seguro. Hoje tudo bem, a senhora com saúde, seu marido, e depois... Depois tudo pode mudar. O futuro é incerto, nada mais duvidoso que os dias vindouros. E o seguro é certo. É a melhor economia. A senhora não está vendo assim... Tenho passado em todas as casas e em todas eu faço seguro. Aqui mesmo, a vizinha, fez uma apólice de duzentos mil cruzeiros para o filhinho.

– Dona Aurora, foi?

– Sim... Aurora Soares de Magalhães.

O Agente remexeu a pasta e veio a apólice assinada.

– Eis aqui. Beneficiando Maria das Dores Magalhães.

E apontando com o dedo:

– Duzentos mil cruzeiros.

– É?...

A: É... [*sem interrogação*]

A fazendeira sentia certa inveja da vizinha que possuía um filhinho de verdade. Mas a Rose satisfazia plenamente. A prova é que até o agente de seguros ali estava.

– A senhora vai querer de quanto, madame?

– Espere aí.

– Quinhentos mil?... Seu filho pode estudar no melhor colégio. Olhe bem que hoje uma apólice de quinhentos mil é muita coisa e amanhã, quem sabe? Os estudos de seu filho...

– É filha...

– Qual é o nome? insistiu persuasivo o agente.

Dona Helena relutou um pouco.

– Qual é a idade?

– Dois anos.

O agente maneiroso e rápido sacou a fórmula da pasta e:

A: rápido, [*c.v.*]

– A senhora não vai deixar de fazer o seguro. Sei que se trata de gente fina, que sabe o seu valor. Pessoas como a senhora dispensam até propaganda. Procuram-nos. Ainda outro dia uma senhora, esposa de um comerciante forte, tocou o telefone para o escritório e chamou um agente para fazer um seguro para seu filho. A senhora deve conhecer: Dona Conceição, casada com o senhor Carvalho...

A: gente fina, que sabe o valor do seguro.

– Sim... sim.

Dona Helena não conhecia, mas também não queria deixar transparecer que não se dava com o grande comerciante.

– Pois bem. Fizemos um seguro grande para três meninos e uma menina. Quando acabou, dona Conceição disse: agora estou tranquila, posso morrer, meus filhos terão escola. E sabe a senhora?...

A: Quando acabou [*s.v.*]

As mulheres são mais prudentes para isso. Os maridos, preocupados com os altos negócios, não ligam para tais coisas. Ganham dinheiro e assim pensam que o futuro está garantido.

– O senhor tem razão.

– É muito bom mesmo. Depois, se viverem até os vinte anos, recebem o dinheiro com juros. Faz de conta que estava depositado no banco. Não vejo negócio melhor e mais lucrativo.

A: Depois [*s.v*] se viverem; Não vejo negócio melhor e mais positivo.

– O nome?

– Assim sendo...

– Deixe consultar meu marido.

A: – Deixe consultar ao meu marido.

– Mas minha senhora... a idade de sua filha é idade ideal. Paga uma asneira. Aproveite a oportunidade. Além disso a nossa Companhia oferece todas as vantagens. A senhora quer ver a tabela?

A: A senhora quer ver a tabela. [*c.p.*]

– Não precisa.

– Pois bem, então...

– Pago quanto?

– Não se preocupe.

– Para cinquenta mil cruzeiros.

– Só? Julguei que a senhora iria fazer um seguro de quinhentos mil ou um milhão. Olhe bem, madame, o futuro é incerto.

– Mas para começar. Depois faremos mais.

Além de tudo, a Rose é assegurada na Previdência.

– Ora, madame, Previdência... Nenhuma dá vantagens e segurança como a Sul América. Nenhuma.

– Então cem mil.

– Duzentos, madame. Sua filha merece muito mais.

– Isto é...

– Então... nome?

– Rose Marie Cardoso da Silva.

– Idade? O próprio gerente respondeu:

– Dois anos.

E continuou:

– Nascida em...

– 28 de outubro de 1953.

Outros dados da vida de Rose foram anotados.

Por fim, o gerente satisfeito, cheio de amabilidade de garçom, concluiu:

A: §↑; Por fim [*s.v.*]

– Ótimo. A senhora pagará o prêmio daqui a trinta dias. Pessoalmente trarei a apólice. Bagatela... mais vale o futuro.

– Traga somente para mim. Não precisa mostrar ao meu marido.

– Vamos ver.

O agente despediu-se. Flertiu-se exageradamente em sinal de respeito e saiu.

Dona Helena foi ao quarto. Exultava de alegria. A educação de Rose estava garantida.

A boneca ainda tomava sol. Seus cabelos de milho eram mortos e nos olhos havia uma expressão de resina. Mesmo assim, a fazendeira a amava e até sentia calor nos cabelos louros da filha.

A: Mesmo assim [*s.v.*]

XXIX

João agora estava alegre. Ria por tudo. Botava os meninos no colo. Chegou a trazer uns bombons para casa. Sentia-se sadio. É que trabalhava de enxada. Não havia perigo de faltar serviço. Dentro em pouco tempo, compraria o facão. Tinha serviço para muito tempo.

A: Tinha trabalho para muito tempo.

Os agregados, um ao lado do outro, vergados e arrastando as enxadas, capinavam o Roçado Grande. Com este nome era conhecida a maior roça nova da fazenda. Cem tarefas de cacaueiros que cobriam lombadas, boqueirões e baixadas. Os homens, cerca de vinte, formavam ligeiro círculo que avançava, limpando capebas e papuãs, deixando os camaleões.

Naquele dia, o sol enxugara as chuvas e despejava uma quentura de cobertor. As primeiras horas da manhã estavam frescas. Nos aceiros das roças, araquãs prediziam qualquer novidade. Mais longe, duas arapongas martelavam bigornas. O orvalho, encastoado nas folhas, brincava de diamantes, mas caía no chão que o bebia sôfrego. As brilhantes folhas dos cacaueiros e os brotos roxos avermelhados mostravam a exuberância da terra. Madeiras em carvão deitavam-se pelo solo. Aqui e ali, o ponto negro das coivaras. Centenas de tocos lembravam a mata destruída: mucuris, virotes, paus d'alho, jequitibás e cedros.

A: Naquele dia [*s.v.*]; A: O orvalho, pousado nas folhas, brincavam de equilibristas;
A: Aqui e ali [*s.v.*] o ponto negro das goivaras.;
A: Centenas de tocos mostravam a mata destruída:

A mandioca, que servia de sombra, estava serena. Sarará, ao lado de João, puxou conversa:

– Êta mandioca! Cada pé dá uma carga.

A: A mandioca [*s.v.*] que servia de sombra [*s.v.*]

– Não é mentira, não.

– Dois anos e meio plantada. Se fosse fazer farinha...

– Era farinha que nem ladrão acabava.

– Se lhe dessem, João, uma tarefa dessa roça, você queria?

A: dessa roça [*s.v.*]

– Ainda pergunta... Ia desmanchar em farinha, beiju e crueira. Não me fale nisso, não. Ainda mais agora que a farinha está por um absurdo.

A: Ainda pergunta. [*c.p.*]; Ia desmanchar em farinha [*s.v.*] beiju e crueira.

– O pau da mandioca dá pra fazer tábua, de grossa.

– É mesmo.

– Parece que os pobres vão morrer de fome. Nós vamos desaparecer. Como tudo vai, ninguém resiste.

Sarará bateu o olho da enxada numa duas-cabeças, machucou bem as extremidades e ia deixando-a, quando João aconselhou:

– Procura um toco, homem. A espinha disso é pior que das outras. Dá isipra e em pouco tempo o ofendido está de canela esticada. É bicha traiçoeira. Não enxerga, mas, quando morde, só solta quando ronca trovoada.

A: – Procura um toco [*s.v.*] homem.

A: Não enxerga, mas [*s.v.*] quando morde [*s.v.*] só solta

João deu numa raiz de mandioca. Cortou-a. Sentia-se até alegre com a exuberância da lavoura. Também ele plantara aquelas mandibas na lua nova de março. Entusiasmado, falou ao companheiro:

A: Entusiasmado [*s.v.*] falou

– Olha como está isso. Eh! mandiocão do capeta! Ah! eu com uma tarefa dela. Não precisava nem uma tarefa. Só queria umas cargas para ver

A: Não bastava nem uma tarefa.; A: §↓

o resultado. Mas está vendo... está aguada, meio podre. Esse aipinzão é assim. Dá muita sombra, mas apodrece logo.

Em volta, os trabalhadores conversavam, trocavam ideias. Ouviu-se ruído de avião. Sarcasticamente alguém falou:

– Diabo! Mandei falar que não ia hoje e aquele avião veio me buscar. Só botando aquele chofer pra fora...

A: -Diabo! mandei falar; chofre para fora...

Como eram dois aparelhos, outro acrescentou:

– Aquele é o meu.

Todos pararam, levantaram a cabeça e olharam a máquina misteriosa.

O sol esquentava. Os homens começavam a suar em bagas. Alguns, aferroados pela carne salgada que haviam comido pela manhã, procuravam o carote d'água, engolindo grandes tragos. O da ponta do eito pilheriou:

– Comeu sapo?

– Quem tem o que comer é assim. Você já viu quem come jaca ter sede?

O mormaço começava a comprimir. Sarará voltou à conversa, deixando o avião que desaparecia no azul.

– Sabe o que estão dizendo, João?

– Não.

– Que o patrão proibiu de arrancar essas mandiocas. Diz que é para adubar a terra. Cacau gosta de comida gorda.

– Num terrão desse não precisa de nada. Antes desse esse mundo de mandioca pra gente fazer farinha. Dava mais resultado.

A: mandioca para a gente

– É mais fácil galinha nascer dentes e boi voar.

– Por isso cacau não bota como antigamente. Por aí estão botando estrume de boi na terra que Deus fez. Daí o castigo.

– Pois é...

– Nasci os dentes vendo cacau. A roça de meu pai era na banda de lá da fazenda. Dessa fazenda onde estamos. Nem gosto de me lembrar. A gente podia estar hoje bem, com sua roupa, seu bom sapato, seu chapéu. Mas Deus não quis. É assim mesmo.

– Depois da sorte não querer, João, é amarrar por fora. E por que seu pai vendeu?

– Vendeu nada, homem, o pai do doutor Jorge era muito sagaz. Tanto fez que terminou ficando com a posse. Agora você vê: tinha mais de quarenta tarefas de cacau botando os primeiros cocos. É aquela Roça da Pedra, sabe?

– Que começa no brejo, onde mora Ramiro?

– Isso mesmo. Pois bem: de tanto meu pai se encafifar com isso, perdeu o juízo. O certo é que ficou abestalhado pelas estradas, até que apareceu boiando no Poço Fundo.

– Se afogou?

– Quem sabe? Uns dizem que foi gente grande que mandou matar.

– O pai do doutor Jorge? O finado senhor Jerônimo?

João não gostava de lembrar-se da ligação entre o senhor Jerônimo e a morte do seu pai. Preferia encobrir o passado. Se tivesse a certeza de tudo, não ficaria naquela fazenda. Também, para onde iria com tantos filhos? Pelo menos ali estava agasalhado. E ninguém sabia do caso. Se os companheiros descobrissem teriam até nojo dele. Mas não possuía coragem de procurar outro serviço. Nascera ali pertinho e se lembrava vagamente do que acontecera. Até, quem sabe, o finado senhor Jerônimo podia estar certo. Ouvira falar na Justiça e, ela mesma, em carne e osso, estivera em sua casa. Recordava-se do dia em que foi passada a escritura. De como seu pai ficara aniquilado depois. Da choradeira. Do dia da muda: sua mãe arrumando os breguessos, chorando, pedindo paciência e os agregados do senhor Jerônimo já com a bagagem dentro de casa como se empurrassem. De tudo se lembrava. No entanto não adiantava pensar naquilo. Senhor Jerônimo podia não ter culpa. O povo conversa muito.

Até disseram que o curador pusera "cinco salomão" em cada canto da roça. Feitiço perigoso. Mas tudo podia ser mentira.

– A gente hoje era para ser rico com aquele pedaço de terra. A: §↑

– Mas quem nasce pra cachorro morre na cinza, disse Sarará.

– É a sina. Cada um traz a sua. Meus irmãos andam por aí. Um foi para São Paulo, sentou praça na polícia. Hoje é gente grande. Dizem que é cabo.

– Sim, senhor, cabo!

– Eu bem que podia pedir uma ajuda a ele, mas... O ano... Três agora na fogueira... Eu recebi carta dele, mandando me chamar.

– Por que você não foi?

– Estou velho, carregado de filhos. Que vou fazer lá?

A: – Estou velho [*s.v.*]

– Eu também tenho vontade de ir, mas não tenho nenhum documento.

Sarará, curioso, aproveitou a ausência do gerente, e o fato de encontrar-se no rego do córrego, somente com João, longe dos demais, voltou ao caso:

– Não sei... se afogassem meu pai...

– Às vezes não fazia nada...

– É... mas...

– Eu fiquei pequeno. Se fosse hoje a coisa não ficava assim.

– E a roça não tem jeito de você pegar uma questão?

– Sei lá...

Ambos se certificaram de que ninguém os ouvia e continuaram:

– Nada, homem, você sabe como é a justiça...

– Depois não tem dinheiro para advogado comer.

– E quem já viu pobre ganhar questão com rico?

– Dá vontade de tocar fogo numa boca de verão dessa, não é, João? Chegar o tição na roça...

B: dessa, não é [*s.v.*]

– Dá, mas que adianta? A gente tem mulher e filhos. Quem tem essa obrigação não é mais homem. Se fosse o meu tempo...

– Olha, João, como está essa mandioca! Bicho está comendo. Quase toda podre.

A: Olha [*s.v.*]

– Eu passo tantos dias sem um caroço de farinha em casa! – suspirou João.

B: casa! [*s.t.*]

– E aqui é a terra que come tudo...

– Isso é fim de mundo.

– É mesmo.

– Se eu tivesse um pedaço dessa roça! Bastava uma tira, um cantinho de nada. Bem que eu comprava meu facão. Porque aí eu não precisava comprar farinha na feira. Nem é bom pensar nisso.

– Estão dizendo por aí que o governo vai mudar tudo: quem é pobre fica rico e quem é rico fica pobre.

– Lá do Sul encontrei um sujeito que veio de São Paulo. Conversa uma porção de ciência. Sabia ler e escrever como um tabelião.

– E era alugado?

– Trabalhava no meio da gente. Reunia a turma no terreiro e lá vai prosa. Dizia que os ricos roubam o trabalho do pobre. Que, se nós entendêssemos, poderíamos também apanhar cacau e vender.

– Bem pensado... quem rouba de ladrão tem cem anos de perdão.

– Que, se nosso serviço vale cinquenta cruzeiros, o patrão só paga vinte e cinco. Portanto o patrão roubou vinte e cinco. Portanto a gente podia apanhar esses vinte e cinco que o patrão nos roubou.

A: Que [*s.v.*] se nosso serviço; A: Portanto, o patrão [*c.v.*]

– É...

– Isso não é roubo. É defesa. Mário era o nome dele. Ainda dizia que se o rico tem direito de roubar da gente nós também podíamos fazer o mesmo com ele.

– Nós precisamos é da ajuda do Governo. Isso sim.

– Mas só teremos a ajuda quando o Governo for da gente pobre, igual a nós. O rico é pelo rico. Cada um puxa brasa para sua sardinha.

As enxadas corriam a terra negra. Como o sol já subia a ladeira do meio-dia, o calor era de sufocar. Nuvens muito escuras, como blocos de chumbo sujo, deslocavam-se circulando a boca do chovedoiro. No canto do eito, Sarará batia o pé com força, livrando-se das formigas xixinam.

A: – As enxadas

A: a boca do chovedor;
A: No canto do eito [*s.v.*]

João fazia as contas do saldo que possuía. Bem verdade que só faltavam vinte cruzeiros. Justamente agora estavam dizendo que facão tinha subido muito. Ainda sábado fora à venda e perguntara o preço. Realmente estavam querendo mais. Se naquele dia tivesse o dinheiro todo, estaria agora com o seu instrumento. Mas faria toda espécie de economia. As roupas estavam em tiras...

Já não aguentava mais remendos. Os meninos andavam nus e Isabel nem podia sair da choupana. Mas compraria o facão banda-lisa. Desse no que desse. Seu língua de teiú era mesmo que um punhal. Nem servia na roçagem. Senhor Antônio tinha razão.

XXX

Doutor Jorge resolveu não viajar para a fazenda. Certamente lá tudo corria bem. Já fora duas vezes durante aquele ano. As entregas estavam sendo feitas regularmente. Precisava descansar. Seria possível, mal chagado do Rio, e já ia viajar novamente? Necessitava de férias. Iria ao comércio naquele dia.

A: Seria possível [*s.v.*];
A: mal chegando do Rio [*s.v.*]

E foi.

Encontrou o coronel Duarte, deu-lhe bom dia, perguntou pelas chuvas no interior, pelo preço de cacau e fitou a pedra que estava no dedo do fazendeiro.

– Quer fazer o favor?...

O coronel compreendeu. Orgulhoso, ofereceu-lhe ao anular da mão esquerda.

Doutor Jorge torceu a joia, jeitosamente. Tirou-a. Em seguida, olhou-a bem demoradamente e:

A: Em seguida [*s.v.*]

– Bem bonita.

– Às ordens, doutor.

A: Ás ordens [*s.v.*]

– Está em boas mãos.

– Muito obrigado.

– O coronel não vende?

– Não, essa ficará para o inventário.

– Nem um bom preço?

– Não há dinheiro.

Intimamente o doutor julgava estar aborrecendo o coronel. Talvez até ofendendo-o. Ele não negociava com joias e mesmo não precisava vender o anel. Mas a ambição era mais forte. Novamente veio a insistência:

– Abra preço, coronel!

– Você não pode ver brilhante. Acha pouco a coleção que tem?

Por dentro, o cacauicultor saboreava o prazer de aumentar a ambição do grande colecionador de pedras. Se ele estava encantado com a joia, é que ela valia mesmo um dinheirão. Disso já sabia. Mas gostava de ser admirado. Nada mais o agradava que mostrar aquela preciosidade de seis quilates, rosa, fogoso. Por mais de uma vez doutor Jorge mandara intermediário, mas agora não se continha, fazia a proposta.

A: Por dentro [*s.v.*]

A: Mas gostava imenso ser admirado.

O bacharel não tirava os olhos da garra. Aquele brilhante era mais bonito que todos os seus. Rosa, só possuía um pequeno, cinquenta pontos. Aquele sim, teria mais de cinco quilates.

– Quantos quilates, coronel?

– Quase seis. Nos bons tempos, há mais de quinze anos, me custou duzentos contos. Quando dinheiro era dinheiro. Equivale a setecentos hoje.

– O senhor quer oitocentos mil cruzeiros?

A: – Qual o tamanho, Coronel?;
A: –Quase seis quilates.;
A: Equivale a vinte mil hoje.

– É muito dinheiro, mas deixe o meu brilhante.

A: – É muito dinheiro [*s.v.*]

– Se quer ... assino o cheque.

– Como está isso... dinheiro é mato.

– Sempre se arranja uns tostões...

– Não. E mais: esse (e apostou a joia) não é do Brasil, não. Tenho em casa a história dele. Tem pedigree.

A: não é do Brasil [*s.v.*] não.

– Assim... virou boi de raça.

O coronel não compreendeu a pilhéria, pois não entendia bem o significado da palavra que acabara de empregar, e continuou:

– Pertenceu ao Rei. Essa garra foi confeccionada em Portugal. A lapidação é espanhola. Lá se sabe onde está o nariz. Aqui é como o senhor sabe: não se esmeram na obra.

– Se o senhor quiser os oitocentos mil cruzeiros, insistiu o bacharel.

– Depois lhe respondo.

Também o fazendeiro cresceu a usura no dinheirão. O farol do Banco. Aquele depósito assim inesperado, quando dias atrás tinha depositado igual quantia. Seria agradável chegar no banco e com voz imperiosa gritar:

A: Também fazendeiro crescera

– Um depositozinho aí, menino.

A: – Um depositozinho aí [*s.v.*]

– Quanto, coronel?

– Besteira... oitocentos mil cruzeiros.

A: Quanto [*s.v.*] coronel?

Os bancários levantariam a cabeça, olhariam admirados. O gerente ouviria o som agradável e viria cumprimentar o depositante. Que era bom,

era. Agradável. Faria bem ao coração. Baixaria a pressão de 25 para 23.

Doutor Jorge, que já estava com o anel no dedo, tirou-o e ia entregando ao seu dono, quando ele disse:

– Não... leve. Fique com ele hoje para tomar gosto. Se fizermos negócio, bem. Caso contrário, somos os mesmos amigos.

O colecionador já antevia o negócio realizado. Teria sua ambição satisfeita.

Coronel Duarte lembrou-se, no entanto, de que ia falar com um deputado e gostaria de levar a pedra no dedo, a fim de impressioná-lo. Precipitara-se, pois. Agora não ficava decente pedir o anel. Porém tinha um jeito: iria falar com o parlamentar no dia seguinte, depois que recebesse a joia.

Apressadamente, o bacharel despediu-se, entrou no automóvel e rumou para casa. Antes, porém, foi encontrar-se com Elisabete. Mostrou-lhe o anel e os olhos dela cresceram de cobiça. Como uma cobra, parecia que se enroscava toda no amante, querendo envolvê-lo naquela quentura luxuriosa. No entanto, o colecionador tinha assunto mais sério e dirigiu-se ao palacete. Iria comparar as pedras. Trancar-se-ia por dentro do gabinete, acenderia todas as lâmpadas do lustre e espalharia a coleção de brilhantes em cima da mesa. No meio deles, colocaria o rosa de seis quilates. Brincaria com eles. Mudaria as posições para variar os reflexos e ficaria até enternecido, mais satisfeito que se estivesse nos alvos lençóis de praia, tomando uísque com sua lourinha.

A: Doutor Jorge [*s.v.*];
A: ao seu dono [*s.v.*]

A: Caso contrário [*s.v.*]

A: Coronel Duarte lembrou-se [*s.v.*] no entanto que ia falar a um deputado

A: Apressadamente [*s.v.*]

A: envolvê-lo naquela quentura luxuriosa de amor.

A: No meio deles [*s.v.*]

A: enternecido, tão satisfeito como se estivéssemos

Dona Helena passeava pelo jardim com a Rose Marie, quando o marido entrou. Como ele não quisesse esperar que a porta da frente fosse aberta, rodeou pelo fundo para andar depressa. Venceu os degraus de dois em dois e entrou no gabinete. Estantes compactas de livros forravam as paredes. Nos quatro cantos, delgadas estatuetas de bronze combinavam bem com a madeira escura dos móveis. No centro, a mesa ampla, muito arrumada, quase vazia, não fosse uma coruja do tamanho natural que pousava com os olhos esbugalhados sobre dois livros, também de bronze. Tapetes fofos com grandes flores vermelhas amaciavam o piso, envernizado à punça. Clareando o aposento, cinco janelas abriam-se para os jardins. Comunicando-se com o resto da casa, uma porta de vidro, cortina por dentro. Igual às que vestiam as janelas.

A: com a Rose Marie [*s.v.*]

A: muito arrumada quase vazia [*s.v.*];

A: dois livros [*s.v.*] também de bronze;
A: o piso [*s.v.*];
A: cortina por dentro, [*c.v.*]

O bacharel fechou a porta e, sobre o divã, que estava ao lado, espalhou uma toalha alva. Tirou o paletó, o sapato, a gravata, arregaçou as mangas e começou a distribuir, em círculos, os brilhantes. Nas curvas de fora estavam os mosquitos, em seguida vinham os maiores que os primeiros e assim foi até o centro, onde colocou a pedra do coronel. Deslumbrante! Valia bem os oitocentos mil. Depois, mesmo que parecesse extravagância, não era. Tudo estava valorizando dia para dia. Adquirindo hoje o brilhante, daí a meses valia o duplo. Não era mesmo mal emprego de capital. Quanto valeria sua coleção?

A: sobre o divã [*s.v.*]

A: mesmo que parecesse extravagância [*s.v.*]; A: Não era mesmo, [*c.v.*]

– Uma fortuna, balbuciou.

Logo não era desperdício nenhum. Seria um negócio como outro qualquer. Depois, juntar-se-ia

A: Logo não era esperdício

o útil ao agradável. Se fosse extravagância, bem. Mas nada como se comprar e esperar a valorização. As joias arrumadas piscavam cores diferentes em penetrantes setas de luz.

– Uma fortuna! disse. Amanhã irei bem cedo comprar o anel. O senhor Duarte certamente venderá. Ainda mais agora que ele está preocupado em construir prédio de apartamentos.

Durante o resto do dia, a lembrança da pedra não deixou o doutor Jorge. A cada momento ele se recordava da compra. Não foi mais à rua. Deitou-se no gabinete, de pernas abertas, e, pela janela, ficou olhando uma nesga de nuvem cinza que andava no campo azul. Na realidade, de nada tomava conhecimento. Por dentro enxergava o anel, a delícia de adquiri-lo, a alegria de satisfazer aquele desejo que cresceu de todo quando enxergou a joia no dedo nodoso do coronel.

No dia imediato, acordou antes da hora costumeira, barbeou-se, correu ao jardim olhando o relógio a cada momento. Ainda era muito cedo. Somente às nove horas o fazendeiro estaria na Ilha dos Ratos. Deu ordens displicentes ao jardineiro:

– Cuidado com a formiga, olhe que ela está cortando a mangueira.

– Já botei remédio, doutor. Estão mortas...

Quando pediu o café, o relógio da sala deu oito horas. Quanto mais o tempo passava mais aumentava a agitação. Aquele desejo, crescido durante alguns anos, já não se continha. Transbordava. Precisava mostrar pouco interesse ou, pelo menos,

nenhum.; Se fosse extravagância [*s.v.*] bem.;

A: cores diferentes [*s.v.*]

A: Uma fortuna! pensou.

A: Durante o resto do dia, [*c.v.*]

A: Deitou-se no gabinete, pernas abertas [*s.v.*];

A: Na realidade [*s.v.*]

A: No dia imediato [*s.v.*]

A: Já botei remédio [*s.v.*]

A: Quando pediu o café [*s.v.*]

A: Transbordava. No entanto, havia necessidade de demonstrar pouco; aquela

esconder a ânsia que saía com as palavras, pelos olhos, pela avidez com que se referia ao negócio.

ânsia; que o negócio.

XXXI

O serviço da enxada já ia bem adiantado quando chegaram os aguaceiros de São José. O riacho inchou e as baixas ficaram alagadas. Cacaueiros novos estavam submersos, amarelando as folhas, embebedando-se. Possivelmente, quando as águas baixassem, estariam amarrotados e mortos. Daí senhor Antônio ter saído de casa em casa:

A: novos estavam submersos, amarelecendo;
A: Possivelmente [*s.v.*];
A: as águas baixassem [*s.v.*]

– Amanhã todo mundo no brejo. Precisamos abrir valetões para escoar as águas.

Na segunda-feira lá foram os homens, nus da cintura para cima, calças em tiras, engelhados de frio. João tinha o rosto contraído e a pele parecia de cadáver. Os pés e as mãos encolhidos já estavam arroxeadas. Mesmo assim, batia a enxada no barro de telha.

A: ingiados de frio.
A: Os pés e as mãos encolhidas já estavam arroxeados.;
A: Mesmo assim [*s.v.*]

As chuvas não esbarravam e, quando em quando, surgia um olho de sol, quente como brasa, gostoso, mas que fazia os homens arrepiarem-se.

Não raro, o gerente saía para tomar um trago e avisava:

– Vou ali ver um serviço e volto já.

Às vezes demorava, mas o "volto já" era chamando atenção para que os homens estivessem atentos ao trabalho.

A ausência afrouxava um pouco a tensão nervosa dos trabalhadores e a labuta diminuía de intensidade. Soltavam a língua, então:

– Eh! diabo, aqui a gente leva o ouro, mas deixa o couro.

A: – Eh! diabo, aqui a gente leva o ouro [*s.v.*]

O outro acrescentava:

– Nunca vi tanto espinho. Por aqui deve haver todo espinho de cobra do Estado. O ano passado, na roçagem, a gente matava quarenta e tantas cobras por dia.

Um mais medroso reclamou:

– Não fale no nome de bicho do chão, agora, não, homem.

– Cuidado, Sarará, você todo dia topa cobra!

As enxadetas tiravam os bolos de barro compacto, claro e meio azulado, espanando lama que molhava mais ainda os agregados. Não fosse o esforço físico já não poderiam mais se mexer, tal era o frio.

A: poderia mais se mexer [*s.v.*]

Das cajazeiras e mucuris caíam grossos pingos de água que não deixavam a chuva ser interrompida.

O Sarará sentenciou:

– Se a gente encontrasse uma pura, bem que era bom.

A: uma pura [*s.v.*]

– Não fale, não. Chega a me dar uma cosca na língua. Um meio copo de cana agora valia mais que um prato de feijão com toucinho.

João sentia as forças esgotarem-se. Gradativamente, batia o ferro com menos intensidade. Felizmente já tinha aberto uns cem metros de valeta, e a água corria livre, barrenta, levando uns mil detritos. Talvez no fim da semana já estivesse

terminado o trabalho. Se ao menos começasse mais tarde e deixasse mais cedo, seria melhor. Mas o horário continuava o mesmo. Cedo, mal a manhã escapulia da escuridão, já o búzio tocava. Parece até que, devido à pressa em salvar as plantações, o serviço começava mais cedo. À tarde, somente quando a noite vinha como pano negro ensopado, é que o horário acabava. Os homens deixavam os pântanos de braços cruzados, contraídos, cabeça enterrada no pescoço como se procurassem um pouco de quentura. Todos iam calados, passadas incertas, em fila. Desprendiam aquele vapor de bicho suado. Ao chegarem em casa, tiravam os trapos, punham-nos a secar e fechavam-se no quarto.

No dia seguinte, a roupa cheirava a fumaça mas estava enxuta. Novamente enterravam o pé na lama e seguiam para o brejo.

Na sexta-feira, as valetas já estavam cavadas e outras menores, como nervuras, dirigiam-se para elas. Alguns cacaueiros tinham resistido às águas, mas estavam pardos, friorentos também. Outros, mortos, com o talo triste, restavam ao pé da estaca de âmago que indicava o lugar da cova para a replanta.

Até o meio-dia os homens trabalhavam como antes. Depois, o próprio senhor Antônio notou cansaço em todos e não podia encorajá-los com simples esporros. O serviço já chegara ao fim. Bem verdade que agora estavam na parte pior. Os agregados teriam que trabalhar à margem do ribeirão cheio, com água até a cintura. Os que apanhavam baronesas e paus podres do leito estavam somente com a cabeça e os braços do lado de fora. Por isso

os mais doentes tinham movimentos lerdos. Alguns deixaram de ir ao trabalho. Batiam os dentes em casa, na tarimba, queimando de febre, tomando chá de limão com escalda-pés de pitanga.

A: Batiam os dentes em casa [*s.v.*]

João bem que tivera vontade de não ir. Mas como comprar o facão? Estava com o corpo quente, a testa sovelando. Não perderia o dia. Haveria de mostrar quem era ele. Não viam que seu facão era gasto, língua de teiú, e que não ajudava?

À tarde, como que as carnes ficaram murchas, duras como gelo. As chuvas continuavam insistentes, agravadas com a lama e o serviço dentro do charco. Os cacaueiros não podiam morrer. Precisavam ser salvos, custasse o que custasse. Onde já se viu agregado deixar de trabalhar por causa de chuva? Ainda mais quando estava em jogo grande parte da roça nova, de um ano, bonita de fazer gosto, toda pegada!

Senhor Antônio verificou que seria em vão ficar olhando os homens, já que eles não obedeciam aos próprios braços. Como que entorpecidos, movimentavam-se com dificuldade. Até Joaquim, preto, forte, moço, cheio de bolas nas carnes rígidas, andava se escorando, medroso de entrar na água para apanhar os galhos de ingá.

Só havia um recurso, pois, pensou o gerente. Daí ter ele ordenado:

– Você aí, seu novato, vá lá em casa e diga a Teresa que mande cinco garrafas de cachaça.

Como que os corpos se animaram. Alguém gritou:

– Olé... agora a coisa vai.

– É... aqui só com esquenta-peito. A coisa está braba, disse outro.

A atonia transformou-se em alegria e, quando a pinga chegou, cada um queria beber um copo pela metade. O administrador foi regrando, até que as garrafas terminaram sem satisfazer a todos. Seis outras vieram e foram engolidas.

– Ó, lá em casa! Assim, assim. Aqui filho chora e mãe não ouve.

A: Ólá em casa! Assim, sim.

João sentiu o álcool enxugando as entranhas, tangendo o frio. Reanimou-se, brilhou os olhos, alegrou-se e meteu a enxadeta com vontade. Os que apanhavam as baronesas jogavam-se n'água como se fossem tomar banho. Um tirou coco e todos, num ruído profundo, cavernoso, responderam:

Ôlê... Ôlê... Ôlê bambu...

Fi de nego é urubu...

Já estavam no meio da tarde, quando novamente as forças faltaram, os homens ficaram mais cansados que antes e tremiam como vara verde. Novamente senhor Antônio trouxe bebida e distribuiu. Já agora a reação foi mais fraca.

A: Já estavam no meio da tarde [*s.v.*] quando

João tinha as feições abatidas, qualquer coisa de bruto e idiota saía de seus olhos parados, rasos como uma poça. As roupas, molhadas, prendiam-se ao corpo, esfriando-o mais. Não era possível fazer um cigarro. A mortalha esfarelava e o fósforo não riscava. No fim do dia, com as bebidas sucessivas, à medida que os corpos fraquejavam, ele e os companheiros estavam aniquilados, pareciam ter saído

de uma grande doença ou de um martírio atroz. Mais magros, flácidos e indolentes. Arrastavam os pés como sonâmbulos. O casebre esperava-os cheios de sofrimento. Sendo sexta-feira, somente os solteiros teriam um pouco de farinha.

Quando João chegou em casa parecia ter as pernas quebradas. Logo no batente da porta, sentou-se. A chuva continuava teimosa. Estiletes frios caíam límpidos, penetrantes, como se fossem furar a pele. Sobre o fogão, uma panela de barro fervia qualquer coisa. Lá no fundo um ovo de Bordada cozinhava. Toda a família iria comer um pedaço dele. Depois engoliriam um chá amargo de folhas de laranja. E a noite seria comprida, enorme, noite que nunca mais acabava.

No íntimo, João estava satisfeito. A fome cortava-lhe por dentro, porém tinha ganho um pedaço do facão. Com toda aquela umidade que vinha no chão, e parecia descer da cobertura de palha, e mais o cansaço que esmagava os nervos, sentia qualquer coisa de felicidade. Era como se fosse uma pequena luz, morna e clara, na escuridão do seu ser.

A: No íntimo [*s.v*]

XXXII

Logo após o café, o bacharel ligou o automóvel. Esquentou a máquina e partiu para a grande missão. Aquele dia era de muita importância para seu futuro. Decidiria a realização de um ideal. A aquisição do brilhante rosa sempre fora um sonho aparentemente irrealizável. Agora, no entanto, tudo fazia crer na possibilidade de comprá-lo.

A: Logo após o café [*s.v.*]; automóvel, e [*c.v.*]

Daria até os novecentos mil cruzeiros. Por que não? Para que aquele dinheiro embolarando nos bancos, rendendo juros miúdos, se a pedra poderia valorizar-se mais? Depois, completaria a coleção. Seria o centro dos círculos ou o ápice da pirâmide, quando juntasse todas as joias sobre o veludo negro. Sim, porque, logo que o adquirisse, iria mandar fazer uma mesa forrada com veludo negro a fim de arrumar as preciosidades. Ninguém sabia a luta que dava para adquiri-las. Certa feita, até fizera economia para ser dono de um brilhante azul. Muita luta, pois. Trabalheira infernal. Viajou muito. Recebia um telegrama do Mato Grosso, informando uma pedra. Jogava-se para Cuiabá. Chegou a tomar dinheiro emprestado aos bancos. Fez penhor de cacau. E obra tão meritória não era ajudada pelo governo. Quem teria uma coleção daquela? Não honraria, mesmo, qualquer país? Sim, trabalho assim era digno de ajuda oficial. Certa feita quisera organizar a "Sociedade dos Admiradores das Pedras Preciosas". Chegou a copiar os estatutos de uma outra, modificando as partes especializadas. Mas tudo em vão. Só conseguira um sócio. Espalhou circulares convidando, mostrando vantagens, estimulando o bom gosto. E, não fosse aquele major da aviação, teria ficado sócio único. Pela falta de amor às coisas belas e edificantes é que a Sociedade não foi adiante. Pelo caminho, o colecionador foi pensando naquilo tudo.

A Ilha dos Ratos era um trecho de cem metros da rua do comércio, ao pé de casarões antigos, arborizada com mungubeiras, sob as quais

A: ápice da pirâmide [*s.v.*]

A: "Jogava-se para Cuiabá, a fim de compra-la; A: aos bancos. E obra tão meritória não

A: Chegara a copiar

A: E [*s.v.*] não fosse aquele Major da Aviação [*s.v.*];

A: Pelo caminho [*s.v.*] o colecionador vinha pensando naquilo tudo.

A: arborizada mungubeiras [*s.v.*]

ficaram dezenas de carros para negócio: desde o último modelo de luxo ao rabo quente mais fuçado. Ali se comprava cacau, café, gado, casas, terrenos, pedras, automóveis e tudo o mais que se pode comercializar. Até mulher encomendava-se.

A: se compravam; A: que se pode comprar e vender.

Os fazendeiros ricos, que moravam em Salvador, e não tinham o que fazer, iam para ali todos os dias. Vestiam-se com as melhores roupas, chapéu caro, sapato espelhado, alfinetes de gravata impolutos e o caroço de milho no dedo, que indicava a hierarquia da fortuna. Agiam ali, principalmente, os marreteiros. Indivíduos bem apresentados, boa prosa, sabidos como padre velho, e que trocavam tudo. De preferência joias e automóveis. Alguns também negociavam com bebidas, perfumes, roupas e o mais que vinha do cais, pertinho dali, por baixo do pano.

Os fazendeiros ricos [*s.v.*]; A: alfinete de gravata impoluto

Defronte àquele lufa-lufa de feira, de palavras soltas saídas de carros em experiência, contrastando com os prédios descascados, estavam os andares das construções modernísimas, em balanços arrojados, cujos térreos serviam aos bancos inclusive ao do Brasil.

A: inclusive ao Brasil. Na esquina próxima a Bolsa de Mercadorias.

Quase todos não tinham escritório. Nem profissão definida. Marretavam. Eram encontrados todos os dias, sem exceção, e a toda hora, à sombra, às vezes, da mesma árvore ou tomando café no pequeno bar que dividia a Ilha dos Ratos em duas partes. Aqui e ali, um fazendeiro espigado, posudo, olhar dominador. De quando em vez, era assediado por um marreteiro que lhe incensava os bolsos, oferecia um automóvel, uma pedra ou caixa de uísque.

A: Quase todos aqueles comerciantes não escritório; Marretavam. O certo é que eram encontrados todos, sem exceção, e a toda hora; A: mesma árvore [*c.v.*]; A: De quando em vez [*s.v.*];

Quando doutor Jorge chegou, viu o coronel Duarte entrando no carro de Bidu. Pressuroso, deu com a mão. O negociante de automóvel parou. E como se tivesse lembrado de alguma providência, saiu apressado, arranjou alguns papéis no café e veio dizendo:

A: Jorge chegou [*s.v*];
A: Pressuroso [*s.v.*]

– Não quero sujar os tapetes. Isto é coisa fina.

Com muita cortesia levantou os pés do coronel e depois os do doutor, que já se encontrava no interior do carro, fazendo-os descansar sobre os papéis. Tudo manha a fim de valorizar aquele automóvel e mais ainda o que ia mostrar.

O coronel perguntou:

– O carro é esse, Bidu?

A: O carro é esse [*s.v.*] Bidu?

– Ora, coronel, isso é carro para o senhor?!

O fazendeiro ficou satisfeito com a resposta e insistiu:

– Mas este carro é do ano.

A: Mas é desse ano.

– Sim, mas não é superluxo. É carro de viagem, de operário americano. O senhor sabe que o Chevrolet não é linha. Agora o senhor vai ver o que é beleza.

Dobraram a esquina. Doutor Jorge apertava o brilhante no bolsinho da calça. Não prestava muita atenção ao que diziam. O coronel, por treita, nada dissera sobre a pedra. Ambos queriam mostrar-se desinteressados.

A: Dobraram uma esquina;
A: Coronel [*s.v.*]

A poucos metros o automóvel parou atrás do outro, cinzento, estirado em linhas modernas.

– Aqui está, coronel. Foi a coisa mais bonita que já vi nesse mundo. Zero quilômetro. Oitenta

metros de rodado para dizer a verdade: do cais para aqui. Um sonho.

O fazendeiro, por fora do vidro, olhou os coxins claros, a direção e a quilometragem.

O vendedor elogiava:

– Está cheirando a novo. É um caso de polícia.

– Qual é o preço, Bidu?

– Ora, coronel, com o senhor se acerta tudo. Gostou?... É só dizer.

– Bom... todo mundo gosta, disse ele com risozinho de interesse.

– Então o carro é seu. As condições nós acertamos. O senhor é quem ordena.

– Que negócio você faz pelo meu?

– Já disse que é o senhor quem fala. Isso é carro para o senhor. Superluxo. Carro de brinquedo de Nova Iorque. Aqui não tem nenhum igual. É o único. Chrysler... só o nome dispensa comentários.

O fazendeiro excitava-se. Vistas gulosas acariciavam o automóvel. A vaidade enchia-lhe a alma. "Somente eu terei um carro desse aqui. Ninguém mais. Poderia tentar aquela garota do 98B".

– É um caso... repetia o vendedor, atiçando a cobiça do ricaço. É um caso... já disse. Olhe aqui. Não quero nem abrir a porta.

– Também não precisa. Está vendo.

Propositadamente, o vendedor encostou-se a um lado, escondendo ligeiro arranhão que feria a pintura.

A: Crisler

A: O fazendeiro excitava-se como a cadela que vê pedaço de carne sangrenta ante seus olhos. Vistas

A: – E um caso... respeita o vendedor [*s.v.*]

A: Propositadamente [*s.v.*] o vendedor

– Tenho visto muita coisa bonita... mas como este carro...

– É... que negócio você faz?

– O carro do senhor é do ano passado, não é?

Com tais palavras Bidu começou a desvalorizar o automóvel do fazendeiro.

– Carro sem linha... Chevrolet é como o senhor sabe... Não é isto? Olhem bem...

– Diz o tabaréu, Bidu, que pedir e oferecer não cabe agravo.

– Pois é...

Doutor Jorge ao lado ouvia as entabulações. Nada dizia. Impacientava-se com a demora.

– Eu volto duzentos mil cruzeiros.

– Oh! coronel, tenha pena do seu criado, respondeu Bidu já considerando o negócio feito. Sabia ele que o carro do fazendeiro estava novo. Mal saía de casa para ir ao comércio e jamais fora ao interior. No entanto, já que ele propusera duzentos mil, pediria mais:

– Trezentos mil, coronel...

– Duzentos, agora... na bufunfa.

Mas a cobiça enchia os olhos do comprador. Por eles Bidu lia o que se passava no interior.

– Menos de trezentos, coronel, nem um tostão. Duzentos e noventa e nove mil novecentos e noventa e nove cruzeiros, eu não faço. Tenha um pouco de paciência. O senhor conhece automóvel que eu sei.

– Eu?... fez modesto o fazendeiro.

A: – Duzentos, quer, agora.

A: Mas a cobiça enchia os olhos do fazendeiro.

– Conhece... e muito. Mais que muita gente que vende carro por aí.

– Duzentos e cinquenta, vai?

– Olhe, coronel, por menos do que eu pedi, nem um níquel. Ainda ontem achei oitocentos e setenta mil cruzeiros, na ficha. Nem olhei.

A: Olhe [*s.v.*] Coronel, por menos do que eu pedi [*s.v.*]

– A volta também é a dinheiro.

– Eu sei. O senhor vai precisar me dever ninharia?

– Se quer os duzentos e cinquenta de volta é meu.

O senhor sabe, se eu pudesse. Custou a mim oitocentos e oitenta mil cruzeiros. Estou dando valor no carro do senhor em seiscentos mil, com trezentos de volta, novecentos. Ganho, portanto, vinte mil cruzeiros. Negócio com homem como o senhor a gente fala às claras. Não é preciso esconder nada. O senhor não vai dizer que devo ficar sem ganhar.

– Não... de modo algum. Aranha come do que tece.

– Não tenho cacau. Minha roça é aqui.

Doutor Jorge estava cada vez mais impaciente. O diabo daquele negócio vinha atrapalhar o seu. Justamente o mais importante.

Vamos embora, coronel, o senhor pensa, se resolver me dê a resposta até o meio-dia. Vou mostrar o automóvel a um industrial de São Paulo que está aqui de passagem. Se ele oferecer o valor, deixo para dar a resposta definitiva depois

A: Se ele fizer a compra deixo para dar a resposta definitiva depois que o senhor

que ouvir o senhor. Assim o coronel ficava mais interessado, julgava Bidu, que olhando o relógio, arrematou:

– Dez horas. Ele marcou comigo agora defronte ao Banco do Brasil. Até logo, coronel. Dê licença.

– Então depois respondo.

– Certo. Só faço negócio depois de sua resposta.

– Muito obrigado pela atenção.

Bidu saiu apressado, deixando o carro que o havia levado, ali mesmo.

Doutor Jorge encostou-se a uma árvore e comentou:

– Belo carro...

– Mas uma fortuna... Quem diria que um carro ia dar esse preção.

– Preço de uma fazenda de cacau.

– Falar nisso, ontem eu lhe dei o anel, não foi?

– Foi, sim senhor. Está feito o negócio pelos oitocentos mil?

– Ah doutor... O senhor conhece um brilhante azeite-doce que o João Gouveia tem?

– Conheço, foi meu.

– Pois... menos que o meu, quilate e meio a menos. Deve ter uns quatro quilates. Sabe quanto ele pede?

– Não.

– Ontem é que pude ver o valor do meu.

me responder.; A: olhando o relógio, disse; A: marcou comigo agora, [*c.v.*]

A: Só faço negócio depois que ouvir o senhor.

– Eu vendi a ele por trezentos e vinte mil cruzeiros porque tinha um igual em tamanho e cor, e fiquei com o mais fogoso.

– O meu na vista do dele vale dez vezes mais, não é?

– Bom... o do senhor é mais raro, mas o brilhante dele é um espetáculo.

Intimamente doutor Jorge sentia a oportunidade escapar. Antevia, por outro lado, a treita do coronel. Se ele não quisesse vender teria dito que não era para negócio. Aquele arrodeio todo significava pedir um preço maior.

– Ademais...

Doutor Jorge não se conteve:

– Dou-lhe novecentos mil. Agora diga que não vende.

– É dinheiro muito, doutor. Mas o senhor sabe, vou ficar sem o brilhante que enche as medidas.

A: – É dinheiro muito [*s.v.*]

Como todo fazendeiro rico que vinha do interior, o coronel aprendia com muita facilidade o modo dos citadinos. Assim é que, logo ali, empregou as expressões do vendedor de automóveis:

A: citadinhos. Deturpado já se vê.

– Aquilo é brilhante para o senhor que sabe o que é bom. Ninguém aqui na Bahia possui joia igual. Nem aqui, nem no Brasil inteiro. É uma raridade. Aquele brilhante é um caso.

– Sim, coronel, mas novecentos mil, são dois casos, pilheriou o bacharel numa tirada de muito espírito.

A: -Sim [*s.v.*] Coronel,

– Esses advogados... Ô bicho danado. Só vivem para derrubar a gente.

– Está feito o negócio, afirmou o doutor.

– Não... se fosse possível estava em suas mãos.

– Mas, coronel...

– Olhe... para não ter conversa, porque é para o senhor... gente nossa amiga. Porque é para o senhor...

A: ... gente nossa, [*c.v.*] amiga.

– Diga...

– Um milhão e meio.

– Espere aí, coronel... estou fora. Vamos tomar um cafezinho para distrair as ideias. Tome aqui seu anel.

Foi com pesar que o doutor Jorge estendeu a mão, entregando a joia. Como que um pedaço dele mesmo saía daquela pedra que fora sua, pelo menos, vinte e quatro horas.

A: doutor Jorge estendeu a mão [*s.v.*]

No café, trocaram ideias, mas o brilhante não foi vendido. O coronel falou de sua diabete, por isso não podia tomar café com açúcar. Chamou a atenção do doutor para a barriga que estava crescendo, poderia ser o começo da doença. Disse que era mais entendido naqueles assuntos do que muito médico especialista. Que fazia, ele mesmo, os exames de urina e, pelo pulso, conhecia o estado da tensão. O bacharel sentiu certo ódio do fazendeiro e, ao despedir-se, monologou, pouco adiante:

A: Que fazia ele mesmo [*s.v.*]

A: e [*s.v.*]; ao despedir-se [*s.v.*]

– Usurário!

Por outro lado o coronel armava a esparrela. Fazia, por meios diferentes, aquilo que Bidu fez. Espicaçava o desejo.

XXXIII

João teve vontade de trabalhar na semana santa. Mas temeu o castigo. Só ganhou dois dias. Melhor do que ser castigado por Deus. Bem sabia que o vaqueiro do outro lado do rio teimara em tirar leite na sexta-feira maior e, ao puxar as tetas da vaca, só saiu sangue. E dizia-se que era o sangue do Nosso Senhor Jesus Cristo. O melhor era guardar os dias do sofrimento do Senhor.

A: Mas temeu o castigo. Por isso só ganhou

A: Sexta-Feira Maior e [*s.v.*]; tetas, só saiu [*c.v.*]

Naquela tarde de sábado de aleluia, a fazenda estava quieta. A casa da sede, cercada de peitoris, afundava-se no pomar. Percebiam-se, somente, os retalhos de paredes caiadas, de telhados escuros listrados de limo e de janelas e portas pintadas de azul. O mais, as árvores encobriam. Aqui e ali, uma primavera se envolvera nos esteios de âmago lavrado, deixando manchas vermelhas sobre o telhado.

A: sábado de aleluia [*s.v.*]

De há muito estava desabitada. Fábio é que tomava conta. Ele dormia na varanda, sobre uma saca. Nas noites frias cobria-se com um capote velho e se enroscava feito um cão. Botava sentido à casa. Se ouvisse algum ruído, levantava-se, percorria os alpendres, dava voltas no jardim, retornava a seu canto. Nos olhos mortiços de velho, lágrimas viscosas afogavam o olhar cansado. As peles bambas das bochechas cobriam as gengivas vermelhas.

A: Ele dormia ali mesmo, na varanda, sobre; A: se enroscava como um cão.; A: ruido [*s.v.*]; jardim [*s.v.*]; e retornava seu canto.

Nem um dente. Os cabelos empastados rareavam na careca suja. Os membros, afrouxados como se fossem molas relaxadas. Aqueles pés enormes, ora no chão, ora enfiados na alpercata de couro cru, rachados como cascos, não arredavam dali. Toda redondeza conhecia o homem. Dia e noite lá estava ele assuntando o jardim e a casa. A princípio, aquele trabalho era desempenhado por um canzarrão mestiço, lanhado de malhas pretas no dorso roliço, chamado Tigre. Mas o bicho não servia bem. Sempre que notava qualquer faro de amor, largava a guarda e ia atrás da amante, afugentando os competidores de língua de palmo. Deu para engordar, ficou mais quieto e, devido à indolência, deixou as vacas entrarem no jardim e acabar com tudo. Bem que as via entrando, comendo as roseiras e bulgarins, mas a preguiça deixava-o pregado à cama de sacos velhos, enquanto as pulgas faziam avenida. Senhor Antônio praguejou, diminui-lhe a ração, para que perdesse as banhas, mas tudo foi em vão. Logo depois, apareceu ladrão e levou o relógio de parede que era do tempo dos afonsinhos. Tigre foi demitido e passado às armas sob a alegação de que estava com hidrofobia. Fábio que era velho trabalhador do senhor Jerônimo e fora posto para fora quatro vezes, mas teimava em continuar na fazenda, substituiu. Também já não aguentava os trabalhos pesados de enxada ou facão e muito menos machado. Além de tudo, tinha uma vantagem sobre o Tigre: limparia o jardim e cuidaria da casa-sede. Como a varanda era ampla e em um canto a chuva de açoite não entrava,

A: §↑

A: A princípio [*s.v.*]

A: de palmo. Mais tarde veio o Zé-Capa-Tudo e fez o trabalho no Tigre. Ele deu para engordar, ficou mais quieto e [*s.v.*]; indolência [*s.v.*];
A: diminuiu-lhe a ração [*s.v*]

A: Jerônimo, [*c.v.*]; quatro vezes [*s.v.*] e teimava continuar na Fazenda, foi o substituto legal; A: Além de tudo [*s.v.*];
A: cuidaria da casa da sede

acomodou-se ali. Aproveitou também uns sacos rasgados, que não serviam para cacau, e fez um colchão cheiroso a chocolate. Aos sábados, recebia a feira das mãos do gerente e se conformava com a sorte de não saber quanto ganhava. Pensava até que estava sendo muito bem tratado, pois só por aquele servicinho de prestar atenção à casa, recebia comida e pelo São João uma muda de roupa porta-de-loja, que seria substituída por outra no ano seguinte. No começo, dormia mesmo na sala, sobre o assoalho, mas senhor Antônio verificou que o ambiente ficou fedendo a doido. Indicou, então, a varanda para a dormida, ali mesmo, onde fora do finado Tigre. No quintal, Fábio fazia sua comida: assava a carne na brasa, molhava a farinha e trincava a cumarim ardente. Quando o jardim ficava sujo de mato, apanhava a enxada e ia arranjando a terra, com muito esforço, descansando a cada minuto, chegando terra às roseiras. Se faltava gente no serviço das roças, ele dava uma mão, mas logo voltava ao posto de guarda. Nos dias ensolarados postava-se à frente da casa e tangia as inquietas andorinhas que procuravam a cumeeira para fazer ninhos e porcaria, deixando mundiça. O mais era a sonolência, os braços cruzados, como estavam agora, as mãos metidas dentro das calças, coçando-se.

De caju em caju, os donos apareciam, levavam dez dias e as portas da casa da sede fechavam-se novamente, abrigando morcegos trapezistas e beija-flores que se amavam à sombra dos jardins, indo, depois, dependurar os ninhos nos tetos das salas.

A: sacos rasgados [*s.v.*];
A: para cacau [*s.v.*]

A: uma roupa porta-de-loja[*s.v.*];
A começo [*s.v.*]

A: o ambiente estava fedendo a doido e indicou a varanda para a dormida,;

A: fiacva sujo de mato [*s.v.*];
A: chegando a terra [*s.v.*]

A: no serviço das roças [*s.v.*];

A: andorinhas que postavam-se

A: De caju em caju [*s.v.*]

Junto à casa sede, separada pelos jardins e pomar, estava a morada do gerente, disposta em chalé, pintada de amarelo, com duas janelas e uma porta de frente, por detrás do tamarindeiro que servia de moirão. Mais abaixo, as barcaças numerosas e alinhadas, sob as quais residiam os trabalhadores solteiros. Junto a estas, as duas estufas grandes, bem construídas, na solidez do cimento armado. Distribuídas pelos oiteiros do pasto, casinhas de telha, beira quase no chão, porta e janela de frente, com a sala, dois quartos e cozinha, onde moravam as famílias numerosas. Dali, pois, não eram vistas as dezenas de choupanas de sopapo e palha que se escondiam nas capoeiras e nas roças. A não ser alguma zoada de menino traquinando na casa do senhor Antônio, só se ouvia a carretilha de um sanhaço-coqueiro e os galanteios de um galo vermelho, que arrastava asas à sua companheira pedrês e muito coquete. Na varanda da casa sede, beija-flores insistentes cuidavam dos filhos.

Somente João não pudera ir à feira. Trabalhou segunda e terça. Guardou a quarta e a quinta, além da Sexta-Feira Santa. Preferiu pedir a Júlio que trouxesse farinha e um pedaço de fato.

Como a fome o impacientava, fora esperar à sombra da barcaça os que vinham da cidade. Ali ficara olhando os burros que roíam a grama, ruidosamente.

Alecrim e Dourado estavam sob a jaqueira, de olhos fechados, dormitando. Os cabelos brancos apareciam no pelo de rato e as dobras no couro da cabeça indicavam a idade avançada. De tão velhos,

A: §↑; Junto à casa da sede

A: por detrás de um tamarindeiro

A: não se viam as dezenas de choupanas de sopapo

A: galo vermelho [*s.v.*]; A: arrastava as asas; A: casa da sede,

A: Trabalhara; Guardara a quarta feira e; Preferira; A: um pedaço de fato com os vinte cruzeiros que lhe dera; A: impacientava [*s.v.*]; A: que viam da cidade.; A: que podavam a grama [*s.v*]; ruidosa.

já não trabalhavam mais. Há três anos que o doutor Jorge mandara soltá-los. Tinham-no ajudado muito. Era mesmo uma tradição da família. Desde o tempo do senhor Jerônimo que os burros conduziam cacau mole. Se houvesse necessidade, ainda poderiam fazer serviço maneiro, mas haviam trabalhado muito. Certa feita, mesmo, João ouvira o doutor Jorge dizer a um amigo que viera à fazenda:

– Aqueles dois burros estão aposentados. Foram de meu pai. Não fazem mais nada. Questão de humanidade. Os bichos também precisam descansar... trabalharam a vida toda.

Realmente, podia-se botar um prato na anca de Alecrim. Estava roliço. A gordura acertara as traseiras do animal. Ele só fazia tosar o bengo, espojar-se de um lado só, pois, certamente pela velhice, não tinha mais mãe. Bebia, a longos tragos, a água fria do ribeirão. O mais, era aquele sossego. De quando em vez, batia o pé tangendo as moscas. Alecrim era doca e dava encontrão, vez por outra, na cerca ou em outro animal. Não fosse o conhecimento de longo tempo daquele pasto, já teria se acidentado. Felizmente sabia o caminho que levava ao bebedouro, o buraco existente atrás da pedra grande e o olfato, ainda vivo, lhe indicava a presença dos jararacuçus.

João, de cá, invejava a sorte dos bichos. Depois de velhos, já cansados, imprestáveis, tiveram a recompensa. Tinham água e comida fartas. Descanso absoluto, tempo de sobra para ficar modorrando à sombra das árvores. Intimamente olhou sua vida. Pensou se por acaso ficasse doente, que não pudesse

A: §↑

A: De tão velhos [*s.v.*]

A: Se houvesse necessidade [*s.v.*]; A: fazer um serviço mais maneiro,

A: Realmente [*s.v.*];

A: certamente, [*c.v*];

A: O mais [*s.v.*]; A: De quando em vez [*s.v.*];

A: teria sido acidentado.

mais andar. O que seria dele? E dos filhos? E quando chegasse a velhice teria que ficar como o velho Vicente, coitado, que aparecia contando histórias de quando tudo aquilo fora mata e ele abrira com seus braços. A lembrança trouxera-lhe certa amargura. Somente os burros eram felizes. Podiam até ser aleijados, docas, caducos.

Alecrim espichou-se todo, encompridando o lombo, que vergou. Espremeu o mijadouro atrofiado de capão e murchou as orelhas como se fosse escoicear o companheiro. Este gemeu, murchou também as orelhas e só fez levantar uma perna. Tudo brincadeira de velhos amigos. Em seguida, estavam corrote...corrote...corrote... coçando a tábua do pescoço um do outro.

A: Espremeu o mijador;

A: Em seguida [*s.v.*];

Ainda aí João pensou que, salvo o compadre Caboclo, não tinha um amigo. Se fosse Alecrim não estaria ali esperando um pedaço de bofe e um punhado de farinha. Também não precisava guardar aqueles vinte cruzeiros para comprar o facão. Nem tinha filhos nem mulher.

A: amigo. Mesmo assim o compadre fôra posto fora da fazenda e andava por esse mundo de meu Deus... Se fosse Alecrim

Dourado saiu ceifando a grama-de-europa. Em dado momento, ficou de cabeça em pé como se pressentisse alguma coisa, apertou a cauda entre as pernas, soltou quatro tiros pelas traseiras e saiu em disparada, dando pulos, dobrando a cabeça, ora para um lado, ora para outro. Logo após, Alecrim fazia o mesmo. Um bezerro pintado assustou-se com a picula, levantou o rabo e desembalou atrás da vaca que remoía mais embaixo.

A: Em dado momento [*s.v.*]

A: dobrado a cabeça [*s.v.*]; lado [*s.v.*]; Logo após [*s.v.*]

Fábio mexeu-se, deu um espirro de tábua lascada e arrastou as alpercatas. Pouco depois, filhotes

A: Pouco depois [*s.v.*];

de beija-flores chiavam pedindo socorro. João sabia do que se tratava. Fábio não deixava um filho de beija-flor. Mal os colibris começavam a piar, ele os tirava do ninho e esmigalhava-os sob os pés jogando fora a pasta sangrenta. Quando encontrava os ovinhos alvos dava-lhe o mesmo fim. Certa feita perguntaram por que ele fazia assim com os bichos. Veio a resposta seca:

– Estes diabos não deixam a gente dormir.

Levo a noite toda botando sentido à casa. Quando o dia vai clareando e é hora de pegar madorna, os infelizes começam xirrir... xirrir... xirrir...

Por isto lá estava ele futucando a pequena cesta dependurada. Os pais dos perseguidos revoavam aflitos, quase tocando a ponta da vara, até que os buguelinhos lanzudos caíram e foram massacrados. João penalizou-se e sentiu nojo do homem. Os beija-flores-pais procuravam pousar nos ninhos vazios e saíam espavoridos. Fábio voltou a meter as mãos por dentro das calças, olhou ao longe qualquer coisa. Não temia que depois de morto as avezinhas bicassem-lhes os olhos como acontecia a todos que as maltratavam.

Como se a fome o cortasse por dentro, João levantou-se, assoviou uma cantiga, a única que sabia, e voltou para casa. No caminho, sentiu cheiro de jaca. Dirigiu-se à jaqueira. Lá no alto dependurava-se um fruto que pela cor dos espinhos estava maduro. Possuído de alegria, marinhou na árvore e bateu. Estava boa. Lascou o bagunço, e ia tirando os bagos, quando se lembrou da ordem do gerente:

A: começavam a piar [*s.v.*]

A: sob os pés, [*c.v.*];

A: os bichos e veio

A: §↑; vai clareando, é hora [*c.v.*]; modorna [*s.v.*]

A: revoavam aflitos [*s.v.*];
A: e sentiu até nojo do homem.

A: a todos que lhes maltratavam

A: Como se a fome cortasse por dentro [*s.v.*];

A: no alto existia um fruto; A: Possuído de alegria [*s.v.*];
A: bagunço [*s.v.*];

– Vamos ver se paramos de comer tanta jaca. Não se pode mais dar uma jaca aos porcos nem aos animais. Vocês comem tudo.

A: bagos [*s.v.*]

Desde a semana passada que estava indo contra as ordens da fazenda. Comera umas cabaças de cacau. Sentia nos ouvidos as sílabas pesadas:

– Ladrão...

Mas se não fizesse assim, poupando a carne e a farinha, como adquirir o facão? Bem que podia comprar os quarenta cruzeiros de comida. Mas fizera uma jura para deixar toda semana uma parte do ganho para o instrumento. Passava fome, mas quando tivesse o ferro nas mãos ficaria satisfeito, e a alegria compensaria todos os sofrimentos. A jaca cheirava como pedaço de toucinho na brasa. João foi tirando os bagos, cuspindo os caroços que caíam em cima das folhas do chão. Satisfeito, voltou à sede da fazenda. Encontrou dois rapazes e perguntou:

A: uma jura para deixar em toda semana

A: Passava fome [*s.v.*]; A: satisfeito [*s.v.*]; A: sofrimentos, [*c.v.*]

– Vocês viram o Júlio?

– Já deixei de saída. Até ele me mostrou sua feira, um feirão...

– Cada um bota o chapéu onde o braço alcança, companheiro, disse João.

A: §↑

Aquelas troças da sua miséria é que mais o atormentavam. Todos não viam que ele era pobre, carregado de filhos doentes, papa-terra. Que não tinha facão. Que Hilda, menina grande, de cabelos assanhados e crespos, era espiona, ficava horas e horas com os olhos enfincados na comida dos outros trabalhadores? E por que Júlio arreliava dele,

mostrando a feira magra? Estava vendo por que não podia considerá-lo amigo?

– Um feirão, mofou o rapaz.

– É isso mesmo, amigo.

A: É isso mesmo [*s.v.*]

O rapaz que deu a notícia da vinda de Júlio cortava pequenas tiras de carne do sertão, comendo-as com farinha. Em cada bocado, jogava uma pimenta na boca e bebia água.

A: Em cada bocado [*s.v.*]

– É servido, seu João?

A: É servido [*s.v.*]

– Pode servir a seu gosto.

Bem tardinha, Júlio apareceu com os demais agregados. Fedia a cachaça e parecia alegre. Falava como uma cigarra. João recebeu a feira. Rápido, foi ao casebre. Desculpou-se:

A: parecia alegre, pois palrava como uma cigarra.; A: recebeu sua feira.

– Essa semana a coisa foi ruim. Os dias santos-de-guarda atrapalharam tudo. Nem um peixinho tivemos. Mas quem vai trabalhar no dia do padecimento do Senhor?...

XXXIV

Doutor Jorge ficou decepcionado. Já contava com o rosa em cima do veludo negro, na pirâmide de sua coleção. Tudo tinha ido por água abaixo.

A: Mas tudo tinha ido

Há muito tempo que não se aborrecia. Tinha ao seu alcance o que desejava. Poderia satisfazer às maiores e menores vontades. E aquele peste não vendia a pedra. Se sua vida não era tranquila de todo, o motivo estava no ócio que criava certo mal-estar. Também aquela falta de regime alimentar causava-lhe transtornos desagradáveis. No entanto, sabia

A: §↑ A: Se sua vida não era tranquilo de tudo, o motivo seria o ócio que criava

aproveitar a existência entre o amor de Elisabete e o prazer de colecionar as pedras.

Isso é uma infelicidade! Aquele usurário não me cede, mesmo. Sentiu-se ofendido. Quase toda sua economia por um brilhante e o ganancioso não queria vender... Ou não tinha para negócio e só queria saber o valor, ou estava querendo especular. O velho agiota acostumado a emprestar dinheiro a dez por cento... pensou o bacharel como se vingasse...

Quando saiu da Ilha dos Ratos foi certinho à casa da amante. Pelo caminho, imaginava o meio de comprar a joia. Lutaria até o fim. Custasse o que custasse. Por várias vezes pusera intermediário e nada. O melhor era mostrar-se desinteressado. Como se não quisesse mais adquiri-la. Apresentar dificuldades financeiras. Vingar-se-ia do coronel quando ele puxasse doravante o assunto. Mentalmente construía a resposta.

– Não, coronel, agora não. Possivelmente vou vender toda a coleção. Perdi o interesse. É só para se gastar dinheiro. O senhor não avalia a importância que tenho empatado. Se tivesse rendendo juros, mesmo a três por cento, seria outra coisa.

Talvez até acrescentasse que se desvalorizava.

Se tal truque não desse jeito, esperaria comprar o anel quando o fazendeiro morresse. Ele tinha dois filhos gastadores, farristas inveterados, que venderiam o que fosse possível.

O automóvel engolia o asfalto. De lado, as areias brancas como poças de leite: do outro, o mar,

certo mal estar assim como a máquina enferrujada por falta de funcionamento. Também aquela

A: Mas isso é uma infelicidade!; cede [*s.v.*]; O doutor sentiu-se; saber o valor [*s.v.*]

A: Pelo caminho [*s.v.*]

A: Não [*s.v.*]; agora, [*c.v.*]; toda coleção

A: §↑; não desse jeito [*s.v.*]; filhos estroinas, farristas inveterados [*s.v.*]

A: De um lado,

calmo, liso, esfregando-se na praia. Ao longe, velas barrigudas andavam à toa... Na volta do caminho, entre os coqueiros, estava o seu ninho de amor, como Elisabete chamava. Achava o nome romântico, igual àquele que vira na novela de rádio. Cactos variados transformavam o jardim num pedaço de trópico civilizado. A casa parecia um brinquedo, tal era a arquitetura delicada, vaporosa em varandas quietas. A sala de estar ampla era servida por três sofás-camas multicoloridos. Num canto, o bar em Z mostrava a variedade de bebidas finas, em prateleiras de vidros grossos. A escada, que se desenvolvia num canto, tinha os degraus presos somente em uma extremidade e, tal era a leveza, que pareciam vibrar. Quase não havia paredes. Largos vãos que se abriam para os coqueiros, as areias e o mar ali perto, tangido pelo vento gostoso. No primeiro pavimento, os quartos também muito abertos, grandes vidros para evitar as ventanias e dar claridades. O mais eram varandas e mais varandas, que as portas largas faziam confundir-se com os quartos. Tudo muito rasgado, invadido de muito sol. Embaixo, além do living, copa, cozinha, quarto de empregadas, duas garagens e o playground. Havia a sala de música, junto a um regato que vinha da terra, coleante, em procura do mar. Às suas margens foram plantadas narcisos importados e dois cisnes enobreciam as águas trepidantes.

Elisabete ao ouvir a buzina do carro conheceu-a e levantou-se. Pensou em agradar o amante e deitou-se novamente no sofá, ao pé da eletrola. Um bolero açucarado desprendia-se do

A: o mar [*s.v.*]

A: arquitetura leve, vaporosa. A sala de estar ampla, [*c.v.*]

A: bebidas finas [*s.v.*];

A: Num canto [*s.v.*];

A: as areias alvas; A: tangendo o vento

A: mais varandas [*s.v.*];

A: muito rasgado [*s.v.*]

disco. A mulher fazia que não estava pressentindo a chegada do doutor.

Quando ele entrou apressado, encontrou-a encolhida, amorosa, envolvente como sempre:

A: §↑; Quando ele entrou apressado, farejando qualquer traição encontrou-a;

– Ah! meu bem... Estava pensando em você. Nem ouvi a buzina. Olha o que toca. Você se lembra daquela boate... Como isso é bom. E você essa noite não veio aqui...

A: Nem ouvi a buzina, [*c.v.*]

– Ocupado, tenho andado muito ocupado.

– Comprou o anel?

– Nada, o peste está pedindo um absurdo. Mas termino comprando.

– Mais vale um gosto...

– Que seis vinténs... manda servir um uísque para nós.

A: Manda

Elisabete levantou-se e foi ao bar.

A: Elizabete se levantou e foi ao bar.

– Qual você quer?

– Old... Cavalo Branco... Ambassador...

– Qualquer um.

Doutor Jorge reparava a mulher, seus contornos excitantes e aquele cheiro de instinto.

Ao meio-dia almoçaram peixada. Como sempre, o bacharel arrependeu-se do muito que ingerira, ainda mais levado a bebidas fortes e vinho branco. A cozinheira, mulata, dengosa, riso safado de quem compreende tudo, adiantou-se:

A: Como sempre [*s.v.*]

A: A cozinheira, mulata [*s.v.*]

– Êta diabo... hoje vai 'tê sarapaté' de coruja... Como eu preciso saí... vou arrumá a cozinha cedo e deixar vocês sozinhos. Purcino também quer sair...

– Ótimo, disse Elisabete, virando-se para o amante com aqueles enormes olhos claros.

– Posso sair?

– Pois não, confirmou a patroa.

– Êta diabo, hoje vai tê... Ah! meu tempo.

A mulata tinha muita intimidade com Elisabete. Quando esta viera de Alagoas, ainda inexperiente na vida, fora para casa de mulheres da qual Cândida era empregada e, nos braços desta, desmanchava-se em lágrimas, toda vez que pensava na sorte que a tinha lançado à prostituição. Cândida, habituada àquelas cenas, acalentava a menina, dando esperanças. Elisabete, por sua vez, foi-se afeiçoando a ela. E como era muito nova e carecia dos afagos maternos para acabar de criar-se, procurava-a a cada momento. Assim a amizade foi aumentando até que um dia surgiu o doutor Jorge, convidando-a para morar com ele. Antes de aceitar, consultou Cândida e exigiu que ela fosse também para sua companhia. A dona de casa de cômodos zangou-se porque a mulher era o pé-de-boi, mas nada adiantou. Também a cozinheira sentia necessidade de uma filha, ainda que emprestada. Assim tudo se arrumou.

A: Cândida [*s.v.*]

A: afeiçoando com ela.

A: Assim a amizade foi crescendo;
A: doutor Jorge [*s.v*]

A: zangou-se porque a mulata era;
A: Também esta sentia necessidade

Após o almoço o casal subiu. Iam tontos, cheios, naquela moleza de quem muito comeu e bebeu mais ainda. O doutor ao chegar à cama jogou-se, como que extenuado, com roupa e tudo.

Daí a pouco, muito vermelho, pegando fogo, roncava engasgado. A mulher também se deitou extenuada.

Pelas janelas o vento soprava, fresco como as espumas do mar.

Ao acordar, já noitinha, doutor Jorge lembrou-se do brilhante. Ficou amuado. Em longos arrotos ia gaseificando a moqueca.

Ao descer as escadas, parecia sentir um prego no cérebro: a cabeça doía horrivelmente.

– Não posso mais beber. Nem comer muito. Bem que sei disso. Para que como tanto? Mas a peixada estava uma delícia. E acompanhada daquele vinho!

A: Para que comi tanto?

– Quer um Melhoral?

– Prefiro um sal de frutas.

Parecia que a lembrança do anel é que atrapalhava a digestão. Elisabete vendo o amante assim, aborrecido, puxou-o para si, estendeu-se no sofá do living.

A: puxou-a para si

Lá fora, pelo jardim, a lua pincelava quadros futuristas com tintas lúbricas. Mais adiante, uma toalha muito alva enxugava as águas do mar, e as palmeiras brilhavam ao reflexo, movendo-se docemente, como se amassem.

A: enxugava as águas do mar [*s.v.*]

XXXV

No dia seguinte, domingo, a fazenda acordou em reboliço. Todo mundo já sabia que Inácio fora pegado apanhando cacau. Senhor Antônio descobrira e só estava esperando a hora de mandá-lo ao xilindró.

João foi à sede. Lá encontrou o movimento.

Era o que se comentava. Até Fábio, com as mãos enterradas dentro das calças, metia-se na conversa. O gerente chamara vários bodegueiros de ponta-de-rua, que compravam cacau e, todos, depois de muita relutância, confessaram que adquiriram o produto em mãos de Inácio. Desculparam-se, afirmando que assim procediam por julgarem que ele tivesse roça de contrato na fazenda.

A: §↑; A: com as mãos metidas dentro das calças;

A: cacau, [*c.v.*]; A: e [*s.v.*];

A: Desculparam-se [*s.v.*]

Somente o acusado não sabia de nada. Sua casa era dentro do mangueiro, onde fiscalizava melhor os animais da tropa que conduzia o cacau mole para a estufa e, daí, seco, para os armazéns da cidade. Lá estava ele, inocente, gozando o domingo, rodeado dos seus nove filhos pequenos, em escadinha. Sua mulher, no terreiro, alimentava quatro peruzinhos com pirão d'água.

A: Lá estava ele, inocente [*s.v.*];

A: pequenos [*s.v.*]

Senhor Antônio foi chegando, entrou pela casa a dentro, saiu no oitão, onde o homem descansava, deitado na grama:

– Então, senhor Inácio, como vão as coisas?

– Tudo bem, disse ele levantando-se, respeitosamente.

– É mesmo que um saco de cacau furou no caminho e faltaram dois quilos?

– Foi, sim senhor. Não disse ao Senhor?

– Bem...

O tropeiro sentiu o sangue subir, embolou a língua, atrapalhou-se, traindo-se.

– Você tem passado bem, hein?

– Que nada...

– Comendo fresco... pé-de-vaca no feijão... nem eu...

– Um dia de domingo assim...

Inácio percebeu tudo. Bem que ouvira aquela conversa sobre cacau entre ele e o dono da bodega. Agora estava ali o resultado. O homem descobriu tudo. Logo que ele saiu ficou preocupado. Foi à porta da frente e relembrou os quilos de cacau que subtraíra. De início, foi somente um. Vendeu por vinte cruzeiros, para comprar um remédio para casa.

A: Inácio percebera tudo.;
A: O homem descobrira tudo.;
A: De início [*s.v.*] fora somente um.;
A: Vendera;
A: cruzeiros [*s.v.*]

Depois, dois quilos para completar a feira. Em seguida, mais cinco quilos naquela sexta-feira. À noite teve carne e farinha. Mais tarde quis comprar um presente à mulher. Ela vira uma chita estampada de florão e todo dia rogava para comprá-la. Mas o ganho não permitia. Aí tirou mais quatro quilos: um em cada saco. Por fim, todos os quilos reunidos não davam uma arroba. Ali estava o gerente sabendo de tudo. Cresceu dentro do tropeiro uma vergonha enorme. Seus companheiros saberiam que ele era ladrão. Furtara cacau. Era caso de cadeia, de surra que os inspetores dariam para ganhar cinquenta cruzeiros. Ninguém mais o tomaria para trabalhar. Seria despedido. Ficaria pelas estradas, carregado de filhos, morrendo à míngua. Certamente todos o apontariam:

A: §↑; A: Mais tarde quis

A: cruzeiros. Mas a surra não preocupava. Temia a fama de ladrão de cacau. Ninguém mais o

– Lá vai o sujeito que furtou cacau na fazenda Fartura. É um rato.

E pronto. Adeus emprego. Só se mudasse para bem longe. Mas um dia a notícia haveria de chegar.

E para que furtara o cacau? A primeira vez ia indo. Mesmo assim, que o menino doente morresse. Não devia ter tirado caroço. Não era dele. Pertencia ao doutor Jorge.

A: §↑; chegar. E para que tirar o cacau?; A: Não deveria ter tirado nem um caroço.

Quando ouviu novamente as pisadas do gerente, estremeceu.

– Então o senhor anda comprando até vestido lorde?!... Com que dinheiro? Com seu ganho?

A: – Então o senhor anda comprando até pé de vaca pra comer?!... Com que dinheiro?

Parece que imensa pedra caía sobre o tropeiro.

Quisera ele que a terra se abrisse e o tragasse. Seus olhos ficaram vermelhos de vergonha. A fisionomia abateu-se de momento. E os vincos retalharam seu rosto. Do pé da carapinha gázea brotavam caroços de suor que corriam até o queixo e caíam.

A: §↑

– Responda! Que devo fazer?

– É mentira, arriscou o homem.

– É mentira o quê?

– O que disseram ao senhor.

– Mentiroso é você, ladrão!

A palavra cravou-se nos ouvidos do tropeiro.

Tudo rodava em sua volta. Os filhos assustados estavam por ali espiando, curiosos, entendendo pouco. A mulher soluçava.

A: §↑

Em redor da casa reuniram-se todos os trabalhadores. João, muito aflito, começava a odiar o gerente. Outro dia ele tinha batido em seu filho doente, e perseguido os outros.

A: João [*s.v.*]; A: aflito [*s.v.*]; A: filho doente [*s.v.*]

– Venham ver o ladrão!

O suor escorria. O tropeiro de cabeça baixa não se lembrava de coisa alguma. A vergonha aniquilava-o como alicates grudados na carne. E aquela palavra o atravessava de lado a lado. Sentia tamanha vergonha que a cabeça estalava, os braços estavam caídos, inertes. Nos seus ouvidos a alucinação repetia-se:

– La...drão!

A: A vergonha aniquilava-o. O arrependimento triturava-o como alicates guardados na carne.

Certamente os companheiros também estavam com raiva dele. Ele é que não tinha razão. Os quilos de cacau resolveram os problemas do remédio, da comida e da alegria de sua mulher. Porém não tinha direito de fazer aquilo.

B: §↑

João recordava-se das cabaças de cacau que lhe serviram de almoço. Também ele havia furtado. Se bem que o crime mesmo era apanhar cacau seco. Cabaça de cacau era outra coisa. Mesmo assim, o marido de Isabel olhou para os lados a fim de verificar se alguém o olhava. Tranquilizou-se. Depois Sarará diz que pobre que tira de rico está levando o que é seu.

A: Mesmo assim [*s.v.*];
A: pobre que apanha de rico está tirando o que é seu.

O gerente, junto ao tropeiro, continuava:

– Se faz tudo com essa gente. Tudo. Casa para morar, comida, trabalho e ainda fazem desta. É muita ingratidão. Depois, quando o doutor Jorge chegar, quero ver quem vai prestar contas. Já o ano passado foi o estufeiro.

A: Depois, quando doutor Jorge chegar [*s.v.*]

Inácio não saía do meio da sala. Culpava-se: os outros não passavam fome, suas mulheres não andavam quase despidas, andando com os molambos sobre a pele? Por que a sua era melhor que

as outras? Os filhos dos demais não ficavam nus, morrendo à míngua? Sempre não faltavam carne e farinha na sexta-feira, para todos os trabalhadores? O arrependimento roía-o, torturando-o. Seus companheiros tinham razão para odiá-lo: era um gatuno.

Todos saíram. O tropeiro ficou sozinho. João quis ir até ele dizer qualquer coisa, mas temeu o gerente. Ademais Inácio era ladrão mesmo. Preferiu voltar ao casebre. Ao chegar narrou o acontecido:

– Tive pena do coitado, Isabel. Foi fraqueza dele, é bem verdade, mas tive pena. Não sei como vai se aguentar com tanto filho. Na certa, amanhã, está na rua.

– Não me diga, homem, senhor Inácio?

– É o que lhe digo. Só queria ver Sarará...

– Por quê?

– Porque ele anda dizendo que todo trabalhador tem o direito de apanhar o que o patrão nos rouba.

– Patrão roubar?!

– Sim. Diz ele que os ricos roubam mais da metade do nosso trabalho. Que nosso dia vale muito mais...

Mais tarde Inácio saiu trôpego pelo mangueiro. Nada disse à mulher. Como um sonâmbulo entrou na roça de cacau próxima, ganhou aceiro e meteu-se na mata. A vergonha mandava-o fugir. Levar fim. Desaparecer para nunca mais voltar. Num momento, recordou-se dos filhos. O caçula já dizia o seu nome. O outro era tão

A: §↑; A: Num momento;

parecido. Sucederam-se retalhos de lembranças. A mulher teria que criar os nove filhos. Nove bocas gulosas. Ele não poderia voltar à fazenda. Tinha que fugir.

A: era tão parecido consigo.

Na segunda-feira chegou a polícia para levar o homem. Senhor Antônio, muito heroico, contava o ocorrido aos dois praças.

A: Porem ele não

Narrava como descobrira o crime, dos truques que tivera que usar. Os soldados foram à casa do tropeiro e, secamente:

A: Antônio [*s.v.*]; A: heroico [*s.v.*]

– Onde está o homem?

A: §↑

– Não sei, respondeu o soluço da mulher. Saiu desde ontem, noitinha.

– Certamente fugiu, disse o gerente. Precisamos pegar. Custe o que custar. É caso de cadeia. Só taca para consertar gente descarada. E você pode ir arrumando as trouxas. Rua. Já e já. Daqui a pouco vem gente morar aqui.

– Saiu por onde? perguntou o praça.

– Por aí. Entrou ali na porteira e não vi mais, informou a mulher.

Pela batida que o tropeiro deixou no mato, foram à sua procura. No entanto, quatro dias depois, já na divisa da fazenda, foram encontrá-lo. Pendido de uma árvore, enforcado com cipó, estava Inácio.

– Serve de exemplo. Se todo ladrão se enforcasse... nunca mais rouba ninguém, disse senhor Antônio.

A: Nunca

Os soldados benzeram-se. Tiveram medo.

Meio palmo de língua de fora, roxo, quase preto, todo enteriçado, ficou o cadáver, até que alguém viesse fazer o levantamento.

No outro dia chegou o médico. Os urubus já tinham arrancado os olhos do morto. A morrinha espalhava-se, penetrante por toda parte. O profissional ordenou que se fizesse um buraco sob o cadáver. Quando cortaram o cipó a carniça caiu já amolecida, como um mamão podre que se desprende da árvore.

A: A morrinha espalhava-se [*s.v.*]

Todos os agregados sentiram um misto de piedade e ódio.

Sarará comentou no terreiro da barcaça:

A: §↑

– Um pobre pai de família fazer uma desgraça dessa por causa de meia dúzia de quilos de cacau. Tudo isso está errado. Mário é que tinha razão, no dia que todo trabalhador se juntar não haverá mais dessas coisas. Nós vamos buscar o nosso... E nós que plantamos, colhemos e secamos recebemos menos de cem cruzeiros. É ou não furto?

A, B: Dário; A: nosso... Esses pestes roubam mesmo da gente. Vendem uma arroba de cacau por quinhentos cruzeiros. E nós

– Pensando bem... ponderou o agregado novato.

– Furto... E se eles roubam da gente, nós também temos o direito de tirar deles. E se todos nós tirássemos, de uma só vez, eu queria ver feio nem bonito. A fazenda é de um e nós somos muitos...

A: de uma vez,

João estava impressionado com o suicídio de Inácio. Além do medo que já tinha por tudo, começou a desesperar-se quando via o gerente. Por causa dele o tropeiro se enforcara, deixando nove filhos, os meninos fugiam para o mato e o doente apanhou

A: João estava profundamente impressionado

A: o tropeiro se enforcara [*s.v.*]

de taca. Precisava ver-se livre daquele pavor. Como é que um homem tem medo de outro? Mas um dia ele se vingaria. Por enquanto, era trabalhar para adquirir o facão.

A: Por enquanto [*s.v.*]

XXXVI

Os planos de dona Helena continuavam. Gostaria ela de fazer também o batizado da Rose. A menina já estava completando três anos e precisava lavar-se do pecado original. Poderia, então, juntar as duas festas. Ficaria bonito: o batizado no dia do aniversário. Além disso, esperaria o Natal e, em um dia só, daria a festa.

A: esperaria o Natal e [*s.v.*]

E se o doutor Jorge não viesse? Bom, aí daria a festa sozinha. Convidaria muita gente. No jardim, armaria uma grande árvore de Natal, com uns quatro metros de altura e distribuiria, como a vizinha o fizera no ano anterior, presentes às criancinhas pobres. Roupinhas, brinquedos e bombons.

Além disso, é claro, comemoraria o aniversário. E eis que uma linda ideia surgiu: Também o bolo seria uma árvore de Natal, iluminada, carregada de frutos de mil cores, solitária, no meio da neve. Somente duas casinhas alvas, cobertas de gelo, lá por detrás das montanhas brancas. Um urso.

A: §↑

A: mil cores, solitária [*s.v.*];
A: coberta de gelo,

Não, urso é feroz. Não fica bem. Somente a árvore carregada de várias cores, a neve e as casinhas. Original! Esses motivos nacionais já estão batidos e o castelo, que fizera parte dos planos, não combinava bem.

Mas precisava, antes de tudo, levar a Rose para o exame mensal. Primeiro a obrigação, para depois a devoção, lembrava-se a fazendeira.

A: Primeiro a obrigação [*s.v.*]

XXXVII

João juntou o dinheiro.

Todo esforço valia a satisfação que experimentava agora.

Com os cento e vinte cruzeiros no bolso, além do dinheiro das despesas, dirigiu-se, naquele sábado, para a feira. Muito alegre e conversador. Ia aos pulos. Tinha um mundo dentro de si. Afinal, poderia comprar o facão. À tarde já estaria amolando-o, até fazer barba. Primeiro amansaria o bicho na pedra braba. Depois, naquela da estufa, para, em seguida, afiá-lo. E iriam ver quem era ele no serviço. Segunda-feira seria dia de roçagem. Veriam como se engole mato. E o nome do facão seria este: Engole-Mato.

A: Até que em fim João estava com o dinheiro junto. Todo o esforço bem valia;

A: §↑; A: dirigiu-se [*s.v.*]

A: Afinal [*s.v.*] poderia comprar facão

A: estaria amolando-o [*s.v.*]; A: Depois [*s.v.*]; A: para [*s.v.*]; A: em seguida [*s.v.*]

Antes mesmo de comprar os trens para dentro de casa, foi à casa de ferragens. Muito superior, inquiriu:

– Tem facão?

– Com bainha ou sem bainha?

– Ora, com bainha. E "Corneta". Banda-lisa do melhor.

– Tem a escolher.

O empregado, um sujeito gordo e esperto como roedor, foi lá dentro, voltando com um feixe

A: foi à loja de ferragens.; A: Muito superior [*s.v.*]

A: Ora [*s.v.*]; bainha, [*c.v.*]; A: e Corneta.

A: como roedor [*s.v.*]; A: foi lá dentro [*s.v.*] e voltou com um feixe

de facões amarrados, uns aos outros, pelas correias das bainhas.

– Aqui estão, pode escolher à vontade.

João puxou o primeiro. Era grosso demais, parecia um machado. Aquilo não afiava nunca. O segundo tinha uma rachadura no cabo. Foi separando até que achou um muito brando, leve, com bainha ao gosto. Abriu os lábios em concha, soprou a folha de aço e:

A: rachadura no cabo. Sucessivamente foi separando; leve [*s.v.*]

– Esse me quadrou. Vai ser o meu.

– Bom facão.

– Pode enrolar.

– Cento e cinquenta cruzeiros.

– Oh! não era cento e vinte até a semana passada?

– Era. Mas ferragem subiu muito. Fizemos um pedido e vai sair para nós, agora, a mais de cento e cinquenta. Isso não é fabricado aqui, não. Cabo de machado que é feito aqui tá subindo, quanto mais facão que vem do estrangeiro.

A: vai sair para nós, agora [*s.v.*]; A: feito aqui tá subindo [*s.v.*]

– Então eu levo o facão e, sábado eu trago o restante, tentou João.

A: – Então eu levo o facão e [*s.v.*] trago sábado o restante,

– Você trabalha onde?

– Na fazenda Fartura, do doutor Jorge.

– Bem, mas só se o gerente der ordem.

– Nesse caso o senhor separa aí esse facão. Será o meu. Não venda a ninguém.

– Está certo.

O agregado saiu meio desapontado. Teria que passar mais uma semana juntando o dinheiro.

A: mais de uma semana

Nem adiantava procurar senhor Antônio. Ele não garantiria coisa alguma. Só apertando mais a feira. Não compraria sabão e nem rolinho. Somente um pedaço de carne e pouca farinha. Mais uma semana de fome não mata ninguém. Boto uns laços no mato e talvez pegue saruê ou um bandola.

A: §↑; A: Só se apertasse mais a feira. Não comprara sabão, nem rolinho [*c.v.*]; A: pegue sariguê

– Mas em casa tá tudo desprevenido, objetou João.

Afinal ficou certo que trabalharia mais uma semana e, ao invés de tirar vinte cruzeiros, juntaria logo trinta que faltavam.

A: mais uma semana e [*s.v.*]; A: vinte cruzeiros [*s.v.*]

Mas, como se impacientava e gostaria de ver novamente o facão, voltou à venda.

– Moço, deixe ver o banda lisa.

– Trouxe o dinheiro?

– Não, mas pra semana eu trago.

– Não ficamos certos?

– Olhe lá, não vá vender a outro. Está separado?

A: Olhe lá [*s.v.*]

– Não já disse que...

– Então posso ficar descansado?

– Ora, meu Deus, vai embora, meu amigo, o facão é seu.

A: Ora [*s.v.*] meu Deus,

Ao passar pela sede da fazenda, perguntaram:

– Cadê o zinco, João?

A: – Cadê o zinco, seu João?

– Ah! moço já tão pedindo cento e cinquenta.

– O quê, homem?

A: O que [*s.v.*]

– Já lhe disse...

– Cento e cinquenta?

– E com imposição.

– É verdade... quem já comprou facão por cinco mil réis e destões a bainha. E facão mesmo... não é essas porcarias de hoje. Facão que batia num ticum e a gente via o bicho gemer, acrescentou o velho Adão.

O Sarará concluiu:

– Pobre não pode mais viver. Vive de teimoso. Só se todo pobre se juntasse pra acabar com isso...

João, muito envergonhado, pois havia dito a todo mundo que naquele dia compraria o facão, passou adiante. Em casa, contou o sucedido a Isabel e falou dos seus propósitos.

A: Em casa [*s.v.*]

– Tuzei assim... Quase diminuo a feira, mas a gente está tão preciso de umas comidas...

– Precisa mesmo, já não aguento mais passar mal. Esses meninos só faltam me comer viva.

A: faltavam me comer viva.

João se doeu um pouco. Ofendia-se com muita facilidade. Zangou-se. Todo ele era um ouriço. A mulher tinha razão, mas não via a situação como estava? Que culpa ele tinha?

A: ouriço de complexos.

– Hoje quero lavar a roupa, Isabel. Logo depois que descansar do almoço.

– Está fazendo um dia tão bonito. Eu até gosto de lavar num dia desse.

– Ou é melhor ir agora?

– Vamos.

Os meninos ficaram no casebre. O casal dirigiu-se à fonte. À sombra dos cacaueiros, nascendo sob rocha preta e limosa, corria um veio d'água clara-azulada. Mais abaixo foi cavada uma barroca, onde a água crescia, transbordando adiante. Ao lado, uma outra pedra servia para bater os panos e, num claro, mais atrás, coberto com bananeiras bravas, o quaradouro. Birros e cabaças pendiam dos troncos escuros, manchados de branco. Flores alvas com pétalas roxas de veludo enfeitavam as árvores. João tirou a roupa e entregou-a à mulher. Acocorou-se dentro das bananeiras bravas e começou a futucar o chão. Daí a pouco Isabel batia os trapos na pedra. Plof... plof... plof...

A: no casebre, o casal dirigiu-se à fonte.;

A: barroca [*s.v.*]; para bater roupas; bravas, quaradoiro.

A: os trapos na pedra: plof...

– Não sei, João, quando você vai comprar uns panos... falou ela. Essa roupa já não vale mais nada. Pra semana nem na feira você pode ir. Um rolim inteiro num dá para remendar.

A: Não sei [*s.v.*]; A: Pra semana nem à feira

– É isso mesmo, enquanto não tiver o facão não compro nada pra dentro de casa.

– Eu também estou com esse vestido na pele. Tenho até vergonha de me encontrar com gente. Está fazendo vergonha. Os meninos, nem se fala.

A: encontrar com um homem; meninos [*s.v.*]

– Sei... não precisa dizer.

– Só estou dizendo, homem.

A: dizendo [*s.v.*]

– É melhor que acabe de lavar essas porcarias para botar no sol. Os jatiuns tão querendo me chupar o sangue todo. De quando em quando, o marido batia uma palma seca. Enormes jatiuns de pernas compridas, planadeiras, tocavam berimbau em sua volta.

A: De quando em quando [*s.v.*]

– Fuma um cigarro, homem que as muriçocas te deixam em paz.

A: – Fuma um cigarro, homem, [*c.v.*]

– Deixei o fogo e o fumo em casa.

– Então o jeito que tem é esperar.

– Anda ligeiro.

– E não vai quarar um pouco?

– Para quê?

– Assim o sujo não sai.

– E eu vou ficar aqui esperando o tempo todo?

– Mas não demora.

Isabel esfregava os trapos com sabão, folha de mamoeiro e rama-de-são-caetano. O sumo verde, misturado com a espuma, escorria grosso e sujo como se fosse lama.

A: O sumo verde [*s.v.*]; misturado com espuma [*s.v.*]

– Tenho visto roupa suja, mas como essa. Olha o lodo.

– Avia logo, mulher.

A: Avia logo [*s.v.*]

– João passava minutos longe dali, pensando no facão. Bem que podia ter tirado parte da feira, mas a coisa estava andando tão dura!

– Se não fosse a morte do menino eu já tinha comprado o zinco.

– Mas é isso mesmo.

– Sessenta cruzeiros. Eu tinha comprado o facão pelos cento e vinte e ainda sobrava dinheiro.

– Agora não tem jeito.

Enquanto a roupa quarava, a mulher chegou-se ao marido. Tinha as mãos encolhidas, finas, ossudas.

A: Enquanto a roupa quarava [*s.v.*]

O vestido ralo mostrava as pernas esquálidas e as canelas, de secas, pareciam ter somente um osso. O rosto estava cavado, sem carne, terroso como barro de telha. Assim mesmo João a olhou e recordou-se de outros tempos:

– Hein, Isabel, antigamente, hein... você era cheia, carnuda...

A: Hein [*s.v.*] Isabel,

A mulher feriu-se na vaidade, mas se conformou:

– É isso João. A gente não pode ficá nova a vida toda. Depois a luta. Esses meninos. Todo ano um. Parece castigo.

– Mesmo assim, ainda quero bem a você. Você tem sido tão boa! Tem aguentado tanta necessidade!

Isabel avermelhou os olhos, que ficaram úmidos, mas nem uma lágrima saiu.

Como que o ambiente do mato amaciava o casal. Aquelas sombras frescas que as folhas desenhavam no chão amoleceram as palavras. Quando a roupa foi posta a enxugar já o agregado estava sem pressa. Há muito não dispunham de um momento assim, calmo, sossegado. Até sentiram certa alegria.

Bem verdade que João não poderia comprar o facão, mas daí a uma semana teria o dinheiro contado.

E o instrumento estava até escolhido.

João vestiu a roupa úmida, cheirando a sabão e sumo de São Caetano. Saiu atrás da companheira. Em casa, os meninos tinham tomado conta de tudo.

A: Em casa [*s.v.*] os meninos

– Quando o gato sai, o rato passeia em cima da mesa, disse a mãe.

Todos correram assustados, deixando o saco de farinha, denotando que tinham bulido nele. Um bom pedaço de carne foi devorado crua mesmo. E o embrulho de açúcar estava rasgado.

– Eu não fui, defendeu-se Aprígio.

– Nem eu, afirmou Hilda.

– Traz aí a taca que sei...

João intercedeu, defendendo os filhos:

– É isso mesmo, Isabel, estavam com fome. É isso...

– Você é que bota esses meninos a perder. Nunca pegou um para dar uma sova. Se Aprígio tivesse tomado umas boas, dessas que botam o moleque na água de sal, ele não estava comendo mais terra.

O agregado mastigou o angu com carne no espeto. Engoliu a água do litro preto e saiu para armar laços. Se houvesse trazido o facão, iria amolá-lo. Como nada tinha a fazer, queria aproveitar aquele resto de tarde para ver se fazia umas armadilhas.

Os saruês andavam comendo na boca da mata.

João passou o resto da semana seguinte comendo farinha com jaca. A armadilha não deu nada.

XXXVIII

Foi assim que dona Helena voltou ao consultório, depois de uma ausência de trinta dias, e falou à enfermeira:

A: Quando o gato sai [*s.v.*] o rato passeia por cima

A: Os meninos correram assustados, deixando o saco de farinha [*s.v.*]; A: denotando que tinham bulido nele.

A: tomado umas boas [*s.v.*]

A: trazido o facão [*s.v.*]

A: Como nada tinha a fazer [*s.v.*]

A: §↑; sariguês

– Bom dia, minha filha. Preciso falar com o doutor José. Vim fazer a consulta mensal da Rose.

A: – Bom dia [*s.v.*]; A: [*Alterou-se Preciso falar como doutor José.*]

E veio a resposta:

– Minha senhora, hoje é impossível. O doutor está muito ocupado. Já apareceram diversas clientes e todas voltaram. Como se trata de consulta mensal, a senhora poderá vir amanhã ou à tarde.

A: – Como se trata de consulta mensal [*s.v.*]

Como que um sentimento de culpa ou de medo possuía a enfermeira. Ela tinha as feições contraídas, o olhar mais triste e foi a voz trêmula que concluiu:

– Já ia fechar a porta, quando a senhora chegou. Doutor José está fazendo um exame demorado. De muita responsabilidade. Hoje é impossível.

A: Já ia fechar a porta [*s.v.*]

Do interior do consultório estrilou a campainha. A enfermeira entrou apressada, esquecendo-se de fechar a porta da sala de espera que dava para a saída.

A: – Do interior do consultório

Dona Helena ficou esperando o exame muito demorado.

Dentro do consultório estava uma senhora deitada, em posição ginecológica.

A: Realmente dentro do consultório estava uma senhora deitada [*s.v.*]

Doutor José de capa alva, touca e luvas, introduzia jeitosamente a mão nas entranhas da paciente, que fazia pequenos movimentos de quem estava fora de si. O médico utilizava-se de ferros apropriados e, de quando em vez, tomava compressas que chupavam o sangue. Afinal, com esforço que custou suor abundante e vincos profundos na testa, a criança foi arrancada. Era um corpo já conformado, entumecido, untado com as substâncias viscosa que dificultava

A: entranhas da paciente. Esta fazia pequenos movimentos;

A: chupava todo o sangue;

mais a nitidez dos traços. Já não dava sinal de vida. O pai, que acompanhava aflito todos os movimentos do médico, teve um estremecimento de amor. Não distinguia bem a satisfação de estar com o seu problema resolvido ou certo arrependimento de haver procurado a destruição do filho. A mulher, exausta, muito pálida, como morta, largada na mesa. Perdera sangue em profusão. E, como uma vagem verde de feijão dá mais trabalho para descaroçar que a madura, o filho prematuro saíra com dificuldade. A muque. O médico, satisfeito com o resultado do serviço, ainda sentia dentro de si, naquele profundo do ser que todo indivíduo tem de bom, o constrangimento.

As mãos sujas de sangue, o avental manchado e poças vermelhas pelo chão. O pequeno cadáver, lançado em uma bacia, estava envolto em uma pequena toalha que se misturava à placenta fragmentada.

A mulher, aos poucos, foi acordando, saindo de denso nevoeiro. Balbuciou palavras incompreensíveis e afinal:

– Meu filho!

Estava em pleno instinto, dona de todos os bons sentimentos, excluída da ligação que tinha para com a sociedade. Era, naquele momento, o animal meigo, dócil. A ovelha mansa que, ao terminar o estertor do parto doloroso, virava a cabeça e mugia, docemente... Queria ela, certamente, levantar-se, fazer um movimento de amor, que estirasse ao seu rebento as tetas cheias, bojudas de alimentos, como que saudosa de deixar fora das entranhas o produto de sua carne.

A: untado com uma substância

A: destruição do seu próprio ser;

A: pálida [*s.v.*];

A: estava como; A: E [*s.v.*];

A: médico [*s.v.*]; A: serviço [*s.v.*];

A: profundo ser; A: constrangimento moral que persegue o mais cruel celerado

A: §↑; O pequeno cadáver [*s.v.*], lançado a uma bacia [*s.v.*]

A: foi acordando [*s.v.*]

A: Estava ela em pleno instinto,;

A: A ovelha mansa que [*s.v.*] ao terminar a estertoração do parto

Ainda com os olhos fechados, meio inconsciente, a mulher repetia:

– Meu filho.

O pai amargurava-se. Bem que aquele filho poderia nascer. O passeio à Europa ficaria adiado para o outro ano. Sua mulher perderia as formas de ângulos arredondados para adquirir a maciez de mãe.

Certo arrependimento percorreu-lhe o corpo.

O fazedor-de-anjos, meio contrafeito, tentou gracejar. Mas era presa, igualmente, do sentimento que ainda lhe castigava a consciência.

A enfermeira, ao lado, muito amarela, mordendo os lábios, como se quisesse castigar-se, só começou a arrumar os ferros e pôr as coisas em ordem quando foi advertida. Dona Helena só ouvia ruídos abafados.

E, com o radar feminino, desconfiava que o caso grave era um aborto. Recordava-se de que também fora ao médico, meses depois de casada, e abortara. Lembrava-se das dores cruciantes, da fraqueza profunda em que caíra. Do estado de meia imbecilidade que se seguiu. Do arrependimento, depois. Dos longos anos à procura da concepção que nunca mais chegou. Com o tempo, foi aparecendo a tristeza, o vazio da casa e o arrependimento cresceu. Por que deixara que lhe fizessem o aborto?

Tanto que gostaria de ter um filho de verdade. E monologou:

– Doida... vai arrepender-se.

doloroso [*s.v.*] vira a cabeça e muge [*s.v.*] docemente...;
A: fazia um movimento de amor [*s.v.*]

A: adquirir maciez

A: A enfermeira [*s.v.*];
A: quando fora advertida.
A: §↓; A: De fora Dona Helena só ouvia ruídos abafados.

A: E [*s.v.*] com o radar feminino [*s.v.*] desconfiava que o caso seria um aborto. Recordava-se vagamente de que ao médico [*s.v.*] meses depois de casada [*s.v.*] e abortara.;
A: imbecilidade que seguira. Do arrependimento [*s.v.*] depois.;

Como que voltando a si, lembrou-se de Rose Marie. O doutor devia estar muito ocupado mesmo. Há duas horas que esperava. Já se levantara dezenas de vezes. Fora à janela e contara 56 carros azuis que tinham passado embaixo, pela rua Chile. Nada do médico aparecer. Os ruídos do consultório foram diminuindo até que sumiram de todo.

A Rose dava muito trabalho. O relógio marcou dezoito horas e nenhuma solução.

Com horror, lembrou-se ainda do que teriam que fazer com a criança morta. A curiosidade impelia dona Helena para saber quem era a mulher. Que se tratava de aborto não tinha mais dúvida. Começava a lembrar-se de uma senhora angustiada que vira saindo do consultório. Certamente ela demoraria muito para ir-se embora. Ficaria em repouso até à noite. E naquele dia doutor José não atenderia mais ninguém. Dona Helena fechou a porta da sala de espera, que a enfermeira, na pressa, havia deixado aberta, e sentou-se. Não sabia mesmo por que fechara a porta nem por que esperava. Algum sentimento estranho andava-lhe na alma. Se tivesse coragem, iria olhar pela fechadura o que se passava no consultório. Teve medo e vergonha. E por que não ia embora? Ver-se livre daquela agonia, daquela curiosidade que fazia esquecer até Rose Marie? Tomaria o carro e num instante estaria em casa. Ouviu trincar os ferros despejados em bacia. Tudo se findara. A senhora descansaria na sala especial, pálida como uma defunta, até que pudesse levantar-se, trôpega, e tomar o carro que estaria esperando lá embaixo. Gostaria também de vê-la, olhar bem o

A: numa mais chegara;
A: Com o tempo [*s.v.*];
A: §↑; A: Tanto que
A: –Doida... vai se arrepender.
A: em baixo [*s.v.*]; tudo.
A: Rose estava dando muito trabalho mesmo; resolução
A: Com horror [*s.v.*]
A: Que era caso de aborto;
A: até começava a conjecturar que se tratava da senhora;
A: vira certa feita saindo;
A: ela se demoraria;
A: enfermeira [*s.v.*];
A: pressa [*s.v.*];
A: Se tivesse coragem [*s.v.*]
A: Certamente

seu rosto e o do marido. Por que fizeram aquilo no consultório? Não poderiam, pelo menos, ter levado a coitada para o hospital?

Dona Helena receou ser apanhada ali como espiona. Abriu a porta e ia saindo. No entanto a vontade de ver alguma coisa de concreto, que lhe tirasse a dúvida, ou pelo menos que pudesse ter a certeza de que se tratava da senhora angustiada, arrastou-a para a sala. Se tivesse coragem iria olhar pela fechadura. Mas não tinha. Se fosse apanhada assim? Não sabia bem o que poderia acontecer. Mas seria mesmo um escândalo. "Poderiam até me bater. Ou quem sabe, até prender? Ora, não podiam fazer nada. Onde já se viu crime pelo fato de alguém olhar pelo buraco de fechadura? Mas que era feio, era, muito feio. Grande falta de educação".

Dona Helena não resistiu. Seus olhos atravessaram o orifício de ferro, por baixo da chave introduzida pelo lado de dentro, e viram doutor José apanhar a criança, pô-la sobre a banca e tomar o bisturi. Teve vontade de gritar, pedir socorro. Alguma coisa de muito grave estava para acontecer. O médico foi tirando os membros. Primeiro, os bracinhos, depois os dividiu em quatro. Fez o mesmo com as pernas. Restava somente a cabeça pregada ao tórax. Uma bacia alva recebia as partes já divididas.

Dona Helena daria tudo para não ver mais nada.

Fechar os olhos, fugir dali, rápido. Não podia. E onde estariam a parturiente e o pai? Ainda não

tudo estava findo; A: ficaria descansando na sala; A: defunta [*s.v.*]; A: levantar-se [*s.v.*]; A: trôpega [*s.v.*]; A: poderiam [*s.v.*];

A: pelo menos [*s.v.*]; A: a pobre coitada; uma espiona

A: No entanto, [*c.v.*]

A: pelo buraco da fechadura?

A: Primeiro [*s.v.*]

A: §↑

A: §↑; A: fugir dali, rápida. E não podia.;

tinha saído. Possivelmente foram postos na última sala, que se comunicava com a do consultório, pela porta que estava fechado a ferrolho.

A: última sala [*s.v.*]; A: consultório [*s.v.*];
A: estava fechada

O médico, rápido, muito prático no serviço, passou o bisturi no pescocinho e tirou a cabeça. Restava o tórax. Teve a mesma sorte. Ficou dividido em quatro partes. Acabada a operação, o conteúdo da bacia foi despejado numa panela de pressão que já estava no fogareiro elétrico. A tampa rodou da direita para esquerda, fechando-se.

A: O médico [*s.v.*]
A: Acabada a operação [*s.v.*]
A: estava posta no fogareiro elétrico.

Daí a pouco a fumaça saía pelo suspiro, cozinhando o sinistro ensopado. Dona Helena quis fugir novamente, reuniu as últimas forças, mas a curiosidade era mais enérgica. Minutos longos se derramaram. Não sabia se trinta ou quarenta. De uma coisa estava certa: já era noite fechada e a parturiente não tinha saído ainda.

Os olhos assombrados continuavam na fechadura e viram quando a panela fora retirada do fogo.

O que iriam fazer agora? A enfermeira saiu para um lado. Fechou a porta atrás de si. Ouviu-se o gorgolejar de uma descarga de sentina...

Doutor José tomava o pulso da cliente.

Dona Helena abriu a porta devagarinho e ganhou o corredor. Sentia-se mal, as vistas turvas.

A: §↑; A: elevador [*s.v.*]; notara; A: Ao chegar ao; percebera

No elevador, esteve para dar uma síncope. O ascensorista estava de costas e nada notou. Ao chegar no automóvel o chofer percebeu o estado da patroa.

A: §↑;

Amparou-a. Puxou rápido para casa.

A: e amparou-a

A fazendeira deitou-se, pediu uma xícara de café bem quente. Adormeceu. Ao acordar, perguntou pela Rose Marie.

A: Ao acordar [*s.v.*]

Donata trouxe a boneca. A mãe alisou os cabelos ruivos, suspendeu a filha e viu os olhos que se movimentavam presos ao arame que, por sua vez, era impulsionado por uma borracha. Entristeceu-se. Os cílios de Rose pareciam goma arábica seca. Era fria.

A: presos ao arame que [*s.v.*]; A: por sua vez [*s.v.*]

Não havia amor naquela expressão de tinta morta.

A: §↑

Onde estavam os movimentos de braços, a faceirice de Lúcia? Daquela menina que vira no primeiro dia do consultório? Rose não tinha um gesto de amor, faltava quentura nos olhos azuis. Profunda tristeza abateu a fazendeira. Sua vida tornou-se mais vazia.

A: §↑; A: Sua vida tornou-se mais ôca.

As salas ficaram maiores e os quartos mobiliados mais despovoados. As mangueiras enormes morreriam de tristeza e o doutor Jorge fugiria mais de casa. Levaria até sua coleção de brilhantes para outro lugar. Dona Helena temeu o silêncio, a tranquilidade que seus dias teriam. Nada mais restava para ela. Gostaria de criar um cachorro loly, mas certa feita tivera um, ainda no tempo de menina, e o carro de boi passou por cima, esmigalhando a cabeça.

A: §↑

A: a tranqüilidade vazia que seus dias teriam.

Só se criasse pássaros. Encheria a casa de todos os que encontrasse nas feiras. Encomendaria canários, sabiás, curiós e caboclinhos. Mandaria fazer um viveiro enorme. Mas também não gostaria disso. O canário-da-alemanha fora encontrado em penas.

A: §↑; A: a casa de todos que encontrasse

Um gato malvado arrancou-o da gaiola de pé. Se ainda encontrasse um livro como Mercedes, afundar-se-ia nos quatro volumes da obra e passaria o tempo. Mas até aquele romance fora perdido. Emprestara a alguém e nunca mais o devolveram. Poderia fazer uma viagem. Para onde? Cansar-se. Acordar cedo. Obedecer a horários. Também não servia. A Rose iria ficar atrás do guarda-roupa, empoeirada, com os olhos parados, coberta de teias de aranha. Somente aquela quietude existia ali. Nem um movimento. Donata descera e conversava com os outros empregados, lá no fundo. Doutor Jorge a estas horas viajava para Cuiabá atrás de um brilhante de três cores. O que ela precisava, sim, era zoada, muito ruído, para afugentar a visão do médico cortando a criança, despedaçando-a, ensopando as mãos nas carnes moles.

A: §↑

A: Emprestara a alguém e nunca mais vira.

A: Somente aquela quietude havia ali.;

A: empregados [*s.v.*]

XXXIX

Decorreram duas feiras do dia em que João mandara separar o facão.

Seu maior receio era não encontrá-lo. Mesmo assim, ia confiante, pisadas firmes, até que chegou à venda.

– Então, meu branco, hoje trouxe o dinheiro.

– Qual dinheiro, veio a resposta indiferente.

– Não se lembra d'eu?... Que tive aqui a semana retrasada e mandei separar um facão?

– Ah! Bem...

– Está separado, não é?

A: ia confiante em pisadas [*s.v.*] firmes até que chegou à varanda.

A: Ah! bem...

– Parece...

– Mas falei com o sinhô...

– Sim, mas demorou muito. Pensei até que não vinha mais.

– Mas separou... disse o agregado apreensivo.

– Se não venderam, está aí.

A: –Se não venderam. Deve está aí.

O caixeiro entrou e, de volta, trouxe o feixe de facões.

– Aí está.

– E o meu?

– Na certa meu colega vendeu a outra pessoa.

– Mas...

– Cansei de avisar. Não há quem possa... Não tive culpa. Se fosse somente eu que trabalhasse aqui. Tem quatro empregados, desculpou-se o caixeiro.

João pegou no molho de facões, olhou, tirou-os da bainha, experimentou-os prendendo a unha do polegar na lâmina, soltando-a em seguida, para saber o timbre do aço. Por fim, vergou a folha em curva, soltou-a e deu duas pranchadas em cima do balcão.

– Não é igual ao que eu escolhi...

A: caixeiro [*s.v.*] dando pouca atenção ao freguês [*s.v.*]

O caixeiro, dando pouca atenção ao freguês, foi despachar outro.

João continuava escolhendo. Cortava o ar, verificando o peso do ferro, até que decidiu:

A: o peso do ferro [*s.v.*]

– Esse está melhorzinho.

O caixeiro voltou-se e:

– Mas tem uma coisa. Não posso fazer o preço daquele dia.

A: Não posso fazer o preço

– O quê?!...

– Nós tivemos um aviso da fábrica. Até nos propuseram comprar os facões em estoque a duzentos cruzeiros.

– Mas mandei separar o meu.

– Bem, mas não marcou o prazo. Como já é negócio velho posso lhe fazer duzentos e vinte.

– Mas moço, tenha dó. Só trouxe os cento e cinquenta.

– Isso aqui não é meu, amigo. Pertence ao seu Josias. Sou empregado.

Senhor Josias, que rabiscava contas na sobreloja, saiu, verificou a insignificância do freguês e sentenciou:

– Não perca tempo. Quer por duzentos e vinte?... Se não quer, pronto. Desocupa. Só querem pechinchar.

– Meu amo...

– Nada, vocês nunca estão satisfeitos... Antigamente recebiam três cruzeiros por dia. Hoje têm vinte e cinco cruzeiros... Nada... Quer ou não quer?

– Se eu só tenho cento e cinquenta?

– Então pronto.

E para o caixeiro:

– Guarde os facões...

– Espere aí, homem.

– Se o senhor não pode comprar... Nem roupa tem para vestir.

daquele dia, não.

A: Espere aí [*s.v.*] homem.

– É... está certo...

Pela estrada da fazenda Fartura João veio pensando. Não tinha jeito mesmo. Só restava ficar ganhando os vinte cruzeiros, tomar esporro e trabalhar com a língua de teiú. Quando juntasse os duzentos e vinte cruzeiros, o facão estaria por mais. Além de tudo, a fome já insuportável. Isabel nem podia sair de casa. Andava nua com as traseiras de fora. Os meninos, como bichos, de cabelos enormes, sujos, piolhentos e esfarrapados, grunhiam nas noites de fome. Queriam um pedaço de carne e um pouco mais de farinha. Tudo fizera para mostrar quem era ele. Mas a sina era mesmo triste, mais forte que suas forças. Precisava mandar rezar de olhado a ele, à choupana e a todos da casa. Tudo dava errado. Já completava oito vezes que juntara dinheiro para comprar o facão. Se quisesse ter os duzentos e vinte, teria que trabalhar mais três semanas. O pior é que os meninos não aguentavam. A casa, desprevenida. Até Bordada queixara de pôr, depois de dois ovos. Onde já se viu galinha suspender a postura depois de botar dois ovos? Era a sina. O melhor seria deixar a vida assim mesmo. Sentia vontade de morrer para descansar. Não temeria a senhor Antônio, nem precisaria de facão.

Ao passar pela fazenda, os trabalhadores ainda estavam na roça.

Fábio pitava um cigarrão de palha feito de papel de embrulho.

Em casa, João encontrou Isabel no terreiro. Com as asas de Bordada entre uma das mãos,

A: Só restava ele;

A: Além de tudo [*s.v.*] a fome já estava insuportável.

A: piolhentos e esfarrapados [*s.v.*]

A: os duzentos e vinte [*s.v.*];
A: A casa estava desprevenida.; A: de pôr [*s.v.*]

A: Até sentia vontade de morrer;

A: Antônio [*s.v.*]

tentava, com o mindinho da outra, apalpar a galinha. Logo que esta sentiu o corpo estranho, remexeu-se, gemeu dolorida e foi solta.

A: tentava [*s.v.*];

A: remexeu-se um pouco,

– Não quer pôr... disse a mulher baixinho.

Bordada sacudiu-se toda, beliscou os fundos para certificar-se das novidades e ganhou as coiraneiras.

– Já veio, João?

A: Já veio [*s.v.*] João?

– Já...

– Cadê o facão?

– Facão?... Duzentos e vinte cruzeiros agora. Nem o diabo pode comprar.

– É isso, homem. Se conforme com a sina.

A: – É isso [*s.v.*]

O agregado deixou a mulher e veio para o oitão da casa. Estava muito triste. Sua vontade era morrer. Sumir-se. Tanto tempo para juntar o dinheiro! Tanto esbregue engolido sem uma palavra. E depois que julgava tudo certo, o pesteado do comerciante impunha duzentos e vinte cruzeiros. Logo não viam que ele não tinha tanto dinheiro! Que seria preciso um tempo enorme para juntá-lo...

– Cambada de ratos! Ratos...

João desceu a ladeira pelo caminho que ia dar na estrada real. Resolveu ir à roça da Pedra Preta que tinha sido tomada de seu pai. Passou por várias casas de trabalhadores. Eles já tinham vindo do serviço e descansavam à soleira da porta de entrada. Outros, rachavam lenha no terreiro com machados cegos. Adiante deu com as roças da baixa pesadas de frutos, certas, ensombradas como se já fosse noite.

A: caminho que ía dá na estrada real.

A: que havia sido tomada

A: as roças da baixa, [*c.v*]

Na sede, o movimento era grande. Dezenas de burros estavam sendo desencangalhados depois de terem posto cacau o dia todo. Um que outro burro avexava-se, querendo saborear a grama, e era reclamando:

A: Na sede [*s.v.*]

– Quiô!... Quiô!... vorta Boneco, Tarugo!

A: – Quiô!... Quiô!... volta Tarugo!

O novo tropeiro dava meia carreira, cercando o animal, e continuava o serviço.

A: dava meia carreira [*s.v.*] cercando o animal [*s.v.*]

Caieiros de meninos pinotavam. Apesar de terem passado o dia todo juntando ou descaroçando cacau, ainda encontravam forças para jogar bola feita de lima murcha.

Senhor Antônio, muito avexado, falava alto, aos berros:

A: Senhor Antônio [*s.v.*] muito avexado [*s.v.*]

– Cambada de preguiçosos! Preciso completar uma estufada e vocês (a cambada estava ali presente) só quebram cem caixas.

João receou o estado de nervos do gerente e se meteu na roça, por detrás das barcaças, dando uma volta pelo fundo do pomar.

Fábio tossia forte e fiscalizava os telhados, procurando ninhos.

No mangueiro, Alecrim e Dourado raspavam a grama, um ao lado do outro, calmos, felizes, como se veraneassem. Batiam a cauda, tangendo o espanador.

A: No mangueiro [*s.v.*]

Na roça da Pedra Preta já a noite andava fazendo cama. Blocos de escuridão se adensavam pelos boqueirões como se separassem das outras sombras mais claras. Os cacaueiros, entre as pedras negras e limosas, estavam para lascar os

galhos. Flores como lêndeas, birros e cabaças já lisas ou maduras.

Ali estava o lugar da casa de seu pai. Mais além, as roças frutíferas plantadas por ele. Ainda havia um esteio no meio da replanta que fizeram para ligar as roças. Tudo hoje era cacau. Doutor Jorge transformara a posse de Mucuri em uma roça só.

Para que desperdiçar aquele terreno tão bom com mangueiro! Daí ter arrancado o capim, lavrado mandioca e bananeiras para depois plantar o cacau.

A: §↑; Daí ter arrancado o capim, plantando mandioca e bananeiras para depois enterrar o cacau.

Somente o esteio de pau-brasil restava da casa de Mucuri. Ao lado, ficava também o pé de claraíba que hoje fazia sombra aos cacaueiros e naquele tempo servia de poleiro. O galo losna cantava noite adentro e sabia amiudar as madrugadas. Ali a vaca Bonina comia ração todas as tardes, enquanto o bezerrinho cheiroso ficava amarrado na puxada da casa.

A: comia ração toda as tardes [*s.v.*]

As sombras tristes comprimiam-lhe a alma.

Nem temia as assombrações que certamente viriam com a noite. As corujas já estariam fora das moradas para agourar os vivos. Dizia-se que a alma de Mucuri vinha durante as noites para tratar Bonina, capinar em volta da casa e colher cacau.

A: §↓

Depois cantava, cantava até o amanhecer. Antes do dia chegar, desaparecia.

A: §↑; Antes do dia chegar[*s.v.*]

João não temia seu pai. Que ele viesse e conversasse. Poderia até lhe mostrar um jeito de arranjar o dinheiro para o facão.

A: Mas João não

Falava-se também que o senhor Jerônimo não deixava se passar por suas roças: a usura não

dava paz a sua alma. Ele tinha virado assombração, uma coruja seca, que não comia, nem bebia. Só fazia secar. E todas as noites corria as plantações.

A: deixava de passar por;
A: que não comia [*s.v.*]

O próprio Fábio vira o antigo patrão beirando a casa-sede, arrastando os chinelões, fiscalizando tudo. De repente, virara assombração e desaparecera.

A: casa da sede;
A: De repente [*s.v.*]

João sentou-se em uma pedra, junto à antiga cozinha.

A: João sentou-se a uma pedra

Ali sua mãe catava os meninos, debulhava feijão-verde e ficava descansando nas horas de folga, com a mutuca muito arrumada atrás da cabeça.

Ali também dava papa aos pequenos. Trazia a panela de cozinha, botava-a no chão e, abrindo bem o colo amplo, ia empurrando o mingau pela boca do filho, atenta às galinhas que queriam bicar a papeira.

A: §↑;

Nas noites de São João, fazia-se o fogaréu enorme, um ramo de pati enfeitado de frutas e até requeijão. E a noite toda era milho, foguete e licor. Festão. Não havia tempo ruim para Mucuri deixar de matar um bom capado de quatro arrobas e comer até cansar. Gostava de assar milho na brasa da fogueira...

A: Nas noites de São João [*s.v.*];
A: para Mucuri não matar;
A: Malaquias gostava de assar

Mas tudo agora era cacau. O céu escuro soltava estrelas, e uma claridade, como se fosse de lua, brotava por detrás das roças. João gostaria de ficar ali para sempre. Quem sabe não veria dona Flora, a vaca Bonina e o galo losna? Não se dizia também que Bonina aparecia nas noites de lua e ficava remoendo, calmamente, naquela indolência de vaca leiteira? Onde estariam os olhos mansos da vaca, aquelas tetas gordas e compridas, inchadas de leite?

A: O céu escuro soltava algumas estrelas,

Por onde andaria o galo losna com aquelas foices de ouro caindo ao pé da cauda? Tudo estava desaparecido.

Nem a coruja seca surgia. E se o senhor Jerônimo, arrependido do que fizera, lhe mostrasse a panela de dinheiro que havia enterrado? E quem sabe se o fazendeiro não a deixaria ali, ao pé do esteio?

A: E o senhor Jerônimo [*s.v.*]

João encostou-se à claraiba e olhou além.

Um facho aceso, como brasa, vinha do escuro.

A: §↑

Seria o ouro pagão do qual todo mundo falava? Seu filho que morrera sem batismo não fora para o céu, tinham pedido ao senhor Jerônimo que lhe ajudasse. O fazendeiro estaria arrependido. Se não fizesse alguém descobrir o dinheiro enterrado, jamais se salvaria.

A: §↓

A: morrera sem batismo não pudera ir para céu [*s.v.*] e tinha pedido ao senhor; A: o dinheiro enterrado [*s.v.*]

Teria que penar anos a fio, metido naquele corujão sem carne, só de ossos e pele. Ouvira certa vez o caso do pai que pedira ao filho pagão para comprar um tostão de chuva.

E foi água de arrasar o mundo. Pois bem quem sabe se o menino não intercedera junto ao senhor Jerônimo?

A: água de arrancar o mundo. Pois bem, [*c.v.*]

No mato distante crescia o facho de ouro pagão. Iluminaria a panela. Seria preciso uma luz. Quem já viu se arrancar dinheiro sem vela acesa para iluminar a alma de quem a enterrou?

A: Ele iria iluminar a panela. Mas seria preciso uma luz.

O ouro pagão vinha chegando, mostrando onde estava o dinheiro. Uma réstia de claridade bateu no pé do esteio. Agora poderia comprar facões, comida, roupa, sapatos e até um pedaço de terra. Nada diria à mulher. Quando voltasse da feira era

com um cavalo encangalhado e os panacuns entupidos de trem.

Três quilos de carne verde bem gorda. Uma rabada de boi. E por que não procurava logo desenterrar a panela? Tudo dizia que ela estava ali. Até houve quem andasse esgaravatando o chão. Nada acharam porque não levaram vela na cara da noite. Mas ele não. Ele, João Rodrigues dos Santos, filho do finado Mucuri, enxergava a luz viva, dourada, que parecia cegar os olhos. Se não estivesse no pé do esteio, iria procurar junto à pedra da cozinha.

João tirou o facão gasto e furou a terra. Ali estaria o dinheiro de que precisava. O língua de teiú arrancava pequenos blocos de barro que as mãos em pá iam limpando. Uma coruja tua-cova chegou em voo tonto e pousou no esteio. João arrepiou-se e notou que era bom agouro. Era a alma do senhor Jerônimo. Continuou cavando. Aos seus ouvidos chegavam mugidos de Bonina. O galo losna cantou três vezes e saltou do poleiro. O dinheiro estaria ali. Tudo indicava. Só faltava a vela acesa. Mas o filho que morrera pagão daria jeito a tudo.

Quando os galos amiudaram João continuava cavando.

A: quem andasse esgravatando;
A: não levaram a vela e nem tinham visto o ouro pagão na cara da noite. Mas ele, [*c.v.*] não. Ele, João Rodrigues dos Santos enxergava a luz;
A: pé do esteio [*s.v.*]

PARTE II

A TERRA E O SUJEITO DISCURSIVO EM *OS MAGROS*: UMA RELAÇÃO DE DESLIZAMENTO DE SENTIDOS

Harlle Silva Costa

> A enxada cortava a terra fofa. O cacaueiro novo, folhas viçosas, estava indiferente ao cansaço do homem. (EUCLIDES NETO, 1992, p. 12).

Os magros, de Euclides Neto (1925-2000), desperta o leitor para um paradoxo que retrata a situação social e política da região cacaueira na década de 1960, época em que a posse do fruto de ouro traduzia a imponência e dominação dos "donos da terra". Em vez de apresentar apenas um dos aspectos sociais – o panorama "magro" como o título sugere –, o autor utiliza a técnica do contraponto narrativo, a fim de evidenciar de modo mais contundente o cenário de desigualdade social e econômica no sul da Bahia. Se é possível falar em "os magros", é porque eles se encontram em paralelo com outro dizer, um outro lugar discursivo, o de "os gordos". E, desse modo, o sujeito discursivo apresenta-se inconformado e engajado politicamente com as questões sociais que se evidenciam na narrativa.

Sob o olhar de duas famílias, na verdade, duas vozes que se contrapõem na construção discursiva – a de João e a de doutor Jorge –, a narrativa desenvolve-se, principalmente, em dois ambientes:

uma fazenda de cacau no município de Ipiaú, interior da Bahia, e a casa de doutor Jorge, na capital do mesmo estado.

A narrativa é construída com base nos paradoxos que identificam João, a quem ninguém nunca se dirigia com algum tipo de cerimônia, e doutor Jorge, cujo título lhe fora conferido pela formatura em Direito e o qual era sempre respeitado devido à fortuna, que não fazia questão de esconder. O que há em comum entre esses dois sujeitos é a relação com a terra, embora essa relação seja marcada pela divergência.

Diante disso, analisam-se, neste estudo, aspectos da construção discursiva que corroboram o sentido da narrativa, especialmente na relação do homem com a terra e os efeitos de sentido que resultam na adesão do interlocutor, os deslizamentos de sentidos do discurso, os quais demarcam os posicionamentos ideológicos dos sujeitos discursivos em face do embate das formações discursivas.

Inicialmente, apresenta-se o contexto narrativo e discursivo da obra, evidenciando os enunciados que se relacionam às formações discursivas de escassez e abundância, opressão e submissão passiva, e, em seguida, analisam-se os deslizamentos de sentido nas relações parafrásticas referentes ao discurso sobre a terra, a partir de conceitos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa.

Vale ressaltar que os excertos da obra citados ao longo do texto serão referidos com as páginas correspondentes, a fim de possibilitar a consulta, caso o leitor considere necessário.

"TUDO MAGRO", O SUJEITO DISCURSIVO E OS EFEITOS DE SENTIDO NO DISCURSO

Na perspectiva da AD, o sujeito não é o centro do seu dizer, mas constitui-se marcado pela heterogeneidade discursiva, resultante de

uma interação entre ideologia e inconsciente, historicamente situado. Desse modo, a enunciação possui diferentes vozes relacionadas às formações discursivas e ideológicas a que se filiam os discursos.

A partir desse pressuposto, entende-se que os sentidos das palavras não são fixos, mas se constroem na relação de diferentes sujeitos em interlocução, inscritos em espaços socioideológicos específicos. Com isso, todo dizer está relacionado a algo já dito em algum lugar e sob determinada situação. E esse dizer submete-se a uma formação discursiva, a qual se interliga a outras oriundas de diferentes momentos na história e de lugares sociais distintos (FERNANDES, 2007).

Na descrição do personagem João, as escolhas lexicais corroboram os lugares de conflito social, as diferentes posições do sujeito discursivo e o embate linguístico e ideológico que se relaciona a determinadas formações discursivas em concorrência. Se há um discurso de denúncia, de exploração trabalhista e de extrema subserviência, há, em face disso, a posição do dominador, produzindo nestes discursos diferentes efeitos de sentido no contexto das condições desse dizer.

No discurso da narrativa, João carrega a lembrança de dias fartos em casa de seus pais, antigos proprietários das terras circunvizinhas, que, segundo ele, foram desapropriadas pelo genitor de doutor Jorge. Enquanto João (sobre)vive na fazenda Fartura com a mulher e seus oito filhos, em condições subumanas, doutor Jorge reside na capital baiana, cercado das regalias que o lucro da fazenda lhe proporciona. Essa situação ilustra nitidamente a atitude das famílias favorecidas economicamente no período áureo do cacau, no sul da Bahia.

Com períodos curtos e linguagem simples, o sujeito discursivo rememora, provavelmente, as diligências de Euclides Neto como advogado dos pobres – assim conhecido por sua atuação em favor da posse da terra para os menos favorecidos. O tom de indignação é acentuado ao enunciar sobre o empregado da fazenda. A descrição é tão

minuciosa que possibilita ao interlocutor igualmente indignar-se com a situação da personagem, que, embora se assemelhasse a um bicho não só na aparência, mas principalmente nas condições de vida, ousava pensar numa sorte diferente e, por isso, persistia no trabalho.

> João era agregado: magro, pálido, olhos afundados nas órbitas cavadas. Barbicha rala de muito tempo, o cabelo crescido, encobrindo as orelhas. O chapéu de palha sem fundo. As roupas em molambos, encerotadas, mostrando a carne flácida. Pés enormes, o dedão torcido para um lado. Pés criados na lama, furados de espinhos. Pés de bicho. Alguns dentes quebrados. O cinturão de sola e o facão mostrando a ponta pela bainha velha. Quase não pensava. Ouvia o búzio que o chamava à roça. Ia tocado como um boi no arrasto. Gostaria de comer carne fresca, sangrenta. Uma rabada de novilha gorda. Mas somente no São João pudera comprar meio quilo de ossos frescos. Roera-os com sofreguidão. Quanto ao mais, a mesma coisa: farinha com um taco de carne assada. Malagueta ou cumarim. Um gole d'água e pronto. (EUCLIDES NETO, 1992, p. 2-3).

A primeira característica apresentada para João é o qualificativo magro, seguido de outros que o reforçam: "pálido, olhos afundados nas órbitas cavadas". Fisicamente, João era a magreza personificada, mas este não era o pior problema que ele enfrentava. Nas assertivas que se seguem, excertos da obra em estudo, o adjetivo é reincidente, até mesmo na visão da personagem que lamenta sobre sua própria sorte. "Vida dura, meu Deus. Vida de cachorro. Estou mais magro. Parece que os meninos estão aniquilando. Tudo magro." (p. 4); "E a noite rolava pesada sobre os magros." (p. 14); "Até os ossos de sereia estavam mais magros." (p. 61); "Mesmo assim, ali estavam as folhas para as sextas-feiras magras [...]" (p. 85).

"Tudo magro" traduz a condição de sobrevivência de João e de sua família. Apesar da fartura que existia na fazenda, eles viviam em situação subumana: magro era o alimento escasso nas refeições, os sonhos castrados, as esperanças esvaídas, o sono intranquilo, a vida emagrecendo e tornando-se cada vez mais difícil de suportar.

Esse discurso é fortalecido quando em contraponto com outro personagem da narrativa, doutor Jorge. Sobre ele, diz o enunciador:

> Doutor Jorge era filho do antigo fazendeiro senhor Jerônimo. Alto, curvado como se os ombros estreitos não combinassem bem na barriga volumosa. Seu todo dava impressão de flacidez e ausência de trabalhos físicos, os braços finos, muito longos, terminados em mãos de seda. Os pulsos de menino doente denotavam inutilidade. Parece que existiam somente para suportar o charuto fino que os dedos seguravam. [...] Herdou a fortuna dos pais, que morreram, um após o outro, dentro de seis meses. Aos vinte e oito anos casou-se, viu-se diplomado e rico. Como se a sorte fosse curta, casou-se com dona Helena, neta de arquimilionário, e as fazendas, vizinhas, cresceram a vinte e cinco mil arrobas. Como nada tinha a fazer, cuidava de sua coleção de brilhantes verdes, vermelhos, amarelos, azeite doce, alvos, que se guardava no cofre do gabinete. (EUCLIDES NETO, 1992, p. 9).

Pelo exposto, é possível perceber a relação de dominação e subserviência entre doutor Jorge e João. Fartura, nome da propriedade, é uma ironia à situação não só de João, mas da maioria dos agregados, com exceção do senhor Antônio, a quem doutor Jorge outorgava alguns direitos. A fartura estava apenas para um dos lados, o do empregador que se tornara obeso pela falta de labor. Enquanto João era excessivamente magro pelo sofrimento patente, pela

obediência servil, pela falta de comida, de roupas, de moralidade, de dignidade e de coragem. Enfim, pela "faltura" de tudo.

Os contrastes não findam por aí: em oposição à casinha coberta com indaiá, cozinha, quarto e sala que abrigavam João e sua família, na cidade de Salvador, o palacete de doutor Jorge com dois pavimentos, salas amplas, dúzias de quartos e varandas ociosas ostentavam o luxo da vida abastada e cercada de mordomias, que estavam muito longe da realidade enfrentada na fazenda. Cristais, comida em abundância, numerosos empregados, inclusive chofer particular para dona Helena, sua esposa, que dispensava todo o seu tempo para cuidar da boneca Rose Marie, como se esta fosse sua própria filha, dentre outras futilidades para quebrar a monotonia.

A partir desse pressuposto, pode-se inferir que o sujeito discursivo, ao enunciar "Tudo magro", marca um posicionamento ideológico de indignação contra a condição de miséria a que o trabalhador era obrigado a se submeter, a fim de lutar pela sobrevivência e sustento de sua família. Além disso, possibilita distinguir duas formações discursivas: a defesa dos direitos humanos fundamentais e a desigualdade social – a condição de inércia do dominado e a posse da terra como privilégio, poder e dominação.

O enunciado, apesar de relacionar-se a um discurso de escassez, interdiscursivamente alude ao direito a saúde, moradia, alimentação saudável, educação e trabalho digno. Quanto ao sentido da palavra, esse entendimento corrobora a afirmativa de Pêcheux (1997, p. 190):

> O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe em "si mesmo" [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas [...].

Desse modo, o sentido diz respeito ao efeito produzido entre sujeitos em enunciação, e este fenômeno está relacionado à possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições) no interior de uma formação discursiva. Ele se constitui dentro da matriz de sentidos, nas relações parafrásticas entre sequências discursivas, o que se denomina, portanto, efeito metafórico.

O efeito metafórico pode se manifestar por meio de relações sinonímias contextuais entre dois grupos de termos ou expressões que produzem o mesmo efeito em relação a um contexto, ou seja, uma substituição contextual, provocando deslizamento de sentido. Esse "deslizamento de sentido" entre x e y é constitutivo do "sentido" designado por x e y (PÊCHEUX, 1995), e não exterior a eles.

RELAÇÕES PARAFRÁSTICAS NO DISCURSO DA RELAÇÃO HOMEM E TERRA

A relação do homem com a terra remonta aos tempos primórdios e sempre esteve relacionada às lutas por poder e supremacia, mas também pelo sentimento de dependência e sobrevivência. Em vários momentos da história, o dono da terra era também quem estava em situação de domínio, não só da propriedade, mas das tomadas de decisão política e dos ditames em relação ao outro, desprovido de qualquer posse. Na sociedade feudal, por exemplo, o direito sobre o território era concentrado nas mãos dos senhores feudais, os quais decidiam para quem determinada terra poderia ser distribuída. E, com isso, havia uma rígida divisão entre as classes e extrema desigualdade social.

Na construção discursiva de *Os magros*, a relação homem e terra emerge num confronto entre formações discursivas que estão relacionadas às condições de produção desse discurso e às suas condições socioideológicas. O autor, pioneiro da reforma agrária no

Brasil, dá voz ao enunciador a partir de um posicionamento crítico sobre a distribuição de terras no país e da desigualdade social resultante desse desequilíbrio. Com isso, os efeitos de sentido produzidos pelo discurso promovem a indignação do interlocutor diante da sorte madrasta de muitos trabalhadores rurais, na região sul da Bahia, em decorrência da exploração por parte dos cacauicultores.

Esses enunciados em oposição relacionam-se a duas formações discursivas em conflito: a primeira em defesa da terra para todos, tendo como possibilidade a reforma agrária; a segunda filiada à ideia de exploração, não apenas da terra, mas de tudo e de todos que a ela estão diretamente relacionados.

Sendo assim, a palavra, ao ser utilizada por determinados sujeitos, integra um discurso e não outro, tendo em vista a posição, o lugar sócio-histórico-ideológico daqueles que a enunciam. Em *Os magros* é possível analisar, a partir de seus enunciados, pelo menos três sentidos produzidos pela palavra terra e seus correlatos.

O primeiro deles refere-se à própria condição do explorado. Embora houvesse tanta terra disponível para o plantio, a João e sua família restavam apenas as sobras. As condições subumanas de existência não correspondiam aos benefícios que a terra poderia proporcionar. A casa de taipa e chão batido era a parte que lhes cabia: "Bem que as baratas saíram aos caieiros dos buracos de taipa" (EUCLIDES NETO, 1992, p. 51); "Relâmpagos retalhavam o céu em lâminas de aço e esfaqueavam os buracos de taipa." (p. 53); "As folhas ressequidas abriam-se, deixando cair goteiras no chão batido." (p. 51), "A galinha choca arrastou os buguelos e aninhou-se, ali, mesmo, no canto da sala, numa barroca vazia." (p. 23).

Os utensílios domésticos também são originados da própria terra. Desde a panela para cozer o alimento ao penico para destinar os dejetos: "O fogão era armado sobre quatro forquilhas de madeira, com lastro de varas recobertas de barro..." (EUCLIDES NETO, 1992,

p. 1); "Uma panela de barro, a chocolateira preta, o coador e três pratos também de barro, sujos da véspera." (p. 1); "Isabel apanhou o saco de farinha, jogou um punhado na boca e colocou um pouco na panelinha de barro." (p. 22); "No fundo a lama escura esverdeada, a pimenteira, o pé de jiló e o penico de barro encostado à parede." (p. 2); "[...] cada um foi para o seu canto com o caco de barro na mão." (p. 22).

O único conforto e segurança que poderia oferecer aos filhos era também a terra, a terra molhada, a lama: "O caçula abriu o eco e foi posto na terra molhada, encostado à parede." (p. 2); "Pés criados na lama, furados de espinhos." (p. 3); "A mulher afastou a panela de barro, forrou a terra morna com uns trapos. Botou o filho a quentar [...]" (p. 24).

Há ainda as referências a covinhas e areia estorricada. A primeira semanticamente se refere a buracos feitos na terra com o objetivo de enterrar algo. Ao enunciar "[...] O céu estava todo cheio de covinhas de anjo [...]" (p. 30), evoca a memória discursiva de sepulturas cavadas na terra para acomodar cadáveres de crianças, algo real e recorrente na vida da família.

Em "João foi à feira, comprou os trens, deu meia volta, despejou uma cachacinha na garganta, que mais parecia areia estorricada." (p. 92), o sujeito aproxima a sensação da bebida em sua garganta com a sensação de engolir areia estorricada, uma metáfora da situação vivenciada pela personagem, que conhecia bem o solo em época de sol escaldante. Assim, como não era fácil lidar com a terra, removê-la com a enxada ou pisá-la com pés descalços, não seria fácil suportá-la como alimento, ainda mais por saber que, muitas vezes, essa era a alternativa encontrada por seus filhos, quando nada encontravam para saciar a fome.

Para João, a sua triste condição era atribuída à própria terra, que embora não fosse sua, fazia parte dele: "Quando meu pai tinha um pedaço de terra, tomaram à força. Agora, a sina triste dá terra,

mas pra menino comer, ficar opaco, fazendo assombração [...]"; "Da terra, pobre só tem direito de trabalhar para os outros"; "Se trabalha, labuta até morrer. Se come, morre também. Deus só fez a terra para os ricos." (EUCLIDES NETO, 1992, p. 78). A terra que produzia alimento antagonicamente servira de sustento para os filhos do lavrador, deixando-os à própria sorte, como uma destruidora cruel.

Este segundo sentido refere-se à terra como uma ameaça à vida e, de igual modo, denota a condição de subserviência e impotência de João. O filho estava à beira da morte, e ele pressentia: "Os grilos cricravam nas vassouras do terreiro. Corujas tua-cova agouravam nas capoeiras." (p. 28); mais uma vez a terra sem dó levaria mais um dos seus; "Do mato vinham as pancadas fofas da enxada de Júlio, cavando a sepultura." (p. 34); "Os meninos de pés no chão, muito honrados com a oportunidade, pegaram o caixão e saíram." (p. 34); "A terra cobriu o menino [...]" (p. 34); "O cheiro de vela, que se acendera ao anjo, estava por ali, misturado ao fartum de terra urinada." (p. 53).

João temia a terra na qual vivia e trabalhava: "A gente não pode nem sentir saudades, Isabel. O nosso filho morreu e nós já esquecemos. A gente só tem direito a ter medo do Senhor Antônio, os coriscos, da enxurrada levar tudo. Para a gente, só tem o medo." (p. 71); "Uma tarefa ali dava para uma família viver, comprar de tudo, andar vestido, comer todos os dias e não ter medo." (p. 85). O trabalhador temia o senhor da terra, representado por Antônio, gerente da fazenda: "Senhor Antônio chegou estabanado, riscou as quatro ferraduras no terreiro estreito, deixando quatro vincos no barro [...]" (p. 41). "Cá do terreiro, reparava-o caçando seus filhos como se eles fossem porcos." (p. 43, grifo nosso). João poderia correr, defender suas crias, mas não conseguia. Era como se a terra o prendesse, o impedisse de se rebelar, de resgatar os filhos que, sem alternativas, iam sendo arrastados pelo chão, arrastados pela vida, insistindo em sobreviver, a despeito das intempéries.

A terra se mostra impiedosa na relação de João com senhor Antônio. Assim como a terra, o gerente era uma ameaça constante, e em frente a ele João mais uma vez se via impotente, não podia nem defender os filhos. O empregado mentira sobre a quantidade de filhos a fim de assegurar o emprego e, por este motivo, os filhos viviam se escondendo.

O encarregado não era temido apenas pelos meninos, mas pelo próprio João, que dele recebia as constantes ordens e repreensões: "Senhor Antônio chamou a atenção para a roçagem, que deveria ser bem feita, rente ao chão." (EUCLIDES NETO, 1992, p. 63). Inconformado, dizia João: "Senhor Antônio está nos tocando como cachorros. Só falta bater o pé no chão e dizer: puxa daqui!... puxa. Mas eu compro o facão." (p. 71). O encarregado exigia um trabalho apurado, mas não oferecia condições para que João ao menos pudesse comprar um facão novo.

Enquanto a terra ameaçava os filhos vivos, nas elucubrações de João, ela também, sem piedade, engolia os restos mortais do filho sepultado. O narrador penetra no pensamento de João ao destacar a terra como vilã que tranquilamente saboreia sua presa. Isso fica evidente nos seguintes excertos da narrativa: "Ali perto, na roça, dormia o menino morto, enterrado naquele dia [...]. A terra preta estaria mastigando o corpinho aniquilado." (EUCLIDES NETO, 1992, p. 52); "Lá fora as raízes dos cacaueiros coleavam feito cobras gulosas em procura do menino morto." (p. 53); "João foi olhar a cova do filho [...] A terra apresentava-se mais escura, roxa." (p. 61); "[...] certamente as raízes reptantes já triunfavam as carnes do pagão. Os cacaueiros ficaram muito contentes e produziriam frutos enormes, cheios de caroços que Doutor Jorge venderia..." (p. 61).

Se chovia, a situação ficava ainda pior, dificultava o trabalho na lavoura e senhor Antônio geralmente fazia-o perder o dia. A forte chuva ainda impossibilitava o sono, que já era conturbado: "Ao deitarem-se, notaram as poças d'água e novamente levantaram-se.

A enxurrada havia furado a parede, invadindo a sala em busca das barrocas. [...] As folhas da cobertura deixaram a água cair, lavando todo chão." (EUCLIDES NETO, 1992, p. 53).

Não bastasse a chuva, o ciclo da ceifa pela terra parecia continuar. Aprígio, caracterizado como "[...] criança opada, esverdeada mesmo, modorrava no oitão, deitado na terra que os aguaceiros da noite tinham umedecido." (p. 76). E o que fazia Aprígio? Matava a própria fome se alimentando de terra molhada, apesar da censura do pai: "– Está comendo terra, cachorro. Você morre. Terra mata." (p. 76).

O enunciador reforça a sina da família, acrescentando as digressões da mãe sobre os demais filhos: "Comiam terra desde pequeninos. Iam aniquilando, amarelecendo, a barriga inchada até que desapareciam." (EUCLIDES NETO, 1992, p. 77); "Não podia resistir à terra. [Aprígio] Queria comê-la [...] E saboreava a terra, calmamente, salivando cada parte, devagarinho, satisfazendo-se." (p. 77-78). E, enquanto isso, "A terra apressada levaria todos os meninos para que as raízes gulosas salivassem com os aguaceiros das noites escuras. A terra não tinha paciência." (p. 78).

A partir desses enunciados, pode-se depreender que, nesta relação de sentidos, a ideia de terra confunde-se com o sentido atribuído ao seu proprietário, levando a um terceiro sentido. Assim como a terra era indiferente às mazelas sofridas pelo trabalhador, também era o próprio dono da terra. Não demonstrava tolerância nem paciência, preocupavam-no apenas os lucros obtidos pelos cacauais, não importava a que custos. Isso também pode ser corroborado nas seguintes reflexões do personagem João em resposta à indignação de sua mulher: "Não via que as roças não eram dele? Que as plantações pertencem ao dono da terra? E que a terra perseguia a todos: matava e comia os meninos?" (EUCLIDES NETO, 1992, p. 86).

No fragmento a seguir, o sujeito discursivo utiliza o termo cacau com o mesmo sentido já atribuído à palavra *terra*: "Não.

Cacau, Isabel não queria. Dava sofrimento. [...] Até o sangue da gente o pesteado leva. Comia os filhos da gente." (EUCLIDES NETO, 1992, p. 86). Tanto a terra como o cacau são apresentados como antropófagos impiedosos: "Eu passo tantos dias sem um caroço de farinha em casa! E aqui é a terra que come tudo..."; "Que o patrão proibiu de arrancar essas mandiocas. Diz que é pra adubar a terra. Cacau gosta de comida gorda." (p. 107).

Enquanto os trabalhadores sofriam as mazelas da exploração na fazenda, doutor Jorge passava os dias a imaginar de que modo poderia aumentar a sua coleção de pedras preciosas.

O DISCURSO, A TERRA E DESLIZAMENTOS DE SENTIDO

Para a AD, o efeito de sentido é a relação de possibilidade de substituição entre palavras, expressões e proposições no interior de uma formação discursiva (PÊCHEUX, 1995). O efeito se constitui dentro da matriz de sentidos nas relações parafrásticas entre sequências discursivas. Esse fenômeno semântico denomina-se efeito metafórico ou paráfrase e, por meio dele, pode-se dizer a mesma coisa de forma diferente, sem alteração de significado. Não quer dizer, portanto, mudança de sentido, mas diz respeito a um mesmo sentido cristalizado que se perpetua nos diferentes discursos produzidos e possibilita o deslizamento de sentido.

Segundo Orlandi (2007), esse efeito é característico das línguas naturais por oposição aos códigos e às línguas artificiais. Sendo assim, pode-se considerar que não há sentido sem a possibilidade de deslize e sem interpretação, que seria constitutiva da própria língua.

Essas relações parafrásticas em *Os magros* corroboram os deslizamentos de sentido, principalmente por meio das inúmeras substituições das palavras e expressões do campo semântico do vocábulo *terra*, como evidenciado na seção anterior. Desse modo, no desfecho

da narrativa, o sujeito discursivo amplia o efeito ao mesmo tempo em que provoca no discurso da personagem João um olhar mais positivo na relação homem e terra, aludindo quase que exclusivamente ao vocábulo primitivo e seus cognatos.

Apesar do visível conformismo de João e sua família em face da sua condição de vida e impotência diante das ameaças da terra, há enunciados em que é possível perceber um lampejo de indignação: "A terra era boa porque estava adubada com lágrimas e tristezas." (EUCLIDES NETO, 1992, p. 86); "Ela [Isabel], outro dia, também comera torrão. Queria saber o gosto, mas, por dentro, era vontade de engolir a terra. E gostou. Comeu duas vezes. Ninguém sabia." (p. 97). Essa vontade de "engolir a terra" soa como forte desejo de vingança, de rebelião. Se pudesse acabaria com a terra, e com ela todo o sofrimento que os assolava. Nesses fragmentos, estão em evidência não apenas o sofrimento, mas também a importante contribuição dos lavradores para o apogeu do cacau na Bahia. Eram eles que adubavam o solo, mesmo com lágrimas e tristezas, e se não fosse por eles, a terra, por si só, nada produziria.

Nas proposições que se seguem, pode-se inferir a terra como solução para os problemas enfrentados. Este sentido contrapõe-se às relações de sentido que predominam na narrativa, a saber, a terra como ameaça à sobrevivência.

Num momento de fome exacerbada, João não controla seu espírito de retidão e vê-se impulsionado a roubar o fruto proibido. Mas conflitava em sua consciência: roubaria o fruto e ficaria impune? E se alguém descobrisse, o que fazer para ocultar o seu delito? É quando encontra na terra uma alternativa: comeria o fruto e depois enterraria as cascas, lançaria folhas secas por cima da terra cavada e pronto. A terra temida e ameaçadora seria a solução imediata para seu problema.

Em outra situação, quando questionado por senhor Antônio sobre a quantidade de filhos que tinha, "João calou. Num relance,

passou por sua cabeça a vontade de apanhar a língua de teiú e enterrar todinha no filé do miserável." (EUCLIDES NETO, 1992, p. 42). Por um momento, pareceu indignar-se e utilizou o verbo enterrar para uma ação que inspiraria a vingança tão almejada, mas o pensamento logo se dissipou e o agregado foi acometido de certo temor.

Diante da miséria e da falta de opção, João e Isabel também viam na posse e cultivo da terra uma alternativa para resolver seus problemas. Imaginavam o que seria ter um pedaço para cultivar e lamentavam o fato de não poderem plantar para o seu próprio sustento: "Tanta terra que a fazenda tem, hein João [...] Terra que nem ladrão acaba [...] E não dão nem uma nesga de terra para plantar umas brugunças. Tanta terra boa, tanta capoeira perdida. [...] [Isabel] Enfiava os dedos na terra fofa e arrancava o que não era de comer. [...] Então olhava além, e via as terras vastas, subindo e descendo lombadas. [...] Terrenão! À noite se comentou a flor do cacaueiro. Fizeram-se planos. 'Para o ano, na outra safra, vamos melhorar de vida'". (EUCLIDES NETO, 1992, p. 85, grifo do autor); "Se lhe dessem, João, uma tarefa dessa roça, você queria? – Ainda pergunta... Ia desmanchar em farinha, beiju e crueira. " (p. 106); "A gente hoje era para ser rico com aquele pedaço de terra." (p. 108).

O discurso que destaca a terra como riqueza e solução para os problemas enfrentados pela família apresenta o interdiscurso da distribuição da terra para todos e traz a memória discursiva da reforma agrária, que consiste na compra ou desapropriação de terras devolutas a fim de beneficiar àqueles que não têm condições para comprá-las. Isso corrobora também o que reza o Estatuto da Terra, segundo o qual o Estado tem o dever de garantir a posse para quem nela vive e trabalha (BRASIL, 1964).

Quanto a essa questão do interdiscurso, Pêcheux (2012) afirma que longe de ser efeito integrador da discursividade, ela torna-se seu princípio de funcionamento. Os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva, podem ser

importados (metaforizados) de uma sequência pertencente a outra formação que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente.

Conforme Orlandi (2012, p. 173),

> Não há dizer que para fazer sentido não se inscreva na memória. Não há dizer que não se faça a partir da repetição. No entanto, na repetição histórica, há deslocamento, deriva, transferência, efeito metafórico. E o efeito metafórico é retomada e esquecimento, deslize para outro lugar de sentido, novo gesto de interpretação.

É interessante observar que, nos capítulos destinados à narração da vida de doutor Jorge em Salvador, não há nenhuma ocorrência da palavra terra e poucas referências à fazenda, considerando que era o lucro das propriedades rurais que sustentava o luxo da vida na capital. Após essas reflexões, questiona-se: qual o sentido da terra do ponto de vista do "dono da terra"? O que poderia justificar esse "esquecimento" do sujeito discursivo?

As questões podem ser respondidas a partir da ideia de que para todo dito, há um não dito. Então, o sentido A está para o sentido B e, nesta relação, temos a construção discursiva do ponto de vista do explorador e do explorado conflitando entre si. A terra era mais importante para quem nela habitava e com ela se relacionava por meio do trabalho braçal. Para o dono, não importava, necessariamente, a terra ou suas condições, mas as receitas advindas dela.

Essa construção de sentido relaciona-se a formações discursivas em oposição, as quais se referem a um posicionamento ideológico, aquilo que pode e deve ser dito numa determinada conjuntura social, historicamente situado.

Em *Os magros*, o sujeito se inscreve em várias formações discursivas na construção do discurso, porém, é predominante a ideia de que a terra não pode ter donos, é preciso que seja compartilhada e dela todos possam retirar o seu sustento. Ao ressaltar a relação da terra com o explorado, essa construção discursiva denuncia "os gordos" exploradores e anuncia aos "Joões" que é preciso resiliência.

> João tirou o facão gasto e furou a terra. Ali estaria o dinheiro de que precisava. O língua de teiú arrancava pequenos blocos de barro que as mãos em pá iam limpando. Uma coruja tua-cova chegou em voo tonto e pousou no esteio [...] Continuou cavando [...] Quando os galos amiudavam João continuava cavando. (EUCLIDES NETO, 1992, p. 164).

Parafraseando Euclides da Cunha (2004), João é, antes de tudo, um forte. Em face de toda a desventura, mantinha a expectativa de uma melhoria de vida, de encontrar na terra, além do seu sustento, a dignidade que lhe fora roubada. E, apesar de toda adversidade, envidava os esforços para continuar resistindo: continuava cavando.

Para a AD, todo discurso está relacionado a um outro discurso, a uma memória discursiva, a um já dito, ao interdiscurso, o qual se origina do deslocamento do sentido de uma formação discursiva para outra por meio da metáfora. A explicação desse novo sentido ocorre por relações parafrásticas. Esses fenômenos dão ao sujeito a ilusão de escolher as palavras no discurso, ao tempo em que marcam o posicionamento ideológico e promovem os deslizamentos de sentidos no discurso.

No discurso da relação homem-terra subjacente à obra em estudo, evidenciou-se que a escolha de uma palavra por outra não denota uma opção consciente do sujeito discursivo. Essa seleção provoca o deslizamento de sentido, a mudança de posicionamento

ideológico, de uma formação discursiva para outra. Além de sugerir forte relação do homem com a terra, movida por sentimentos ora de exploração, ora de temor, ora de sobrevivência. E é dessa relação que a materialidade discursiva constrói os sentidos com os quais o leitor se depara.

Nessa perspectiva, o interdiscurso aponta para a dicotomia "tudo magro" e "tudo gordo", como denúncia da desigualdade social, e a distribuição de terra para todos como solução para essa problemática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, suplemento, p. 49, 30 nov. 1964. Disponível em https://bit.ly/2IzwVM6. Acesso em: 19 dez. 2018.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

EUCLIDES NETO. *Os magros*. 2. ed. São Paulo: Guerra & Bussius, 1992.

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso*: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise*: sujeito, sentido, ideologia. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Pêcheux. 3. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. Tradução de Eni P. Orlandi. *In*: *Análise de discurso*: Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

A FARTURA DA LINGUAGEM

Tereza Cristina Damásio Cerqueira

O presente texto ocupa-se de analisar o romance *Os magros*, de Euclides Neto, sob o viés discursivo-literário. O objetivo é, a partir do vocábulo *facão*, estabelecer as implicações entre a língua – enquanto moduladora do discurso – e a literatura – enquanto o próprio discurso. Para realizar o estudo, tomou-se como aporte teórico os princípios da análise do discurso de linha francesa, recorrendo a duas vertentes paralelas, mas não opostas. De um lado, tem-se a análise do discurso, cuja referência é Pêcheux (1990 *apud* BENTES; MUSSALIM, 2003), de outro, a análise do discurso literário, na qual figura Maingueneau (1995), que oferece o lastro necessário para essa realização.

O título deste texto apresenta, certamente, uma oposição ao da narrativa de *Os magros*, a partir da ideia de "fartura". Como supõe o título do romance escrito em 1961, a história contada, predominantemente em terceira pessoa, versa sobre a vida de pobreza extrema do trabalhador rural João, na condição de agregado na Fazenda Fartura, e do rico fazendeiro doutor Jorge. Os agregados, como são chamados os trabalhadores sem vínculo empregatício nas fazendas de cacau, são desprovidos de direitos trabalhistas e de direitos humanos. No caso da expressão "fartura", que aparece no título deste capítulo, faz referência ao fato de o romancista utilizar-se da linguagem da gente das roças de cacau e selecionar algumas palavras simples, do universo tão desprovido de importância para os fazendeiros, mas de

significação abundante para o pobre trabalhador. Então, a partir do título deste estudo, dispara-se o problema: em que medida o uso da linguagem corrente nos diálogos simples, "ingênuos", dos trabalhadores rurais de Euclides Neto oferece elementos para construir uma narrativa "farta" em denúncias sobre as precárias condições da classe trabalhadora rural na região cacaueira do sul da Bahia?

Deste modo, entende-se que o título se justifica pela análise do trabalho discursivo-literário realizado por Euclides Neto em *Os magros*. Nota-se que, ao longo da narrativa, as palavras *facão*, *língua de teiú*, *banda-lisa*, *zinco*, entre outras, tomadas em determinados contextos de enunciação, revelam discrepâncias sociais entre fazendeiros e empregados. Tais diferenças vão sendo apresentadas no tecido literário, em cuja trama o que não está dito é (ou dá) o "nó" na trama que compõe o tecido social.

Assim, realidade e ficção se misturam, "se tecem". A partir disso, fez-se necessário recorrer a um campo de estudo que tornasse possível a compreensão dessa mescla, a fim de compreender, no romance, a conjuntura social, e, a partir da conjuntura social, o romance. Dito isso, entende-se que a narrativa de *Os magros* apresenta um jogo de oposições que denunciam modelos sociais explicitamente hierarquizados, bem como situações de dominação do rico fazendeiro e de opressão da classe trabalhadora. Importa ressaltar que o *facão* (e suas variantes) – instrumento de trabalho e objeto de desejo de João – representa o evento discursivo que irrompe o projeto político-literário.

A análise do discurso, sob perspectiva de Pêcheux (1990 *apud* BENTES; MUSSALIM, 2003), fundamenta a realizada a partir de três conceitos que subjazem ao estudo apresentado: discurso, formação ideológica e formação discursiva. No contexto da análise do discurso, importa considerar que (BENTES; MUSSALIM, 2003, p. 123): (i) o sentido é historicamente construído; (ii) ao se falar em discurso, deve-se considerar o contexto

histórico-social, ou seja, o contexto da enunciação; (iii) discurso é entendido como "aparelho ideológico", através do qual se dão os embates entre posições diferenciadas.

A natureza ideológica do discurso se materializa na linguagem (falada, escrita, gestual, imagética etc.) e põe em cena um elemento, um aspecto das lutas e dos conflitos que podem ou não estar em confronto. O elemento, que aparece como o gerador de lutas e conflitos, pode ser chamado de formação ideológica, interesse defendido por pessoas e grupos sociais. Os discursos veiculam tais interesses que nem sempre aparecem em situação de confronto; muitas vezes surgem em relações de aliança ou de dominação. Neste sentido, é importante entender que as formações ideológicas atuam como forças que produzem a heterogeneidade intra e interdiscursivas.

Assim, de acordo com dada formação ideológica, o discurso de um texto literário ou não apresenta, de um lado, aspectos ou elementos com interesses geradores dos conflitos internos; e, de outro, elementos que representam interesses que podem estar em conflito com outros elementos externos a esse texto, com os quais é estabelecida uma relação dialógica. Não aleatoriamente, determinada formação ideológica define o lugar de onde discurso e ideologia se articulam (BENTES; MUSSALIM, 2003, p. 125), ou seja, define a formação discursiva.

Entendida desta forma, a formação discursiva retoma as diferentes posições de Euclides Neto na sociedade cacaueira do sul da Bahia, em especial na cidade de Ipiaú, para entender seu lugar de escritor. É importante considerar que as relações que o autor estabeleceu com as demais posições ocupadas por ele (advogado, prefeito e fazendeiro) vão, de algum modo, aparecer no seu processo criativo. Isto acontece porque o autor, no seu engajamento social, sente-se comprometido politicamente também na sua literatura. Como se pode ver em *Os magros*, um discurso cuja ênfase está na voz trabalhadora e no seu instrumento de trabalho, o facão.

Note que, seguindo os conceitos (discurso, formação ideológica e formação discursiva) apresentados e relacionando-os ao referido romance, é possível tê-los como operadores de uma concepção de língua que subjaz à obra como um sistema dialógico, como um constructo social que, indubitavelmente, aponta para a não neutralidade das palavras. Isto posto, deve-se compreender que, por questão metodológica, a palavra *facão* e suas variantes (*língua de teiú*, *zinco*, *ferro*, *banda-lisa*, *chibute* etc.) foram tomadas no recorte da análise. Ressalta-se que, em todas as citações, foi levado em consideração o romance como um conjunto discursivo e como suas condições de produção e enunciação, como será visto na seção "A construção do discurso em *Os magros*".

Ainda assim, como um projeto político-literário de Euclides Neto, considerou-se que sua posição de escritor é atravessada pelo conjunto de relações que este lugar possibilita e pelas relações que os demais papéis ocupados por ele lhe permitem evocar ou fazer uso. A formação discursiva que está presente no discurso é permeada pelas formações ideológicas que atravessam as demais instâncias que ocupou até o momento da escrita da referida narrativa.

Acrescente-se que, por se tratar da análise de uma obra literária e a fim de não desviar o foco da natureza primeira de *Os magros*, recorreu-se ao pensamento de Maingueneau (1995), considerando sua contribuição para a análise do discurso literário. Entre as contribuições do pensador francês está o fato de demarcar o lugar da literatura como discurso. A literatura materializa os elementos que representam os interesses, isto é, é a materialização de formação(ões) ideológica(s), conforme foi visto anteriormente. Ao mesmo tempo, a literatura é discurso e é lugar onde este e os interesses se conectam, se articulam. É o lugar de onde se pode enunciar o discurso que denuncia as mazelas sociais, como faz Euclides Neto, por exemplo. Literatura é discurso porque materializa dada visão de mundo, que nem sempre se apresenta de modo concreto,

mas é discursivamente representada. No caso da narrativa de *Os magros*, o facão materializa um elemento que não está "presente", textualmente, no romance, mas que aparece tematizado sob a forma de um problema social: as relações de trabalho nas roças de cacau. Então, ao se falar em visão de mundo, obviamente, está se referindo a um posicionamento discursivo para o qual existem outros discursos a que se filiam ou que se opõem.

Desse modo, deve-se considerar que o discurso contempla duas dimensões diferentes, a do intradiscurso e a do interdiscurso. A dimensão intradiscursiva diz respeito ao percurso semântico das formações ideológicas (ou seja, daqueles elementos que representam os interesses e são geradores de lutas e conflitos, por exemplo) e, a partir do qual, subjazem outros temas; já a dimensão interdiscursiva diz respeito aos discursos que fazem aliança ou oposição.

Quanto ao interdiscurso, Maingueneau (1987) entende que é constituído de três instâncias: universo discursivo, relacionado ao conjunto de discursos sobre um dado tema; campo discursivo, no qual se faz o recorte para a análise, no caso de *Os magros*, insere-se nos campos político-social e literário; e o espaço discursivo, no qual os discursos estabelecem relações de aliança ou oposição. O romance situa-se no espaço discursivo em que os discursos que denunciam a exploração dos agregados e, por isso, defendem os trabalhadores rurais, se opõem aos discursos que mostram o descaso, a indiferença dos patrões para com eles. Assim, ao tema do trabalho, subjazem os temas da exploração da força produtiva, a fome e a miséria. Ao discurso dos trabalhadores rurais como explorados por um sistema capitalista se opõe o discurso que mostra o ócio e a ostentação dos donos da fazenda.

Por fim, outro conceito importante, a partir do qual a análise será operacionalizada, é o de interlíngua que, segundo Maingueneau (1995), diz respeito à interação entre as variedades de uma mesma língua ou dos registros acessíveis ao escritor tanto no tempo como

no espaço em dada conjuntura. Este conceito foi fundamental para articular os conceitos de discurso, formação ideológica, formação discursiva e o uso que Euclides Neto faz do vocábulo *facão* como elemento desencadeador da leitura engajada de *Os magros*.

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO EM *OS MAGROS*

Os magros (1961) é, segundo César (2003), o primeiro dos quatro romances que compõem a tetralogia dos excluídos. Pertencem a esse conjunto os romances: *O patrão* (1978), *Machombongo* (1986) e *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino* (1996). A narrativa apresenta 39 capítulos, nos quais se alternam as cenas e histórias de João, o trabalhador rural, e do proprietário da fazenda Fartura, o doutor Jorge.

Escrito sob a técnica do contraponto, *Os magros* apresenta duas histórias paralelas: nos capítulos ímpares, é narrada a história do agregado da fazenda, João; nos capítulos pares, as aventuras do rico fazendeiro, doutor José. Conforme Seixas (1996, p. 7),

> [...] a primeira, erigida à condição de eixo da obra, é a dos magros trabalhadores de aluguel numa roça de cacau. A outra, a dos gordos proprietários, entra como contraponto, numa regularidade empobrecedora.

Consiste, assim, a construção desse romance num conjunto de oposições, em que o leitor pode, inevitavelmente, visualizar a miséria da vida do trabalhador rural e a abundância da vida do senhor das terras.

Quanto à temática, *Os magros* situa-se no campo discursivo da literatura do cacau, no qual se encontram também as obras dos romancistas Jorge Amado e Adonias Filho. Diferentemente dos outros autores, Euclides Neto não apresenta, neste romance, "[...] a terra

como uma ligação telúrica do coronel com o solo fértil da promissão. As terras servem para que o proprietário possa viver de rendas." (CÉSAR, 2014, p. 9). Ao trazer, para a cena do romance brasileiro, a dor do trabalhador das roças de cacau, sua narrativa se desloca do eixo fazendeiro-cacau e segue para o eixo trabalhador rural-fazendas de cacau. Esta operação se torna significativa, pois é na vivência com o homem da roça que o autor extrai o material linguístico com o qual seu texto vai operar ideologicamente, conforme afirma Seixas (1996, p. 7):

> A narrativa de Euclides Neto é tributária direta das fontes populares rurais, notadamente da região sul da Bahia, marcada pela opulência e pela miséria das roças de cacau. Esse singular escritor baiano nasceu nos heroicos anos de bravatas e astúcias desbravadoras do modernismo brasileiro e morreu em abril do último ano do século passado, sem viver as esperanças do novo milênio. Escritor ilustrado nos bancos e páginas da academia, com pleno domínio do registro padrão da língua culta, Euclides Neto optou por um projeto de incorporação das formas, substâncias, conteúdos e expressões populares ao seleto clube da literatura culta.

É do contato com o povo, com a vivência das roças de cacau e seus arredores, que recolhe a matéria-prima para seu romance. Euclides Neto, carregado da experiência do trabalhador rural, do linguajar das roças de cacau, do universo imaginário da gente com cara de fome e dos coronéis, como também da própria ação política, faz o leitor refletir sobre a memória discursiva da região marcada pelo coronelismo. A posição ideológica está marcada pela participação política de Euclides Neto na cidade de Ipiaú, melhor dizendo, na região sul baiana, denominada atualmente de Território Médio Rio das Contas. A vivência política do escritor, ainda que breve,

como militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), prefeito de Ipiaú (1963-1967) e idealizador da reforma agrária nessa região, na qual realizou a tão bem-sucedida experiência com a Fazenda do Povo, é fundamental para compreender a sua narrativa engajada.

A linguagem de *Os magros* adentra no campo do saber, do nomear as coisas e se instala no campo do viver a vida como ela é, mesmo podendo ser outra, como Euclides Neto gostaria que fosse a vida do trabalhador rural. É daí que extrai matéria para a sua ficção. Como se pode ver no excerto:

> Pelo caminho da roça foi remoendo a lembrança. Teria mesmo de comprar o facão. Teria, é verdade, que passar várias semanas, ou talvez meses com a meia ração. Mas era o jeito. Se não adquirisse o ferro, ficaria sem trabalho. Contou nos dedos o tempo que faltava para juntar o dinheiro: mais de um mês. Também quando tivesse o banda-lisa iriam ver o bicho danado no serviço. Satisfazia-se somente com a lembrança de ter o instrumento à mão, amolando-o, passando o polegar no corte afiado de fazer a barba. Quando chegou ao trabalho, ainda experimentou a doce ilusão de possuir o objeto. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 23).[1]

O autor recolhe, na língua do povo, o principal elemento que pode utilizar no seu discurso, a palavra, permitindo que a narrativa ganhe forma. O significado de uma palavra se desenrola e se desdobra nas variantes que aparecem na língua cotidiana. Então, a mais simples, a mais banal das palavras ganha importância, como é o caso do vocábulo *facão*, elemento que irrompe o acontecimento discursivo no romance.

[1] Por questão metodológica, o vocábulo facão aparece sublinhado simples quando for citação de excerto do romance. As formas lexicais correspondentes e as pronominais referentes a facão que são citadas, ao longo do texto, aparecem com sublinhado duplo.

O instrumento de trabalho, ora língua de teiú, ora instrumento, ora objeto, ora banda-lisa, como será visto na seção seguinte, representa a marca de uma relação de trabalho que tem, no agregado, a imagem do oprimido, e, no patrão, a imagem do opressor. Relação própria do regime capitalista. No modelo de sociedade no qual se passa a narrativa, o facão vai alternando sua natureza dentro do discurso, isto é, de instrumento de trabalho passa a objeto de desejo; de objeto de desejo passa a instrumento de trabalho e daí a uma impossibilidade. Desta, o objeto de desejo passa a sonho.

O CORTE CERTEIRO DO FACÃO

A discussão ocupa-se, aqui, da atenção que Euclides Neto dispensa à linguagem cotidiana da gente simples das roças de cacau, fazendo uso de expressões que lhes são próprias e remetem à vivência dos trabalhadores na "lida diária" com os cacaueiros, à vida farta dos fazendeiros e às regras do coronelismo local. Optou-se por fazer um recorte a partir da palavra *facão* e as demais formas lexicais, como *ferro*, *língua de teiú*, *zinco* e outras que remetem ao instrumento de trabalho dos agregados das roças de cacau. Na história contada por Dotô Ocride,[2] o facão é o motivo da incessante luta de João para garantir sua sobrevivência e a de sua família. Ou, como dito anteriormente, o facão é o elemento lexical disparador do percurso semântico-discursivo da narrativa.

Uma leitura detalhada do romance possibilita ao leitor perceber o uso de termos que são recorrentes entre as variedades linguísticas utilizadas por trabalhadores das roças de cacau para nomear um dos seus instrumentos de trabalho, o facão. A partir do uso das dez formas lexicais encontradas ao longo da narrativa para nomear a ferramenta, conforme será apresentado nos exemplos a, b, c, d, e, f, g,

[2] Forma coloquial e afetiva como Euclides Neto era tratado pelo povo na região de Ipiaú.

h, i, j, observa-se que, talvez, aí esteja a principal oposição: a objetividade do facão cede, discursivamente, lugar à subjetividade de João. Ambas se separam. Uma se une a outra e formam as duas instâncias da narrativa, a da vida de João, o agregado da fazenda Fartura, e a de doutor Jorge, o dono das terras.

Note o uso das lexias nos exemplos:

a) facão / facões

1. João era agregado: magro, pálido, olhos afundados nas órbitas cavadas. Barbicha rala de muito tempo, o cabelo crescido, encobrindo as orelhas. O chapéu de palha sem fundo. As roupas em molambos, encerotadas, mostrando as carnes flácidas. Pés enormes, chatos, o dedão torcido para um lado. Pés criados na lama, furados de espinhos. Pés de bicho. Alguns dentes quebrados. O cinturão de sola e o facão mostrando a ponta pela bainha velha [...]. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 18).

2. O salário de João mal dava para adquirir aquelas mercadorias. Na semana em que tinha trabalho todos os dias fazia cento e vinte cruzeiros. Espremia aí dentro suas precisões. Não fosse a necessidade de comprar um facão, tudo se ia arrumando. [...] (EUCLIDES NETO, 2014, p. 21).

3. – João, hoje tem serviço de roçagem, mas como seu facão é mesmo que nada, não há serviço pra você. [...] (EUCLIDES NETO, 2014, p. 21).

4. – Mas com esse facão você não faz nada, homem, por que não compra outro? (EUCLIDES NETO, 2014, p. 21).

Nos três excertos, facão tem seu registro com valor semântico de trabalho. No entanto, no excerto 1, em que aparece "o facão mostrando a ponta pela bainha velha", o conjunto de informações oferece ao leitor indícios de que o trabalho de João depende do instrumento em melhores condições, apesar de o termo "velha" se referir à bainha. Na verdade, o conjunto de informações sobre João, no início do trecho, contribui para que o leitor tenha a visão da miséria da personagem. E, portanto, estabeleça relações entre a imagem de João e sua ferramenta de trabalho, como num processo de transferência dos atributos do indivíduo para o objeto.

O excerto 2 apresenta as condições de trabalho como um processo de exploração do agregado por seu patrão. O salário baixo, as privações de alimento e a fome mostram que há alguém com muito pouco para sobreviver. O discurso da exploração está construído e se completa nos excertos 3 e 4, com desqualificação da ferramenta de João como estratégia para desvalorizar o seu trabalho.

Em seguida, tem-se:

b) língua de teiú

5. João calou. Num relance passou pela sua cabeça apanhar a língua de teiú e enfiar todinha no filé do miserável. Até o cabo. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 52).

6. Os meninos andavam nus. Isabel nem podia sair da choupana. Mas compraria o facão banda-lisa. Desse no que desse. Seu língua de teiú era mesmo que um punhal. Nem servia

para a roçagem. Senhor Antônio tinha razão. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 110).

7. Pela estrada da fazenda Fartura João veio pensando. Não tinha jeito mesmo. Só restava ficar ganhando os vinte cruzeiros, tomar esporro e trabalhar com a língua de teiú. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 111).

8. João tirou o facão gasto e furou a terra. Ali estaria o dinheiro de que precisava. O língua de teiú arrancava pequenos blocos de barro que as mãos em pá iam limpando. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 121).

Observa-se que, das quatro ocorrências, a primeira tem uma função de arma. Quem enuncia o discurso é o narrador, mas ele fala conforme o que se passa na mente de João. No entanto, a língua de teiú só tem essa função na mente do agregado, num momento de raiva. Nos dois excertos que seguem, a ferramenta tem valor semântico de facão, no entanto, o instrumento de trabalho é desqualificado, conforme enunciado na voz do narrador. Tal desqualificação reflete como é visto o trabalho de João.

No último excerto em que registra a expressão língua de teiú, assume a função de instrumento, mas não de trabalho. Funciona como um "cavador de esperanças", ao usar o facão para cavar a terra, na esperança de encontrar o pote de ouro deixado enterrado. Nesta passagem, João encontra-se no plano do sonho, da irrealidade, e a ferramenta o ajuda a realizar este sonho.

A narrativa registra ainda *facão* com valor semântico de instrumento de trabalho:

c) ferro

9. Pelo caminho da roça foi remoendo a lembrança. Teria mesmo de comprar o facão. Teria, é verdade, que passar várias semanas, ou talvez meses com a meia ração. Mas era o jeito. Se não adquirisse o ferro, ficaria sem trabalho. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 23).

10. O caixeiro dando pouca atenção ao freguês, foi despachar outro. João continuava escolhendo. Cortava o ar, verificando o peso do ferro até que decidiu. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 156).

Nos dois excertos, o valor semântico de ferro refere-se a instrumento de trabalho. No primeiro caso, o ferro está no campo semântico da necessidade. João precisa do ferro (facão). No segundo caso, entra no campo semântico do objeto de desejo. João "continuava escolhendo". Escolher foi possível depois de o agregado ter pensado muitas vezes no objeto e decidido que compraria um da melhor marca.

O excerto 10 expõe o manejo de João para sentir o peso do facão (ferro). Neste caso, a matéria de que é feito o facão tem importância não apenas para a composição do instrumento, mas para formar a característica, o atributo (peso) do objeto de desejo do agregado.

Nos excertos 11, 12 e 13, o facão também é representado pela matéria de que é feito:

d) zinco

11. – Mas se Deus me der licença, eu compro o zinco. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 45).

12. – Cadê o zinco, João?

13. – Ah! moço, já tão pedindo cento e cinquenta. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 145).

14. – Se não fosse a morte do menino eu já tinha comprado o zinco. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 145).

Apesar de zinco ser mais leve, menos qualificado que ferro, ao analisar a lexia, no percurso do texto, vê-se que aparece sempre depois de ferro, como num processo de aproximação e distanciamento do indivíduo com o objeto de trabalho. No 11, há o apelo ao conteúdo místico cristão, que, aliás, é uma formação discursiva recorrente no romance. No 12, zinco corresponde a facão, enquanto no 13, o personagem reitera o discurso da impossibilidade.

Não sendo possível ter o facão, o instrumento passa à condição de objeto de desejo. Então, João deseja um facão banda-lisa, que é um facão de melhor qualidade.

e) banda-lisa:

15. Pelo caminho da roça foi remoendo a lembrança. Teria mesmo de comprar o facão. Teria, é verdade, que passar várias semanas, ou talvez meses com a meia ração. Mas era o jeito. Se não adquirisse o ferro, ficaria sem trabalho. Contou nos dedos o tempo que faltava para juntar o dinheiro: mais de um mês. Também quando tivesse o banda-lisa iriam ver o bicho danado no serviço. Satisfazia-se somente com a lembrança de o instrumento à mão, amolando-o, passando o polegar no corte afiado de fazer a barba. Quando chegou ao trabalho, ainda experimentou a doce ilusão de possuir o objeto. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 23).

16. Os meninos andavam nus. Isabel nem podia sair da choupana. Mas compraria o facão banda-lisa. Desse no que desse. Seu língua de teiú era mesmo que um punhal. Nem servia para a roçagem. Senhor Antônio tinha razão. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 110).

17. – Com bainha ou sem bainha?

18. – Ora, com bainha. E "Corneta". Banda-lisa do melhor.

19. – Tem a escolher.

20. O empregado, um sujeito gordo e esperto como roedor, foi lá dentro, voltando com um feixe de facões arrumados, uns aos outros, pelas correias das bainhas. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 143).

21. Mas como se impacientava e gostaria de ver novamente o facão, voltou à venda.

22. – Moço, deixe ver o banda-lisa. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 144).

A referência ao facão da marca Corneta, que tinha um lado da folha sem ranhuras, reforça o sentido que a lexia assume no excerto 16. O facão banda-lisa é apresentado como objeto de desejo de João. Ter um banda-lisa seria a condição para ele mostrar a sua habilidade no serviço de roçagem. Assim, seria "um bicho danado no serviço", forma como se refere à importância que teria a sua pessoa a partir da aquisição do objeto, no excerto 14.

No excerto 15, o enunciado "Mas compraria o banda-lisa. Desse no que desse.", reforça o uso do termo para expressar o objeto do desejo e a associação do facão de qualidade à sua imagem de trabalhador qualificado e produtivo. Na sequência, os excertos 16 e 17 apresentam banda-lisa com valor semântico também de objeto de desejo.

No entanto, em 16, o instrumento é motivo de orgulho pela possibilidade, na qual se supõe que encontra, de conquistar o tão desejado facão. Já no excerto 17, diante do fracasso de sua empreitada, mas ainda munido de esperança, tocar no facão banda-lisa é condição para alimentar a esperança de tê-lo. João "namora" o "Corneta". O toque é a forma de concretizar o desejo. O banda-lisa ainda paira no plano da abstração, da impossibilidade. Tocar é quase tê-lo. É poder senti-lo como uma possibilidade quase concreta, como uma realidade que se aproxima.

Essa relação de proximidade com o *facão*, seja enquanto objeto do desejo, seja como instrumento de trabalho, também pode ser vista nas ocorrências destacadas nas letras f e g.

f) lâmina:

> 23. João pegou o molho de facões, olhou, tirou-os da bainha, experimentou-os prendendo a unha do polegar na lâmina, soltando-a em seguida, para saber o timbre do aço. Por fim, vergou a folha em curva, soltou-a e deu duas pranchadas em cima do balcão. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 155).

g) aço / folha de ação:

> 24. João pegou o molho de facões, olhou, tirou-os da bainha, experimentou-os prendendo a unha do polegar na lâmina, soltando-a em seguida, para saber o timbre do aço. Por fim,

> vergou a folha em curva, soltou-a e deu duas pranchadas em cima do balcão. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 155).

Os vocábulos *lâmina*, *aço*, *folha de aço* ocupam a semântica descritiva do facão. Assim, lâmina é a parte cortante, aço é a matéria de que é feito (como ocorre com ferro e zinco) e folha de aço condensa as duas ideias, parte e matéria, reiterando ambas e construindo a imagem do objeto. No contexto em que as ocorrências f e g aparecem, contribuem para a construção do sentido do facão como objeto de desejo, mas com forte inclinação para o uso que João poderá fazer do instrumento. Enquanto objeto do desejo, vê-se nas ocorrências, novamente, o toque como condição de concretizá-lo. Como instrumento de trabalho, vê-se que João demonstra habilidade em manuseá-lo. O agregado quer conhecer o seu timbre, sua envergadura, sua força. Infere-se que o autor produz um discurso no qual, por analogia, esses elementos representam, respectivamente, a altivez, a coragem e a força do agregado.

No caso de chibute, como no excerto h, número 25, tem-se mais um caso em que a referida lexia aparece com valor semântico de instrumento de trabalho. Como se pode notar:

h) chibute:

> 25. – Então você com este chibute tem que ganhar menos, não é? Você não faz o que os outros estão fazendo, faz? (EUCLIDES NETO, 2014, p. 68).

O uso da expressão chibute, que significa facão velho, marca a objetividade com a qual o vocábulo é empregado na narrativa. Cabe observar que, sendo um facão gasto, velho, faz o trabalho render menos. Isso desqualifica a mão de obra de João, o que serve de justificativa para ele ganhar menos que os outros agregados. Este processo é interessante porque, por trás de uma objetividade, tem-se, no instrumento velho, o critério que descaracteriza o personagem,

desestabiliza sua força de trabalho, sua crença como força produtiva. Ou seja, ao discurso do *facão* como instrumento de pouca serventia subjaz o discurso do indivíduo com pouco valor de mercado, como mão de obra barata.

No entanto, ao observar o uso da palavra instrumento para referir-se ao *facão*, foi possível notar que, embora o vocábulo tenha carga semântica genérica, na narrativa de *Os magros*, o esvaziamento de sentido que as generalidades acabam assumindo nos discursos praticamente desaparece. Veja:

i) instrumento:

> 26. Pelo caminho da roça foi remoendo a lembrança. Teria mesmo de comprar o facão. Teria, é verdade, que passar várias semanas, ou talvez meses com a meia ração. Mas era o jeito. Se não adquirisse o ferro, ficaria sem trabalho. Contou nos dedos o tempo que faltava para juntar o dinheiro: mais de um mês. Também quando tivesse o banda-lisa iriam ver o bicho danado no serviço. Satisfazia-se somente com a lembrança de o instrumento à mão, amolando-o, passando o polegar no corte afiado de fazer a barba. Quando chegou ao trabalho, ainda experimentou a doce ilusão de possuir o objeto. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 23).
>
> 27. Ganhara cento e vinte e cinco durante a semana, mas a fração ficara para o instrumento de trabalho. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 31).
>
> 28. Mas se não fizesse assim poupando a carne e a farinha como adquirir o facão? Bem que podia comprar os quarenta cruzeiros de comida. Mas fizera uma jura de deixar toda semana uma

parte para o instrumento. Passaria fome, mas quando tivesse o ferro nas mãos ficaria satisfeito e a alegria compensaria todos os sofrimentos. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 131).

29. Bem verdade que João não podia comprar o facão mas daí a uma semana teria o dinheiro contado.

30. E o instrumento estava até escolhido. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 146).

Note que, conforme aparece em 21, 23 e 24, a semântica do vocábulo *instrumento* opera num movimento em que objetividade e subjetividade ocorrem como construções paralelas. João "satisfazia-se somente com a lembrança de ter o instrumento à mão [...]". Novamente, o toque para concretizar aquilo que está na sua memória como possibilidade, mas já um tanto remota. A chegada ao trabalho traz de volta João para a condição do agregado que necessita do facão para seu sustento e de sua família. Observa-se, nessa passagem, que *instrumento* é um vocábulo carregado de duplo sentido: é instrumento de trabalho e é objeto de desejo. No percurso semântico da narrativa, permite pensar que se tem de um lado a objetividade, do outro, tem-se a subjetividade, servindo aos dois gumes do objeto cortante.

No entanto, no excerto 22, quando se refere ao trabalho, o instrumento é usado na sua mais potente objetividade, como ferramenta, objeto. Então o que dizer da expressão *objeto* para designar o facão? No excerto apresentado na letra j, tem-se o exemplo da carga semântica mais genérica de todos os termos usados.

j) objeto

31. Pelo caminho da roça foi remoendo a lembrança. Teria mesmo de comprar o facão.

> Teria, é verdade, que passar várias semanas, ou talvez meses com a meia ração. Mas era o jeito. Se não adquirisse o ferro, ficaria sem trabalho. Contou nos dedos o tempo que faltava para juntar o dinheiro: mais de um mês. Também quando tivesse o banda-lisa iriam ver o bicho danado no serviço. Satisfazia-se somente com a lembrança de o instrumento à mão, amolando-o, passando o polegar no corte afiado de fazer a barba. Quando chegou ao trabalho, ainda experimentou a doce ilusão de possuir o objeto. (EUCLIDES NETO, 2014, p. 23).

Considerando-se o contexto da narrativa, a expressão *objeto* expressa o grau máximo da impossibilidade de João adquirir o *facão*. Quanto mais difícil se torna a aquisição da ferramenta, mais o nome utilizado para designá-la ganha caráter genérico.

Tem-se, desse modo, *facão*, l*íngua de teiú*, *banda-lisa*, *chibute*, *ferro*, *zinco*, *lâmina*, *aço*, *folha de aço*, *instrumento* e *objeto*. Ou seja, as quatro primeiras lexias encontradas acima, são formas dicionarizadas da palavra *facão*, relacionam-se diretamente com a imagem do objeto e sua função como instrumento de trabalho. Depois, a *ferramenta* é apresentada pela matéria de que é feita e por suas partes. *Banda-lisa* e *chibute* trazem mais um traço semântico para a ferramenta, um traço positivo e um traço negativo, respectivamente. *Instrumento* é ferramenta e objeto do desejo, enquanto o *objeto* é a representação de todo o esforço de João diante de uma impossibilidade.

Euclides Neto torna o *facão* (instrumento de trabalho), substantivo concreto, em algo abstrato. Assim, há um processo de alternância do sentido construído com o uso da palavra em destaque, no qual o instrumento varia, semanticamente, de uma necessidade a um objeto de desejo e, depois, de uma impossibilidade a um sonho prestes a se realizar. Daí, a um delírio de fome, talvez.

O uso da palavra *facão* e das variantes é feito como o corte certeiro que Dotô Ocride faz na história. Com o facão, ele faz sangrar, da narrativa, o discurso sobre a fome e a vida miserável dos magros. Paulatinamente, a fome vai tomando forma, vai se afeiçoando aos indivíduos que a sentem "beliscar o estômago". Logo, o substantivo abstrato se torna concreto, como uma realidade palpável, com cara de gente que não tem o que comer e vira comida para a terra preta que "[...] estava mastigando o corpinho aniquilado [...]" (EUCLIDES NETO, 2014, p. 60). Tem cara de bicho, "[...] parece uma cobra muito grande: engole a gente [...]" (p. 75). E chega a ter existência própria, "uma coisa traiçoeira..." (p. 75).

Trabalho, fome e miséria se encontram na mais dura realidade dos agregados das roças de cacau. São discursos que funcionam como paralelos, representam as alianças no espaço discursivo donde derivam outros discursos. Neles, está a denúncia dos modos de exploração dos trabalhadores rurais pelos coronéis do cacau. Dessa construção linguístico-discursiva, pode-se afirmar que não são apenas contrastes que caracterizam a realidade de João e de doutor Jorge, são severas oposições que limitam a vida dos magros a mais completa miséria e os donos da fazenda Fartura a mais significativa abundância.

Os conceitos de discurso e interlíngua orientaram o debate sobre os posicionamentos discursivos do autor. Permitiram compreender que o uso de determinada variante levou em conta a interação entre os discursos no interior de dado discurso, no qual estão ancoradas as práticas discursivas, e, de forma particular, o discurso literário.

A interação entre os discursos ou relação interdiscursiva, conforme o dialogismo de Bakhtin (1998), produz o(s) sentido(s) do texto literário. Assim, entende-se que, em relação aos "magros", existe um discurso concorrente que opera no interdito. Quando a expressão "os magros" é enunciada, remete-se às ideias de pobreza,

escassez, às quais se opõem as ideias de fartura, opulência. Daí, ainda que a intenção de Euclides Neto não fosse a de construir um discurso concorrente, este estaria posto. Acrescenta-se a esta leitura a importância da conjuntura histórica, pois à época de produção do romance, 1961, o contexto socioeconômico da região era de intensa produtividade na lavoura cacaueira.

Ao contrapor a abundância de cacau e outros frutos da fazenda à pobreza dos agregados, o autor coloca-se contra as práticas de exploração do trabalhador das roças de cacau por seus patrões. Desta forma, dar o nome de *Fartura* à fazenda, um dos cenários principais da narrativa, é uma operação discursiva por meio da qual Euclides Neto esboça sua formação ideológica: defende o trabalhador rural como explorado pelo latifundiário. Significa dizer que, considerando-se as condições de produção do discurso nas ocorrências, o texto revela tanto a vida miserável quanto a falta de acesso às condições básicas como saúde e educação, depois de já construída discursivamente a miséria material e humana de João.

Tais observações tornam-se importantes porque sinalizam a consistência teórica com a qual foi feita a leitura da linguagem utilizada pelo autor. Para isso, estabeleceu-se a relação entre o universo discursivo, o campo discursivo e o espaço discursivo, para daí compreender os usos das variantes e registros como constituintes das formações discursivas.

Da parte analítica, na qual se apresentam as variantes, será possível, por exemplo, apresentar outras oposições que surgem entre "magros" e "gordos" na narrativa. Pode-se falar da frustração de João em não conseguir comprar o facão e do desolamento do doutor Jorge em não conseguir o brilhante. Também, falar da futilidade de dona Helena com a boneca Rose Marie, bem como da utilidade do brinquedo na vida da madame. Do casamento de aparências de doutor Jorge e dona Helena em oposição ao companheirismo e cumplicidade de João e Isabel. Mas, é o facão, a lâmina afiada que corta a

narrativa em duas, três... em várias micronarrativas. E, de todas, a mais micro, a vida de João, o agregado da fazenda Fartura.

Assim, este romance inscreve-se no universo discursivo em que autores modernistas, como Graciliano Ramos e Jorge Amado, reivindicam os direitos das minorias políticas. O romancista de *Os magros* elege a linguagem do homem da roça para denunciar, para lutar (com a palavra) contra um sistema dominador e excludente. Este é o seu confronto.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BENTES, Anna Cristina; MUSSALIM, Fernanda. *Introdução à Linguística*: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2003. v. 2.

CÉSAR, Elieser. *Romance dos excluídos*. Ilhéus: Editus, 2003.

CÉSAR, Elieser. Painel da opressão nas terras do cacau. *In*: EUCLIDES NETO. *Os Magros*. 4. ed. Salvador: EDUFBA - Littera, 2014. p 9-13.

EUCLIDES NETO. *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino*. São Paulo: Littera, 1996.

EUCLIDES NETO. *Machombongo*. Itabuna: Letras, 1986.

EUCLIDES NETO. *O patrão*. Salvador, 1978.

EUCLIDES NETO. *Os magros*: romance. 4 ed. rev. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Littera, 2014.

EUCLIDES NETO. *Os magros*. 4. ed. Salvador: EDUFBA: Littera, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editora, 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*: enunciação, escritor, sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEIXAS, Cid. Euclides Neto: um narrador das roças de cacau e dos roceiros. *A Tarde*, Salvador, p. 7, 11 mar. 1996. Disponível em: https://bit.ly/3gQ4VRn. Acesso em: 10 nov. 2010.

"PELO BURACO DA FECHADURA": UMA LEITURA PSICANALÍTICA DE *OS MAGROS*

Liz Maria Teles de Sá Almeida

Da mesma forma que nos constituímos sujeitos, muitas respostas lançadas pelo nosso inconsciente são formadas pelo que vemos e ouvimos ao longo de nossa vida. Somos herdeiros de ouvido da tradição familiar que nos circunda, dos nossos próprios gestos e da interação que é produzida ao nosso redor. Assim, formamo-nos *Griôts* ou *Djidiu* (em criolo da Guiné-Bissau), contadores de histórias cujos capítulos, que são encenados pelo nosso corpo, podem narrar trajetórias vividas antes mesmo de sairmos da barriga da nossa mãe.

A ideia de ensaiar a aproximação entre a Literatura e Psicanálise surgiu durante uma aula (da disciplina Literatura e Psicanálise, no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB) em que nós aprendíamos que a "fantasia" nasce a partir de experiências sensoriais, como a audição, mas que somente são elaboradas posteriormente. Tudo que dela provém é verdadeiro (sentido de realidade, para a psicanálise), ou melhor dito, são "[...] estruturas protetoras, sublimação dos fatos, embelezamento deles e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal." (MASSON *apud* ABEL, 2011, p. 49).

Nesse contexto, não ocorreu outro pensamento se não a experiência de dona Helena, protagonista de *Os magros*. Todavia, cabem

aqui algumas considerações acerca dessa abordagem interdisciplinar que a literatura nos possibilita, pois

> Se o sentido excede o texto, existe falta de consciência em alguma parte. O fato literário só vive de receptar em si uma parte de inconsciência ou de inconsciente. A tarefa que desde sempre a crítica literária se atribui, consiste em revelar esta falta ou este excesso. Em suma, já que a literatura carrega nos seus flancos o não consciente e já que a psicanálise traz uma teoria daquela que escapa ao consciente, somos tentados a aproximá-las ou até confundi-las. (BELLEMIN-NOEL, 1978, p. 13).

Tratadas assim, como saberes de naturezas diferentes, literatura e psicanálise – cada uma a seu modo – colaboraram para a recepção do nosso objeto, o trabalho do escritor baiano Euclides Neto e, mais especificamente, dona Helena, personagem de uma de suas mais consideradas obras, *Os magros* (1961).

O que nos interessa não são as contribuições unilaterais que essas duas epistemologias trazem. Neste momento, vale-nos mais o modo como a Literatura contribui para elucidar conceitos em Psicanálise, bem como esta responde a questões caras àquela. É bem verdade que não se trata de uma relação necessária, embora frutífera. Foi a reflexão em torno do entrelaçamento literatura-psicanálise a responsável por iluminar uma série de inquietações da humanidade, há algumas décadas.

Apesar de serem diversas as questões que emergem quando nos dispomos a discutir a literatura pela óptica psicanalítica (e vice-versa), tentaremos focar num único aspecto desta obra euclidiana: a fantasia, à luz dos estudos de Sigmund Freud, principalmente do trabalho contido no volume IX, de 1907, intitulado *Escritores criativos e devaneios*. Em cena, estará a personagem dona Helena,

com seus conflitos oriundos da impossibilidade de realizar a maternidade e o mecanismo de substituição utilizado por ela para preencher essa lacuna em sua vida, a "fantasia".

Lançaremos mão do pensamento de Freud para melhor compreender nosso objeto de estudo. Outros autores também nos servem de farol neste processo de escrita. São eles: Chalhub (1999), Piglia (1998) e Rudge (2001). Embora a criatividade seja originada no inconsciente, a temática de *Os magros* (e de outras obras euclidianas) parece situar-se tão somente na realidade. A realidade mais dura, concreta e observável é transformada em literatura, em ficção. Foi o gênero trágico (no sentido de comovente) que Euclides Neto escolheu, acreditando que com ele tocaria mais facilmente seus leitores, provocando nestes um clima de reflexão e tomada de atitude em frente às injustiças vividas no interior da Bahia, na década de 1960.

Naquela época, a região do baixo sul e do sudoeste da Bahia vivia sob o regime do coronelismo. Euclides situa, em *Os magros*, um momento muito rentável para os grandes fazendeiros donos de roças de cacau. Toda riqueza gerada na região cacaueira era investida na capital baiana, Salvador, local escolhido pelos fazendeiros e suas famílias para viverem. Neste cenário, reside uma das famílias da referida obra, a de dona Helena.

A narrativa euclidiana retrata a vida de duas famílias. A de João, com sua esposa e mais oito filhos, que vivia em uma casa simples e apertada na propriedade em que trabalhava no sul da Bahia, em Ipiaú. Era pobre. Apesar da árdua luta diária do patriarca nas roças de cacau, a família mal tinha o que comer. João era agregado do doutor Jorge. Todavia, pouco o encontrava, pois, a história que estão inseridos se passa no momento em que os fazendeiros residiam em Salvador e apenas administravam os lucros das roças de cacau que ficavam sob os cuidados de um gerente (capataz). A segunda família retratada por Euclides é a do doutor Jorge, advogado, proprietário

da fazenda Fartura, que mora com a mulher, dona Helena, e alguns empregados em uma luxuosa residência na capital baiana.

Por meio da técnica do contraponto, Euclides nos apresenta a história de duas famílias que mantinham uma relação de subordinação necessária (João é agregado de Jorge e um dos responsáveis pela sua riqueza). No entanto, viviam realidades adversas. São duas histórias paralelas em uma mesma narrativa. Ao utilizar essa técnica em duas histórias que se alternam e se completam, Euclides deixa transparecer algo de sua ideologia: retira de sua formação marxista, que o influenciou para além da literatura, a ideia de uma sociedade dividida em classes. Esse efeito remete às maneiras de narrar inauguradas por James Joyce e relembradas por Piglia em conferência realizada em 1997 e publicada em 1998.

> Ele foi capaz de ler a psicanálise, assim como foi capaz de ler outras coisas. Joyce foi um grande escritor porque soube entender que havia outras maneiras de fazer literatura fora da tradição literária; que podiam ser encontradas maneiras de narrar no catecismo, por exemplo; que a narração, as técnicas narrativas não estão ligadas apenas às grandes tradições narrativas, que é possível encontrar modos de narrar em outras experiências contemporâneas. A psicanálise foi uma delas. (PIGLIA, 1998, p. 110).

Enquanto os estudos literários preocupavam-se cada vez mais com a construção e o desenrolar das personagens da narrativa, Joyce percebia outras possibilidades de narrar que não pertenciam apenas à tradição. Mais do que isso, os modos de narrar se dizem reveladores não somente do que se escreve, mas de quem escreve e para quem se escreve. Euclides buscou influências do seu modo de narrar na corrente filosófica que defendia e bem definiu com a técnica do contraponto, vislumbrando uma sociedade dividida desigualmente em classes.

No espaço de divisão social criado pelo escritor grapiúna, doutor Jorge, de família rica, casa-se com dona Helena, que se descobre grávida, mas o marido não aceita a gravidez e experimenta dos mais variados métodos para interrompê-la. D. Helena torna-se uma mulher infeliz. Alguns anos depois, após a fortuna que acumulou, doutor Jorge percebe que é chegado o momento de ter um herdeiro; todavia, não é mais possível junto à esposa obter o que queria – após diversas tentativas, não consegue. dona Helena abate-se. Doutor Jorge transforma-se em um homem cada vez mais distante da esposa e, envergonhado por não conseguir um herdeiro para administrar suas riquezas, envolve-se com uma amante, uma mulher loira e jovem, e passa a dividir com sua atividade preferida, obsessiva: comprar brilhantes. Enquanto isso, dona Helena se isola, cada vez mais frustrada com a não realização da maternidade, e agrava-se seu estado psíquico.

Certo dia, em uma viagem ao Rio de Janeiro, dona Helena compra uma boneca. Tempos depois, começa a visitar casas de alta costura e encomenda vestidinhos de tecidos importados para a boneca e passa a viver um profundo devaneio: acredita que a boneca é a filha (que não conseguira ter). Batiza-a de Rose Marie, nome que considera chique e que daria à sua filha se tivesse avançado com aquela gestação. A partir de então, dona Helena começa a dissimular os cuidados, sempre realizados no quarto de portas fechadas. Tão logo escancara seus cuidados e proteção à "filha", leva-a para passear, tomar banho de sol e fazer compras.

Dona Helena solicita à empregada que leve Rose Marie para o banho de sol de rotina. A madame veste a "filha" com as melhores roupas e fica sempre no portão a observá-la. Na rua, as pessoas zombam e riem da cena.

Da janela, a mãe contempla, embevecida, a boneca, enquanto a empregada empurra o carrinho, ninando Rose Marie. Dona Helena acredita que os deboches eram sinais de inveja dos outros que não suportavam o fato de a "criança" ter boa saúde, ser corada e vestir as melhores roupas, com os mais caros tecidos.

Eram horas devaneando com a boneca. Dona Helena passou a viver a fantasia, criava desejos e dores, e percebia todos os sentimentos vividos por Rose Marie. Construiu um delírio que influenciaria todas as suas ações à medida que pensasse na boneca.

Talvez nem o próprio Euclides Neto imaginasse a força dos traços psicológicos apresentados por suas personagens dotadas de realidade. Ele, que chegou a declarar, em vida, que não gostava de romances psicológicos, paradoxalmente, ofereceu-nos em sua narrativa – dentre outras coisas – a possibilidade de discutirmos um tema recorrente na psicanálise e, principalmente, em Freud: a fantasia. "Revanche do destino", como diria o professor Vitor Hugo Martins, uma das filhas do romancista tornou-se psicóloga.

O termo *fantasia* surge nos escritos freudianos por volta de 1897, em anotações de seus "pensamentos esparsos", como fez no texto *Rascunho L*, nomeando as fantasias como "fachadas psíquicas", responsáveis por obstruir o caminho às lembranças da infância. Para Freud (1976b), as fantasias formam-se a partir de fragmentos de cenas visuais, somadas aos fragmentos das cenas auditivas.

É importante percebermos que a fantasia vivida por dona Helena tem início após sua gravidez interrompida, como forma de sublimação. Primeiro pela negação da maternidade ouvida pela boca do seu marido; depois, pelos diversos métodos a que foi submetida para a interrupção da gestação:

> O certo é que Rose foi virando filha aos olhos de dona Helena, até que chegou àquele ponto. Houve tempo em que procurou dissimular os cuidados. Se zelava da boneca era de portas fechadas, falando baixinho, escondendo a metade dos objetos que comprava às ocultas.
>
> E como a fazendeira já entrava nos 20 anos de casada, tendo concebido somente uma vez, estava conformada. Doutor Jorge evitava a concepção. Empregara todos os

> meios possíveis. Chegou mesmo a provocar um aborto. (EUCLIDES NETO, 1992, p. 20).

Este fragmento serve-nos para ilustrar, também, os três tempos da fantasia em Freud. Primeiro, "[...] o trabalho mental vincula-se a uma impressão atual, a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito." (FREUD, 1976b, p. 82). Dona Helena e doutor Jorge perceberam ter chegado o momento de terem um herdeiro e começaram a fazer tentativas, todas frustradas. Segundo, "[...] dali retrocede à lembrança de uma experiência anterior." (FREUD, 1976b, p. 82): a primeira gravidez de dona Helena fora interrompida por decisão de seu esposo, que programou um aborto. Terceiro, "[...] criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo." (FREUD, 1976b, p. 82): Dona Helena vive a fantasia de que a boneca Rose é sua filha legítima.

A fantasia parece exercer em dona Helena a mesma função que exerce na criança, a de propor soluções para os diferentes enigmas que virá a enfrentar. Sabemos da delicadeza com que os adultos tratam suas fantasias, diferentemente das crianças, que não se envergonham em realizá-las por meio do brincar. A fantasia criada por dona Helena com a boneca Rose Marie nada mais é do que um sub-rogado, como Freud confirma no volume IX, em *Escritores criativos e devaneios*.

> [...] contudo, quem compreende a mente humana sabe que nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando para de brincar, só abdica do elo com objetivos reais; em vez de *brincar*, ele agora fantasia. (FREUD, 1976b, p. 151, grifo do autor).

Ao revelar-se em sua fantasia, dona Helena causa grande repulsa àqueles que observam e, principalmente, participam daquela relação:

> Senhoras curiosas espiavam das janelas semicerradas. Mastigavam certo riso de mofa. As meninas cercavam a boneca. Perguntadeiras, investigavam tudo. Buliam nos sapatinhos de pelica, fiscalizavam as roupas internas, pediam a Donata que deixasse empurrar o carro. (EUCLIDES NETO, 1992, p. 25).

Quanto aos empregados da casa, encaravam a situação de um modo sarcástico e, sem muita opção, entravam na fantasia da patroa para agradá-la e se divertirem. Às escondidas, caçoavam dos devaneios de dona Helena e riam muito daquela situação:

> Donata abriu um pouco os olhos. As outras empregadas vieram à porta, repararam o traje bonito da patroa e bisbilhotaram:
>
> – Neném está doente, D. Helena?
>
> – Foi esta cabeça de vento que a deixou, coitadinha, tomar sereno.
>
> – Oh! Donata! Por que você fez isso? Acrescentou a cozinheira.
>
> Donata fez ar de riso contido e:
>
> – Eu não pude, menina, quando menos esperei chuviscou. Eu estava lá no jardim e vim correndo.
>
> Dona Helena saboreava cada expressão das empregadas. Elas gostavam muito de agradá-la daquele modo. (EUCLIDES NETO, 1992, p. 36).

A ânsia de realizar um desejo faz dona Helena revelar sua "lembrança encobridora", por meio de fantasia. Assim, passa a ser alvo de zombaria dos outros. Freud já anunciava as consequências de tal revelação por parte do adulto:

> O brincar da criança é determinado por desejos: de fato, por um único desejo – que auxilia o seu desenvolvimento –, o desejo de ser grande e adulto. A criança está sempre brincando "de adulto", imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos. Ela não tem motivos para ocultar esse desejo. Já com o adulto o caso é diferente. Por um lado, sabe que se espera que não continue a brincar ou fantasiar, mas que atue no mundo real; por outro lado, alguns dos desejos seus que provocam suas fantasias são de tal gênero que é essencial ocultá-las. Assim, o adulto envergonha-se de suas fantasias por serem infantis e proibidas. (FREUD, 1976a, p. 81).

Por sua posição na hierarquia social, dona Helena não se incomodava em mostrar suas atividades maternas aos empregados; todavia, no retorno do marido, escondia a filha e os cuidados eram disfarçados. Até que a história foi revelada aos poucos, mas doutor Jorge, já insatisfeito com o casamento, ignorava a situação da mulher e dizia apenas que ela era uma criança grande que ainda gostava de brincar de boneca.

Certo tempo depois, a realidade da filha era um fato para dona Helena, que chegou até a comprar seguro saúde e educação, pensando no futuro de Rose Marie. Pagou um valor absurdo em um atendimento médico, quando presumiu que sua filha estava doente logo após uma resfriagem, no episódio em que Donata, a empregada, demorou para retornar do passeio ao entardecer com Rose Marie. Ao tentar descobrir a verdade sobre a "filha", para quem dona Helena insistia em querer medicação sem apresentá-la no consultório, o médico insistiu até convenceu a mãe de fazer-lhe uma visita na qual pode constatar

sobre a "filha" o que todos já comentavam. De imediato, percebeu que se tratava de uma paciente para a psiquiatria, mas, mesmo assim, utilizou um suposto interesse em aprofundar seus conhecimentos na área, para também extorquir dinheiro da mulher do fazendeiro. Após diversas consultas intercaladas com vários questionamentos feitos pelo médico sobre a vida da "criança" e de sua mãe e mais uma pilha de remédios, Rose Marie foi "curada" da pneumonia.

Contudo, a fantasia de dona Helena durou até o momento em que, em uma de suas visitas rotineiras ao médico de Rose Marie, a esposa do doutor Jorge foi abordada pela atendente do consultório, que logo a despachou dizendo que o médico não poderia atendê-la. Em seguida, a moça dirigiu-se à sala do médico para auxiliá-lo em um aborto. Já imaginando o que estaria acontecendo, a mulher do fazendeiro não conteve a curiosidade e observou pelo buraco da fechadura. Dona Helena não esperava que, ao tentar saciar sua curiosidade, faria vir à tona o "recalcado"; ao ver o médico cortando em pequenas partes um feto, desesperou-se e voltou para casa. A fechadura, metaforicamente, representa o curto espaço que separava a fantasia da realidade, pondo, de um lado, uma construção criada e sustentada por dona Helena, a "filha" Rose Marie; de outro, o real, a criança morta, fazendo manifestar o que estava latente.

Tensa, ao chegar em casa, a mulher tomou um café quente e adormeceu. Ao acordar, solicitou que a empregada trouxesse Rose Marie. A partir de então, relembraria todo o sofrimento pelo qual passou ao fazer um aborto no início do casamento. Olhou fixamente a boneca e percebeu seu olhar parado e sem vida, sua frieza, diferente das filhas das outras mulheres que encontrara no consultório.

> Donata trouxe a boneca. A mãe alisou os cabelos ruivos, suspendeu a filha e viu os olhos que se movimentavam presos ao arame que, por sua vez, era impulsionado por uma borracha. Entristeceu-se. Os cílios de Rose pareciam goma arábica seca. Era fria.

> Não havia amor naquela expressão de tinta morta. Onde estavam os movimentos dos braços, a faceirice de Lúcia? Daquela menina que vira no primeiro dia de consultório? Rose não tinha um gesto de amor, faltava quentura nos olhos azuis. Profunda tristeza abateu a fazendeira. Sua vida tornou-se mais vazia. (EUCLIDES NETO, 1992, p. 156-157).

Este seria, então, o fim de uma fantasia construída como alternativa a um casamento frustrado e, principalmente, como reação à impossibilidade de ter um filho. Talvez dona Helena necessitasse daquela fantasia para que sua vida tivesse sentido; para atuar no mundo real, cheio de impossibilidades e interditos impostos a uma mulher que nunca era ouvida e via o sentido de viver em um único desejo (não realizado): ser mãe.

Imensas são as criações literárias utilizadas por importantes psicanalistas, como Freud, Jung, Lacan, entre outros, para discutir questões ligadas ao inconsciente e, embora muitos de seus exemplos – poderíamos citar um em especial, o Complexo de Édipo, de Freud – não tenham passado de literatura sobre literatura, é inegável a contribuição da psicanálise para desvendar os mistérios do inconsciente. Também é muito difícil pensarmos nessas contribuições sem a colaboração dos devaneios de escritores e poetas que sempre legaram a humanidade as suas fantasias mais íntimas.

Assim, não nos propusemos nestas linhas apenas revisitar aquela que é considerada a obra-prima de Euclides Neto, como também, embora de modo breve e leve, convidar os leitores para outras possibilidades de exercitar o olhar sobre *Os magros*, e ver, como o fez dona Helena, pelo "vão da fechadura", o latente.

Dentro da ideologia euclidiana, dona Helena não seria a personagem mais importante da narrativa que estudamos aqui, até porque ele preferia, como já dissemos linhas atrás, o *de-fora* ao *de--dentro*. No entanto, é inegável que o romancista de *Os magros* soube

ler psicanaliticamente as fantasias de dona Helena, e não só dela, como também as do fetichista doutor Jorge e do agregado João. Mas isto já é matéria para outro trabalho.

REFERÊNCIAS

ABEL, Marcos Chedid. Verdade e fantasia em Freud. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 47-60, jan./jun. 2011. Disponível em: https://bit.ly/3n6j1jE. Acesso em: 12 jul. 2020.

BELLEMIN-NÖEL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1978.

CHALHUB, Samira. *A animação da escrita*. São Paulo: Hacker: Cespuc: Fapesp, 1999.

EUCLIDES NETO. *Os magros*. 2. ed. São Paulo: GSB, 1992.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1907). *In*: *"Gradiva" de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

FREUD, Sigmund. Rascunho L (2 de maio de 1897). *In*: *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*: volume 6. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.

PIGLIA, Ricardo. O melodrama do inconsciente. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, Porto Alegre, v. III, n. 15, p. 110-114, nov. 1998.

RUDGE, Ana M. As fantasias oníricas para que servem? *Psychê*, São Paulo, ano v, n. 8, p. 241-247, 2001. Disponível em: https://bit.ly/3oGm4zq. Acesso em: 12 jul. 2020.

LEITORES E LEITURAS DE *OS MAGROS*: DAS PÁGINAS DOS JORNAIS À PRODUÇÃO ACADÊMICA

Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo

> Os eruditos que pisem, virem e sequem esse cacau mole, cheio de sibiras, gogas e sem fermento. E o classifiquem de gude ou inferior, que superior não o é. Como se vê, não pretendo obra de sustança e faro de paqueira. Fico nos aceiros. (EUCLIDES NETO, 2013, p. 24).

No excerto em destaque, Euclides Neto avalia o *Dicionareco das roças do cacau e arredores* (2013), como fez em relação a outras produções escritas suas, como *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino* (1996), chamado por ele de "romancete" e "chamboque de romance". Entretanto, revendo o que "os eruditos" disseram (pisaram, viram e secaram) sobre o romance *Os magros* (1961), que não tem nada de "cacau mole", podemos inferir que se trata da produção romanesca mais lida e analisada do escritor, isto se considerarmos o número de edições (1961, 1992, 2007, 2014), as críticas vinculadas em periódicos, os ensaios publicados em livros e as pesquisas acadêmicas no âmbito da pós-graduação.

Este texto, que retoma parte da pesquisa de mestrado de Marcelo (2010), tem por objetivo apresentar a história de leitura

de *Os magros* a partir das críticas publicadas sobre o romance desde 1961, ano de sua publicação, até a década de 2000.

A crítica literária no Brasil percorreu um longo caminho, iniciado pela crítica de rodapé, aquela não especializada, publicada em jornais, prática comum entre os anos 1930 a 1950, segundo Souza (2007). Os críticos, embora não tivessem necessariamente formação em Letras, eram geralmente pessoas cultas, amantes da literatura e com certo prestígio no cenário da cultura e das artes, desempenhando papel, à época, fundamental na formação do gosto de um público leitor.

Segundo Souza (2007), a partir da década de 1970, a crítica universitária toma impulso no Brasil com a implantação dos cursos de pós-graduação. Preocupada com a dissecação do texto e primando pela técnica, ela se afasta da crítica jornalística, distanciando-se também do leitor. A produção da crítica universitária na década de 1970 – segundo balanço realizado por ensaístas e escritores no IV Encontro Nacional de Professores de Leitura, em 1977 (SOUZA, 2007) – "[...] convive de forma contraditória com a excelência de sua produção e a dificuldade de torná-la acessível à comunidade." (SOUZA, 2007, p. 16).

Em relação aos possíveis hermetismos da crítica acadêmica, a pesquisadora reconhece a existência, no final da década de 1990, de uma "[...] gradativa diluição de marcos teóricos, causada pela vertente pós-estruturalista e pelas inclinações pós-modernas da crítica." (SOUZA, 2007, p. 19). Ela chama atenção para a mudança de enfoque do discurso crítico contemporâneo, marcado pelo avanço dos estudos culturais, visto por muitos como "[...] uma ameaça à crítica literária abalada pela ausência de perfil e indefinição de fronteiras [...]" (SOUZA, 2007, p. 20).

Tais constatações provocam o questionamento sobre a postura do leitor em frente à crítica literária veiculada nos jornais. Qual a melhor maneira de se relacionar com ela? Coelho (2007), quando do assunto, aponta uma alternativa viável à questão, que pode também

ser considerada em relação à crítica literária. Ele reconhece os erros e acertos promovidos por aquela crítica, mas destaca ser mais importante perceber que "[...] a crítica, acertando ou errando, serve principalmente para outra coisa: prestar mais atenção naquilo que estamos vendo [...]" (COELHO, 2007, p. 88). O público não deveria acatar como verdade inquestionável tudo que é emitido ou omitido pela crítica. É essencial seu contato com a obra para vivenciá-la, permitindo-se identificar-se ou não:

> O que a crítica estimula, na verdade, é um enriquecimento dessa experiência do "gostar" ou "não gostar" – uma crítica negativa pode ser injusta, pode ser que não concordemos com ela, mas se for bem-feita, tornará nossa experiência da obra "melhor" para nós mesmos, mais matizada... O vírus da crítica já terá sido inoculado em nós, poderemos a partir daí criticar o crítico, se quisermos, mas o processo já não para mais, e é esse, afinal, o processo da vida intelectual, da vida do espírito... (COELHO, 2007, p. 88).

O que Coelho faz é convidar o público leitor para participar da elaboração do texto metalinguístico que é a crítica, como define Barthes (2003), buscando diferenciá-lo do escrito por poetas e romancistas. Segundo Barthes (2003, p. 160),

> [...] todo romancista, todo poeta, quaisquer que sejam os rodeios que possa fazer a teoria literária, deve falar de objetos e fenômenos mesmo que imaginários, exteriores e anteriores à linguagem: o mundo existe e o escritor fala, eis a literatura. O objeto da crítica é muito diferente; não é "o mundo", é um discurso, o discurso de um outro: a crítica é discurso sobre um discurso; é uma linguagem segunda ou metalinguagem (como diriam os lógicos), que se exerce sobre uma linguagem primeira (ou linguagem-objeto) [...].

A partir da sugestão de "prestar mais atenção naquilo que estamos vendo", e das considerações de Barthes, voltamos às leituras publicadas sobre *Os magros*. Retomamos sete delas, que representam momentos distintos da recepção crítica do romance.

Em 1961, dois textos foram publicados em jornais de Ipiaú. O primeiro tem como título "A Editôra [sic] Progresso Ltda. publicou *Os magros* de Euclides Neto", assinado por Vafel – que, por informação não confirmada, seria redator-chefe do jornal *O Carteiro* – e publicado na 22ª edição bimestral, julho/agosto, do jornal *O Carteiro*, à página 3, na seção intitulada "Literatura-Arte-Curiosidades". Este texto pode ser considerado a primeira crítica publicada sobre o romance.

É possível observar o impacto positivo do romance sobre o autor da crítica na expressão "li de um só fôlego", qualificando o romance de "obra-prima", ou ainda quando se refere à publicação do livro como "uma hora feliz", demonstrando claramente o entusiasmo. Nesse texto, são evidenciados tanto os aspectos extratextuais quanto os intratextuais.

Os elementos extratextuais relacionam-se ao tema do romance, que, para o autor da crítica, é "o contraste entre os donos da terra e os donos da miséria", referindo-se ao proprietário e ao trabalhador da fazenda de cacau, respectivamente. São evidenciados os contrastes sociais apresentados na narrativa, como as condições financeiras de patrões e empregados. O romance é caracterizado como um "livro de protesto e de combate", "um grito de angústia do escritor, em favor de humildes lavradores de terra, na terra dos patrões". Acrescenta que a obra é "um grito que vai ecoar para sempre", numa alusão à permanência do contexto histórico no qual o romance foi produzido e ao seu valor histórico.

Alguns elementos intratextuais também são evidenciados, como a precisão e a objetividade da linguagem, comparada à de Graciliano Ramos em *Vidas secas*, publicado em 1938, chamado

de "livro irmão" por Vafel. Ele afirma que estes escritores "não usam linguagem fantasiosa" e usam o verbo e o adjetivo apenas quando necessário. É importante salientar, nessa primeira crítica publicada em jornal, que alguns elementos destacados são recorrentes em outros estudos mais detalhados, como a denúncia dos contrastes sociais e a comparação com *Vidas secas*, tanto no uso da linguagem quanto no aspecto temático.[1]

O segundo texto sobre *Os magros* foi publicado em 24 de outubro de 1961, no jornal *Rio Novo* – nome da cidade de Ipiaú antes de sua emancipação política na década de 1930. Escrito por Santos (1961), o texto tem como título *Os magros*. Inicialmente, o autor refere-se ao caráter ingrato da crítica literária, como a antecipar os comentários negativos que fará ao romance, principalmente em relação aos "erros" que evidencia. A seguir, acrescenta que leu a obra com o carinho com que trata as coisas da terra.

Vários elementos são postos em destaque para se referir à construção textual chamada pelo crítico de "temática fraca". O autor critica a caracterização "pálida" das personagens, com a exceção de João; a falta de "homogeneidade", referindo-se ao isolamento em capítulos diferentes dos acontecimentos ocorridos na zona rural e os ocorridos na cidade. Além disso, lista os possíveis "erros à revisão", citando-os um a um. São "erros" de emprego vocabular e usos verbais, entre outros.

Além desses "erros", ele comenta possíveis falhas na construção de personagens e situações. Santos (1961) afirma não ter gostado das características e ações do personagem Jorge e de sua mulher "D. Elena" [sic], cuja dúvida, se criara ou não uma boneca, pode ser sanada com a leitura da contracapa do livro, como ressalta, culminando com a afirmação de que "aqui a arte não imita a vida". De fato, ter adiantado para o leitor do romance que Rose Marie é

[1] Ver o ensaio "Angústia da influência", nesta edição crítica.

uma boneca, tirando dele a possibilidade dessa descoberta durante o ato de leitura, não foi uma boa estratégia do autor.

A alusão feita por Santos (1961) quanto aos aspectos internos da obra reporta-nos à segunda tese de Jauss (1994), voltada para o impacto que podem causar no leitor.[2] Nesse caso, a opção de narrar em capítulos diferentes a vida do trabalhador rural e a do proprietário das terras não foi avaliada como um bom recurso, pelo contrário, foi vista como falta de homogeneidade. Além dessas observações, o crítico aponta a inverossimilhança das ações das personagens Jorge e Helena, além de evidenciar o uso de lugares-comuns ao retratar os coronéis do cacau. Todos os elementos destacados levam a crer que o romance não tenha correspondido às expectativas do autor da crítica, principalmente quanto aos elementos intratextuais.

Em relação aos aspectos extratextuais, fica evidente o impacto positivo do livro sobre Santos (1961). A "força" e a "pungência", destacadas por ele, são capazes de provocar no leitor tristeza e depressão, que considera uma virtude por "revolver-nos na nossa estrutura íntima". Na breve conclusão, é destacado o mérito da narrativa, que traz a possibilidade de provocar a discussão sobre a justiça social, de "sacudir" o leitor, abalando estruturas. Tal afirmativa entra em contradição com o que ele disse anteriormente sobre a temática do romance, avaliada como "fraca". Fica a questão: como um tema "fraco" é capaz de abalar as estruturas do leitor?

Apesar da contradição, Santos (1961) reconhece o mérito do romance. Sua observação coincide com a sétima tese apresentada por Jauss (1994). Nela, o teórico chama a atenção para a possibilidade de a literatura "sacudir" o leitor, desestabilizando suas certezas, provocando reflexões sobre aspectos sociais até então não percebidos.

[2] Na segunda tese, Jauss (1994) reconhece que o texto literário oferece ao leitor dados referentes à sua estrutura, ao gênero e estilo, entre outros, que o predispõe a manter uma relação com o texto, evocando horizontes de expectativas e conhecimento prévio, preparando-o assim para a recepção.

A função social da literatura, para Jauss (1994), refere-se às marcas da vida em sociedade que se evidenciam no texto, com as quais os leitores interagem no ato de leitura. Essas marcas são capazes de transformá-los pela emancipação, alterando a atuação social, sua percepção das coisas ou conservando valores éticos e morais já estabelecidos. A emancipação ou a conservação de valores dependerá da maior ou menor sensibilidade ao relacionar-se com o ficcional e da maneira como o ficcional age sobre cada leitor.

A terceira crítica jornalística que nos reportamos é intitulada *Os magros* – romance essencialmente grapiúna", publicada 30 anos depois das duas primeiras. Pereira, escritor e membro da Academia de Letras de Ilhéus, publicou o texto no *Diário da Tarde* (Ilhéus), em 17 de janeiro de 1991. Inicialmente, Pereira (1991) tece considerações sobre a intenção de Euclides Neto em reeditar *Os magros* (segunda edição), avaliado, por ele, como um "excelente livro".

O confrade de Euclides Neto na Academia de Letras de Ilhéus esclarece que o romance retrata "os grãos-senhores feudais" da região cacaueira da Bahia e recorda sua infância quando conheceu de perto "fatos semelhantes" aos narrados no romance, destacando que, nessas terras, predominam "a lei do mais forte por repercutir mais alto". O escritor demonstra forte identificação com a temática abordada na obra, diferentemente de Santos (1961), e comenta a ligação entre ficção e realidade e a "maestria" com que Euclides se serve de ambas, avaliadas por ele como antagônicas. Os dois últimos parágrafos do texto (transcritos a seguir) constam na contracapa da segunda edição de *Os magros*:

> *Os Magros* do romancista Euclides Neto podem, com altivez, figurar ao lado de *Terras do sem fim*, de Jorge Amado e do *Corpo vivo* de Adonias Filho. Eis aí, formada, e bem formada, a admirável quanto insuperável trilogia dos romances e romancistas grapiúnas

> a serviço da sociologia cacaueira. (PEREIRA *apud* EUCLIDES NETO, 1992, contracapa).

Compor essa trilogia, segundo Pereira (1991), confere à Euclides Neto o estatuto de escritor do mesmo nível de Jorge Amado e Adonias Filho, autores baianos cuja produção literária já havia alcançado êxito perante o público e parte da crítica. Assim, a crítica cumpre sua função de "instância proclamadora da obra", conferindo-lhe o estatuto de literariedade, como ressaltou Lajolo (2001). Este é o efeito que possivelmente resulta do texto da contracapa do romance. Entretanto, pode causar outro efeito, se for considerada a expressão "romancistas grapiúnas" um possível rótulo imposto aos três escritores citados, aproximando três produções literárias distintas. Outros críticos fizeram referência à Euclides Neto como autor grapiúna. Nesse sentido, é oportuno reproduzir a opinião de duas pesquisadoras e depoimentos dos escritores "grapiúnas" sobre esta questão.

Andrade (2000, p. 199) concebe a "[...] ficção amadiana como um discurso possível de entender a reelaboração de espaços e fronteiras da/na Bahia [...]", não numa "perspectiva fisiológica da região", mas a partir de uma perspectiva geográfica que "se inscreve no imaginário". Ela identifica três "recortes espaciais" e aponta os romances que representam cada espaço ou eixo.

O primeiro eixo corresponde ao sul da Bahia, "eixo Ilhéus/Itabuna, nas narrativas que compõem a saga do cacau, a luta pela terra, a exploração dos trabalhadores e o evidente poder dos coronéis", representado pelo romance *Terras do sem fim* (2008), entre outros. O sertão está "presente na literatura dos anos 1930, como espaço marcado pela seca, pobreza, cangaço, miséria" e corresponde ao segundo eixo. O terceiro e último eixo, o das "bahias", representa a cidade de Salvador e estende-se, segundo Andrade (2000, p. 199), ao Recôncavo baiano.

Em relação à Adonias Filho, Romariz esclarece que, "nascido no sul da Bahia, trouxe o cenário da infância para seus romances,

mas suplantou o local sem esquecê-lo, mediando suas possibilidades com valores universais." (ROMARIZ, 1999, p. 226). Avalia a produção de 1946 a 1983.

> [...] como poetização de um diálogo intercultural de que participam a tradição grega, a judaico-cristã e a cultura brasileira, vista esta última por Adonias como produto das contribuições africana e indígena, a que se mesclam elementos populares. (ROMARIZ, 1999, p. 17).

O estudo realizado pela pesquisadora possibilita um aprofundamento da obra do escritor baiano, não só dos textos ficcionais, como também da crítica literária.

Tanto *Terras do sem fim*, de Jorge Amado quanto *Corpo vivo*, de Adonias Filho, citados por Pereira (1991), reportam-se ao sul da Bahia. Marcado pela exploração do solo com o cultivo do cacau e pela exploração do trabalhador rural, o local ficou conhecido como região grapiúna, principalmente o eixo Ilhéus/Itabuna. Talvez por isso os autores dos romances que retratam a localidade são chamados por Pereira de "grapiúnas". Contudo, tanto Jorge Amado quanto Adonias Filho têm uma produção romanesca que retrata outros espaços, além da região cacaueira baiana. Euclides Neto também representou em sua obra outros espaços, como Salvador, no romance *Vida morta* (1947), e Jequié, cidade situada na transição entre o sertão baiano e a zona da mata, em *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino* (1996).

Euclides Neto, na coletânea de contos selecionados e organizados por ele intitulada *Novos contos da região cacaueira* (1987), assim se posiciona:

> Esta antologia reúne, a partir de Adonias Filho, os nomes mais expressivos na história curta sul-baiana. Todos eles com sua linguagem, visão de mundo e temática própria, onde o cacau aparece, muitas

> vezes, como referencial. (EUCLIDES NETO, 1987, contracapa).

No prefácio dessa coletânea, Adonias Filho apresenta os escritores que compõem a seleção de contos:

> Aqui estamos nós, ficcionistas do sul da Bahia, a comprovar que temos efetivamente um complexo regional de civilização do cacau. À sombra de uma saga comum, na variação de processos e estilos individuais, é todo um reino – humano, geográfico e social – que se mostra através da reprojeção literária. [...]
>
> Torna-se indispensável entender, porém, que um agrupamento literário – no sentido de uma literatura caracterizada e de uma ficção de tipicidade evidente – apenas surge por imposição de componentes literários nascidos de um complexo cultural definido. [...]
>
> [...] o agrupamento literário existe porque o complexo cultural, que o provocou, é resultante de uma forte personalidade regional. [...] sendo uma personalidade regional, *não se pode confundi-la com regionalismo literário*. E isso porque, mantendo-se na região, fiéis ao complexo cultural, *os contistas a ultrapassam pela dimensão humana da vida que ela própria oferece* (ADONIAS FILHO *apud* EUCLIDES NETO, 1987, p. 5-6, grifo nosso).

O posicionamento de Adonias Filho não contradiz os estudos realizados sobre a sua produção e a de Jorge Amado apresentadas anteriormente. Isto porque, como ressaltou, a região cacaueira serve como "referencial" e a literatura produzida sobre ela não delimita um regionalismo, visto que o espaço geográfico que a poderia restringir oferece uma "dimensão humana" que possibilita ultrapassar limites.

Postas essas observações sobre os comentários de Pereira, retomamos as publicações sobre *Os magros*.

Em 1996, Seixas publicou "Vozes sufocadas" – artigo publicado originalmente no jornal *A tarde*, em 11 de março de 1996 –, uma análise de *Os magros*. Nesse mesmo ano, ele reuniu no livro *Triste Bahia, Oh! Quão dessemelhante: notas sobre a literatura na Bahia* várias de suas publicações em periódicos, inclusive o texto "Vozes sufocadas". Nele, Seixas (1996) refere-se ao realismo social, marco dos escritores regionalistas de 1930, aos quais, segundo afirma, Euclides Neto busca dar continuidade, "pintando suas paisagens e retratando o que viu e viveu". Destaca o discurso engajado do escritor, marcado pela ideologia humanista e pelo compromisso em dar voz aos injustiçados trabalhadores da zona cacaueira da Bahia. Assim como Pereira, Seixas inclui Euclides Neto entre os "escritores grapiúnas". Para Seixas, o romance *Os magros* possui discurso "situado" na zona cacaueira da Bahia e "datado" na primeira metade do século XX, nascendo desses dois aspectos as "virtudes e defeitos" do romance.

Um dos possíveis defeitos destacados nessa crítica corresponde aos "ecos inúteis", causados pelo nome da cadela "Sereia", em *Os magros*, remetendo à cadela "Baleia", de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Segundo Seixas, essa proximidade sonora pode criar no "[...] leitor preconceituoso a expectativa de um pastiche [...]" (SEIXAS, 1996, p. 159). O que ele afirma não ocorrer no livro, classificando-o como obra autônoma e comprometida com sua gente e sua terra, embora mantenha com *Vidas secas* um diálogo intertextual, buscando ampliar suas conquistas, o que para ele "[...] confere atualidade e interesse ao romance agora reeditado." (SEIXAS, 1996, p. 159).

Outro possível "ponto crítico" de *Os magros* corresponde ao uso de narrativas paralelas, através das quais o autor opõe a miséria rural à riqueza urbana a partir da vida de João e Jorge. Segundo Seixas, na tentativa de produzir um texto realista, o romancista

carrega na tinta e produz um "realismo ingênuo". Para o crítico, causaria melhor efeito no leitor se os contrastes evidenciados na obra fossem mostrados mais discretamente, atenuando as marcas do realismo socialista que "[...] tornam o livro demasiadamente datado [...]" (SEIXAS, 1996, p. 162).

As observações revelam a preocupação com o impacto da obra sobre o leitor, provocado por elementos estruturais da narrativa. Essa preocupação remete à terceira tese de Jauss (1994), principalmente a que se refere aos elementos intratextuais da obra, como sua estrutura, passíveis de evocar no leitor determinados horizontes de expectativas, que podem ou não ser confirmados no contato com o texto. Seixas (1996) não aprova o uso das narrativas paralelas, pouco comum na literatura brasileira, pelo menos nos romances já consagrados pela crítica. Santos (1961) também não aprovou o uso dessa estrutura, afirmando, na época, que o romance "carece de homogeneidade".

Em relação aos aspectos positivos, Seixas (1996, p. 156) destaca o capítulo XIII, avaliado-o como "um dos momentos altos do livro". Esse capítulo corresponde à passagem em que o gerente da fazenda, desrespeitando o luto de João e sua família, que acabara de perder o "caçula", persegue pela mata os outros filhos do agregado. O gerente não queria trabalhadores na fazenda com muitos filhos para não dar prejuízos nos cacaueiros. O capítulo supracitado revela o pavor das crianças ao serem perseguidas no mato.

O crítico acrescenta, ainda, que o discurso engajado de *Os magros*,

> [...] desafiando o calendário, [...] continua abrindo espaço nestes anos de fim de século, quando o esplendor do ciclo do cacau foi inócuo para atenuar a pobreza e a miséria de muitos que, com suas mãos, construíram toda aquela riqueza. (SEIXAS, 1996, p. 158).

Com essa constatação, reconhece a atualidade da obra e sugere que o romance seja lido e conhecido por "milhares de leitores", o que permitiria o "[...] livre soar destas vozes sufocadas que, ouvidas, ajudariam as pessoas a passar muitas coisas a limpo [...]" (SEIXAS, 1996, p. 162). É a ficção agindo sobre o leitor, abalando suas bases e provocando uma reordenação de valores, uma revisão de fatos históricos vivenciados ou conhecidos a partir do texto ficcional. Jauss (1994) descreveu, na sétima tese, essa possível relação entre leitor e texto, capaz de desencadear novos posicionamentos sociais.

Seixas (1996) ressalta, por fim, a necessidade de os cursos de pós-graduação estudarem obras de autores "da comunidade na qual está inserida". Com isto, a crítica acadêmica escrita na Bahia tiraria muitas do "esquecimento" a que foram submetidas, possibilitando maior difusão de textos literários e, por conseguinte, a inserção de novos autores no cenário cultural. Euclides Neto é um deles: suas obras ficcionais e memorialistas oferecem elementos capazes de motivar estudos em diversas áreas do conhecimento. Tais estudos vêm se desenvolvendo, como é possível notar nos cursos de pós-graduação das universidades públicas da Bahia, cujo aumento no número de pesquisas de obras literárias, que revisitam a história e culturas baianas, é significativo.

Nas quatro produções supracitadas sobre *Os magros*, veiculadas em jornais, foi mais recorrente a abordagem de aspectos extratextuais, aqueles referentes ao contexto de produção da obra: a região cacaueira baiana na primeira metade do século XX, principalmente os contrastes entre os trabalhadores rurais e patrões. Tanto as duas críticas da década de 1960 quanto as duas da década de 1990 fazem considerações sobre esta temática. Por representar os dramas da região cacaueira, as duas críticas contemporâneas classificaram o autor como grapiúna. A relação intertextual do romance com *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, apareceu em um texto de 1961 e em outro de 1996, reaparecendo em alguns textos publicados a partir

de pesquisas acadêmicas no âmbito da pós-graduação. Sobre elas, destacamos duas publicações.

A primeira é o livro *O romance dos excluídos: terra e política em Euclides Neto*[3]. Nela, Cesar[4] (2003) analisa quatro narrativas de Euclides Neto que, reunidas, são denominadas de "tetralogia dos excluídos". A obra aborda a realidade histórica e social dos trabalhadores rurais da região cacaueira do sul da Bahia e evidencia a desigualdade entre classes sociais. Segundo Cesar (2003), essa característica aproxima a produção literária de Euclides Neto do romance nordestino de 1930. Os romances que compõem a "tetralogia dos excluídos" são: *Os magros* (1961), *O patrão* (1978), *Machombongo* (1986) e *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino* (1996). (cf. OLIVEIRA, 2018)

A segunda publicação acadêmica é a obra *Literatura do cacau: ficção, ideologia e realidade em Adonias Filho, Euclides Neto, James Amado e Jorge Amado*, de João Batista Cardoso. Interessa-nos particularmente o segundo capítulo dedicado à leitura de *Os magros,* "Os pólos da sociedade em *Os magros*" (CARDOSO, 2006, p. 85-115). O capítulo é dividido em cinco sessões: "A dialética da reprodução e o poder da alienação", "A dialética da reprodução e o poder do conformismo", "Um espírito de descoberta num mundo de contrastes", "A dialética do pessimismo e a ruptura da realidade" e, finalmente, "A dialética do pessimismo e a superação". O pesquisador ressalta a desigualdade social abordada no romance, analisando a vertente ideológica.

Tanto Cardoso (2006) quanto Cesar (2003) destacam a tensão estabelecida entre a pobreza e a riqueza, a dominação e a submissão, representadas pela família de João, trabalhador da fazenda Fartura,

[3] Resultado da pesquisa desenvolvida no mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e publicada pela Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Editus.

[4] Jornalista (1983) e Mestre em Letras e Linguística pela UFBA (2000). Professor das Faculdades Jorge Amado e da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador.

e de Jorge, rico proprietário e que vive ociosamente da renda dessa propriedade rural. Os contrastes sociais e econômicos são evidenciados no romance pelo uso do contraponto, alternando os capítulos para narrar as histórias de vida das duas famílias, separadamente.

Ao analisar a trajetória de vida das famílias, Cardoso (2006) discute: o modo de produção capitalista que os cacauais representam e a desigualdade estabelecida entre patrões e empregados; a permanência da escravidão na região cacaueira, com a ruptura da humanização causada pela fome e exploração da mão de obra; os processos de animalização do homem, ou zoomorfização, e de humanização dos animais - elementos destacados também por Cesar (2003) - o anticlericalismo representado na obra pela crítica à Igreja Católica, que nega o batismo aos trabalhadores rurais por falta de dinheiro, entre outros aspectos. Para Cardoso (2006), os contrastes que o romance apresenta revelam o tom irônico da obra, evidenciado o excesso de filhos do trabalhador, que se contrapõe à falta de herdeiros do rico proprietário rural.

A relação intertextual com outros romances é um elemento ressaltado tanto por Cesar (2003) quanto por Cardoso (2006). Este não destaca a relação com *Cacau* (1933), de Jorge Amado, e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, como o faz Cesar, mas estabelece relação com *Os sertões* (2009), de Euclides da Cunha. Segundo Cardoso (2006, p. 108), Euclides da Cunha e Euclides Neto são

> [...] filiados à mesma tendência estética preocupada em mostrar os contrastes descobertos no novo espírito investigativo acerca da constituição mais íntima do Brasil.

A morte dos sertanejos em decorrência da guerra em Canudos, ou da fome na região cacaueira da Bahia, representa o extermínio justificado por sua dificuldade "[...] de integração à história do país em que viviam [...]" (CARDOSO, 2006, p. 108). Também, ressalta

que a "solução estética" que aproxima *Os sertões* de *Os magros* é marcada justamente pelo contraste: "sertão *versus* litoral", no primeiro, e "riqueza *versus* pobreza", no segundo.

O diálogo intertextual do romance de Euclides Neto com *Cacau* e *Vidas secas* é analisado por Cesar (2003). Em relação ao primeiro, ganha destaque a denúncia do latifúndio e de suas consequências sociais; além do tom irônico na escolha do nome da fazenda onde os trabalhadores são explorados: em *Cacau*, fazenda Fraternidade, em *Os magros*, fazenda Fartura. Ainda em relação aos nomes, ressalta que, em *Vidas secas*, a cachorra chama-se Baleia, em *Os magros,* Sereia, termos que fazem referência às águas, como foi destacado em críticas anteriores.

Se em *Vidas secas* os filhos de Fabiano eram chamados de "menino mais velho" e "menino mais novo", em *Os magros*, o filho caçula de João e Isabel, como ressalta Cesar (2003), também não tem nome. Como nesses dois romances, em *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino*, publicado por Euclides Neto em 1996, as crianças menores também não possuem nomes próprios, sendo chamadas de "o caçula" e "o achado", numa clara denúncia da condição de inexistência para o Estado.

Em *Os magros*, os ricos adoecem por excesso de alimentação, os pobres morrem de fome, trabalhando a terra, comendo e sendo comidos por ela, como retratam as personificações: "A terra preta estaria mastigando o corpinho aniquilado."; "A terra apressada levaria todos os meninos para que as raízes gulosas salivassem com os aguaceiros das noites escuras." (EUCLIDES NETO, 1992, p. 52, 78).

Para Cardoso (2006, p. 110),

> [...] quando a linguagem privilegia a ironia, o que se percebe como elemento informador da ideologia é o ceticismo do autor que sinaliza uma descrença na possibilidade apresentada pelo contexto histórico

> no sentido de superar as contradições (CARDOSO, 2006, P. 110).

Para o autor, esta constatação leva-o a classificar o enredo como satírico. Os dois pesquisadores registram também o "fetichismo" por alguns objetos: o facão, por João; a riqueza, personificada na boneca Rose Marie, por Helena; e os diamantes, por Jorge.

Ganha destaque nessa análise, além da ironia e da personificação, as comparações e metonímias, que dão vida aos contrapontos do romance, pela evidência das diferenças e não das semelhanças. Outro aspecto destacado é a ausência de descrição psicológica dos personagens, privilegiando os aspectos exteriores, para, por meio deles e do aguçamento do olhar do leitor, revelar o interior degradado, triste e desesperançado. A indigência física torna-se também ideológica, visto que os magros trabalhadores não conseguem esboçar reação nem percebem que estão inseridos numa estrutura social maior de exploração e subjugação da classe trabalhadora.

Além dessas considerações, são destacados por Cardoso (2006) fatores contraideológicos: o anticlericalismo, ressaltado no episódio da negação do sacramento do batismo pela Igreja Católica por falta de pagamento; e o antitelurismo, marcado pela revolta de João com a terra, que é comida pelos filhos famintos, que depois de mortos são comidos por ela. Ironicamente, João não consegue sair dessa mesma terra, num apego telúrico e alienante, compondo mais uma relação dialética destacada na análise.

Cesar (2003, p. 95) classifica *Os magros* como um romance documental,[5] o "legítimo herdeiro do romance nordestino de 30". Por outro lado, Cardoso (2006, p. 100) justifica não poder classificá-lo como um romance realista socialista, porque

[5] Segundo Lucas (1987, p. 17), o romance documental procura "acentuar uma realidade que se julga injusta", apelando para "situações concretas de aniquilamento do ser humano", o que enfatiza "os erros da sociedade", seus "desajustamentos" e "frustrações". Definição apropriada para *Os magros*.

> [...] não privilegia a esperança e o otimismo que marcam caracteristicamente os romances dessa estética, que como se sabe, antecipa, no nível do discurso, uma nova realidade em que o sofrimento do homem tenha deixado de existir. (CARDOSO, 2006, p. 100).

Ressalta ainda a ausência de superação, tanto dos pobres, quanto dos ricos. Todos sofrem, ou pela miséria ou pelo mau uso da riqueza. O autor destaca que no romance há a denúncia da exploração, mas não se vislumbra solução. João reflete, mas foge das reflexões, não vê saída, culpa-se pelo excesso de filhos que amplia a miséria. Em Cardoso (2006), a estética da pobreza, da fome e da culpa são mostradas num quadro estático de contrastes, que se alternam com os capítulos.

Além desses dois estudos, Araújo (2008),[6] em *Floração de imaginários: o romance baiano no século 20*, contempla "[...] no plano estilístico e estrutural da formação romanesca na Bahia [...]" a produção de mais de 70 escritores, entre eles, Euclides Neto. Dentre os livros publicados por este escritor, Araújo elencou os oito romances: *Birimbau* [sic] (1946), *Vida morta* (1947), *Os magros* (1961), *O patrão* (1978), *Comercinho de Poço Fundo* (1979), *Os genros* (1981), *Machombongo* (1986) e *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino* (1996).

A partir da análise de *Comercinho de Poço Fundo*, o pesquisador afirma:

> O estilo raro é requintado de Euclides Neto – que de tudo conhece na extensa geografia (física, humana, ecológica, psicológica) do sul da Bahia – afirma parentesco com a estilística narrativa de uns seus parceiros malungos, percorrendo lembranças intrínseco-textuais

[6] Doutor e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É ficcionista, poeta, dramaturgo, ensaísta e jornalista.

> desde Graciliano Ramos e Guimarães Rosa a Mário Palmério e José Cândido de Carvalho. (ARAÚJO, 2008, p. 167).

Evidencia ainda o uso da linguagem oral e de arcaísmos numa forma textual "[...] despojada de arabescos ornamentais". Dos romances que compõem o panorama da produção de Euclides Neto organizado por Araújo, interessa-nos as considerações sobre *Os magros*, em que enfatiza o "[...] rigor ostensivo de observação direta do real", organizado em capítulos contrastantes que dialogam entre si, alternando o paralelismo campo-cidade, que representam o conflito de classes sociais, já evidenciado em Cardoso (2006) e César (2003). A alusão ao romance *Vidas secas* também aparece nessa análise, em que são destacadas as semelhanças quanto à representação da fome e da servidão do trabalhador rural.

Outros aspectos recorrentes são a referência ao universo sociológico e psicológico dos trabalhadores rurais e a identificação de Euclides Neto com o romance produzido a partir da década de 1930 no Brasil, como afirma Araújo (2008, p. 165) no trecho:

> [...] pela riqueza temática e estética, repercussiva dos melhores frutos da novelística brasileira pós 30, com muita propriedade, Euclides Neto merece estar entre os melhores narradores faulknerianos [...].

A crítica em torno de *Os magros*, como vimos, perpassa por três décadas (1960, 1990 e 2000), que coincidem com as (re)edições do romance. Ela possibilita relacionar passado e presente e observar os elementos estéticos e históricos recorrentes nas análises. Para a estética da recepção, a história de um texto não pode ser construída sem a participação ativa do leitor. É a partir da leitura que a obra se revela, tanto no horizonte histórico de sua origem, quanto na sua função social e ação no tempo.

Dois elementos que compõem as análises com base na estética da recepção foram evidenciados pelos leitores críticos de *Os magros*, retomados aqui. O primeiro diz respeito a "implicação estética" e o segundo "a implicação histórica". Para Jauss (1994, p. 23),

> [...] a implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu caráter estético, pela comparação com outras obras já lidas [...]. (JAUSS, 1994, p. 23).

A "implicação histórica", por sua vez, realiza-se "numa cadeia de recepções" enriquecida através das gerações de leitores que possibilitam vislumbrar "o significado histórico de uma obra", como foi visto nas análises sobre *Os magros*, considerando as observações recorrentes em décadas distintas.

Um dos fatores mais ressaltados pela crítica foi a relação intertextual de *Os magros* com *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, bem como a relação acerca da construção textual, a semelhança na constituição de personagens, os nomes atribuídos ou negados a eles e a linguagem concisa. A relação estabelecida com aquele romance foi percebida nos textos de Vafel (1961), Seixas (1996), Cesar (2003) e Araújo (2008).

A comparação com o romance de 1930 se deu principalmente pela denúncia da desigualdade social. Para Araújo (2008, p. 165), ele representa um "[...] dos melhores frutos da novelística brasileira pós 30 [...]". César (2003), por sua vez, afirma tratar-se de um romance documental, herdeiro do romance de 1930. Lafetá (2000, p. 30) comenta alguns aspectos históricos que marcaram o decênio de 1930:

> A "politização" dos anos trinta descobre ângulos diferentes: preocupa-se mais diretamente com os problemas sociais e produz os ensaios históricos e sociológicos, o romance de denúncia, a poesia militante e de combate. Não se trata mais, nesse instante,

> de "ajustar" o quadro cultural do país a uma realidade mais moderna; trata-se de reformular ou revolucionar essa realidade, de modificá-la profundamente, para além (ou para aquém...) da proposição burguesa: os escritores e intelectuais esquerdistas mostram a figura do proletariado (*Jubiabá*, por exemplo) e do camponês (*Vidas secas*) instando contra as estruturas que os mantêm em estado de sub-humanidade [...].

Analisado a partir dessas colocações, *Os magros* se configura como um romance de denúncia, embora o trabalhador rural representado nele não demonstre, ainda, uma consciência formada sobre a luta de classe, nem busque saídas para a condição de explorado. Como bem ressaltou Cardoso (2006), o romance, apesar de retratar os modos de produção capitalistas, as condições de produção no campo, a desigualdade social e a ruptura da humanização, não privilegia a esperança e o otimismo; não há superação das dificuldades; os trabalhadores estão imersos em suas condições, características de sua classe social, sem vislumbrarem alternativas.

As alternativas para sair da condição de explorado levariam ao rompimento da estrutura capitalista e apontariam em direção ao socialismo, forte corrente ideológica de influência em todo o mundo, segundo Lafetá (2000). Entretanto, João não consegue ir além da necessidade de matar a fome. Como ver além? Precisava possuir os meios de produção (simbolizados pelo facão) para continuar vivendo e enriquecendo o sistema capitalista. A consciência da situação em que se insere não é apreendida por João, que evita os parcos momentos em que ela busca aflorar, centrando-se em suas necessidades imediatas de comer, abrigar-se, vestir-se etc., possíveis de serem resolvidas, para ele, apenas com a compra de um facão.

Quanto ao impacto do romance sobre os leitores – escritores das críticas e ensaios analisados –, arriscamos algumas inferências. Nos textos de 1961, escritos por Vafel e Santos, expressões do tipo

"li de um só fôlego", "obra prima", "força e pungência da narrativa, capaz de revolver-nos na nossa estrutura íntima" revelam que o romance pode "sacudir" esses leitores, provocando reflexões sobre o contexto histórico representado na narrativa. Araújo (2008, p. 165), por sua vez, no texto de 2008, afirma que o romance "[...] possui riqueza temática e estética [...]" e a narrativa é capaz de aproximá-lo dos personagens como se fossem "vizinhos". E acrescenta que o narrador "[...] rasga a cicatriz social, reacendendo a ferida [...]". Jauss (2002) ensina que a literatura é capaz de emancipar o homem, livrá-lo de suas "ataduras", sejam elas religiosas ou sociais. O primeiro passo nessa direção se dá no impacto vivenciado pelo leitor ao tomar contato com o texto.

Um dos elementos intratextuais mais comentados foi a organização dos capítulos do romance em "narrativas paralelas", nas quais as histórias de patrão e empregado são tratadas em capítulos distintos. Enquanto o uso desse recurso conferiu à obra falta de "homogeneidade" para Santos (1961), Araújo (2008) ressaltou o "interdialogismo" entre os "capítulos contrastantes", e Cardoso (2006) destacou o "quadro estático de contraste", no qual se alternam a estética da pobreza, da fome e da culpa.

Por fim, avaliamos o uso desse recurso como forma de evidenciar a distância entre as classes sociais representadas pelas histórias de João e de Jorge (MARCELO, 2010). O proprietário dos meios de produção capitalista e o trabalhador explorado por esse sistema não poderiam dialogar, interagir, considerando o contexto histórico da obra, o final da década de 1950 e início da de 1960. A interação suscita o embate entre as classes. Entretanto, os trabalhadores rurais, representados por João, encontravam-se impossibilitados de perceber algo além da fome que os devorava.

Euclides Neto traz essa impossibilidade para a estrutura da narrativa, marcando a divisão de classes sociais através da separação de capítulos para narrar a história do patrão e do empregado rural

(MARCELO, 2010). A distância entre as duas classes representadas era tão gritante, no contexto rural de meados do século XX, que os caminhos dos protagonistas não se cruzavam, a não ser como exploradores e explorados; papéis bem determinados e inconfundíveis.

REFERÊNCIAS

ADONIAS FILHO. *Corpo vivo*. 24. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Maria Celeste P. de. Bahias de Amado: a ficção fundando uma nova geografia. *In*: FONSECA, Aleilton; PEREIRA, Rubens Alves (org.). *Rotas e imagens*: literatura e outras viagens. Feira de Santana: Editora da Uesf, 2000. p. 199-208.

ARAÚJO, Jorge. *Floração de imaginários:* o romance baiano no século 20. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2008. p. 160-172.

BARTHES, Roland. O que é a crítica. *In*: *Crítica e verdade*. Tradução de Leila Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 157-163.

CARDOSO, João B. Os pólos da sociedade em *Os magros*. *In*: CARDOSO, João B. *Literatura do cacau*: ficção, ideologia e realidade em Adonias Filho, Euclides Neto, James Amado, Jorge Amado. Ilhéus: Editus, 2006. p. 85-115.

CESAR, Elieser. *O romance dos excluídos*: terra e política em Euclides Neto. Ilhéus: Editus, 2003.

COELHO, Marcelo. Jornalismo e crítica. *In*: MARTINS, Maria Helena (org.). *Rumos da crítica.* 2. ed. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. p. 83-94.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

EUCLIDES NETO. *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino*. São Paulo: Littera, 1996.

EUCLIDES NETO. *Birimbau*. Salvador: Saga, 1946.

EUCLIDES NETO. *Comercinho do poço fundo.* Rio de Janeiro: Antares, 1979.

EUCLIDES NETO. *Dicionareco das roças de cacau e arredores.* 3. ed. Ilhéus: Editus, 2013.

EUCLIDES NETO. *Machombongo*. Itabuna: Edições Letras/Cacau, 1986.

EUCLIDES NETO (org.). *Novos contos da região cacaueira.* Brasília: Horizonte, 1987.

EUCLIDES NETO. *O patrão*. Salvador, 1978.

EUCLIDES NETO. *Os magros.* 2. ed. São Paulo: Guena & Bussius, 1992.

EUCLIDES NETO. *Vida morta.* Salvador: Depósito Continental de Livros, 1947.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. *In*: LIMA, Luiz Costa. (coord.). *A literatura e o leitor*: textos de estética da recepção. Tradução de Luiz Costa Lima. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 43-61.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação da história literária.* Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LAFETÁ, João Luiz. *1930*: a crítica e o modernismo. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

LAJOLO, Marisa. *Literatura*: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LUCAS, Fábio. *O caráter social da ficção do Brasil.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MARCELO, Ana Sayonara F. B. *Dos cacaueiros aos umbuzeiros*: percurso de recepção das narrativas *Os magros* e *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caetité, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.

OLIVEIRA, Rita Lírio. *Rasuras grapiúnas*: linguagem, memória, história e gênero na obra de Euclides Neto. 2018. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caetité, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

PEREIRA, Abel. "*Os magros*" – romance essencialmente grapiúna. *Diário da Tarde*, Ilhéus, 17 jan. 1991.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: José Olimpyo, 1938.

ROMARIZ, Vera. *Palavras de deuses, memórias de homens*: diálogos de culturas na ficção de Adonias Filho. Maceió: Edufal, 1999.

SANTOS, Pedro Quirino. Os "magros". *Rio Novo*, Ipiaú, 24 out. 1961.

SEIXAS, Cid. Vozes sufocadas. *In*: *Triste Bahia, Oh! Quão dessemelhante*: notas sobre a literatura na Bahia. Salvador: Egba, 1996. p. 223-235.

SOUZA, Eneida Maria de. Os livros de cabeceira da crítica. *In*: _____. *Crítica cult*. 1 reimpressão. Belo Horizonte: Ed da UFMG, 2007. p.15-24.

VAFEL. A editôra Progresso Ltda. publicou *Os magros*, de Euclides Neto. *O Carteiro*, Ipiaú, p. 3, jul./ago. 1961.

ANGÚSTIA DA INFLUÊNCIA: GRACILIANO RAMOS (*VIDAS SECAS*) E EUCLIDES NETO (*OS MAGROS*)

Vitor Hugo Fernandes Martins (*in memoriam*)

Para o crítico norte-americano Harold Bloom (1930-2019), na obra *A angústia da influência* (2002), as manifestações de influência numa obra, causadoras de angústia nos escritores, devem ser entendidas mais como consequência do que causa. Isso, a princípio, trata-se, sim, de um bem; mas num segundo momento, de um mal. Neste texto, cabe-nos discutir como e por que se dá esse bem/mal-estar, esse fascínio/medo, valendo-nos de dois ficcionistas e duas obras da literatura brasileira: Graciliano Ramos, com *Vidas secas* (1938), e Euclides Neto, com *Os magros* (1961).

Ciência, arte e filosofia vêm se ocupando, cada uma a seu modo, em conceituar a angústia há muito. A angústia da influência acomete as pessoas (não só artistas) na medida em que elas tentam fugir do modelo influenciador. Deste modo, o medo do plágio pode ocasionar para o influenciado não um afastamento, mas justamente o contrário. Isso em razão de aspectos tanto biográficos quanto bibliográficos, tanto conteudísticos quanto formais. Sem dúvida, nossa leitura se ocupará mais destes do que daqueles, mas não prescindimos das notações biográficas como subsídios para lermos as obras, já que nossa leitura se quer eclética. Os dois ficcionistas brasileiros

aqui focados, Graciliano Ramos e Euclides Neto e suas respectivas obras, analisadas, neste texto, provam-no cabalmente.

Nosso texto está dividido em duas seções. Na primeira, por meio de notas biográficas, apontamos semelhanças e dessemelhanças nas histórias de vida dos dois escritores. Ambos nordestinos, relacionados com a terra, a política e as letras; de ideologias muito próximas, se elegeram prefeitos e faleceram do mesmo mal. As dessemelhanças estão relacionadas ao cenário nordestino vivenciado, às concepções de comunismo e postura perante a vida.

Na segunda seção, apontamos semelhanças e dessemelhanças entre os romances *Vidas secas* e *Os magros*. O tópos está presente nas duas narrativas telúricas, neorrealistas, logo, empenhadas; as personagens são zoomorfizadas, por meio de metáforas e símiles, à maneira naturalista; e destacam-se por seus atores miseráveis. Também convergem no que se refere à estrutura da narrativa, construídas com blocos que podem ser lidos como peças autônomas; ambos utilizam a terceira pessoa do singular, empregam discurso indireto livre. Por outro lado, apesar da tendência em comum para a objetividade, diferem na maneira como o fazem; o admirável aproveitamento da língua oral mesclada a um registro mais culto, exercido por ambos, apresenta dessemelhanças.

As convergências e divergências entre *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e *Os magros*, de Euclides Neto, descobertas e interpretadas por nós, à primeira visada, podem parecer uma mera e excêntrica perseguição do estudo das fontes ou das influências de um texto (autor) sobre outro texto (autor). Não visamos valorar as obras e autores entre si, mas descobrir e interpretar semelhanças e dessemelhanças. Talvez possamos falar, no nosso caso, em paráfrase, um procedimento intertextual respeitoso. Porém, também podemos nos referir, com toda certeza, à angústia da influência. Optamos pelo método comparativista como meio, e não fim, para que visualizemos as matérias e maneiras (*topoi*, estruturas narrativas, discursivas,

estilísticas) do já canônico *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e da pequena obra-prima que é *Os magros*, de Euclides Neto,

> Porque influenciar alguém é dar-lhe nossa própria alma. Ele não pensa seus sentimentos naturais, nem arde com suas paixões naturais. Suas virtudes não são reais para ele. Seus pecados, se é que existem pecados, são emprestados. Ele se torna um eco da música do outro, ator de um papel que não foi escrito para ele. (WILDE *apud* BLOOM, 2002, p. 56).

Para o sempre polêmico crítico norte-americano Bloom (2002, p. 24, grifo do autor),

> [...] O que os escritores podem sentir como angústia, e o que suas obras são obrigadas a manifestar, são as *consequências* da apropriação poética, mais que a sua *causa* [...].

Assim, os poetas (mas não somente os poetas, senão todos os que escrevem, sejam romancistas, contistas, dramaturgos e, acrescentaríamos, por nossa conta, todos os artistas, pintores, músicos, escultores e não artistas) padecem desse bem/mal: a influência.

Angústia pertence, a princípio e normalmente, ao campo semântico da psicanálise e da filosofia. Haja vista, por exemplo, para as teorias sobre as obsessões e fobias do pai da psicanálise, Freud (1974), e para a obra do ficcionista, ensaísta e filósofo Sartre (2009 [1943]). Desta maneira, ciência, arte e filosofia vêm se ocupando, cada uma delas a seu modo, em conceituar a angústia há muito.

Como já mencionado, a angústia da influência acomete as pessoas (e não só artistas, ressaltamos) na medida em que tentam fugir do modelo influenciador, "[...] lendo errado textos anteriores. [...]" (BLOOM, 2002, p. 20). Algo semelhante se deu com o parricida e incestuoso Édipo: o pavor do oráculo fê-lo afastar-se o mais possível

de Tebas e, assim, de Laio e Jocasta, quando na verdade nada mais fazia do que se aproximar deles e consumar o que lhe havia previsto o oráculo. Deste modo, o medo do plágio pode ocasionar para o influenciado não um afastamento do influenciador, mas justamente o contrário. Revanche do destino, talvez.

A influência é, assim, um mal/bem. Mal, se quem vier depois tão somente ingerir o que veio antes; bem, se digerir adequadamente o influenciador. Portanto, em conformidade com a lição já recebida por nós do canibal modernista Oswald de Andrade (1896-1954), em seu *Manifesto antropófago*, de 1928 (ANDRADE, 2002).

Quem ler a obra de Euclides José Teixeira Neto (1925-2000) – a um tempo, um misto de homem do campo, da política e das letras –, inevitavelmente se lembrará de Graciliano Ramos (1892-1953). Isto em razão de aspectos tanto biográficos quanto bibliográficos, tanto conteudísticos quanto formais. Sem dúvida, nossa leitura se ocupará mais destes do que daqueles. Até porque, hoje, na Academia, a crítica biográfica não goza de muito prestígio, muito embora, de nossa parte, não prescindamos das notações biográficas como subsídios para lermos as obras de determinados autores, mas não como camisa de força, obviamente. Nosso tempo pós-modernista – não esqueçamos – pressupõe uma política e, sobretudo, uma poética da inclusão, não da exclusão. Neste sentido, seguimos a lição riobalda: "Bebo água de todo rio..." (ROSA, 2002, p. 12). Enfim, queiramos ou não, a *bio* está a princípio na grafia dos escritores, às vezes, latente, às vezes, patente.

SEMELHANÇAS/DESSEMELHANÇAS NA *BIO*: GRACILIANO RAMOS E EUCLIDES NETO

Graciliano Ramos nasceu no município de Quebrângulo, Alagoas, em 27 de outubro de 1892. Cedo, sua família mudou-se para uma fazenda no sertão pernambucano. Já na adolescência,

principiou a escrever. Trabalhou na imprensa como colaborador em seu estado natal e como revisor no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 1914. Casou-se, em primeiras núpcias, em 1915, com Maria Augusta de Barros, que lhe deu quatro filhos. Elegeu-se prefeito do município alagoano de Palmeira dos Índios, em 1927, tomando posse no ano seguinte. Ainda neste ano, viúvo, casou-se, em segundas núpcias, com Heloísa Leite de Medeiros, com quem teve mais quatro filhos. Dois anos depois, renunciou ao cargo de prefeito de Palmeira dos Índios. Em 1933, foi nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas. Preso, foi levado para o presídio da Ilha Grande, no Rio de Janeiro, em 1936, sob a acusação de ser comunista. Em liberdade, em 1937, passou a viver na então capital federal, tornando-se inspetor federal de ensino secundário, em 1939. Filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1945. Viajou à União Soviética, à Tchecoslováquia, à França e a Portugal em 1952. Faleceu, no Rio de Janeiro, em 20 de março de 1953.

Euclides José Teixeira Neto nasceu no município de Jenipapo, hoje Ubaíra, Bahia, em 11 de novembro de 1925. Cedo, sua família mudou-se para Ibirataia, município vizinho de Ipiaú, região cacaueira, onde Euclides viveu grande parte de sua vida e casou-se com Angélia Jaqueira Teixeira, com quem teve cinco filhos. Já na adolescência, principiou a escrever. Fez os estudos secundários e universitários em Salvador. Formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia, em 1949, tendo como colega de turma e inseparável amigo Waldir Pires, mais tarde, governador da Bahia, eleito em 1986, de quem se tornou secretário de reforma agrária. Elegeu-se prefeito de Ipiaú pelo Partido Democrático Cristão (PDC), em 1963, realizando neste município uma das primeiras e efetivas experiências de reforma agrária no país, a qual denominou Fazenda do Povo. Respondeu ao Inquérito Policial Militar (IPM), de 1964 a 1965, sob a acusação de ser comunista, porém, foi excluído de qualquer responsabilidade pelo encarregado do inquérito, major Emanoel Coutinho

Vitor Hugo Fernandes Martins (*in memoriam*)

Lopes, conforme certidão da 6ª Região Militar, de 6 de dezembro de 1965. Faleceu em Salvador, em 5 de abril de 2000.

Como vemos, por meio destas duas sumaríssimas notas biográficas, há muitas semelhanças na vida do alagoano e do baiano, a começar, é claro, pelo fato de serem nordestinos. Depois, por manterem, desde cedo, uma relação íntima e intensa com a terra, com a política e com as letras. Outro ponto os aproxima: a ideologia, tendo ambos militado no PCB, o que lhes causou, sem dúvida, contrariedades, constrangimentos e perseguições, como terem a liberdade presa, e injustamente. Mais: ambos foram prefeitos, o primeiro de Palmeira dos Índios, Alagoas, o segundo de Ipiaú, Bahia. Mais ainda: tanto um quanto outro visitaram Moscou. Por fim, Graciliano Ramos e Euclides Neto faleceram do mesmo mal, o câncer.

Visto por outro viés, porém, o das dessemelhanças, e ainda no que concerne à vida de cada um, o homem Graciliano Ramos se afasta do homem Euclides Neto. Vejamos: o cenário nordestino vivenciado pelo autor de *Vidas secas* é o da escassez, da secura, o que fez com que o pai, Sebastião Ramos, e a família fugissem da fazenda Pintadinho, em Buíque (PE), para a cidade, tornando-se ele comerciante; o do autor de *Os magros*, é o do excesso (ainda que para os patrões, não para os trabalhadores, é certo) dos cacauais dourados de Tesouras, Ibirataia e, depois, Ipiaú (BA). O alagoano era um comunista, marxista "*à la lettre*"; o baiano, um comunista no sentido mais puro da palavra, vale dizer, um idealista, aquele que quer que tudo seja comum a todos. Daí José (2010) – que privou com ele – chamá-lo "marxista-gandhista". Marxista-gandhista-cristão, diremos nós, para nos referirmos aos seus três gurus. Graciliano Ramos tinha uma concepção pessimista da natureza, do homem, da sociedade, da vida; ao passo que Euclides Neto, uma concepção otimista, tolerante, humanista, utópica. O prefeito de Palmeira dos Índios não completou seu mandato, renunciando a ele; o de Ipiaú cumpriu-o, integral e indelevelmente. O cárcere para aquele foi longo e distante de sua

terra e de sua gente; o deste, breve, perto de sua casa e de sua família, na prefeitura de Ipiaú, conforme nos informou sua viúva.

Graciliano Ramos e Euclides Neto chegaram mesmo a se conhecer pessoalmente, no Rio de Janeiro, tendo o aprendiz, porém, preferido voltar a Ipiaú a ficar na companhia de "Mestre Graciliano Ramos", na Cidade Maravilhosa: "[...] Foi melhor ter me fixado em Ipiaú. Sempre gostei da terra, da advocacia e de escrever. Lá, talvez só fosse escritor. Aqui, sempre estive com os mais necessitados." (EUCLIDES NETO, 1985). Euclides Neto, anos mais tarde, visitou, com a esposa, a cidade natal do autor de *Vidas secas*, bem como a casa onde este viveu.

SEMELHANÇAS/DESSEMELHANÇAS NA GRAFIA: *VIDAS SECAS* E *OS MAGROS*

Entre a publicação do romance – ou novela, como querem alguns estudiosos – *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e do *Os magros*, de Euclides Neto, dista um largo tempo, precisamente 23 anos. A despeito disso, ali como aqui se trata da estética neorrealista. Aquele (aquela) está neste, evidentemente. Seja em razão do conteúdo, da estrutura e, de algum modo, do estilo. Porém, alertemos de saída que não a consideramos pastiche ou coisa que o valha. Não. Comprovemo-lo.

Em princípio, as temáticas de *Vidas secas* e de *Os magros* assemelham-se: referem-se a uma determinada região do país, a saber, o Nordeste, sabidamente pouco favorecida pela natureza e pelos homens ainda hoje. O tópos – no duplo sentido, o de lugar, espaço físico e o de tema, motivo – está presente, portanto, nas duas obras. Vale dizer: tem a ver com a terra e com a relação que os homens estabelecem com ela. Assim, em tese, são duas narrativas telúricas, neorrealistas, logo, empenhadas.

A começar pelos títulos, semanticamente afins. Isto não impede, porém, que possamos encontrar nelas também outros temas, por exemplo, a sondagem psicológica das personagens, quase sempre desdenhada ou deixada em segundo plano pelo Neorrealismo. Haja vista, neste sentido, a tibieza do retirante Fabiano em relação ao soldado amarelo e a do "agregado" João para com o capataz da fazenda Fartura; o inferno da incomunicabilidade de sinhá Vitória, o delírio de dona Helena e o fetichismo de doutor Jorge. Esta sondagem, todavia, não estava nos planos dos ficcionistas, homens reconhecidamente voltados antes para o de-fora do que para o de-dentro dos humanos. Por isso mesmo, e ainda quanto às personagens de *Vidas secas* e *Os magros*, são elas representadas pelo corpo, zoomorfizadas, por meio de metáforas e símiles, à maneira naturalista:

> Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco. (RAMOS, 2004, p. 19).

> O agregado perdia-se em tais receios quando ouviu o búzio tocar. Rapidamente levantou-se, inconsciente quase, apanhou o fruto e abriu-o. Como um bicho, devorou-o. Estava gostoso. (EUCLIDES NETO, 1992, p. 13).

Em contrapartida, as personagens não humanas antropomorfizam-se: "Deu um pontapé na cachorra, que se afastou humilhada e com sentimentos revolucionários." (RAMOS, 2004, p. 40); "Sereia ninava freneticamente os buguelos friorentos que, como os meninos, choramingavam." (EUCLIDES NETO, 1992, p. 52).

Ainda quanto às personagens, as duas obras em estudo destacam-se por seus atores: os meninos famintos que pertencem ao segmento baixo, muito provavelmente sublimação da infância dos dois ficcionistas. Por um lado, o clã retirante de Fabiano; por outro,

o do agregado João. Ambos miseráveis. Tais narrativas, bem ao jeito neorrealista, prestam-se, pois, como libelo político-social, muito embora possuam alta voltagem de literariedade que as afasta da voltagem de literalidade que encontramos, às vezes, em alguns textos do Neorrealismo. Assim, com *Vidas secas* e *Os magros*, estamos distantes do programático e explícito engajamento de Amado (1912-2001) e do neorrealista português Redol (1911-1969):

> Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. (AMADO, 1956 [1933], p. 9).

> Este romance não pretende ficar na literatura como obra de arte. Quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo. Depois disso, será o que os outros entenderem. (REDOL, 1993 [1939], p. 32).

Vidas secas e *Os magros* convergem também no que se refere à estrutura da narrativa, uma vez que se constroem por blocos narrativos – são 13, justapostos no texto de Graciliano Ramos; e 39 alternados, contrapontísticos, no de Euclides Neto –, que podem ser lidos como peças autônomas, semelhando contos. Sob aspecto da semiótica, visualizamos a iconicidade tanto em *Vidas secas* como em *Os magros*. No que diz respeito ao primeiro, iconiza-se, sobretudo, a incomunicabilidade do clã de Fabiano; no que toca ao segundo, o distanciamento das classes sociais, os magros de um lado, os gordos de outro. Aqueles 20, estes 19, abrindo e fechando o romance, o que pode significar, latentemente, a *bio* na grafia.

A questão do narrador aproxima, uma vez mais, *Vidas secas* de *Os magros* na medida em que se impõe nestes textos a narrativa na terceira pessoa do singular, bem ao gosto dos realistas-naturalistas do século XIX e dos neorrealistas do século XX; significar

demonstrando a neutralidade enunciativa, impassibilidade, como se isto fosse inteiramente possível. Porém, importa, e muito, na leitura das narrativas, atentarmos para o emprego do discurso indireto livre e, em especial, ao dos não humanos:

> Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos de noite? A obrigação dela era levantar-se e conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles. (RAMOS, 2004, p. 90).
>
> A cachorra modorrava nas cinzas do fogão.
>
> Levantou a cabeça, ouviu o chamado, mas deitou-se novamente. Ali estava tão bom! (EUCLIDES NETO, 1992, p. 56)

No que toca à linguagem, novamente, Graciliano Ramos e Euclides Neto aproximam-se e se afastam. Ambos tendem para a poética do menos, da objetividade e da concisão. Enfim, do "a palo seco" cabralino. Daí a recorrência de frase curta, muitas vezes quase nominal, com um único lexema: "Sinhá Vitória desejava uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice." (RAMOS, 2004, p. 23); "E a noite toda era milho, foguete e licor. Festão." (EUCLIDES NETO, 1992, p. 163). Neste sentido, os significantes estariam, de novo, iconizando os significados. Vidas secas, linguagens secas. Um cotejo, porém, da estilística do alagoano com a do baiano nos mostrará quanto a linguagem daquele é mais seca ("reduz tudo ao espinhaço") do que a deste. A secura da linguagem da prosa de ficção de Graciliano Ramos está para a poesia de Melo Neto, que lhe dedicou um metapoema, *Graciliano Ramos* (MELO NETO, 1995), no qual revela as afinidades estilísticas entre seus textos e os do ficcionista de *Vidas secas*. Já para Euclides Neto, ainda que lhe reconheça também a secura da linguagem,

tal estilema não é tão essencial. Talvez isto se explique por certa influência sofrida pelo Euclides baiano do Euclides fluminense, um de seus autores preferidos.

Ainda no que concerne à linguagem, convém notarmos nestes dois prosadores estudados o admirável aproveitamento da língua oral mesclada a um registro mais culto, mais clássico. E, neste passo, a oralidade apresentada por Euclides Neto – seu baianês – parece-nos mais viva que a de Graciliano Ramos. Razão pela qual o ficcionista se transforma em dicionarista (cf. EUCLIDES NETO, 2002). À maneira de uma epígrafe, o escritor baiano diz: "O dicionário é a palavra – a alma do povo." (EUCLIDES NETO, 2002, p. 7).

As convergências e divergências entre *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e *Os magros*, de Euclides Neto, descobertas e interpretadas por nós, à primeira visada podem parecer mera e excêntrica perseguição do estudo das fontes ou das influências de um texto (autor) sobre outro texto (autor). Porém, nada mais enganoso do que isto. Não foi nossa intenção, também, sugerir, pelo confronto da *bio*/grafia do alagoano com a do baiano, prevalência do primeiro sobre o segundo. Não visamos valorar estas obras e autores entre si, mas descobrir e interpretar semelhanças e dessemelhanças entre eles. Até porque "Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é", de acordo com excerto da letra da música de um camaleônico compositor baiano (VELOSO, 1986).

Os estudos sobre a intertextualidade, hoje recorrentíssimos, são imprescindíveis para a fatura/leitura de textos – não só verbais – do pós-modernismo. O auxílio deles, assim, permite-nos compreender, sem equívocos, por exemplo, o procedimento intertextual chamado pastiche e, em consequência, um romance pós-moderno como *Em liberdade* (1994[1981]), de Santiago. Seguramente, não podemos falar em pastiche quando lemos *Os magros* e, em seguida, lembramo-nos de *Vidas secas*. Tampouco em plágio, é claro, que denota logo fraude, furto.

Vimos quanto Graciliano Ramos e Euclides Neto se aproximam e se afastam um do outro. Recorrendo ao exercício dialético, diremos

que, ao aproximarem-se um do outro, afastam-se. Afastando-se, aproximam-se mais. Daí termos nos referido, no início deste texto, ao rei-herói duplamente em desgraça de Sófocles. No nosso caso, preferimos mencionar a paráfrase – ao contrário da paródia, é antes ratificadora que retificadora, como observa Aguiar e Silva (1991) –, e a angústia da influência. E, enfim, voltamos ao começo, a Wilde (1998) e a Bloom (2002), o que nos incita ao método comparativista, sempre como meio, e não fim. Meio, neste texto, para que visualizemos as matérias e maneiras (*topoi*, estruturas narrativas, discursivas, estilísticas) do já canônico *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e desta pequena obra-prima que é *Os magros*, de Euclides Neto, romance regionalista, telúrico e político por excelência e que não prescinde jamais da literariedade. Chegou a hora de nós o lermos, grapiúnas, baianos, brasileiros!

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1991.

AMADO, Jorge. *O país do carnaval* / *Cacau* / *Suor*. 4. ed. São Paulo: Martins, 1956[1933].

AMADO, Jorge. *Tocaia Grande*: a face obscura. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ANDRADE, Oswald de. "Manifesto antropófago". *In:* TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguardas europeias e modernismo brasileiro*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 353-360.

BLOOM, Harold**.** *A angústia da influência*. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

EUCLIDES NETO. *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino*. São Paulo: Littera, 1996.

EUCLIDES NETO. *Dicionareco das roças de cacau e arredores*. 2. ed. Ilhéus: Editus, 2002.

EUCLIDES NETO. *Os magros*. Salvador: Edição do Autor, 1961.

EUCLIDES NETO. *Os magros*. 2. ed. São Paulo: Guena & Bussius,

EUCLIDES NETO. *O patrão*. Salvador, 1978. 1992.

EUCLIDES NETO. Sessentão. [Crônica-carta, inédita]. Ipiaú, 11 set. 1985.

FREUD, Sigmund. "Inibições, sintomas e angústia". *In*: FREUD, Sigmund. *Obras completas psicológicas*. Rio de janeiro: Imago, 1974. v. XXI, p. 95-201.

JOSÉ, Emiliano. Euclides Neto, imortal. *Carta Capital*, São Paulo, 11 ago. 2010.

MELO NETO, Joao Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1995.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 94. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004[1938].

REDOL, Alves. *Gaibéus*. 18. ed. Lisboa: Caminho, 1993[1939].

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão:* veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994[1981].

SARTRE, Jean-Paul *O ser e o nada*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2009[1943].

VELOSO, Caetano. Dom de iludir. *In*: *Totalmente demais*. São Paulo: Philips, 1986.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Tradução de Marina Guaspari. São Paulo: Publifolha, 1998.

EUCLIDES NETO: UM NARRADOR DAS ROÇAS E DOS ROCEIROS[1]

Cid Seixas Fraga Filho

Quando o menino Euclides Neto começou a ler os primeiros livros, o realismo social dos regionalistas de 1930 dava as contribuições mais frutíferas à literatura brasileira, levando suas consequências até Portugal, com o Neorrealismo.

De um lado, a densidade de alguns escritores, do outro, o honesto engajamento com o homem e sua realidade abriram novos caminhos para a criação literária, onde a solidariedade e o humanismo se confundiam com os projetos estéticos.

É dentro desse quadro que o cronista e ficcionista Euclides Neto continua pintando suas paisagens e retratando o que viu e viveu. É essa mesma solidariedade com implicações políticas ou religiosas que marca de modo indelével, aqui com implicações de uma ideologia humanista, a escrita desse homem da terra.

Os magros é um romance da juventude do autor, agora reeditado como forma de reafirmar a sua perfeita sintonia com a obra da maturidade. O velho Euclides Neto, ex-prefeito de Ipiaú, onde desenvolveu um modelo planejado de reforma agrária, ex-secretário de Estado, onde queria fazer bem mais, continua sendo o mesmo

[1] Texto original publicado sob título "Vozes sufocadas", no jornal *A Tarde*, Salvador, em 1996. Logo depois, foi inserido na coletânea de Cid Seixas, *Triste Bahia, Oh! Quão dessemelhante: notas sobre a literatura na Bahia* (1996).

escritor solidário ao homem, como nos tempos das auroras puras. Seu texto tem um objetivo maior: dar voz a todos aqueles que foram sufocados pelas injustiças sociais.

Mas não se trata apenas de um discurso bem intencionado. Muitos existem. Trata-se de um discurso literário situado e datado. Situado na zona cacaueira da Bahia. Datado da primeira metade do século XX, quando a cultura do cacau atingiu o seu esplendor.

No entanto, desafiando o calendário, o discurso engajado de Euclides Neto continua abrindo espaço nestes anos de fim de século, abrindo espaço para refletir sobre o paradoxo de um momento histórico, quando o esplendor do ciclo do cacau foi inócuo para atenuar a pobreza e a miséria de muitos que, com suas mãos, construíram toda aquela riqueza.

Contam que o poeta Manuel Bandeira perguntou uma vez a Adonias Filho:

– O que o sul da Bahia produz, além do cacau?

– Produz escritores, respondeu Adonias.

O cacau foi destruído pela praga e a riqueza pela falta de visão daqueles que pensavam que o ouro é um bem eterno. Mas os escritores, estes, sim, ficaram e são hoje o patrimônio maior da nação grapiúna. Sosígenes Costa, Jorge Amado, Florisvaldo Mattos, Ildásio Tavares, Adonias Filho, Hélio Pólvora, Cyro de Mattos, Jorge Medauar, Euclides Neto e tantos mais que convém não citar a todos, porque muitos seriam esquecidos.

É do fato de ser situado e datado que nascem as virtudes e os defeitos de *Os magros*. As conquistas formais de Graciliano Ramos, o grande construtor e o surpreendente estilista de magreza dessa geração, deixaram, sem dúvidas, marcas na escrita de Euclides Neto. Algumas indesejáveis e desnecessárias, que ressoam como ecos inúteis. A cadela dessa família de vidas magras do romance euclidiano não tem nome de peixe, mas se chama Sereia.

A proximidade eufônica e marinha com Baleia cria no leitor preconceituoso a expectativa de um pastiche. Mas *Os magros* não tem nada de pastiche ou imitação simplória. É obra autônoma que testemunha o engajamento da escrita de um homem comprometido com sua terra e, principalmente, com a gente que vive nela.

É verdade que Euclides Neto constrói seu romance observando alguns pontos de identidade com *Vidas secas*, dialogando com essa obra, ampliando suas conquistas. E isso confere atualidade e interesse ao romance agora reeditado. A viagem intertextual de *Os magros* sugere inúmeras abordagens e reclama a atenção da crítica acadêmica, universitária, para o texto euclidiano.

Aliás, já é tempo de as pesquisas de pós-graduação na Bahia, com suas dissertações e teses, se voltarem para a produção da comunidade na qual estão inseridas. Naturalmente, não se chega longe trabalhando os autores mais jovens, cujas obras ainda não percorreram a implacável circularidade imposta pelo tempo, mas é preciso estudar aqueles que se inscreveram num momento da história literária que já pode ser contemplado com o necessário distanciamento crítico.

Ler este romance de Euclides Neto implica reler e compreender a recepção do realismo social trazido pelo romance de 1930. Já podemos observar quando a simples imitação se transforma em diálogo intertextual destinado a levar adiante uma conquista, a reforçar um projeto ideológico ou estético.

Duas narrativas paralelas constroem a textura romanesca de *Os magros*. A primeira, erigida à condição de eixo da obra, é a dos magros trabalhadores de aluguel numa roça de cacau. A outra, a dos gordos proprietários, entra como contraponto, numa regularidade empobrecedora. Ao retomar o livro nessa nova edição, o autor poderia ter revisto o caráter mecânico do contraponto. A narrativa, de um capítulo para outro, alterna o cenário da magreza, de rural, com a entediante fartura urbana dos donos de terras e gentes.

A previsibilidade é um elemento empobrecedor. Mesmo quando tem um pouco a dizer, o autor impõe uma pequena narrativa contrapontística, criando uma monótona regularidade. Quebrar um pouco a mecânica regular desse contraponto daria mais ritmo ao livro.

É esse contraponto que – ao contrário do que acontece em *Vidas secas*, onde os contos em torno de uma mesma família se encadeiam formando uma novela – propõe a estrutura do romance. No livro de Euclides Neto, as duas narrativas distintas se escrevem como linhas cruzadas, mas também, como na obra de Ramos, alguns capítulos funcionam como contos autônomos. Há verdadeiros momentos de elevada escrita, como o capítulo XIII, em que após a morte de um dos filhos de João, o gerente da fazenda persegue os meninos pelo mato. Página autônoma e antológica, um dos momentos altos do livro.

Voltando aos pontos críticos, a oposição entre a miséria dos magros protagonistas e a opulência dos senhores da terra parece demasiadamente esquemática, conservando aí uma ingenuidade analógica à das primeiras obras de um Amado, por exemplo, que nos romances da juventude via todos os pobres como bons e todos os ricos como maus. Tanto que o autor revê essa forma de maniqueísmo nos romances da maturidade, por isso talvez chamados de romances burgueses pelos críticos, aos quais o velho Engels diria que falta dialética.

Quando Euclides Neto opõe a miséria do casebre em que vivem os nove familiares de João à fartura do "palacete" em que a fazendeira mora praticamente sozinha, o impacto do contraste é quebrado pelo excesso de tintas que pintam a riqueza com um realismo ingênuo. Isso ocorre no segundo capítulo do livro, no qual a casa do doutor Jorge é chamada de palacete e suas excelências são acintosamente decantadas. O efeito seria melhor se o contraste fosse mais discretamente mostrado. Claro que isso agrada aos antigos comunistas de carteirinha, mas foi por isso mesmo que nos anos do patrulhamento stalinista o bom texto se afastou do Partidão.

Essas marcas do realismo socialista tornam o livro demasiadamente datado, para alguns leitores, especialmente aqueles que apreciam a capacidade de um escritor de rever as suas obras ano após ano. É o que fazia, por exemplo, Miguel Torga, autor admirado por Euclides Neto. Poucos dias antes de morrer, Torga revia a vigésima edição de um dos seus livros de contos, apagando deles as marcas demasiadamente circunstanciais.

Tal desprendimento faria de *Os magros* um livro bem mais vivo e permanente, porque, não tenhamos dúvida, trata-se de uma obra que deve ser lida e conhecida por milhares de leitores, permitindo o livre soar dessas vozes sufocadas que, ouvidas, ajudariam as pessoas a passarem muitas coisas "a limpo".

AS FONTES POPULARES

A narrativa de Euclides Neto é tributária direta das fontes populares rurais, notadamente a região do sul da Bahia, marcada pela opulência e pela miséria das roças de cacau. Este singular escritor baiano nasceu nos heroicos anos de bravatas e astúcias desbravadoras do Modernismo brasileiro e morreu em abril do último ano do século passado, sem viver as esperanças do novo milênio. Escritor ilustrado dos bancos e páginas da academia, com pleno domínio do registro padrão da língua culta, Euclides Neto optou por um projeto de incorporação das formas, substâncias, conteúdos e expressões populares ao seleto clube da literatura culta.

Recusando-se a utilizar as fontes populares como signos do exótico e do pitoresco, mas se valendo de tal riqueza como ampliação dos estreitos corredores da fabulação erudita, esse singular narrador conseguiu atingir o domínio pleno da arte da escrita inventiva no seu derradeiro livro: *O tempo é chegado*, publicado, postumamente, em 2001, pela Universidade Estadual da Santa Cruz, em Ilhéus, com seu selo, Editus.

O texto de Euclides Neto confere à narrativa o trânsito entre dois espaços, primitivamente unidos e depois dissociados pelo discurso acadêmico: os espaços da literatura e da história. Nesse lugar de reunião ancestral, onde a arte de narrar mira mais os ouvidos do que os olhos, a experiência cotidiana e o saber comunicável transitam e se realimentam nos interstícios dos sujeitos do discurso, onde quem ensina aprende e o aprendizado é uma ensinança.

Os narradores perdidos no interior do tempo-espaço, ou guardados e defendidos, preservados, portanto, nas dobras e nos lugares ocultados de cada cultura, destilam o sabor e o saber da narrativa primordial. Euclides – Neto e avô de saberes narrados, não obstante as leituras modernas e contemporâneas que o tornaram um profissional cultivado nos moldes da academia – retornou à fonte primitiva, perdida no interior da terra e do homem, para beber o elixir da linguagem esquecida. Nessa fonte de eterna juventude dos povos, o narrador apenas conta e transmite experiências, saberes ou mesmo dissabores.

O narrador moderno e contemporâneo profana a história contada, junta o mito à imagem de novos deuses da razão, isto é, casa o conto, ou o astuciado, com a sua explicação. Já o narrador primordial apenas narra – porque tudo é novo, misterioso e inexplicável.

A narrativa literária que a modernidade nos legou é marcada pela sanção da lógica que a tudo explica. O escritor dos nossos dias conta uma história que já contém em si mesma uma explicação dos fatos narrados; ou, muitas vezes, a explicação dos fatos, que nos é sugerida, constitui o desdobramento ou o desenlace da narração. A explicação e a compreensão confundem-se e transmutam-se na própria narrativa. Portanto, nada mais distante do mito do que esse tipo de narrativa engendrado pela razão crítica. Daí o fato de a tradição moderna destacar, desde o século XIX, um tipo de narrativa como pertencente ao gênero fantástico. Opondo-se à ideia de realismo literário, surgiu a noção de realismo-fantástico, porque o

fato narrado que não contém sua própria explicação ultrapassa os umbrais da realidade narrativa.

Euclides Neto faz o narrador das suas histórias recuar ao tempo do mito, onde o que se conta não precisa de outra legitimação além do próprio contar. Onde história e literatura, hoje dois saberes distintos, eram uma só narrativa. Os velhos cronistas foram os pais dos novos historiógrafos, gerando tais filhos quando esposaram uma virgem então inacessível: a compreensão do fato narrado.

No vórtice dessa viagem, unindo tempos antagônicos, Euclides Neto constrói o poder de sedução da sua escrita, chegando ao magma, à lava, ao cristal das histórias reunidas no livro *O tempo é chegado*.

Esta multitemporalidade, que pode se converter em atemporalidade, faz as narrativas de Euclides Neto resvalarem para o estranhamento, para um espaço insólito ou uma terra de ninguém, evocando em alguns contos do autor a reminiscência de algo que está desaparecendo. Benjamin, no livro *Magia e técnica, arte e política*, ao escutar as características do narrador na obra de Nikolai Leskov, observa que as características orais da arte de narrar estão em processo de extinção, porque a sabedoria – "o lado épico da verdade" – não encontra espaço numa sociedade marcada pelo desaparecimento das relações interpessoais construídas no trabalho, nas atividades e ofícios em que a troca de experiências constituía a produtividade.

> [...] esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular de forças produtivas. (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Podem-se evocar algumas ideias de Benjamin, pensador da escola de Frankfurt, a propósito da ficção de Euclides Neto e da sua

busca de caminhos na esfera do romance, para achá-los, depois, na prática do conto, quando realiza a maturidade da sua arte de narrar. Benjamin observa que a tradição oral, que é a característica da poesia épica, tem uma natureza fundamentalmente diversa de tudo aquilo que viria a definir o romance como forma literária. As formas narrativas que aspiram romper com a tradição da cultura ágrafa se afastam da tradição oral, dos contos de fada e das lendas, buscando novos saberes na transmissão escrita da ciência. Por outro lado, há formas narrativas menos preocupadas com a compreensão do admirável mundo novo e mais comprometidas com a transmissão da velha e renovada experiência adquirida no dia a dia das pessoas. Aqui se fala, particularmente, do conto de Euclides Neto. O narrador primordial retira da própria experiência ou da experiência relatada por outras pessoas as coisas que são incorporadas à sua história.

No panorama do conto brasileiro do século XX, Euclides Neto configura os traços do narrador benjaminiano; como alguém que vem de longe e conta aos seus ouvintes a experiência e a sabedoria trazidas de lugares mágicos, porque defendidos pelas brumas do desconhecido. Essa distância configurada no saber no narrador é, segundo Benjamin (p. 202), o longe espacial das terras estranhas e o longe temporal contido na tradição.

Para o filósofo neohegeliano, somos pobres em histórias surpreendentes mesmo quando somos torpedeados por notícias de todos os cantos do mundo, porque os fatos que constituem as notícias já chegam acompanhados de explicações. Benjamin entende que a maior parte do que é veiculado está a serviço da informação, em detrimento da narração; e afirma textualmente: "Metade da arte narrativa está em evitar explicações." (BENJAMIN, 1987, p. 203).

É essa ausência de intervenção da lógica e do pensamento explicativo que assegura a permanência, na memória do leitor, tanto das antigas narrativas históricas, construídas pelos cronistas e

escrivães reais, quanto do conto, de ontem ou de hoje, fundado em tais bases estruturais.

Para elucidar o raciocínio aqui desenvolvido a propósito dos contos de Euclides Neto e do seu lugar no quadro da literatura brasileira do século XX, vejamos o que diz o pensador da escola de Frankfurt:

> Cada vez que se pretende estudar uma certa forma épica é necessário investigar a relação entre essa forma e a historiografia. Podemos ir mais longe e perguntar se a historiografia não representa uma zona de indiferenciação criadora com relação a todas as formas épicas. Nesse caso, a história escrita se relacionaria com formas épicas com a luz branca com as cores do espectro. Como quer que seja, entre todas as formas épicas a crônica é aquela cuja inclusão na luz pura e incolor da história escrita é mais incontestável. E, no amplo espectro da crônica, todas as maneiras com que uma história pode ser narrada se estratificam como se fossem variações da mesma cor. O cronista é o narrador da história. Pense-se no trecho de Hebel, citado acima, cujo tom é claramente o da crônica, e notar-se-á facilmente a diferença entre quem escreve a história, o historiador, e quem narra, o cronista. O historiador é obrigado a explicar de uma ou outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelos da história do mundo. É exatamente o que faz o cronista, especialmente através dos seus representantes clássicos, os cronistas medievais, precursores da historiografia moderna. Na base de sua historiografia está o plano da salvação, de origem divina, indevassável em seus desígnios, e com isso desde o início se libertaram do ônus da explicação verificável. (BENJAMIN, 1987, p. 209).

Herdeiro dessa forma narrativa, pela via da tradição oral que também a alimentou, Euclides Neto substitui a explicação plausível da lógica pela fábula, identificando a estrutura do seu texto com a do texto do mito. A narrativa mítica não precisa explicar aquilo que narra, pois ela mesma já é uma explicação para o que ainda não se explica.

Utilizo a expressão "espiral parabólica" no sentido de lugar geométrico: plano de um ponto que se move com velocidade constante ao longo de uma reta; girando, por sua vez, com movimento uniformemente acelerado em torno de um ponto fixo.

Simples e completa, ingênua e maliciosa, divertida e cismada, dissoluta e contrita, ilusória e densa são adjetivos que escorrem, numa cascata cambiante de oxímoros, a dialogar entre si no faz de conta da prosa maneira de Euclides Neto.

Ora aceitando os desafios da escrita literária do seu tempo, ora recuperando o pensamento silvestre que escorre num dedo de prosa matuta, o texto narrativo de Euclides Neto contempla a reapropriação do pensamento selvagem, no sentido proposto por Lévi-Strauss (1976). O contista de *O tempo é chegado* transita com desembaraço entre espaços marcados pela incompatibilidade, promovendo a alquimia da criação artística que transmuta a dureza dos metais na ductilidade do difuso.

Os contos reunidos nesse livro de guardados, achados e perdidos, chegam sorrateiros como o matuto que pede licença para entrar nas casas da cidade, com gestos silenciosos e humildes. Mas sua entrada, não obstante a suavidade matreira, é acompanhada por uma luminosa inquietação. O gosto e o saber estabelecidos são delicadamente postos em suspenso no curso de um astuciado que nos leva de volta a lugares descolonizados pelo pensamento selvagem.

A ingênua simplicidade dos contos de fadas está a serviço de uma dicção curta, ampliada pela experiência do homem e da mulher que vivenciam uma outra cultura, subterrânea e subjacente como

um lençol freático a dessedentar os exaustos caminhantes de uma seara massificada e exaurida por um vendaval de informações.

EUCLIDES NETO E A DECADÊNCIA DO CICLO DO CACAU

O livro do escritor e jornalista Elieser Cesar, *O romance dos excluídos: terra e política em Euclides Neto* (2003), nasce como um estudo essencial para a compreensão de um segundo momento da ficção grapiúna. Se Jorge Amado e Adonias Filho, para vislumbrarmos dois marcos de altitude relevante na literatura brasileira – um da geração de 1930 e o outro da geração de 1945 –, constroem o inventário épico da fundação de uma nova cultura de léguas prometidas nas terras do sem fim, Euclides Neto fixa a sua obra no momento do apogeu e prenúncio da decadência dessa mesma cultura do cacau.

Cesar observa que Euclides Neto retoma a saga da região do cacau onde Amado parou: na consolidação da lavoura cacaueira e do seu processo civilizatório. Embora o leitor polêmico possa discordar dessa afirmativa, quando feita de modo peremptório, lembrando que o próprio Amado já propõe o desdobramento da sua saga, focando a substituição dos desbravadores pelos herdeiros, a afirmação de Cesar não cai no vazio, pois é com Euclides Neto, contemporâneo e protagonista desse segundo ciclo, que o foco se desloca dos momentos heroicos para os momentos da simples e pura exploração do trabalho dos homens e mulheres de eito. Os novos "coronéis da cidade" vivem exclusivamente do usufruto de uma terra por outros lavrada. Na monumental síntese do chamado ciclo do cacau, por ele mesmo construído, Amado não se limita em *Tocaia Grande – a face obscura* a percorrer os velhos caminhos da sua ficção. Ele se reapropria dos seus temas e tipos para anunciar o processo de degeneração dos heróis trágicos da epopeia grapiúna em bufões de uma tragicomédia macabra. É o que ocorre claramente na construção de uma

personagem caricata e metonímica como o bacharel Venturinha, novo coronel de gabinete; em tudo antagônico à figura emblemática do ex-jagunço Natário da Fonseca, investido das funções de capitão descobridor e fundador de Tocaia Grande, uma nova Canudos nascida do sonho dos excluídos.

Se o capitão Pedro Álvares Cabral funda, nas mesmas terras do sul da Bahia, uma nação para uso e proveito del-Rei, o capitão Natário da Fonseca intenta fazer ressuscitar uma outra Canudos, uma cidadela também sitiada e exterminada, até mesmo no nome. Entre Tocaia Grande, reduto de bravos, e Irisópolis, metonímia de uma nação corrompida, se interpõe a face obscura.

Convém observar que esse livro da maturidade de Jorge Amado, publicado nos anos oitenta, é posterior à verdade do trabalho de Euclides Neto, iniciada com *Os magros*, de 1961. Consideradas as datas, podemos repetir a afirmação de Cesar, segundo a qual, Euclides Neto retoma a saga onde Jorge Amado parou.

> Em Euclides Neto não vemos mais a expansão e a cristalização do poder dos coronéis. Em seus livros não temos mais a ligação telúrica do proprietário com o solo da promissão e do lucro. A fazenda é, em geral, o meio pelo qual o proprietário vive de rendas.
>
> Diríamos que esse escritor enceta a história da decadência das terras do cacau, iniciada quando o proprietário, herdeiro do antigo coronel, já não vive na fazenda, mas em Salvador, numa luxuosa mansão e entrega todos os cuidados da roça ao capataz, aguardando apenas a remessa dos lucros para a conta bancária. (CESAR, 2003, p. 12).

Para traçar a analogia a partir de fraturas entre o fulcro do conjunto de obras de Jorge Amado sobre a região do cacau e o cerne dos romances de Euclides Neto que constituem a "tetralogia dos

excluídos", o estudioso parte da identidade entre os dois de aproximação; o livro está centrado nos romances *Os magros*, de 1961, *O patrão*, de 1978, *Machombongo*, de 1986, e *A Enxada e a Mulher que Venceu Seu Próprio Destino*, de 1996, enquanto integrantes do painel caracterizado por Cesar como uma tetralogia dos excluídos.

Para a compreensão do texto de Euclides Neto enquanto retomada dos modelos da literatura comprometida com o Realismo e a raiz telúrica dos anos 1930, o autor recua ao romance social do século XIX, traçando um painel sumário de um século: 1830-1930. Em seguida, como antecessor imediato da eclosão da tetralogia de Euclides Neto, Cesar vai buscar os fundamentos e ensinamentos marxistas postos em prática na coleção Romance do Povo, dirigida por Jorge Amado e publicada pela Editorial Vitória, de 1953 a 1955, incluindo 20 obras tomadas como arquétipos do realismo socialista.

> Impulsionada pelos protagonistas do regime soviético, em várias partes do mundo, a discussão sobre o realismo socialista granjeou defensores fora da URSS, conquistando a simpatia das democracias populares e dos partidos comunistas dos países capitalistas. A partir de 1948, inflamou também, os escritores brasileiros, sobretudo aqueles ligados ao partido Comunista Brasileiro. (CESAR, 2003, p. 43).

> Autor de ensaios, crônicas e romances, Euclides Neto se iniciou nas artesanias da escrita com a geração emblemática de 45, marcada pela fusão do veio telúrico dos anos 30 com os tumultos e as exigências de um mundo novo que refazia. (SEIXAS, 2002, p. 4).

Convém reafirmar, portanto, que Euclides Neto pertence, cronologicamente, à geração literária de 1945: tendo nascido em 1925, publica dois livros da juventude que precedem *Os magros*, *Birimbau*, em 1946, e *Vida morta*, em 1947. Deste modo, o homem e

o escritor vivem as inquietações ideológicas comuns aos jovens de 40 e 50 anos, inquietações estas que irão refletir as preocupações de um Brasil marcado por golpes, tentativas de golpes e governos instáveis, dos anos 1930 aos anos 1960, quando ele inicia sua tetralogia, um pouco antes de se abater sobre o país a longa ditadura militar em 1964. O tom inflamado que, às vezes, parece ecoar, ingenuamente, as obras de Jorge Amado e de Graciliano Ramos, representa uma tentativa de responder, nos anos 1960, aos mesmos problemas sociais que atravessam incólumes a primeira metade do século.

> Publicado em 1961, *Os magros* é, do ponto de vista estilístico, o mais ousado livro de Euclides Neto. Escrito com a técnica do contraponto, o romance é a história de duas famílias opostas em tudo e diferenciadas pela miséria e pela opulência. Novamente encontramos o *leimotiv* da obra do escritor grapiúna: a luta de classes nas terras do cacau na Bahia. Em *Os magros*, podemos identificar um diálogo intertextual com dois outros romances da literatura brasileira, ambos representantes da temática social nordestina dos anos 30: *Cacau*, de Jorge Amado, e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. (CESAR, 2003, p. 81).

Se o romance *Os magros* é considerado por Cesar como o livro de Euclides Neto mais ambicioso na sua estrutura literária, *Machombongo* (1986) ocupa idêntico lugar no que diz respeito à concepção política. Resgatando do esquecimento os anos de chumbo do regime militar e a heroica resistência de alguns brasileiros mais ousados, o romancista se vale de personagens reais, como o deputado Haroldo Lima, e de personagens fictícios, como o coronel Rogaciano Boca Rica, para fixar o painel das grandezas de poucos e das misérias de muitos, sob as botas dos generais-presidentes.

Na fixação do contexto social em que surge o primeiro romance da tetralogia dos excluídos, Elieser Cesar remete o leitor para o final

dos anos 1950 e o início dos anos 1960, quando os ideais nacionalistas e de esquerda entravam em choque, no plano continental, com o imperialismo e as garras das águias norte-americanas e, no plano nacional, com a fome no campo, gerada pelo latifúndio improdutivo.

Curiosa é a relação feita entre *Os magros* e um romance publicado no ano anterior: *Irmãos Joazeiro*, de Francisco Julião (1960). Pouca gente sabe que o conhecido deputado e líder das Ligas Camponesas também se valeu da literatura como arma de combate político e social. É possível que o romance de Julião não tenha chegado ao conhecimento de Euclides Neto, mas as lutas dos trabalhadores rurais, bem como a criação da Sociedade Agrícola dos Trabalhadores de Pernambuco, núcleo da organização camponesa que precedeu os atuais movimentos pela reforma agrária, por certo não escaparam ao olhar atento do escritor grapiúna.

No mesmo ano em que Euclides Neto publica *Os magros*, ocorre sua eleição para prefeito de Ipiaú, culminando com a desapropriação de terras improdutivas para a implantação de uma propriedade coletiva destinada a possibilitar a agricultura de sobrevivência a centenas de trabalhadores rurais que alugavam a sua força e seu suor às grandes propriedades dessa região de monocultura. A concretização da utopia do prefeito-escritor passou a ser conhecida como a Fazenda do Povo e, com o golpe de 1964, Euclides Neto foi arrancado do cargo para o qual foi eleito e sua mais importante obra de caráter social foi destruída, por parecer aos militares e à lógica das baionetas uma iniciativa comunista.

Em *O romance dos excluídos: terra e política em Euclides Neto*, Cesar considera o autor de *O patrão* (1978) o nosso último escritor militante de esquerda. Ao tempo em que empreende uma abordagem crítica da importante tetralogia desse ficcionista baiano, não descuida de possibilitar ao leitor uma contextualização indispensável à compreensão dos romances estudados.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Tocaia Grande*: a face obscura. Rio de Janeiro: Record, 1984

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CESAR, Elieser. *O romance dos excluídos*: terra e política em Euclides Neto. Ilhéus: Editus, 2003.

EUCLIDES NETO. *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino*. São Paulo: Littera, 1996.

EUCLIDES NETO. *Birimbau*. Salvador: Edição do Autor, 1946.

EUCLIDES NETO. *Machombongo*. Itabuna: Letras, 1986.

EUCLIDES NETO. *O tempo é chegado*: contos. Ilhéus: Editus, 2001.

EUCLIDES NETO. *Os magros*. Salvador: Edição do Autor, 1961.

EUCLIDES NETO. *O patrão.* Salvador, 1978.

EUCLIDES NETO. *Os magros*. 2. ed. São Paulo: Guerra & Bussius, 1992.

EUCLIDES NETO. *Vida morta*. Salvador: Edição do Autor, 1947.

JULIÃO, Francisco. *Irmão Juazeiro*: romance. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Nacional, 1976.

SEIXAS, Cid. Euclides Neto e as fontes populares. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL TEMPO, II., 2002, Feira de Santana. *Anais* [...]. Feira de Santana: UEFS, 2002.

O PAI EUCLIDES NETO

Denise Teixeira

O Professor Vitor Hugo solicitou aos filhos um texto sobre Euclides Neto, o pai. Coube-me escrevê-lo. Tarefa difícil, nossos vínculos eram de profundo afeto e admiração.

Somos cinco irmãos. Unidos pelo amor do pai e da mãe. O primeiro aprendizado: irmão é inseparável, para a vida toda. O afeto entre nós nos equilibra e orienta no mundo. Solidários sempre que necessário, nada deve afetar essa união.

Faz vinte anos que o pai faleceu. As pessoas não se esquecem dele, quem não o conheceu se aproxima do homem de maneira surpreendente por meio de sua obra.

A vida lhe exigiu crescimento precoce. Ainda jovem estudou longe da família, trabalhou para continuar a formação, dividiu com a mãe a tarefa de recuperar a terra endividada e encaminhar a educação dos irmãos. Formado, fixou-se em Ipiaú, onde desempenhou brilhantemente o ofício de advogado, de cidadão. Homem incansável. Sempre atento à família, aos amigos, aos necessitados.

Sabia escutar, tratar com o outro. Não fazia distinção entre o rico e o pobre. O homem era prioridade, respeitava virtudes e limitações sem julgamento. Tinha um profundo sentimento de compaixão pelas mazelas humanas.

As primeiras lembranças dele são de aconchego. Lembro com saudades das horas tranquilas na rede do seu escritório, quando ele

lia e eu permanecia quietinha ao seu lado, usufruindo da sua companhia. Ou quando íamos galopar juntos nos mangueiros da fazenda Diamantina: ele, na sela da sua égua preferida; meu irmão caçula, Marcelo, no cabeçote, abraçado; eu sentada, na traseira do animal, segura a ele. Parávamos para ver um ninho de passarinho ou colher uma tangerina silvestre. Se o sol apertava, tínhamos direito a uma parada na beira do rio para refrescar o corpo.

Figura 1 – Euclides Neto, em 1991, fazenda Diamantina

Fonte: Acervo da família

O banho no rio do Peixe em sua companhia era infinitamente mais aprazível; a presença dele garantia arriscar trechos mais profundos quando a natação ainda era insuficiente. Um porto seguro.

Sua presença nos trazia uma sensação de completude e esperávamos por esses momentos com inquietação. Surgiam os impasses, ele tinha a resposta, respostas lúcidas, coerentes, as dúvidas se dissipavam. Averiguava os dilemas, implicações, prioridades. Sem preconceito,

analisava, dialogava acalmando e encaminhando. O que dizia tinha eco. Um visionário. Sem misticismo ou dogmas, com conhecimento de causa. A vida não era indiferente, aprendia com a literatura, com as experiências do cotidiano.

Eu era menina quando ele decidiu preservar intacto o trecho da mata da fazenda Diamantina; os netos deveriam conhecer a fauna e flora originais da região. Tábuas de madeira penduradas nas árvores avisavam: "Proibido caçar e pescar". Restos de madeira queimados eram transportados para a sede da fazenda e adaptados como móveis. Eram os anos 1960, quando as questões ambientais ainda não eram assunto.

Presenteador. Se alguém elogiava um objeto de casa e caía no seu gosto, levava-o consigo. Os livros eram os presentes favoritos, não faltando dedicatórias memoráveis.

Certa feita, tive como tarefa de casa escolher contos de escritores brasileiros. Escrevi a Jorge Amado solicitando-lhe um texto, e citei meu pai também como escritor. Corrigiu-me, sugeriu retirar a informação, não se via escritor naquele momento.

Em outra ocasião, chegando à fazenda muito tarde, me trouxe um coelhinho marrom, selvagem, recolhido da estrada. Eram gestos de carinho, delicadezas. Cresci e ele continuou sempre muito próximo. Presente nos momentos importantes da vida: na primeira prova do vestibular, proporcionando viagens mundo afora, fazendo parceria para fotografar o deserto no Teerã, andar de camelo, mergulhar numa baía repleta de golfinhos em Fernando de Noronha. Não temia, a coragem era um traço definidor.

Apostava, acreditava na capacidade do novo. No último ano de faculdade, inexperiente para projetar e construir, me entregou um terreno e sugeriu: "Boa hora para praticar a arquitetura, elaborar e erguer uma casa de praia para a família, a água do mar deveria respingar na varanda". A ideia era trabalhar dentro de um orçamento

modesto, com materiais de qualidade, mas sem excessos ou luxo. Assim foi feito. A madeira deveria ser de lei, as ferragens de latão para suportar a maresia inclemente. Valorizava a solidez da moradia, fundamental, a simplicidade. Um traço inconfundível. Projeto pronto, mão de obra contratada, registro dos pedreiros e serventes, material comprado, em seis meses a casa estava habitável.

O nascimento de cada neto era sempre carregado de emoção e infinita alegria, se deslocava de onde estivesse para estar perto e vivenciar o acontecimento.

Participava de longe da formação dos netos. Gostava de receber as produções escolares, tirava dúvidas de português, encantava-se com as poesias e redações, emoldurando-as, expondo-as nas paredes do seu escritório. Identificava e valorizava os pequenos. Quando em férias, os pequenos transitavam no gabinete com liberdade, desenhando em papéis reciclados, brincando com as figurinhas de estimação recolhidas nas viagens. Era permitido rabiscar nos livros que estavam sendo lidos.

Um pai presente, um "vô" carregado de ternura.

SOBRE OS AUTORES

Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (PPGLitCult/UFBA). Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora assistente do Departamento de Ciências Humanas e Letras (DCHL) da UESB. Foi professora assistente da UNEB (2004-2013).
E-mail: asfbmarcelo@uesb.edu.br
Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/2124695641938329.

Cid Seixas Fraga Filho

Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Católica do Salvador. É professor titular aposentado da UFBA. Escritor e jornalista, publicou *O espelho de Narciso* (Civilização Brasileira, 1981), *Triste Bahia* (Coleção Letras da Bahia, 1971), *O lugar da linguagem da teoria freudiana* (Casa de Jorge Amado, 1998), *O espelho infiel* (Diadorim, 1996), *O trovadorismo galaico-português* (Editora da UEFS, 2000), *Os riscos da cabra cega: recortes de crítica ligeira* (PPgLDC, 2003), dentre outros livros.

E-mail: cidseixas@yahoo.com.br
Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/8261191501769406.

Denise Teixeira

Arquiteta e urbanista, mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie com a dissertação intitulada *Plano Diretor do município de Ipiaú – BA: limitações e possibilidades*, graduada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenou o projeto de reedição da obra *Euclides Neto: a literatura da região do cacau* (Lei Rouanet).

E-mail: deniteixeira@gmail.com
Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/2761305438054198.

Liz Maria Teles de Sá Almeida

Doutoranda em Literatura pela Universidade de Évora (Portugal). Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduada em Letras Vernáculas pela UNEB, Campus XXI). Professora de ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal da Bahia (EBTT/IFBA, Campus Paulo Afonso). Membro do Núcleo de Pesquisa em Humanidades, Educação e Ciências (Nuphec). Membro do Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora (CEL-UE).

E-mail: lizpitanga@gmail.com
Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2719131738289254.

Tereza Cristina Damásio Cerqueira

Doutoranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (PPGLitCult/UFBA). Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus XXI). Líder do grupo de pesquisa Literatura, Teatro e Teatralidade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Diretório Nacional/CNPQ).
E-mail: tcerqueira@uneb.br
Currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/8442634745382619.

Formato: 150 x 210 mm
Fonte: Swiss 721 Cn BT 15, 12 e 11; Minion Pro, 11, 10 e 8
Miolo: papel Pólen Soft, 80 g/m^2
Capa: papel Supremo, 300 g/m^2
Impressão: junho 2021
Gráfica: ImpressãoBigraf

Vitor Hugo Fernandes Martins (*in memoriam*)

Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Atuou como Professor auxiliar II na Universidade Federal de Rondônia. Foi professor na Universidade Estadual de Tocantins, na Universidade Federal de Goiás, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás e no Instituto Superior de Educação Nossa Senhora de Lourdes. Professor efetivo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus XXI), no período de 2005 a 2018. Poeta, cronista e contista, publicou vários livros. Integrou diversas coletâneas e colaborou com jornais e revistas do país. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9163422411143687.

Maria da Conceição Reis Teixeira

Doutora e mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em História da Cultura Afro-Brasileira e em Marketing, Comunicação e Negócio. Licenciada e Bacharel em Letras Vernáculas pela UFBA. Professora plena da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, Campus XXI). Líder do grupo de pesquisa Edição e Estudos de Textos (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq). Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9718069524723302. E-mail: mtixeira@uneb.br

Harlle Silva Costa

Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Leitura e Produção Textual na Escola pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), e em Mídias na Educação, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Licenciada em Letras e Artes pela UESC. Professora assistente da UNEB, Campus XXI. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1522623850096029. E-mail: hscosta@uneb.br

Os magros: edição crítica e estudos é uma coletânea idealizada pelo professor Vitor Hugo para celebrar a maturidade do romance *Os magros*, de Euclides Neto, e contribuir para a difusão e o estímulo da leitura da obra euclidiana. Encontra-se organizada em duas partes. Na primeira, o centro e o motivo desta coletânea, o romance *Os magros* recebe tratamento filológico, quando é disponibilizado um texto fixado criticamente a partir da última edição publicada em vida de seu autor. Na segunda parte, tem-se sete textos independentes que versam sobre a linguagem, o discurso materializado na narrativa euclidiana e sobre a estética da recepção. Além de apresentar suas análises sobre o romance, os autores revisitam conceitos de abordagens diversas da análise do discurso, da teoria da recepção, dos estudos culturais e da crítica literária produzida quando de sua publicação, em 1961, até os dias atuais.

https://portal.uneb.br/eduneb

ISBN: 978-65-89492-03-0